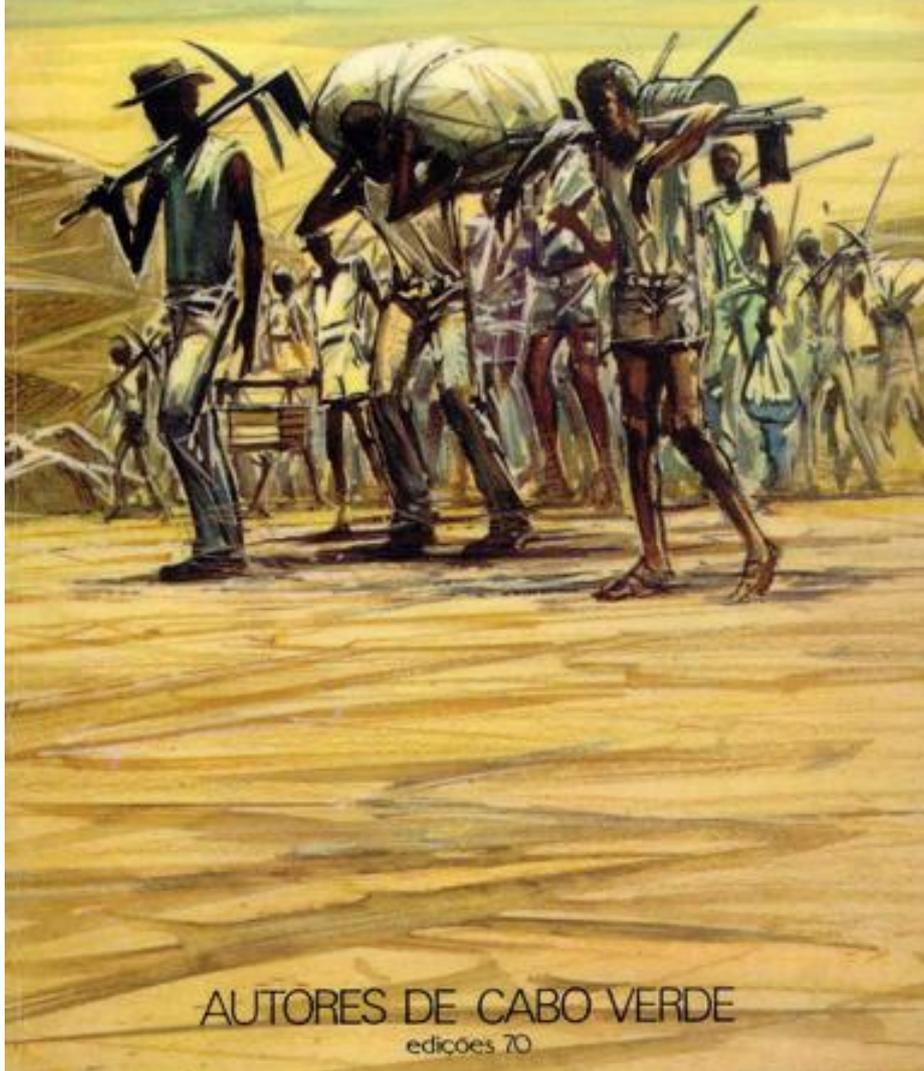


MANUEL LOPES

OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE



AUTORES DE CABO VERDE
edições 70



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource/>

Manuel Lopes

**OS FLAGELADOS
DO VENTO LESTE**

Prefácio

Como pretendi na Chuva braba e em O galo que cantou na baía, tento dar ainda, na presente narrativa, um pouco do pouco que sei das minhas ilhas crioulas de Cabo Verde e do seu povo.

A conformação física das ilhas caboverdianas e a personalidade do homem nelas integrado não cabem num rótulo genérico; são múltiplas e, por vezes, desconcertantes.

A diversidade de aspectos na psicologia e, mesmo, nos caracteres somáticos do homem caboverdiano não sofreu só com o fenómeno de adaptação ao seu meio ambiente, mas sofre, ainda, com as contingências pluviais, as estiagens periódicas, as fomes devastadoras que assolam o arquipélago e determinam fundas repercussões na maneira de ser, e conseqüente comportamento dos seus habitantes, e provocam anomalias e desvios que os períodos de normalidade agrícola nem sempre dispõem de espaço de tempo suficiente para corrigir.

Quando evoco o homem caboverdiano, surgem-me logo estas perguntas: — Quais as suas reações em face da predominância dos alísios do nordeste e da suficiência da monção do sul, sabendo que aqueles são secos, portadores das estiagens e da desolação, e esta a frente intertropical das umidades do Atlântico sul, aprestada com todas as probabilidades pluviogênicas, mensageira das águas e da abastança agrícola? Dados os condicionalismos geográficos, climáticos, sociais e económicos, qual a sua resposta coerente, mas de acordo com as suas necessidades imediatas, por um lado, e com a sua idiosincrasia, por outro, em face da solicitação do mar e da solicitação da terra? Apetece-me colocá-lo vis-à-vis dessas duas presenças dominadoras, e justificar a sua provável atitude; enfim, considerá-lo, paralelamente, produto de contrastes flagrantes que oferece o perfil físico das ilhas — tão dissemelhantes como se não fossem irmãs — com as suas áreas de nítida diferenciação climática e paisagística: ora vales de amenidade e acalmia onde a água não cessa de correr no álveo das ribeiras ensombradas de vegetação luxuriante e envolvidas de montanhas

alcantiladas e píncaros desnudos de traçados vertiginosos; ora planaltos desolados e agrestes onde roçam nuvens em loucas corridas impelidas por ventos desabridos; ora a visão desimpedida de certas ilhas quase planas de ponta a ponta, as longas praias com os seus brancos arcaís a desvanecerem-se à distância; ora vertentes férteis de sequeiros ou vastas planuras de pastio; aqui monocultura intensiva -ou cana, ou milho, ou café —, acolá, tentativas, em pequenas escalas, de culturas de compensação; um porto internacional que se abre em ampla baía, portinhos menores de cabotagem, recôncavos de pescadores; zonas de pesca, zonas de leite, zonas de aglomeração populacional, zonas desérticas, pedra sobre pedra e sol desalmado; zonas pantanosas de anófeles e sezões; zonas de salubridade surpreendente; a paisagem acidentada e dominadora, a paisagem bucólica e repousante; — e, sobre o arquipélago, três jogadores seculares lançando os dados — três mãos ansiosas de três destinos em luta -os três ventos: o harmatão (que o povo chama lestada), o vento leste, ardente, a dádiva do deserto africano por sobre o oceano, felizmente raro nas suas conseqüências extremas; o nordeste, seco, inimigo da chuva, e a monção, carregada de umidade do Atlântico sul...

Acompanhei um dos períodos mais sombrios da odisséia agrícola do povo mártir de Santo Antão. Compartilhei da sua luta com tal ansiedade e adesão, que ficou vivo meu espírito e gravada no meu coração para sempre a terrível tragédia. Desejaria mais, ainda, ter vivido as horas de desforra em que, na abundância e no lazer, a sua personalidade irrompe exuberante, espontânea, rude e generosa, lá onde a malária está, hoje, completamente erradicada dessas ilhas, um, dois ou três anos atrás, a seca roera até os ossos todos os humanos esforços, e esgotara toda a humana vontade e possibilidade de sobrevivência.

Do horror das suas horas mais funestas à euforia das suas contagiosas alegrias, das carências e penúrias maiores às mais surpreendentes e inesperadas abundâncias, o caboverdiano experimentou todas as vicissitudes, todos os contrastes — toda a escala de emoções que vai de um extremo a outro extremo das tolerâncias humanas e dá a medida do cadinho em que a sua alma sofre a necessária tempera com que saberá

adaptar-se, sem surpresas, a todos os caprichos que o destino, em quaisquer circunstância se em qualquer latitude, lhe poderá reservar. Aquelas ilhas não evocam só este quadro: desolação, estiagem, terra ardida, a luta desencorajadora de Sísifo — imagem que, de tão "fatalisticamente" proclamada, bate em frio no coração e compreensão do estranho; que não comove como, por exemplo, a invasão dos polders de tulipas pela fúria do mar do Norte, ou como o vulcão dos Capelinhos, ou outra calamidade igualmente trágica -aquele povo não sugere apenas, de modo nenhum, a idéia duma floresta de braços apontando um céu vazio de nuvens, clamando justiça divina para a distribuição da "semente de sol e da semente de chuva", na expressão desesperada duma legítima vontade de viver. Este é um extremo. É tão-somente a hora negra. Há o reverso do cadinho, afinal a verdadeira realidade que se esconde por trás da terrível e austera aparência e que, por menos clamorosa, esbate-se mais e produz nos espíritos uma impressão menos duradoura.

Aquele povo prisioneiro do mar, que soube inventar, para uso próprio, à custa de tenaz individualismo, a sua dança — que é uma dança de caráter universal como, por exemplo, o tango; e a sua música — impregnada de um lirismo ora enternecedor ora a transbordar de ironia e gracioso motejo; o seu dialeto — tão amoldado à sua índole e cuja simplificação ganhou em força expressiva, em doçura e musicalidade; e a sua culinária, adaptada à singeleza das suas exigências -o povo caboverdiano, repito, aprendeu a esvaziar até à última gota a taça da felicidade, quando de raro em raro se lhe oferece, e entrega-se todo a ela com a mesma desenvoltura do soldado que sabe escolher a hora propícia para um sono tranqüilo, um sono apenas povoado de sonhos de esperança e generosidade, entre duas batalhas sangrentas.

Santo Amaro de Oeiras, janeiro de 1959.

MANUEL LOPES

Primeira parte

Chuva

Agosto chegou ao fim. Setembro entrou feio, seco de águas; o sol peneirando chispas num céu cor de cinza; a luminosidade tão intensa que trespassava as montanhas, descoloria-as, fundia-as na atmosfera espessa e vibrante. Os homens espiavam, de cabeça erguida, interrogavam-se em silêncio. Com ansiedade, jogavam os seus pensamentos, como pedras das fundas, para o alto. Nem um fiapo de nuvem pairava nos espaços. Não se enxergava um único sinal, desses indícios que os velhos sabem ver apontando o dedo indicador, o braço estendido para o céu, e se revelam aos homens como palavras escritas.

A canícula passeava os campos pelados. Aragem preguiçosa descia, de raro a raro, em curtos vagabundeios, dos cimos da serrania, redemoinhava à roda das casas e dos arbustos esguedelhados, roçava a poeira vermelha do chão puído que flutuava aquecida pelos raios do sol, impregnando a atmosfera de um odor a colorau ardido. Por toda a extensão do norte — essa vasta faixa ondulante de terrenos férteis de sequeiros chamada "o celeiro de Santo Antão", e que se estende por quase toda a vertente noroeste da ilha pairava um tenso silêncio de receosa expectativa.

Como que por pudor, o pudor de transmitirem uns aos outros as apreensões que lhes iam na alma, ou envergonhados de sua situação, os homens começaram a isolar-se, a selar a boca, a evitar-se. Cada um tirava as próprias conclusões sobre a razão por que as coisas eram assim e não de outra maneira...

À medida que o sol se movia no espaço, desde que afontava por cima das montanhas até desaparecer na linha longínqua do mar, e a sombra girava de cunhai' a cunhai, as famílias iam mudando os mochos à roda das suas casas. Os meninos vinham sentar-se no chão aos pés dos pais; as

galinhas, de asas pendentes, bicos abertos, ofegantes, vinham, também, arrastando o papo, para junto do pessoal; os corvos refugiavam-se nas fendas dos penhascos. Nem os homens, nem as mulheres, nem os meninos, nem os bichos se afastavam da sombra da morada. O silêncio pesava.

As vozes calavam-se. A conversa já não interessava. Pelo desamparinho da tarde, os homens vinham postar-se junto da paredinha do terreiro, em frente da porta, com a expressão fechada, o canhoto apagado no canto da boca, contemplavam os campos que se estendiam, nus, a perder da vista. Havia ansiedade nos seus olhos, mas também dureza e persistência. E havia esperança e coragem e medo. A esperança nas águas e o temor da estiagem faziam parte de um hábito secular transmitido de geração a geração. Todos os anos era assim: a esperança descia em socorro daqueles que tinham o medo na alma; por isso ela era a última luz a consumir-se. Sim, a chuva chegaria um dia. Esperavam por ela como se espera pela sorte, no jogo. Se não viesse, a alternativa seria apertar o cinto, meter a coragem no coração para a luta, como qualquer homem pode fazer quando cai no meio da borrasca. Já estavam habituados. Vinha de trás, de longe, esta luta. Esperavam sempre: até o último momento. Até mesmo para lá do último momento. Mesmo aqueles que não sabiam esperar, e não acreditavam nas previsões dos homens, mesmo esses, não se atreviam a apagar, depressa, aquela luzinha; só no último minuto desesperavam, porque alguma coisa pode acontecer quando já ninguém pensa nela. A chuva era um símbolo de fé. Crer nela ou não crer nela, a enviada de Nosso Senhor. Entre esta é e a escuridão, entre a coragem e o pânico, o povo escolhia a coragem e a fé porque eram tocadas pela luzinha da esperança.

Perante a grandeza e o poder do céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida. Não seria a melhor forma de fazer o céu devedor dos homens?

Entretanto, o destino entretinha-se a escrever na cabeça de cada criatura um pensar diferente. E cada um agia segundo o impulso do seu coração. Naquela faixa de chão, perdida na largueza do norte, os homens eram de várias castas. Cada um dava de si na sua hora. Era na carestia que o destino mostrava a força de ânimo e a conduta moral que os guiava.

Depressa os homens exibiam a sua verdadeira natureza, e tornava-se fácil, então, apontar com o dedo e dizer qual a tempera de cada um. Por exemplo, ali arriba, por trás de um morro, no meio de uma terra inculta, ficava o casebre do Salta-pedra. Era um lugar fora das vistas, sem caminho. Os pés do Salta-pedra não deixavam sinal como os pés dos outros homens. Homem que não traça caminho é falso, não é pessoa de confiança.

Tanto surdia de um lado como do outro porque não tinha caminho certo. Era de má raça, dos desimportados da vida, sem caminho certo e sem cara certa, gente de mau sentido que, em soando a hora negra, viravam "daninhos" na calada, protegidos pelas trevas da noite, saltavam para os quintais dos outros e, sem ruído, esvaziavam-lhes as capoeiras, os currais, os chiqueiros.

Havia os que viviam mais perto das rochas, vagabundos e pastores, que se iam abrigar nas montanhas junto dos trilhos ermos, e tornavam-se "mascarados". Quando as calamidades assolavam a ilha, os mascarados caíam sobre os jornadeiros como corvos sobre milharal. Em pleno dia apareciam e desapareciam no silêncio dos caminhos perdidos, disfarçados com peles de cabra, como espíritos de mau agouro.

Havia, também, os sem-coragem, receosos do castigo do céu, que evocavam as tragédias sofridas, os flagelos anteriores, a fome que matara seus pais e dizimara seus irmãos, e que podia também descer como uma maldição, sobre os seus filhos — e meneavam a cabeça, com medo de não acreditar, embora duvidando, no fundo, da palavra de Deus.

Havia outros que se preocupavam menos com o seu trabalho do que com a vida de cada qual, como a viúva Aninhas, da Assomada, ali assim perto, junto das piteiras; a viúva Aninhas, que só pagava dízimo porque era dona de boas terras, mas sempre debaixo de guisa, a lamuriar as suas necessidades, e a fazer mal a uns e a outros com os seus bruxedos e as suas novidades de arrepiar.

Mas havia os corajosos e voluntariosos como o Manuelinho, ali de baixo, do Curralete, do lado esquerdo do Ribeirinho Seco, e o João Felícia, que morava a uma pedrada de funda mais abaixo, na margem direita do mesmo ribeiro, nas gordas terras do Lombinho. Nas horas de desânimo

sabiam apertar o lato na barriga e escutar a voz da sua obrigação. Aceitavam, sem vacilar, o incentivo de José da Cruz, mais dirigido aos outros, aos fracos de espírito, do que a eles: "Eh, nha gente! Hora chegou. Toca a meter milho na terra. Cuspir da boca pró chão, vamos nha gente!", e, para fugirem à tentação de comer os grãos destinados à terra, faziam a sementeira "em pó", isto é, metiam o milho na terra antes da chegada das chuvas, naquela hora que homens de bom senso sabiam escolher.

José da Cruz era homem de bom pensar e de bom conselho, homem de sacrificio quotidiano; dessa raça de gente direita que sabia diferenciar as coisas, pão-pão, queijo-queijo, e sabia também estudar no tempo e confiar no tempo. "Milho de sementeira é dívida sagrada", dizia. "Homem direito não põe a boca na dívida sagrada, pra não virar nem ladrão de Deus, nem ladrão da família." Como esses tamarindeiros do caminho do Porto Novo que os vendavais não derrubam, assim era ele. Dava coragem aos fracos de espírito, e esperança aos desesperançados. Dava ânimo pelo incentivo do seu exemplo de homem afeito às bordoadas da vida e pela firmeza da sua fé. E não saía do caminho traçado. "Andar no caminho ruim é melhor que andar fora de caminho"...

O aspecto do céu em pleno setembro vinha confirmar a história que todos conheciam muito bem. O ano anterior mostrara-se escasso de águas. As chuvas de outubro foram tardias e fracas; apenas uns chuviscos parciais, quase circunscritos às regiões altas. As colheitas desanimadoras nos terrenos de meia encosta, quase nulas no litoral. O povo conhecia o sinal, sabia o que essas negaças significavam. Tinha a dolorosa experiência da periodicidade das estiagens. Os homens de tino temiam que o povo perdesse a fé e metesse a boca, sem medida, no resto do milho guardado nas caixas. Porque a desgraça entra primeiro lá onde o governo saiu primeiro. E depois, é como uma doença epidêmica. Alastra.

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sonho para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu

névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa -a montanha mais alta da ilha, que se avistava do terreiro; mas o céu apresentava-se, como nos últimos dias, limpo. O vento amainara. José da Cruz observou as linhas das montanhas, de norte a sul, aspirou o ar profundamente, torceu a boca, escondida no farto bigode, para um lado, de modo significativo. Meteu o canhoto entre os beiços e foi ao funco, a uns passos da casa, esgaravatar brasa nas cinzas. Saiu chupando no pipo, soltando baforadas de fumo. Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar; por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até o umbigo.

— bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode; mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

— Eh compadre, bom dia. Que cedura é esta? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Ta vá a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar pramim: que é que compadre Isé diz daquilo?

— Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr'aquelas bandas.

Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha donde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugada caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu pra terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exatamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo, já não sei, um cavalão muito grande e manso.

O anjo trazia um balde d'água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca pra baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. Ó compadre, só visto, um nunca acabar d'água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d'água, assarapantado, exatamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus...

— Deveras, parece um aviso!

— Compadre, eu por mim tomo o sonho desta manhã na como um aviso que vem dar força aos outros avisos que tenho tido. Às vezes sinto o tempo falar na pele do meu corpo.

Assim, compadre — José da Cruz bateu umas palmadas no antebraço — , como língua a falar assim. Não é grego pra mim o que o tempo diz. Deitei-me ontem com o sentido na força do tempo, mas eu precisava de um aviso de dentro. Aviso de dentro tem de ajustar ao aviso de fora, pra dar toda a sua força. Esse sonho, compadre, era o aviso de dentro que eu esperava.

— oh, compadre Isé!...

— Se compadre Felícia vir, com o andar do dia, fumo de terra pras bandas de Terra-negra, pode dizer que sou eu a semear em pó. Só esperava por um sinal. Ainda não tinha tido nenhum. Era o que me tinha de boca amarrada. Chegou o sinal que eu esperava. Sinto no ar de tempo que uma coisa diz com a outra. E se compadre quer um bom conselho...

Quando Concha apareceu no terreiro piscando as pálpebras, José da Cruz subia a outra vertente do Ribeirinho Seco a caminho da casa do Manuelinho. Concha era uma figurinha delicada, de ossos miúdos, magra e um pouco curvada para diante, no seu mandrião de riscas claras sobre a saia escura. José da Cruz costumava dizer a seu compadre Felícia que, se havia neste mundo criaturas parecidas uma com a outra, eram a Zepa e a comadre Concha. "Na maneira toda mansa de falar e fazer os seus mandados, na fraqueza de pescoço pra carregos de cabeça, mesmo na figura, a parecença é tão grande que uma parece remedar a outra. Ha, compadre?"

— Compadre Isé acaba de sair daqui agorinha mesmo — disse João Felícia falando para a mulher. Esta notou que ele tinha os olhos iluminados

de alegria. -aquele homem meteu-me uma grande consolação no coração esta manhãzinha, Concha.

Nhô Manuelinho já tinha uns anos no corpo. Enviuvara por ocasião da última estiagem. Nunca mais quis saber de mulheres. O seu casamento fora um acidente -acontecido já um pouco fora da idade. Por isso, como experiência achara conveniente ficar por aí, tanto mais que histórias de saias não eram com ele. "Homem tá cansado da vida", dizia referindo-se a si mesmo. "Mulher é grande responsabilidade pra um homem. Porque quem diz mulher, diz cria, e já não tenho idade pra andar com cria atrás." Contentava-se com a sobrinha Chica, e não era pouco. com a morte da mulher veio a Chica, enviada pela irmã da morta, para tomar conta dos mandados da casa.

Apareceu uma sirigaita trinca-espínhas. Foi-se criando com bom trato e na graça de Deus, e consertando aos poucos, até virar uma verdadeira tentação quando pegou os vinte anos — de tal modo que os rapazes de meia légua de redondo não largavam os morouços do viúvo num descaramento tão sem vergonha na cara, que o velho, que não queria "andar com cria atrás", por duas vezes corréra com a sobrinha, do Lombinho, com a barriga cheia — fosse desencabrestar em casa da mãe, como se já não estivesse desencabrestada, como a cunhada lhe fizera saber — mas por duas vezes a readmitira com os dois filhos, um de cada parto, porque se habituara aos seus mandados, e também porque se condoera com as suas guisas.

Nos seus tempos de rapaz, Nhô Manuelinho aprendera a tocar viola com um moço de São Vicente. Já casado e morador no Lombinho, havia anos bastante, negociara no Porto Novo -no tempo em que a vila marítima se chamava Carvoeiros — uma cabrinha viciosa e voltara do negócio com uma viola que veio a tornar-se a sua verdadeira companheira. Hoje o instrumento não passava de um velho calafeto, mas tocava como qualquer outro, e servia para fazer baile em todas as festas do norte. Nos dias de contentamento, virava o pilão no terreiro, sentava-se, e as cordas da sua viola enchiam aqueles campos de sons estridentes e alegres. Chica vinha para junto do tio, cantava com a voz esganiçada umas cantigas sem palavras, aprendidas na Garça, ribeira onde ela nascera e nasceram os seus dois filhos; estes, nus,

com os umbigos inchados, vinham sentar-se aos pés da mãe, e daí a pedaço chegavam moças e rapazes vizinhos. Era o começo da farra.

— Eh Chica! Donde compadre?

— Bom dia, Nhô Isé. Ti Manelim foi est'hora assim aí arriba, mas não tem demora.

Quando José da Cruz voltou para casa, depois de contar o sonho ao vizinho e beber uma caneca de leite e mastigar uma mão de milho aliado que Chica lhe trouxera, levava, a par de um contentamento renovado, uma maior determinação e mais segura firmeza nos seus propósitos.

— Ocê saiu de manhãzinha, só agora matamos o jejum sempre à espera d'ocê... — Zepa parou diante do homem, interrogativa.

Como a Concha, ela usava, também, mandrião e saia arrastadeira. O seu lenço, de um cor-de-rosa desbotado, rematava com um lacinho no cocuruto da cabeça. Tinha a mesma estatura da comadre, mas o seu rosto era mais chupado, e os olhos grandes e tristes pareciam estar a sonhar e não a viver.

— Zepa — disse ele, sem ter prestado atenção às palavras da mulher — vamos começar trabalho esta tarde.

Temos de preparar quarta e meia de milho pra sementeira em pó.

-ah, sim?! — fez ela num tom de surpresa resignada. — Tempo tá assim tão de querer mudar?

— Sonhei com água no céu esta madrugada e quando me levantei senti umidade na cara. Não foi só por causa do sonho que resolvi fazer a sementeira em pó. Já sabes que tenho recebido uns avisos. E agora de manhãzinha estudei na linha das rochas e vi que tempo vai virar deveras, e é pra já. Uma coisa veio encontrar outra. Eu tava num entre-sono quando vi um anjo descer montado numa nuvem...

Os três meninos, Mochinho, o mais velho, Leia e Jó, o codê, tinham acabado de comer o seu naco de papa com leite desnatado e vieram a correr para o terreiro ouvir o pai contar o sonho. Depois de repisar bem a história do anjo para que ficasse bem compreendida, José da Cruz ordenou:

— Mochim, nós vamos esgaravatar mais um bocado o melador porque aquele pingo de água não me tá gostando. Leva o ferro e a enxada

pequena, mas não vale a pena matar a vida porque esta tarde temos trabalho rijo. Mais um bocadinho vou lá dar uma mãozada. Tu, Leia, vai ver os bichos. Comida tá escasso -acrescentou virando-se para a mulher — mas o remédio é batizar com água bastante.

— Mas veja ocê — comentou ela — que tá faltando água também no melador. Passo lá meia hora pra recolher uma moinha no fundo da lata. — agora com a virada da lua vamos ter uns pingos de riba, se Deus quiser, e a vida volta a entrar nos eixos.

Ditas essas palavras, José da Cruz foi até o caminho, junto das charuteiras, onde alguma gente já passava. "Olhe compadre, tempo tá virando. Já vai sendo hora de semear em pó, pra quem quer adiantar trabalho..." "Como vai a vida? E gente lá da casa? Olhe ocê que tempo tá virando."

Basta dizer que esta madrugada sonhei com um anjo... "Boas horas, comadre". Nós por cá razoave. Diga compadre, se quer ouvir um bom conselho, que vá metendo milho na terra. É o que vou fazer esta tarde. Coisa tá a querer virar de um momento pra outro... "Boas horas, acomodado". "Dias há não assentei os olhos em ocê. E os trabalhos de terra? Olhe ocê... É um aviso do céu, pessoal. Eu é que disse. Nhor sim, ocês oiçam conselho de mais velho..." Depois do almoço, com o sol a pino, José da Cruz provou a todo o mundo que ele tinha fé. Deu umas chupadelas no canhoto e levantou-se da mesa dizendo: "Vamos embora".

Foi buscar a enxada, cuspiu nos calos das mãos, e entrou, decidido, nas suas terras. Embora não acreditasse grande coisa nas virtudes dos sonhos, aquele que tivera essa madrugada estimulara-o. Era um aviso que coincidia com os pressentimentos do seu coração e com os sinais do tempo.

Começou pela Terra-negra, a chã da roda da casa. Ele adiante preparando as covas, o Mochinho picando covachos com a enxadinha a meia altura da terra puxada pelo pai, e Zepa no coice deitando os quatro grãos de milho nos covachos e enterrando-os com o pé. João Felícia assomou, vindo do Lombinho, empunhando a enxada. Manuelinho deixou o Curralete, atravessou o Ribeiro Seco e incorporou-se, com o João Felícia, nos trabalhos

do vizinho. Quarta e meia é o que pedia a totalidade dos terrenos a cargo do José da Cruz: a Terra-negra, a Chãzinha, diante do caminho para lá das charuteiras, e a Covoada que fazia um recôncavo na margem direita do ribeiro, incluindo a cinta que ligava a Chãzinha ao melador, e que servira de levada, outrora, no tempo em que o melador fornecia água com fartura para regas. Um mundo de terras, e das boas. Zepa reservara dois alqueires de milho para a manutenção da família até que, com as chuvas, surgisse trabalho a pagamento para o marido.

Os três homens curvaram-se e cavaram com ardor, como se a chuva viesse a correr já atrás deles. As pessoas que passavam no caminho paravam um momento para observar, e prosseguiam o seu destino. Alguns olhavam mudos e admirados para aquele afã; outros salvavam: "Boas horas" e não achavam mais palavras para dizer. Salta-pedra desceu do seu casebre, veio com o andar calaceiro, a cara gorda, os olhos intumescidos e sonolentos, e o falar embolado e manhoso, para se oferecer a troco de milho — mas José da Cruz não deu trela, assim como a outros dois da mesma laia vindos de algures. Oferecer trabalho a troco de milho nesta carestia era mangar com o pessoal. Os homens cavaram esse meio dia e o dia seguinte.

Zepa e os meninos vinham lançando as sementes, cobrindo-as com os pés. Na Covoada e nas parcelas mais arredadas da Chãzinha os catraios colocavam em cada covacho uma pedra sobre as sementes enterradas para salvaguarda contra os corvos. Estes, percebendo que a faina havia começado, deixaram as fendas das montanhas, vieram em vôo manso a uma vista de olhos; voltaram para o seu esconderijo, grasnando de satisfação. Era um casal, antigos moradores destas bandas, que já por cá viviam quando José da Cruz conhecera a primeira mulher e para cá viera. Sobrevoavam os trabalhadores, com calma e sabideza, as asas faiscando reflexos azuis — virando o bico para um lado e para outro, dando fé. Os trabalhos eram sempre os mesmos, todos os anos. Sabiam que cada cova recebia quatro grãos, grasnavam "quatro-quatro" com sabedoria, troçavam dos homens, e, há muito familiarizados com a rotina dos tráfegos, não ligavam importância aos pormenores; nem tampouco as ameaças dos homens os intimidavam.

O resto do povo que descreia, olhava meneando a cabeça, sem coragem, para esses poucos homens curvados e calados na sua ingrata tarefa; miravam-nos quase com dó, como para uns irmãos infelizes condenados pela justiça divina a enterrar o próprio destino. Cobiçavam os litros de milho que esses homens desperdiçavam nas covas (os três homens, terminados os trabalhos do José da Cruz, passaram para as terras do Manuelinho — uma quarta — e depois para as várzeas do Lombinho de João Felícia — uma quarta e quatro litros); e as mulheres daqueles que não tinham coragem pensavam na fome que bateria primeiro às portas das mulheres dos que dividiam o seu milho com essa terra que nada lhes prometia, e cujos filhos, famintos, iriam um dia arrastar-se sobre cada cova para desenterrar, ardidos, grão a grão, os milhares de grãos que os pais, sem dó, estavam enterrando agora... O nordeste é um exército invisível armado de vassouras. Varre o ar, purifica-o. Leva para o mar os detritos suspensos nos espaços, arrasta os micróbios, os mosquitos.

E as nuvens e a chuva também. Se a atmosfera está saturada de umidade, e a hora H da precipitação é iminente, o nordeste varre tudo para o largo. Frente a frente, como irmãos inimigos, a monção úmida cede terreno ao alisado do norte que a empurra para lá dos limites necessários. Só quando este adormece, ou se esquece da sua missão de limpeza — e isso é tão raro! — é que a umidade surge do Atlântico sul, invade a atmosfera com as cautelas de quem entra pela porta traseira, chegam as nuvens, acastelam-se, pesam, encobrem o sol; nas camadas superiores as gotículas gelam, os grãos de gelo engrossam, desequilibram-se, são atraídos pela força da gravidade, tombam as primeiras gotas de chuva por vezes em meio de uma sarabanda de vento quase tempestuoso — é o começo das águas...

Acontece que o nordeste acorda a tempo de não permitir a formação de todo esse cerimonial, dispersa qualquer tentativa de agrupamento; indiferente aos seus benefícios, empurra para o sul o exército líquido, que alija a preciosa carga no mar. Depois da furiosa e eficiente intervenção, de novo se ausenta; e é nesses intervalos de descuido que os invasores do sul, na pressa do tempo escasso, despejam o maná da sua generosa cornucópia sobre a terra sedenta

das ilhas. Não há tempo para aquelas chuvas mansas, penetrantes, cujas águas se entranham profundamente na terra e aí se conservam por longo tempo, e se acumulam no interior das montanhas, enfartam os depósitos do subsolo que, durante meses, ou mesmo anos, alimentam as nascentes das ribeiras. As precipitações são violentas, a chuva cai às bâtegas, são baldes que os anjos despejam à pressa, sem se importarem com uma rigorosa distribuição; as enxurradas abrem fendas, arrastam a terra vermelha nas vertentes, as ribeiras derramam no oceano o sangue rico da terra.

Dos desmoronamentos só ossos ficam nos caminhos; o resto é devorado pelo mar, que envolve as ilhas de larga faixa cor de barro, como sinal derradeiro de uma carnificina sangrenta. O lento naufrágio da carne viva das ilhas é o preço da generosidade do céu...

...Até que o nordeste acorde de novo e ponha fim a tais desmandos e exageros do exército invasor...

Os alísios do nordeste parece que trazem consigo a lição de povos irrequietos, povos experimentados em guerras sucessivas, e habituados ao domínio de outros povos. Cá embaixo, as ilhas, situadas na linha raiana da frente móvel intertropical que separa os dois rivais, não podem deixar de sofrer o histórico domínio do exército mais forte e menos generoso — porque a luta continua... para bem das ilhas, enquanto os "invasores do sul" teimarem na sua...

Durante uns dias o tempo apresentou-se duvidoso. Calmas intermitentes, aragens do nordeste, nevoeiros subitamente retalhados e dispersos, horizonte cerrado, formações de nuvens rondando do sudoeste, chuviscos no oceano, manhãs sombrias, ameaçadoras, céu limpo ao cair da tarde, raio verde na linha do mar. Certos momentos surpreendentes de ruídos claros nos espaços, linhas nítidas na paisagem, ecos de extraordinária vibração batendo nas escarpas, desprendendo-se vertente acima. Nas covas, os grãos esperavam pelas primeiras gotas do céu...

— Ocê tá vendo um tempo reverso, a querer e a não querer? — a pancada chega de um momento pra outro — afirmou José da Cruz tirando o canhoto da boca e olhando por cima da casa, para as montanhas.

Retalhos de nuvens entrapavam o Topo de Coroa. Mais para o norte o céu era cinzento.

— Tempo ontem tava mais presenteiro — tornou a dizer a Zepa, enquadrada na porta.

— Na viragem desta lua temos água com certeza. Serviço tá feito. É só esperar. Tempo não fica sempre por cima de nós; tem de mudar. Antes da viragem da lua mando o Mochim e o Leia calafetar o curral, porque se aparece uma trabuzana, a cobertura não agüenta. Amanhã mesmo. Não me tinha lembrado disso antes.

Acrescentou noutro tom: — Era pra gente tar a coroar e a mondar com o sprito sossegado na mão de Deus... À boca da noite — tinha havido uns dias de calor intenso e calmaire podre —, a atmosfera aclarou de repente, como por encanto.

com um vento úmido e tempestuoso que a precedeu uns poucos minutos, arrastando para a ilha grossas nuvens pardas — José da Cruz e a família não tinham ainda abandonado o terreiro —, a chuva chegou finalmente. Primeiro, grossas gotas pesadas como cascalhos e, logo a seguir, uma cortina cerrada sacudida nos ares ruidosamente.

Sem qualquer antecipação, sem os prévios sinais do costume, que tanto prestígio emprestam aos homens entendidos, fortes bâtegas abateram violentamente sobre os campos; como um dilúvio, como um castigo do céu: os anjos portadores de água têm também os seus acessos de cólera. As nuvens envolveram as montanhas, rolaram, de escantilhão, pelas vertentes, como fumos de lavas invisíveis, quais monstros selvagens desencadeados, chocavam-se umas contra as outras, rasgando-se nas arestas das serranias, comprimindo-se furiosamente como se o céu fosse pequeno para lá caberem todas. Os uivos do vento eram a sua voz. Donde vinham traziam a fúria consigo, e o ventre encharcado... Desceram as trevas cheias de rumor e ameaças. Foi, para Zepa, uma noite de angústia. Sentiu-se só, entregue a si mesma, como se tivesse a responsabilidade de tudo o que pudesse acontecer à família. Era como se José da Cruz -o seu silêncio não significava outra coisa -a abandonasse com o leme do bote nas mãos inexperientes, no meio de um mar revolto.

"Jesus! Santa Bárbara!", gemia cada vez que as vagas ameaçavam afundar a frágil embarcação. José da Cruz não soltou uma palavra. Passou grande parte da noite chupando no canhoto, passeando, como uma sombra, para cá e para lá.

Mais de uma vez Zepa ouviu-o abrir e empurrar, apressadamente, a porta. A cada lufada de vento a casa estremecia. O vento ameaçava levar a armação do teto, a chuva ameaçava abatê-la. O bote galgava a crista de uma vaga, qualquer coisa estalava e quebrava, o leme fugia-lhe, por vezes, das mãos. "Jesus!", gemia levando as mãos à cabeça. "Santa Bárbara nos ajude!"

Exausto, José da Cruz deitou-se no esteirado, ao lado da mulher, e adormeceu. A presença do marido junto dela esconjurou o perigo. Como se os fortes pulsos dele a substituíssem ao temão e o bote dominasse, por fim, a fúria do mar, e o temporal amainasse vencido pela força do homem.

Calma, agora, ouviu as cabras berrarem.

As suas vozes roufenhas e distantes, escutadas através dos ruídos da chuva e do vento, assemelhavam-se a gritos de náufragos sem socorro, raptados pelas ondas do mar borrascoso...

Ao despontar da manhã o espetáculo era brabo. Terra-negra estava envolvida por uma espessa cortina de água. Marulhos de cascatas, cair de água como de torneiras abertas, sacudidelas líquidas como papéis rasgados, encheram os ouvidos de José da Cruz quando abriu a porta e olhou para fora

— Apanhei um grande susto esta noite — disse para Zepa quando ela se levantou. — Temporal sério. Mas tempo agora tá mudando.

Esta madrugada tava cerrado. Não via pra lá das charuteiras do caminho. Agora tá clareando. É uma chuva de louvar a Deus. Mas com o correr do dia os aguaceiros tornaram-se violentos. O vento, intermitente e às rajadas, descobriu currais, arrancou armações de funcos, levou a palha das coberturas. Aqui e ali gritos de socorro, espalhafato, rebuliço os vizinhos a ajudar; desabar de muros, ferver de água, nos córregos e ribeiros, penedos rolando, terras caídas à beira dos barrancos.

Os homens mordiam, nervosamente, o pipo do canhoto, assistindo ao desencadear dos elementos com os nervos tensos de uma alegria quase

perversa. Lá fora o destino do homem da terra empenhava-se numa luta de vida ou de morte. Enxurradas caudalosas vinham das montanhas, as vertentes dos córregos ruíam aqui e ali cavadas pela impetuosa corrente. As ribeiras despejavam barro e húmus nas praias, cobriam o mar de manchas vermelhas, do sangue da terra.

Os lavradores que até então tinham guardado as sementes à espera do sinal certo do céu, tentaram, durante o dia, enterrar os grãos nas covas, mas a terra era um lamaçal que dificultava o manejo da enxada. Os retardatários e os circunspectos, aqueles que não criam e que, quase sem esperança, contemplaram o céu sem promessas, e guardavam ainda o milho de sementeira no fundo das caixas, não tiveram outro remédio senão esperar pelo fim da pancada.

Quando viessem meter os grãos na terra já o José da Cruz, Nhô Manuelinho e o João Felícia estariam retirando as pedras das covas, e daí a pouco cuspiendo nas mãos para a coroa.

Salta-pedra assomou de cima do morro que escondia a sua casa, a enxada no sovaco, a fingir trabalho. Viu José da Cruz de pé, no terreiro, apanhando chuva no lombo:

— Eh Nhô Isé!

— Uuuh!

— Tempinho danado.

— Coma Deus vai querendo. Salta-pedra mostrou a enxada:

— Quem com os ouvidos não ouve, com os olhos vê, hã?

— Eu bem dizia a ocês. Agora é cruzarem os braços até quando tempo mandar e terra quiser. — Salta-pedra soltou uma gargalhada em falso e desapareceu atrás do morro.

A chuva continuou durante o resto do dia com mais ou menos intensidade. As quebradas trovejavam nas vertentes, pedaços de terra de sementeira desmoronavam-se a todo o momento; rios de água barrenta entrecruzavam-se nos terrenos de declive. Os meninos cabriolavam, nus, nos terreiros; os pais não permitiam que se aproximassem dos barrancos, com receio das terras caídas. Os pastores recolheram os gados nas grutas. Quem possuía cabras e porcos de ao pé de casa calafetava currais e chiqueiros,

levantava à pressa os muros derrubados, ou, como último recurso, trazia a bicharada para dentro do casinhoto, o porco de engorda, as cabras, e mesmo, a guecha. As galinhas escorriam água debaixo das camas de esteirado onde o homem, a mulher e a catraiada dormiam... Ao declinar da tarde os aguaceiros foram rareando, mas o vento voltou a soprar rijo, com tendência a virar para o norte, percorrendo a linha do mar e a oeste. José da Cruz, que tinha passado todo o dia a calafetar a casa e a levantar o muro do chiqueiro que ruíra minado pela água, deitou-se cedo e adormeceu logo.

Na madrugada do segundo dia o tempo serenou. O vento rondara para nordeste. com a voz pigarreada, debaixo do esteirado da cama, junto da cabeceira, o galo deu o primeiro alarme. José da Cruz despertou. Deixou-se estar uns momentos à escuta. A paz reinava lá fora. Deixou o esteirado, onde a Zepa e os catraios dormiam profundamente.

Pê-ante-pê, para os não acordar, aproximou-se da porta, abriu-a sem ruído, enfiou a cabeça piscando os olhos. A papaieira, em frente da casa, balançava o tronco esguio de pedaço a pedaço. Mais adiante, as charuteiras do caminho imitavam-na. O vento descia às patadas distraídas, rebojava no terreiro; depois de dançar uns momentos com a papaieira, descia a chã, roçava as charuteiras do caminho e subia de novo para o alto. As nuvens retalhavam-se, desprendiam-se, fugiam para o largo. Grandes rolos pardos pairavam sobre o oceano que a essa hora era ainda uma grande toalha de sombra.

José da Cruz pegou na enxada, encaixou o canhoto entre os queixais e saiu encostando a porta atrás de si. Deixou o terreiro, escolheu o sítio, segurou o cabo da enxada, lançou dois valentes golpes no solo. Fundo molhado. Outros dois golpes bem puxados. Quase dois palmos de molha:

"Deus é grandel!", murmurou entre dentes. Circunvagou os olhos pelo céu, de cabeça erguida e mãos nas ilhargas. As nuvens afastavam-se levadas pelo nordeste, acastelavam-se esborrachadas contra o horizonte. Deixavam uma vasta clareira semicircular a sul e oeste da ilha. Os espaços começavam a clarear.

As montanhas eram grandes figuras negras desenhadas contra o fundo alaranjado do céu, para o nascente. Formavam uma linha irregular,

com abertas bruscas, altas pontas eriçadas aqui e ali, ou longas curvas amolecidas nos rebordos dos planaltos, cujo traçado começava nas bordas das ribeiras ao nordeste, e vinha ziguezagueando, ora embicando para o alto, ora picando como mergulho de milhafre sobre uma ninhada, ora planando em curvas largas, alteando vertiginosamente ao passar pelo Topo de Coroa que se isola a dois mil metros de altitude, e terminando nos contrafortes do Monte Trigo, no extremo ocidental da ilha. Mas flocos de nuvens resistiam agarrados ao cone do Topo de Coroa como pensos de algodão sujo sobre furúnculo gigantesco; e farrapos esverdeados mantinham-se ainda presos aos cabeços mais salientes da serra.

No céu lavado e madrugador cirros cor-de-rosa deslizavam para o sul como papéis lançados ao vento. Rumor de água vinha dos lados do barranco. Do fundo chegavam sons cavos como de quedas de água subterrâneas. Aspirou o ar, impregnado de um cheiro gordo e bom a terra saturada. Sentiu-o penetrar-lhe o sangue como uma comida substancial entrando num estômago faminto. Não havia para ele melhor perfume que este; o cheiro a suor da terra, que penetrava o corpo e o espírito do homem, alimentava-lhe os músculos dos braços e a vontade de viver, e abria-lhe uma certeza e um caminho.

Dirigiu-se para o curral das cabras. O porco grunhiu no chiqueiro. Deitou-lhe uma mirada, de passagem. A água havia-se escoado pelas fendas das pedras, mas ficara um lodaçal de palmo de altura onde o suíno chafurdava, enlameado até os olhos. No curral, as duas cabras muito agarradas uma à outra, tolhidas de frio, exalavam vapor como se lhes tivessem despejado água a ferver no lombo. A cobertura de palha desaparecera levada pela ventania da noite.

Só umas tiras de carrapato se equilibravam ainda sobre a travessa de piteira. José da Cruz retirou os animais do curral, foi prendê-los à papaieira em frente do terreiro. Entrou em casa, voltou em seguida empunhando uma velha pá de cabo partido; saltou para o chiqueiro e pôs-se a esgotar a lama que lhe dava pelos tornozelos.

Quando terminou o trabalho, já o sol se derramava pelos morros de beira-mar, galgava os lombos de pedra-pomes, encosta arriba, salpicando as

várzeas próximas, a caminho das montanhas. Já se ouviam brados de lombo a lombo, de casal a casal — esses brados que haviam desaparecido com a falta de coragem do povo. Agora o povo acordava contente e cheio de confiança. Abriam a garganta aqui e ali como galos desafiando-se.

Começaram a aparecer nos caminhos de entre picos, nas Ûhargas das montanhas, nos atravessados, homens com largas alpercas de couro ou de pneu de automóvel, búli de água a tiracolo ou amarrado ao cinto, surrão de pele de cabra ou sarraia de cabrito suspensos ao ombro, mulheres papagueando com balaios no cocuruto da cabeça, meninos praguejando atrás de burricos de passinhos curtos e saco de mantimento na sela, ou lombando rijo nos mais preguiçosos, com varas de marmelo. Gente surpreendida pelo tempão nas regiões desabrigadas dos campos do sul, nas Ribeiras, nas vertentes da outra banda da serrania. E também vagabundos, gente sem eira nem beira, que andavam pela ilha estudando a botânica das regiões mais produtivas e que, em descendo a noite, deslizavam entre os muros das hortas como gato bravo. Uns agora e outros logo, eram todos portadores de boas novas. As notícias começaram a chegar. José da Cruz desceu à moita de charuteiras, junto do caminho. "Donde vens?", perguntava aos que passavam. Da Chã de Lagoa ao Tarrafal, do Porto Novo ao Altomira, dos campos do sul à ponta oeste do Cidrão (até que chegassem novas da Ribeira Grande, da Garça e da Ponta do Sol), nas enseadas de pescadores e nos planaltos ermos e nas zonas de pastagem, não ficou palmo de terra que não recebesse a esmola abençoada do céu. "Oh! Deus é grande!", exclamava ele vendo o contentamento estampado no rosto dos jornadeiros apesar do desconforto da noite passada nas montanhas e coma roupa mal seca no corpo.

Só os vagabundos, envolvidos nos seus farrapos úmidos, passavam de bico calado, o corpo dobrado, para diante, os braços cruzados sobre o peito nu, equilibrando-se, desengonçadamente, nos pés inçados de pulguinhas, com o rosto iluminado, o espírito radiante e uma grande calma no coração, José da Cruz caminhou para a casa. As suas meradas já estavam semeadas; agora era só esperar que os olhos das plantas furassem a terra para mandar os meninos retirar as pedras das covas. Não tinha dado

meia dúzia de passos quando a viúva Aninhas assomou atrás das piteiras da Assomada, com seus passinhos de jerico chouteiro, os dedos dos pés aparecendo e desaparecendo na orla da saia arrastadeira. Vinha correndo e bradando:

— Compadre Isé! Ó compadre Isé!...

Quando chegou às charuteiras parou ofegante. Trazia o seu antigo mandrião dançando à roda das coxas cada vez mais descarnadas, o velho lenço deslavado cor de cinza, o laço no cocuruto com as pontas caídas como folhas murchas. Vinha papear com a Zepa, "nhor sim", trazer novas. A Zepa ainda na cama, com uma manhâzinha tão sabe?!

— Basta dizer a ocê, compadre, levantei-me no lusco-fusco da manhã na, com vontade de ver estes campos na graça de Nôssenhôr. Aquela papaieira que tava amorrinhadinha já mostrava tão boa cara! Planta só quer água do céu, nhor sim. com uma chuvada destas! Forte de coisa catita de louvar a Deus, ha, compadre?

Sabia novas, e foi contando, as bochechas chupadas batendo nas gengivas mochas de dentes. Casas que desabaram na Ribeira da Cruz, árvores arrancadas pela força da ribeira, pedregulhos, bichos levados para o mar, como num fim de mundo. No Alto Mira, no sítio de Pico Virado, as águas subiram tanto que arrebataram os pilares novos que Nhô Antônio Felipe construíra no ano de riba, varreram as plantações de regadio, levaram-lhe porcos e laranjeiras, e por pouco não ia a casa também, e com toda a família dentro. "Mas Nhô'tone Felipe mesmo assim tá consolado", comentou ela. "Perder por perder, antes perder no de mais que na falta. Perder dum lado, anhar doutro, n'é compadre?"

— Ocê ouviu uns gritos de madrugada vindos das bandas da Tapadinha,

ha, compadre? Ah não?! Pois foi grito de mundo! Sucedeu pra lá coisa ruim. Não fico descansada enquanto não sei o que foi.

Venho depois contar.

...Mas como tava a dizer... — E o rosário continuou: na Garça, compadre Inácio passou a noite no meio da ribeira, com a água até o umbigo e a caixa das roupas ao ombro, coitado, ali esperando a morte. De manhã

deitaram-lhe corda, ocê tá a ouvir?, pois deitaram-lhe corda e ele escapou, mas a caixa e tudo o resto, casa, porco, galinhas, tudo o que era suor da sua cara, foi água abaixo. Desgraçado ficou sem nada, compadre, ele com ele. Mas cando Deus dá chuva o que é perdido é ganhado, porque chuva assim, benza-a Deus, põe coraja e consolança no corpo do filho das ilhas, nhor sim... — Dito isso, a velha Aninhas deslizou ladeira abaixo para levar as mesmas novas à Concha, ali do Lombinho, e mais abaixo ainda a Nhá Tuda, mulher de língua comprida, a troco de outras que a velha amiga Nhá Tuda havia de contar.

"Deus é grande", exclamou José da Cruz pela terceira vez essa manhã, como se não tivesse escutado a arenga da vizinha. Prosseguiu o caminho pela vereda da casa, acocorou-se e entrou no funco. Era um casinhoto de teto cônico, assente sobre um muro circular de dois palmos de altura.

A um canto, entre três pedras negras jazia um montão de cinza donde saía a extremidade de um troço de purgueira. Retirou o troço, sacudiu-o para libertar a cinza e assoprou a extremidade que estivera mergulhada, para reanimar a brasa. Pousou na brasa o canhoto, chupou pelo pipo até produzir fumo. Nos seus olhos fundos havia um brilho de satisfação e confiante sossego. Sim, José da Cruz sabia o que fazia. E o que fazia, era sempre a tempo e horas. Era um homem de bom pensar e de bom conselho.

"Eu bem dizia a ocês", murmurou a meia voz de sobreceño carregado como se estivesse apostrofando os sem-coragem que nesse momento, lá fora, se impacientavam à espera de que o lamaçal enxugasse para meterem as enxadas, "eu bem dizia a ocês: sol ruim é sinal das águas. Bem dizia: ano d'água alta, milho de riba de milho, mão na enxada, gente! Eu bem dizia a ocês assim." Não acreditaram. Tirante o compadre João Felícia e Nhô Manuelinho, ninguém mais acreditara na sua profecia.

O seu papel era agir por palavras e obras. Dizer na boca e mostrar no trabalho. Era essa a sua grande responsabilidade; fazer o que mandava fazer e agüentar o balanço; governar o cinto na barriga conforme Deus fosse servido, e mostrar que um homem de palavra tem mais figado que bofe.

"Homem desconfiado não presta", dizia a toda a hora. "Quem perdeu a fé, desconfiou d'Aquele que mora lá de riba", acrescentava apontando o indicador para o céu e fixando docemente os olhos do interlocutor.

O povo andara aí de cabeça perdida. Alguns, tomados de susto prematuro, tresmalharam. Homens carregados de filhos e de responsabilidade.

"Cale Nhô Isé! Ano das águas mostra cara antes de meado de agosto. Dantes era em julho que vinham os primeiros borrifos. Agora, agosto é que é verão das águas. Setembro tá passando feio. Cand'é qu'ocê viu setembro entrar seco sem carestia?" Assim falavam velhos e velhas que tinham a experiência do passado. Outros diziam: "Océ esperou demonstração pra semear como todo o mundo, e agora que coraja lhe entrou no corpo, océ quer pra gente enterrar milho na terra ardida? Océ anda caminhos que outros não andam". Outros ali no caminho ouviram-no calados e céticos, e quando ele acabou de falar, desandaram sem comentários, largaram-no com o seu anjo e seu balde de água, porque todo o mundo sabia que quem mais sede tem com mais água sonha. José da Cruz lia no pensamento desses homens, porque o silêncio deles guardava pecados e só pecados.

Felizmente nos campos da ilha havia homens de outra toada, com vontade, coragem, pensamentos limpos. Nhô Manuelinho e o compadre João Felícia mostraram que eram diferentes dos outros. Sabiam jogar no tempo com o mesmo ânimo do José da Cruz. Bons vizinhos, bons companheiros, quando viram o lavrador da Terra-negra lançar, furiosamente, as primeiras enxadadas, foram postar-se ao seu lado, contagiados pela sua decisão e animosidade. Os três homens trabalharam rijo, de bico calado durante

quatro dias, desimpedindo e consertando as antigas covas, arrancando os olhos amorrinhentos da grama que, mesmo no pó ardido, não cessa de alastrar; revolvendo a terra e puxando-a para os pés e picando a meia altura onde os grãos deviam ser enterrados; as mulheres e os meninos atrás, deitando as quatro sementes e cobrindo-as com os pés. Os dorsos nus dos homens luziam vertendo suor cor de barro, como sangue de feridas palpitantes, enquanto poeira espessa e ardente os envolvia a todos, doirada

pelo sol crã, e se elevava no ar como fumaça dum incêndio infernal. Terminada a sementeira nos domínios de José da Cruz, a tropa passara para o outro lado do ribeiro Seco, levaram o incêndio para as terras de Nhô Manuelinho, no Curralete, passando depois para o Lombinho, de João Felícia. A fumaça cor de fogo era visível a grande distância. Terminado o trabalho, "cumprido o seu destino", sentiram, com alegria, que a sua alma exultava, e, na caixa do peito, o coração batia com mais leveza, aliviado da angústia dos dias anteriores. Diziam que milho semeado em pó vem com mais força, "é sementeira natural". De qualquer maneira, destino de homem de enxada é cavar e semear. Este é que é destino de homem: cavar e meter grão. A espiga vem do desígnio de Nosso Senhor. Se não vem é porque Ele não quis. Seja feita a Sua Vontade.

José da Cruz colocou o troço de purgueira entre as três pedras depois de raspar a cinza para o lado, pegou num feixe de gravetos duma rima amontoada a um canto, encostou-o à brasa do troço e assoprou até levantar chama. Quebrou ramos mais grossos, cruzou-os, ponta com ponta em forma de pirâmide sobre a chama, e quando o fumo encheu o funco e o sufocou, saiu para a rua pingando catarro do nariz. Nesse momento Zepa aparecia à porta da casa.

— Sono apanhou-me esta pla-manhã, a mim mais os meninos — disse vendo o sol banhando os campos. Trazia uma caixa de fósforos.

— Tava pensando que era difícil a gente ter lume em casa antes de sol aquecer, porque os fósforos 'tão umedecidos, e julgava que o tição tinha morrido com a força d'água da boca da noite.

-aquele castelo que tá lá — comentou o marido apontando para o funco com orgulho — tem pouca casa praí tão resguardada

do tempo. Tá bem calafetado na ourela, e água não entra lá. Mas também o teto do curral desapareceu, fep!

Os meninos saltaram para o terreiro olhando maravilhados para o céu descoberto. Mochinho, o mais velho, não passava dos onze anos. Tinha os olhos pequeninos e a cara séria do pai; era calado e amigo de trabalhar. Leia tinha nove anos, era calaceiro nos trabalhos mas gostava de rabiscar bonecos no chão com um graveto. Sabia construir fundas e acertava quase

sempre no alvo e tinha habilidade para tocar tambor na lata de água; os seus trabalhos preferidos eram hortinhas em miniatura, baloiços de corda, atrás da casa, e levar as cabras à pastagem, onde fazia o que lhe dava na veneta. Enfim, tinha o tino diferente do Mochinho, e, com certeza, se lhe tivessem dado prenda, hoje estaria a escrever a sua graça. João, ou Jô, o codê, não saía da ourela da casa, agarrado às saias da mãe; sabia lançar pedradas aos corvos quando se afoitavam demasiadamente nos domínios da Terra-negra.

— Mochinho — ordenou o pai com acento de ternura na voz — , vai dar uma limpeza ao porco. Depois de lhe raspares a lama, lava-o com água, bem lavado. Tu, Leia, vai amarrar as cabras ao sol que tão lá a tremer e a bazar fumo. Quando sol quentar leva-as para o oitão da casa. Mochinho, encontras um pedaço de arco debaixo da cama pra raspares o porco.

— Tá aqui, tá aqui — acudiu Mochinho que, sabendo da existência do arco, o fora buscar e já ia a correr em direção ao chiqueiro.

Era um menino esperto, que dava a sua achega, bastante espigado, muito mais alto do que Leia apesar de só ano e meio mais velho, trazia sempre amarrada à cintura uma tira de carrapato, sobre o camisão de saquinho de farinha de trigo, que lhe escondia a vergonha. A tira de carrapato era um distintivo de trabalho entre os catraios com pretensão a homens.

Menino com cinto na barriga tem serventia, porque cinto significa lugar para meter a faca de trabalho... José da Cruz tinha ainda outro filho, de nome Leandro, homem feito, que nascera da primeira mulher e era pastor no Campo Grande, zona do planalto — situada entre os cabeços da Ribeira das Patas e o Topo de Coroa. Uma vez por outra, Leandro, que era amigo da família, descia com peixe ou queijos de cabra ou milho à Terra-negra e despejava o surrão no regaço da madrasta. Lucros dos negócios que fazia por conta de outros entre a Ribeira das Patas e o Tarrafal de Monte Trigo, como informava ele.

Por ocasião das colheitas, a troca de milho por peixe seco, do norte ao Tarrafal, tornava-se um negócio rendoso. A mulher de José da Cruz, Josefa, conhecida por Zepa, era de compleição delicada. Fora uma rapariga

engraçada no tempo em que vivia com os pais no Cidrão. Quem a viu e quem a vê agora! — comentavam os homens e as mulheres do seu tempo. Já soube ler e escrever, fazer rendas, coser roupinhas e cantar. Não era mulher para carregos pesados. Ajudava nas sementeiras e colheitas, tratava dos animais, ia buscar água ao melador ou aos poços do litoral, era governada, a casa andava sempre asseada. Na força da precisão fazia jornadas às Ribeiras, ou ia até Tarrafal de Monte Trigo comprar peixe salgado. Quando fazia longas jornadas, passava dias queixando-se de dores de cabeça, com um lenço sobre folhas de couve à roda da testa. As suas cargas não eram pesadas, não tinha a força da primeira mulher do José da Cruz. Essa sim, nascera para carregos. Valia por duas, e durante a sua vida a casa tivera sempre a despensa cheia. Uma tarde fatídica, já lá iam mais de quinze anos, subia ela a íngreme Bordeira da Ribeira das Patas com um balaião de milho à cabeça, em companhia doutras mulheres, escorregou ao virar um dos cotovelos do caminho e foi projetada para fora da cortina, indo esborrachar-se contra os lajedos duma saliência da montanha a dez metros mais abaixo.

Desde que essa desgraça entrou na casa de José da Cruz, a despensa não voltou a estar cheia. Em compensação, se na primeira mulher a força para carregos, que era muita, não sobrelevava o gênio dominador e voluntarioso, em Zepa o que faltava em vigor e resistência sobejava em ternura, boas maneiras e asseio.

Antes de matar o jejum, José da Cruz desceu ao melador para ver os estragos. O melador ficava um pouco abaixo da casa, na base dum lajedo que pingava quase toda a roda do ano. Anos atrás, a água brotava com abundância da nascente, e, em vez de melador, havia um tanque grande de terra batida, que rendia uma rega por dia.

Ainda se viam vestígios da antiga levada que transportava a água até o coice da Terra-negra, junto do caminho, pedaço de terreno privilegiado que já produziu, com fartura, cana, batata-doce e mandioca, como quaisquer dos melhores regadios de Santo-Antão.

Com o correr do tempo, à medida que as chuvas escasseavam, o número de regos ia diminuindo, encurtando assim a distância que separava o regadio da nascente. Por fim, de tanque passou a melador, uma babugem

de umidade com escassas dúzias de inhames a sugar, à beira do lajedo listrado de limos com dificuldade localizou a nascente. O melador desaparecera. Só ficaram rocha descarnada, pedregulhos negros e lisos, seixos. Uma cascata, de água turva caía do alto, ziguezagueava, espumando entre penedos, corgo abaixo. A força da ribeira levava toda a terra de cultivo deixando a rocha nua e pedregulhos sem equilíbrio à beira da vertente. O caminho já não existia. José da Cruz galgou o barranco, de gatas, e quando avistou a casa, entreparou uns segundos para escutar o marulho da cascata que vinha do fundo.

Há quantos anos, naquele lugar, a água não falava assim!

Zepa assentou no centro da mesa a gamela de figueira brava com cachupa, encheu de café de ervilha-congo, sem leite, as canequinhas de capstan, deitou mel nas canequinhas dos filhos para adoçar; ela e o marido tomavam o café sem mel. Para lá da porta aberta, diante dos olhos de José da Cruz, os campos estendiam-se enfartados, banhados dum sol generoso e fecundante. O milagre da gestação começava lá fora onde, dois dias atrás, a canícula e a desolação imperavam.

Parecia um sonho o que acontecera.

Um homem não acredita no que os olhos vêem.

— Ribeira fez um estrago grande no melador — disse com a voz tão baixa como se falasse para si mesmo. A mulher suspendeu a mão no ar e olhou para ele. Não apanhou logo o significado da fala do homem. — Levou tudo — continuou José da Cruz na mesma toada — , não ficou uma planta para amostra. — Zepa tirou a colher ao Leia e passou-a ao Mochinho. Mochinho meteu a colher na gamela como se fosse uma pá. José da Cruz monologou: "Forte d'água bonita que tá lá correndo. Parece que rebentou uma veia lá de riba. Se assim for, vou virar esta chã como antigamente". Zepa sentiu um grande alívio quando o marido terminou o pensamento.

Uma colher de folha era utilizada por ela e os filhos, que a passavam de mão em mão a cada colherada. José da Cruz tinha um colherão para ele só. As outras duas, uma também de folha, novinha, e outra de alumínio estavam guardadas na caixa para as visitas.

Às vezes Nhô Jaime Álvaro, da Ribeira das Patas, dono de parte das terras que José da Cruz trabalhava a meias, vinha a uma vista de olhos aos seus domínios — possuía outras trinchas importantes no Cidrão — ou mandava o filho. Zepa sentia grandeza em lhes pôr diante o prato fundo, de esmalte, branco por dentro e azul por fora, cheio de batata-doce assada ou cuscuz com leite, e a colher de alumínio apoiada na orela.

— Deus olhou para os seus filhos — comentou ela em resposta às palavras do marido.

— Se tempo continuar de boa feição, vamos ter uma colheita como poucas vezes tivemos na nossa vida. Se cai uma carga d'água no princípio de novembro, colheita vem mais tarde mas com mais brabeza. — José da Cruz falava sossegadamente, sem alterar a voz. Seus contentamentos e suas tristezas eram exteriorizadas daquela mesma maneira.

— Mas o tempo nos nossos dias tem seus caprichos continuou — , não sabemos quando vem nem quando não vem. Nhô Jaime prometeu vender-me um pedaço da Covoada. Terra frescal e boa, benza-a Deus. Nôssenhor me dê vida e saúde e força pra agüentar estes dias ruins porque, em chegando as colheitas, pouca criatura por estas bandas tem tanto milho semeado como eu.

A colher de folha representava o pomo de discórdia nas relações entre os meninos. O possuidor dela procurava sempre servir-se mais de uma vez, principalmente o Leia, e isso levantava atritos, pequenas escaramuças em surdina. O Leia era calaceiro no trabalho, mas tinha as queixadas ágeis.

"Ó ma, ó ma!", ronronava o codê, com voz de homem, batendo no braço da mãe. Escancarava a boca para a mostrar vazia de comida, e apontava para o Leia que persistia com a colher na mão na manha doutra colherada. Mas o pai fazia um jeito autoritário virando a cara carrancuda, e quem tinha a colher passava-a logo ao outro, restabelecendo a ordem.

Enquanto mastigava, José da Cruz espiava a paisagem pela porta aberta; seus olhos vagabundeavam longe. Os campos, que dias antes foram vermelhão e pó, cobriam-se, agora, dum manto cinzento-escuro, quase negro, que é a cor da terra enfartada. Fios de água clara, brilhando ao sol como cristais, riscavam o negro dos penhascos.

Os tapumes de pastio, as várzeas de cultivo pontilhadas de covachos arruinados, as toalhas de lapili pomítico e os morros arredondados como grandes vagas de calema sucediam-se rolando para o litoral, banhados por um sol fecundador. Eram ventres grávidos preparando-se para dar à luz.

"Coisa bonita. Só falta o verde tomar conta", pensou José da Cruz em voz alta. Todos se voltaram para verem a coisa bonita. Foi quando uma tropida de passos estrugiu no terreiro.

De repente, como se saísse do chão, o vulto esguio da viúva Aninhas, enquadrado na porta, tapou a vista dos campos. A velha trazia um ar de grande aflição, o terror estampado no rosto macilento, o seu único dente, um comprido canino, fora da boca, os olhinhos vítreos a saltarem das órbitas, como se tivesse sido mordida por centopéia ou viesse gongom em sua perseguição. Ao dar com os olhos nos vizinhos explodiu num grito agudo, antecipadamente ensaiado:

— Ó xente! Ó xente! Comadre Zepa, uma disgrácia!

— Que é que foi, criatura?! — Zepa tremeu dos pés à cabeça, a comida parada na boca.

Aninhas contou sem delongas, num atropelo de pormenores, pintando as coisas tal qual, o caso sucedido durante a noite, com uma tal Lara de Pó — não a conhecia mas disseram-lhe que morava nas Urselinas, lá para a tardezinha iria procurá-la — , a Lara de Pó foi surpreendida por um ventão ruim que arrombou o funco onde dormia com o filhinho de dois meses, seu homem estava nas Ribeiras, ela bradou por socorro mas ninguém ouviu, pegou o filho ao colo, o vento rodeou nela, espancou nela, arrancou-lhe o menino dos braços, arremessou-o para o escuro, toda a noite a mãe procurou o filho, na manhãzinha de hoje o povo ajudou, e o anjinho foi encontrado a balançar preso por um olho a um ramo daquela alfarrobeira que fica no caminho da Lomba, ocê conhece... "O cristãozinho", dizem, "tinha a barriga lanhada e as tripas de fora, foi uma ventona que passou lá e fez aquela disgrácia..."

— Oi Jesus, Santa Maria! — exclamou a Zepa levando as mãos à cabeça, e saindo para o terreiro aos gritos, com a boca cheia de comida.

Enquanto as mulheres se arrepeavam no terreiro, José da Cruz continuava mastigando a sua cachupa, e pensando que, se um veio d'água rebentara lá de riba deveras, construiria uma levada, e faria a chã dar mandioca e batata-doce como antigamente. Sorveu o último gole de café, pegou no canhoto e na enxada, e abalou. No canto do terreiro, Zepa vomitava. Aninhas sustinha-lhe a cabeça com uma das mãos, afagando-lhe, piedosamente, com a outra, os cabelos despenteados. Nos olhos da velha havia um brilho de triunfo.

— Ocê molestou-lhe o estômago para todo o dia de hoje — disse, parando um momento diante das mulheres. Essa velha só descia à Terra-negra para trazer más novas, como ave de mau agouro. Foi ao funco buscar um tição, e rumou ladeira acima chupando fumo do canhoto e lançando baforadas para trás. Era daquelas bandas que a água nascia.

O sol alteava sobre a ilha molhada. A terra fumegava. O ar era leve e perfumado. Lá ao longe nuvens resfolegavam, muito brancas, por sobre o mar muito azul.

Os corvos eram os maiores inimigos dos catraios. Antes das primeiras chuvas limitavam-se ao velho casal, o Becente e a Becenta, que açambarcavam as poucas sementeiras em pó, da região, defendendo-as das incursões de corvos forasteiros, tomando para si o encargo de dar que fazer à tniudagem circunvizinha. com as primeiras chuvadas e a generalização dos trabalhos, bandos negros e ruidosos irrompiam aos magotes vindos das montanhas e doutras paragens arredadas e menos lucrativas.

Apareciam desnorteados, famintos, enchendo os ares de grasnidos metálicos. Este ano surgiram mais bulhentos e desordeiros que nunca. Becente e Becenta, conhecedores do mundo, matreiros e diplomatas consumados, curvaram-se ante a fatalidade que sabiam provisória, aceitaram a colaboração dos intrusos que eram em maior número, mas em compensação, muito menos conhecedores da topografia dos seus domínios e da índole e hábitos dos homens que neles habitavam e trabalhavam. Em resultado de tal invasão os homens redobram de vigilância. Becente e Becenta observaram as manobras e concluíram que as medidas tomadas

eram semelhantes às práticas anteriores; os homens não tinham inventado nada de novo que diferisse dos processos conhecidos.

Continuaram a viver a sua vida placidamente, ressentidos, mas ciosos dos seus direitos, afastados dos vagabundos desorientados e desorientadores, procurando tirar o melhor partido da confusão que estes espalhavam entre os homens; assim, afastavam de si os perigos que a todo o momento ameaçavam os inexperientes. E os perigos não eram poucos. Havia as armadilhas, os espantalhos; estes não passavam de bonecos fingidos, mas era aconselhável toda a desconfiança e circunspeção, enquanto não fossem cuidadosamente estudados. Havia os calhaus que traziam a morte consigo. E havia os meninos que os lançavam. Em casa de José da Cruz eles eram três mocinhos, e o chão estava juncado de pedras de todos os tamanhos e feitios.

Os meninos trabalhavam do romper do dia à hora do recolher dos corvos. Mochinho e Leia eram empurrados da tarimba ainda tontos de sono. Matavam o jejum com uma racha de batata assada fria e meia caneca de leite, às vezes cachupa guisada, ou, de raro em raro, café de ervilha-congo com mel e cuscuz; muniam-se das fundas e seguiam para os seus postos. Leia encarrapitava-se no "patamar" erguido no meio da Chãzinha, merada do lado de lá do caminho.

Mochinho descia mais abaixo, ia acocorar-se à beira da Covoada, bom pedaço de várzea frescal de meia quarta de milho. A guarda aos corvos era o ofício mais importante da meninada, durante a quadra das sementeiras, e mais tarde, quando começavam a formar-seas primeiras espigas, até às colheitas; ofício espinhoso e cheio de responsabilidades que a petizada detestava. Mochinho considerava a guarda aos corvos tarefa de menino; não queria ser tratado como menino.

Todavia, ocupavam cada um o seu posto sem reponter, aceitavam as tarefas com disciplina. O pai também tinha a sua tarefa pensavam — e a mã-Zepa, e todos, em toda a parte, na sua casa, naquela mais adiante de Nhô Manuelinho, na outra além de Nhô João Felícia, em todas as casas havia trabalho para todos. A guarda aos corvos era o que os meninos podiam fazer, e era a mais detestada porque os corvos eram incansáveis e velhacos.

Chocalhavam latas, faziam estalar as fundas, rogavam pragas em altos gritos aos larápios de asas negras que continuavam, imperturbáveis, nas suas explorações. Quando as sombras agoirentas riscavam o chão perto ou lhes roçavam a cabeça, esconjuravam-nos "vai assombrar a tua mãe, figas, canhota!" escondendo os polegares na mão fechada e apontando o punho para o alto. Às vezes um que outro mais afoito planava num vôo rasteiro e vinha pousar atrevidamente nas charuteiras do caminho; era então uma azoada de ensurdecer, reboição de gritos, estalos de fundas, pedras uivando, bater de latas, o fim do mundo. Becente e Becenta e os seus correligionários conheciam tais desconchavos, sabiam avaliar calmamente o ódio e a desconfiança que separavam os meninos dos corvos; eram sabidos, endiabrados, trocistas, céticos e filósofos. A longa prática que provinha da experiência de anos, da observação do mesmo ritual monotonamente repetido, ensinara-lhes a dar o devido valor, e desconto, a cada movimento dos homens, a cada gesto, ao timbre da sua voz; a diferenciar os perigos segundo os portadores deles fossem homens, mulheres, crianças ou bichos — e guardar as respectivas distâncias; ensinara-lhes que dentro de cada cova dormia a conta certa de quatro gostosos grãos, nem mais nem menos, de milho. Conheciam a marosca da pedra sobre a cova nas sementeiras em pó afastadas das casas; lutavam por as derrubar como cabouqueiros nas pedreiras; nem sempre as pedras eram suficientemente pesadas para resistirem aos safanões bruscos do bico.

As covas da ourela de casa não careciam de pedras para as defender. Tampouco as sementeiras de depois das chuvas necessitavam de defesa, pois eram feitas dentro do período de guarda aos corvos; os meninos garantiam a sua integridade. As covas da ourela de casa talvez fossem as preferidas de Becente e da companheira por estarem a cargo da Zepa e do pirralho Jó. Nem o menino nem a mãe representavam um perigo por aí além, mas mesmo assim as aproximações eram realizadas com estudo e circunspeção. José da Cruz, que não parava em casa, ajudando outros lavradores a troco duns litros de milho, armara um espantalho nas traseiras da habitação, como nos anos anteriores: um velho casaco esfarrapado

pendurado numa cruz. Becente vinha pousar-lhe, às vezes, nos ombros enquanto a fêmea se fartava.

Mas, por desafio ou despautério, ou por descuido, Becente acabava sempre por soltar a voz. Jó corria para essa banda batendo o troço de purgueira no tampão de lata de petróleo, eles grasnavam, mofando, enquanto não o vissem abaixar-se e pegar numa pedra; então afastavam-se prudentemente, sem pressa, confiados no poder das suas asas e na imperícia do codê da casa. Conheciam trechos de terreno abrigados, dos olhos dos donos, pequenas depressões, cintas estratégicas e reentrâncias onde, comodamente, em vôos rasantes e disfarçados, se ajeitavam com a maior segurança e confiança, e bicavam à tripa forra. Ocultavam-se do lado de lá do barranco, observavam, saltavam de asas abertas, mais leves que uma florzinha de bombardeira, aproximavam-se em linha reta vindos dos baixos, pousavam em silêncio. A cada bicada circunvagavam a cabeça num rápido movimento, metiam as garras no chão, puxavam a terra com o bico e, num abrir e fechar de olhos, os quatro grãos de cada cova entravam-lhes no papo guloso e sem fundo.

Os gritos dos filhos dos lavradores eram pegados desde o romper da manhã até o cair do sol. A azoada vinha dos altos, descia as vertentes cultivadas, estendia-se para o norte e para o sul e rolava até o litoral. Os meninos deviam manter-se atentos nos seus postos, clamando, gesticulando desesperadamente, fazendo roncar no ar os projéteis das fundas. Os corvos observavam, aproveitavam os menores descuidos, grasnavam lá do alto cuá-cuás irônicos, pousavam nos penhascos, espiando.

Se Mochinho não gostava da guarda aos corvos por considerá-la ocupação de menino, ofício de quem não tem préstimo para mais nada, Leia e Jó odiavam-na por ser aborrecida e penosa. Forçava-os a passarem o dia todo arredados um do outro, isolados, cada um no seu posto, acorados todo o dia ao sol; tirava-lhes o gosto de brincar e de falar, embotava-lhes a imaginação,— roubava-lhes a alegria. À hora do almoço, Zepa levava-lhes papa-rolão com soro de leite. Regressavam ao sol — pôr moídos, tristes e cheios de sono. Antes que descesse a noite, engoliam à pressa o caldo de cachupa e iam-se embrulhar na manta, no canto da tarimba onde dormiam

os pais. O Jó às vezes mastigava no dia seguinte os grãos de milho da cachupa esquecidos no canto da boca.

José da Cruz tinha em alto apreço o filho mais velho. Mochinho já dava a sua achega. Mondava e cavava como qualquer moço criado. "Ou oxalá!", reforçava o pai com orgulho, querendo dizer com isso que o filho passava o pé a muito rapaz de calças compridas. Mochinho tinha uma enxadinha que o pai comprara no Porto Novo. Trazia-a sempre consigo, ora pendurada ao ombro, ora enfiada ao cinto de carrapato. A princípio ele e o Leia engalfinhavam-se por causa da enxada, mas ficara estabelecido que ela pertencia ao mais velho. "Qualquer dia trago uma mais grandinha e esta passará para o Leia", prometia o pai amiúde, contente por ver o calaceiro do Leia pendido também para o trabalho. O Mochinho, por causa das dúvidas, não soltava a sua ferramenta do carrapato senão quando ia para a cama. Chegou a dormir com ela, acordando a mãe com o cabo debaixo das costelas.

Aquela tira de carrapato era sinal de trabalho, símbolo de emancipação, na idéia do rapaz. Significava que nele se estava operando a passagem de menino para homem.

Na verdade, era o começo da escravização do menino pela terra, sob o disfarce tentador da responsabilidade de homem. Todo o catraio que ajuda o pai no tráfego sério das hortas sente grandeza em ser tratado de igual para igual e em trazer aquele distintivo. Os homens usavam, naturalmente, o cinto para suster as calças, mas também para enfiar a faca. O pai tinha um lato de coiro e um cartuchinho também de coiro — a bainha — para guardar a faca. Os meninos sonham com a bainha de cabedal, emblema de responsabilidade. "Uá! Tu não tens uma faca como eu. Foi nhá-pai que deu para eu ajudar ele nos mandados da horta." Então, às escondidas, já picam tabaco de rolo com a faca, e enrolam o seu cigarrinho na palha de milho. Depois enfiam o calção de dril azul ou cotim ou vichi para esconder a vergonha e andarem mais afoitos no meio de raparigas. E aprendem a limpar o suor com as costas das mãos -a princípio por puro espírito de imitação — quando, no fim do dia, empunhando o rabo da enxada, regressam ao terreiro da casa atrás do chefe de família. Porque infância de menino de campo é

isto: trocar as mamas da mãe pelo cabo da enxada do pai. Porque o homem do campo não teve infância. Teve luta só, e luta braba. E esperanças e incertezas; a labuta das águas e o drama da estiagem marcados nas faces chupadas e no olhar sério.

João Felícia e Manuelinho chegaram cedinho à Terra-negra. Depois de matarem o jejum, com café de ervilha-congo e bolo de camoca que Zepa preparara, desceram com o José da Cruz e o Mochinho para os trabalhos do melador.

"Já que a nascente tá de boa cara", dissera José da Cruz, "vamos levantar a base até a altura da levada. Todo o modo se for será, se não for não deixa de ser..." "O que fica feito não fica por fazer", comentara João Felícia.

A água nascia entre duas saliências de granito que atenazavam a parte superior duma lâjea, a qual formava uma rampa escorregadia de metro e meio; irrompia, límpida, da nascente, entrava no sulco que a erosão abrira na lâjea e ia perder-seno pedregal, para reaparecer mais adiante onde formava uma pequena queda ruidosa, e mais outra, desaparecendo definitivamente no seio dum segundo anfiteatro, mais estreito que o primeiro.

A enxurrada levava na corrente toda a terra de cultivo, deixando penedos soltos, mas solidamente apoiados nos lajedos nus e lisos. Um pedregulho de mais de tonelada de peso jazia no centro do recinto onde José da Cruz plantara inhames e batata-doce. Um estudo preliminar revelou que, para o deslocar, bastaria desimpedir o caminho do pedrouço, retirar as pedras atulhadas à boca da garganta que dava passagem para o segundo patamar, formar um declive e libertar depois os seixos que lhe serviam de cunha. Foi o que os três homens fizeram, servindo sedas enxadas, da picareta e da alavanca. O penedo rolou, pouco depois, com grande estrupido.

João Felícia vociferou apontando com o braço:

— Lá é que era o teu lugar, seu estupor. Nhô Manuelinho meteu a sua colherada:

— Não venha outra tomar o seu lugar. Quem sabe ainda se outra chuvona não vem estragar o que vai ser feito...

— Deus Nhôssenhôr a traga, compadre — disse José da Cruz. — Homem nasceu pra remediar o que tá estragado. Não é pouca água que faz rolar uma pedra deste tamanho.

E, Nhô Manuelim, sabe que estrago de chuva é conserto de homem...

— É mesmo, compadre, é mesmo -anuiu Manuelinho.

João Felícia fez ouvir seu vozeirão autoritário:

— Dez tanques estragados, dez tanques feitos de novo, e mais um. O último é dez vez maior que o primeiro. Ficou um instante de olhos parados no Manuelinho a ver se ele tinha compreendido, e com um sacão virou-se e caminhou para a nascente.

— Lá é que é — fez Nhô Manuelinho. — o que cristãos quer é água do céu. Terra não falta. E força de braço também.

— E unha pra viola — acrescentou José da Cruz por piada, referindo-se à viola do vizinho.

Nhô Manuelinho compreendeu o remoque. Desatou a rir:

— Esta noite vão ver. Ando com unhas pra viola estes dias...

— Ocê é endiabrado — volveu de lá João Felícia enquanto se agachava para pegar numa pedra junto da base da lájea. — Toca mais viola que aquele tal Jack de São Vicente.

Eu é que digo. Aquele não toca nos bailes a dormir como ocê. E com a mesma influência. Compadre Isé já viu? Às vezes é preciso acordar compadre Manelim pra dança acabar...

Se eu sei... É ele e compadre Lourenço da Ribeira das Patas com a sua rabeça. Já vi os dois a tocar juntos, por volta de quatro horas de madrugada. Não saem do compasso, a remar de sono cada um pra seu lado. Parece que bruxa é que dá compasso...

A lájea sobre que a água escorria tinha uma braça, se tanto, de largura, mas devido às duas pontas de rochedo que se salientavam de cada lado, as margens alargavam-se ali quase três braças. Braça e meia de largo por duas de comprimento, como ponto de partida, bastavam para dar ao tanque boa capacidade. Segundo as indicações do José da Cruz o tanque devia ficar encostado à margem direita, e a base seria elevada cerca de uma

braça para alcançar o nível da antiga levada que outrora ia regar a Chãzinha. João Felícia e José da Cruz eram bons paredeiros. Pedras não faltavam, e Nhô Manuelinho, apesar da idade, era forçado; carregava pesos que nem boi. Mochinho carreteava calhaus para cunhas e fazia os mandados depressa. A parede ia subindo rapidamente porque as margens tinham pedras a descoberto que só precisavam dum safanão para rolarem.

— Ânimo, rapaziada — vozeirava João Felícia, de tempo a tempo, para animar. — antes do sol cambar na linha d'água quero ver tanque a encher.

De tanto a tanto largavam a parede que se ia estreitando de dentro para fora, formando uma concavidade no interior, e todos acarretavam cascalhes para o enchimento.

Entretanto, era sempre bom ir raspando a terra da margem, trabalho que Mochinho tinha muito gosto em fazer ao lado do pai.

À maneira deste, abria as pernas, lançava a enxada com quanta força tinha e puxava para trás. O tanque ia-se mostrando rapidamente. com a picareta José da Cruz deslocava as pedras mais salientes, das margens, que resvalavam sem esforço. João Felícia pegava nelas e colocava-as nos respectivos lugares.

"É aqui o teu lugar", rosnava quando uma lhe dava mais que fazer e por fim obedecia.

— Com quatro ou cinco saquinhas de cimento eu levava esta água bem longe — disse José da Cruz. — Bastava uma fornada de cal do forno de Nhô Isé Lourenço com arrifes de Santa Bárbara, que são mil vezes melhores que as pedras de Nhô Serafim, deixá-los falar...

— ...Ocê regava a Chãzinha como antigamente... rematou Nhô Manuelinho.

— Qual Chãzinha, Nhô Manuelim — atalhou José da Cruz com os olhos brilhantes. — Pensado bem pensado levava, mas era pra Covoada.

Esta agüinha que tá aqui tem filhos espalhados onde quê. É só esgaravatar aquele buraco na direção assim. Mas mesmo assim era a Covoada que a cercava...

— Covoada com água de levada é terra rica que lá está — concordou João Felícia com ar de entendido. Terra de batata e mandioca e cana como não há outra por estas redondezas. Melhor do que Chãzinha sem comparação, digo porque sei. — Bateu umas pancadas cavas no peito com a mão espalmada.

— Antes d'ocê pôr os pés na Terra-negra, vi aquele pedaço de várzea parir comida sem destino. compadre Manelim que diga se é verdade ou se é mentira.

— Ah! — fez Nhô Manuelinho com ênfase. — Paria comida de riba de chão, assim — acrescentou, batendo alternativamente uma das mãos nas costas da outra, gesto que designava grande quantidade.

Quando as sombras se agacharam debaixo dos pés, Zepa chamou-os para o almoço. João Felícia disse-lhe:

— Comadre prepare cinza sem conta que amanhã pla manhãzinha vamos ter tanque a transbordar.

— É pena não ter porco pra chamuscar, com tanto lume! — retorquiou Zepa. — É ver a luminara que vai lá de riba.

No terreiro da casa de José da Cruz, Nhô Manuelinho sacou dum frasco branco, guardado no bolso traseiro das calças.

— Trago uma surpresa — disse meneando a cabeça significativamente. — Um mata-calor.

— Ocê é endiabrado — chalaceou João Felícia puxando as pontas do bigode. — Como rapazinho novo.

— Idade de homem é no espírito não é no corpo repontou Nhô Manuelinho, filosoficamente. — Né compadre Isé?

— Eu também penso assim. Espírito velho em corpo novo, é velhica. João Felícia voltou à vaca-fria:

— Deveras, não tem neste mundo nada melhor pra abrir estômago na hora de comida do que cana alambicada. Ocê deixe ver a garrafinha, compadre.

— Primeiro eu, compadre Felícia. Se tem veneno, sou o primeiro a esticar as pernas.

— Uá, homem! — meteu José da Cruz. — Morte de sabura não tem companheiro.

Nhô Manuelinho bebeu um gole, fez uma careta e passou o frasco a José da Cruz.

— Ocê dá este mocinho seu bocado — disse João Felícia indicando Mochinho com o queixo — porque ele trabalhou coma homem.

José olhou para o filho.

— Uá! — exclamou Mochinho envergonhado, recuando uns passos até à porta.

— Depois de gente grande. Se sobejar ele tem a sua parte.

— Forte de milho bonito qu'ocê tem diante da casa, compadre — vozeizou João Felícia com as mãos nas ilhargas.

— Não vai de má cara, não. Mas ocê tá vendo como o mundo virou, hã? Dantes as águas começavam em junho, depois passaram pra julho, depois pra agosto, e agora pareceque setembro é que vai ser verão das águas.

— Em lugar de consertar, tá estragando cada vez mais...

Atrás do funco da cozinha, um grande fumo subia para o céu. Leia e Jó deitavam gravetos, palha, tudo quanto produzisse cinza para os arranjos finais do tanque. Depois do almoço os homens regressaram ao trabalho com gana.

— Antes do sol cambar, rapaziada. Antes do sol cambar — repetia João Felícia para disfarçar a modorra.

Quando o sol tocou a linha do mar, só faltava a camada de terra fina e cinza para impermeabilizar o tanque. A água fazia pequeno depósito na base da lájea e corria para o buzil aberto. O fundo, em forma de concha, de terra calcada, umedecia aos poucos como sombra castanha que fosse alastrando de baixo para cima. com a pá Nhô Manuelinho escolheu terra peneirada da margem e deitou para o interior do tanque. Zepa, Mochinho e Leia carretearam cinza. Quando começou o desamparinho, o buzil foi tapado.

O tanque estava concluído.

A professora Maria Alice era boazinha, não maltratava os meninos. Todo o mundo gostava dela. A professora anterior não deixara a mesma simpatia. E era filha de Santo Antão! Não gostava do campo, dizia que não praticara nenhum crime para estar degredada. Rabugenta e soberba, segundo o testemunho das pessoas que se lhe tinham aproximado, assim como não gostava do lugar também não era amiga dos meninos que freqüentavam o seu posto. No fim do ano letivo quase não tinha lá menino nenhum, e Norte de Meio ia ficando sem escola por falta de freqüência.

Maria Alice era de São Vicente. Menina prendada, mansa e sempre triste. Ninguém sabia a razão da sua tristeza. Talvez porque amava a família e andava tão longe dela.

Ou porque sentia que estava desperdiçando a melhor quadra da sua vida naquela solidão forçada. Por isso iam salvá-la, conversar com ela no terreiro do posto, levavam-lhe presentes, frangos, leite, ovos, queijos. com as férias grandes ausentou-separa a sua ilha. Todo o mundo foi despedir-se dela. Houve guisa, como se fosse para nunca mais, como se tivesse morrido. Ela acenou com o lenço até desaparecer atrás do último morro. Ia, quase sentindo nostalgia da sua forçada solidão.

Mas levou os olhos inchados de comoção pela ternura daquele povo. E na saudade que o povo guardou, ficou a princípio uma esperança, e depois um veemente desejo de que a professora triste regressasse à casinha do morro de Norte de Meio. Em muitos, à ansiedade da chuva veio juntar-se a ansiedade de regresso da "menina Maria Alice". E de tal modo o povo pôs o coração nela que o seu regresso passou a ser uma questão de fé. Eu tenho fé que ela há de vir. Ocês vão ver.

Houve quem fizesse promessa a Santo André. E voltou mesmo, no princípio de outubro, quando os campos se achavam atapetados de verdura alta, do cimo das montanhas ao litoral, e já com os milharais tenros e ondulantes, como uma grande maré na fase da enchente.

Quando ela voltou houve um movimento geral. A nova correu célere: a professora do ano passado já veio. José da Cruz pensou que talvez pudesse mandar o Leia esse ano à escola. Era bom ter homem em casa com prenda na cabeça. Homem que sabe escrever no papel não esquece na

cabeça. Tivera a mesma idéia, de dar letra ao filho, no ano passado, quando a fama da Maria Alice lhe chegara em casa. Mas não era tão fácil pôr em prática o seu desejo. O posto de ensino ficava a mais de uma légua de distância, por maus caminhos; o menino levaria o dia inteiro nisso e não agüentaria o ano todo. Acabaria por desistir.

Além disso, sempre haviam de precisar dele, não sobraria tempo para qualquer trabalho caseiro. Mochinho tinha sempre que fazer fora. Era moço de mão rija, sabia executar as lides da horta e dava umas sachadelas com a enxadinha. Leia ia fazer falta à Zepa, para tratamento dos bichos, carregos de água e outros afazeres de ourela de casa. Mocinho calaceiro sim, o Leia, mais atilado, desenhava rabiscos no chão do terreiro com um graveto como se quisesse escrever a sua graça.

O posto de ensino do Norte de Meio estava instalado numa casinha solitária alcandorada na meia encosta dum morro. De pedra e barro, sem reboco, coberta de palha cor de cinza, a casa era composta de duas peças com ligação por uma porta interior, ambas com piso de terra calcada. A frente dava para o terreiro, onde uma velha alfarrobeira estéril espalhava a sua sombra esguedelhada.

O compartimento menor, onde quase só cabia o catre rústico e um mocho a servir de banca de cabeceira, era o quarto de dormir da professora. Uma porta baixa e estreita, com um cortinado de vichi, comunicava com o compartimento maior que era a sala de aula. Dois bancos compridos, de figueira-brava, sem encosto, destinavam-se aos alunos. Quando a freqüência excedia a lotação dos bancos -o que sucedia durante os primeiros dois meses -a professora estendia uma esteira de bananeira no chão onde o excedente se acorava. Ela sentava-se num mocho atrás da mesa, também de figueira-brava, obra de falqueador daquelas bandas. Uma caneta, um tinteiro de boca estreita, a vara de marmelo comprida e flexível e o quadro-preto de madeira, com a pintura deslavada, suspenso do muro por grossa estaca de alfarrobeira, entre a mesa e os bancos — eis, por miúdos, os apetrechos escolares do posto. A mesa servia para a professora comer e a esteira era a cama de Nhá Gaída, a mulher que lavava a roupa, ajudava nos mandados e fazia companhia à Maria Alice. Pela porta aberta a vista

estendia-se descendo pelos campos ondulantes, na maioria cultivados, até o litoral, e dali, como que subindo de novo, deslizava pela ampla toalha azul, cinzenta ou roxa do mar até o horizonte.

Depois era o céu e as nuvens longínquas, um punhado de algodão descolorido que parecia pertencer a outras terras distantes. O vento descia das montanhas, rasava os campos cultivados, roçava o terreiro da escola impregnado do aroma de plantas verdes e de florzinhas têmperas silvestres. A petizada apinhava-se nos bancos, encolhida e de bico calado, os olhos arregalados para a mestra. Esta escrevia números e letras no quadro-negro — os números e as letras irrompiam do negrume do quadro como fantasmas misteriosos das trevas da noite — , voltava a sentar-se, fazia girar duma banda para a outra a comprida vara de marmelo que zumbia, num movimento mais nervoso de zangão. Quando esta se afastava do quadro e pairava interrogativa no espaço, os miúdos tiravam os olhos da mestra e seguiam, cheios de aflição, atemorizados,

os vãos da vara traiçoeira, temiam-na porque não sabiam até onde ela, de repente, poderia chegar. Mas a professora aproximava-se deles, passava-lhes as mãos pelos cabelos ásperos, falava-lhes com brandura; a classe toda, num coro cantado, ia pisando aos poucos os degraus da sabedoria. BÊ-a-BÁ, CÊ-a-ÇÁ... um e um dois, dois e dois quatro, e a prenda, num ritmo monótono e coletivo, entrando-lhes na cabeça. À hora do recreio, depois da tabuada dos mais espigados, iam todos brincar para o terreiro; trepavam à alfarrobeira uns, espalhavam-se outros aqui e ali esgravelhando, ou brincando a reianata. As meninas, de carrapitos e laços, sossegadinhas, mantinham-se muito juntas com receio dos pinchos dos rapazes, e riam-se com risinhos guinchados. Maria Alice gostava de ver os meninos saltando no terreiro, gostava de os ver assim como bichinhos rebeldes sem aquele ar de medo que traziam habitualmente nos olhos quando entravam na escola. Tinha dó da prematura seriedade e da timidez naquelas crianças que não sabiam divertir-se, tão diferentes das outras crianças, habituadas como estavam à monotonia dos trabalhos e à austeridade da sua vida. Quando terminava a aula, cada qual tomava o seu rumo; o livrinho encardido debaixo do braço, o búli de cabaça com água e a

garrafa de leite ou a sacola suspensa ao ombro por uma guita de carrapato. A casinha ficava mergulhada num silêncio repentino. Maria Alice trazia o mocho para o terreiro, abandonava no regaço o romance de Madame Delly ou a renda, renda miúda para guarnições íntimas, e ficava olhando, perdidamente, o oceano que estendia, vazio, até o horizonte. Depois chegava Nhá Gaída. Conversava um bocado com a professora antes dos arranjos do jantar. Nhá Gaída por sua vez tinha dó da menina boazinha ali naquele desamparo, longe da família. À hora do desamparinho o mar mudava de cor, a pouco e pouco, até escurecer de todo. No céu ficavam manchas arroxeadas e alaranjadas que, de repente, numa agonia mágica, se apagavam. A professora chorava todos os dias ao tombar do crepúsculo, no terreiro daquela casinha abandonada. Chorava para si, sem soluços, um chorinho romântico, de menina só...

Lestada

Outubro começou com vento rijo. Os milharais dobrados para o sul, as canas, de folhas sacudidas, cavalgando umas sobre as outras. Só em certas covoadas, em certas vertentes, as plantas tomavam direções diversas devido aos desvios do vento; punham uma nota discordante no mundo geral; havia recantos onde redemoinhos semeavam a mais completa indisciplina. As raízes agarravam-se tenazes à terra, numa vontade quase humana de sobrevivência — não cediam um palmo de vida à fúria danada do nordeste. E a crosta verde dos campos ondulava até o litoral, como um mar viscoso que transbordasse dos cumes da serra.

Os camponeses não temiam a fúria do nordeste. As plantas traziam a hereditariedade desta luta na seiva e nos tecidos. Os homens confiavam nelas. Sob o comando duma voz que vinha do fundo de muitas gerações, elas sabiam defender-se vergando os troncos elásticos, e sobre os caules curvos e lisos o vento resvalava inofensivo.

Os homens não receavam que a ventania as quebrasse ou arrancasse pela raiz e as levasse no turbilhão. Receavam antes outra coisa: que enxugasse demasiado a terra antes que novas chuvas sobreviessem.

As águas de sementeira enchem os campos de verde, a cor da esperança. Outubro é que vem dizer ao povo se o ano é bom ou não é bom. As suas águas é que trazem a certeza das colheitas. Mas nesse ano as primeiras chuvas vieram tardias. "Este ano, novembro é que engorda a espiga", diziam os lavradores.

A meados de outubro o vento entrou a amainar. Era assim mesmo. Outubro tem de ser de calma. Todo o mundo sabia. Todos esperavam a calma de outubro. Normalmente outubro era a encruzilhada que levava a dois destinos: fartura ou estiagem. Nesse ano não se sabia bem. Até meados do mês ventou. Agora o vento parara de repente. A calma significava: a ofensiva das monções, das grandes umidades do sul. Se saísse boa chuvada

em princípios de novembro, o mundo rolasse como entendesse que o ano estaria garantido. Até lá, qualquer chuva seria bem-vinda.

O céu mostrou-se limpo de nuvens, a atmosfera baça, o sol ardente. O milho, viçoso, agüentava tudo, porque as primeiras águas chegaram tarde e fartas; o tempo nem por isso mostrava má cara. Por léguas e léguas os olhos só viam milharal catita, embora nem todos os lavradores tivessem semeado a totalidade das terras por falta de sementes. com o declinar de outubro grossas nuvens começaram a toldar o céu, vindas do sul. Era a frente das monções do Atlântico sul. A princípio altas, límpidas e esquivas, andando sempre; depois mais escuras e pesadas.

Novembro encontrou o céu cerrado, imóvel, cor de cinza, e umas gotículas de água passeando no ar. A primeira quinzena de novembro foi assim: ora escusas, ora promessas, negaças e sorrisos, a mangar com os homens. Borrifos no ar que cheiravam a pó.

O tempo tornou a acordar. A princípio, sem direção: -ora dali ora d'acolá. Depois, mais acentuado a nordeste. Sempre com tendência a puxar para leste. Descia dos cabeços do Campo Grande e da Ribeira das Patas, vindo dos lados do canal, retalhando e dispersando as nuvens. Estas fugiram despedaçadas para o mar, batidas pelo bafo ressequido da costa africana, contrariadas nas suas intenções, destruídas na sua essência. O céu começou a desnudar-se, à medida que o manto cinzento se rompia, como tecido podre, aqui e ali, sem remédio. José da Cruz ouvira de madrugada o estalar de madeira queimada nos tabuados das janelas e da porta, nos caixilhos, na armação da cobertura. Escutara o mexer de coisas secas na rua. Era o suão a morder. Na manhã nascente o sol mostrou a face amarelenta e suja. Fiapos de nuvens pairavam longe, um pouco ensangüentados como restos duma carnificina. A grande ofensiva do céu falhara dessa vez.

"Tamos na calma", disseram os velhos otimistas. "Na Viragem do minguante, cai água..."

Sons de viola e cantiga subiam do terreiro da casa de Nhô Manuelinho.

Plantada no meio do céu, a lua, quase cheia, muito branca, era a coisa mais bonita da noite. Se fossem duas luas, com certeza não seriam tão bonitas porque a gente teria que fazer a comparação entre elas. Quando se olha para ela é tão bom! É como se subíssemos até ela, ou ela entrasse em nós e nos tornasse mais leves. A gente esquece tudo. É ela e nada mais.

Zepa encostou a cabeça à parede, e ficou a olhar para o lado do céu onde estava a lua. Lá dentro, os meninos dormiam embrulhados na manta. Aqui, ao seu lado, José da Cruz era uma sombra calada. Quanta coisa não estava pensando o Isé nesse momento. Ele contemplava cheio de êxtase a deusa da noite, e o farto bigode disfarçava o tremor dos seus lábios rapando baixo. Mas Zepa desviou o pensamento. Por um breve instante a lua ocupou o lugar de tudo.

Por que, à medida que ela vai subindo no céu, virando mais pequena, mais pequena, amorrinhando de tamanho, enquanto vai ficando mais longe, a sua pele se torna mais branca, e mais branca a luz que ela derrama sobre os campos? Sozinha, no meio do céu tão grande, parecia ainda mais pequena que aquele espelhinho redondo que a Zepa tivera, quando ainda moça — um espelhinho que lhe cabia na palma da mão e trazia a figura duma mulher bonita no reverso. Lembrava-se muito bem do rosto rosado, da boca vermelha sorrindo e da cabeleira encaracolada, cor de barba de milho, daquela mulher de grandes olhos claros e pestanas compridas. As raparigas mais engraçadas do Cidrão ficavam feias naquele espelhinho.

Zepa lembrava-se também — foi numa tarde em que regressava da nascente com uma lata de água à cabeça: o filho de Nhô Teodoro abriu a carteira de cabedal fino, tirou o espelho redondo e meteu-lho na mão. Depois... E logo lhe veio à memória, como uma história que lhe tivessem contado, o seu tempo de rapariga.

Habitudara-se a não pensar na existência duma janela para esse lado! As lides da casa, as fadigas da criação dos filhos, as preocupações e os temores da vida não lhe permitiam vagares para olhar para trás. Quando temos filhos, é o dia de amanhã que conta, o chão que os meninos hão de pisar depois. Mas a lua tem o poder de apagar umas coisas e acender

outras. Não sentimos remorsos nem saudades. Mas um prazer tranqüilo, e paz no coração. O céu era bom para os homens, naqueles tempos.

Todo o mundo vivia contente porque o céu era amigo da terra. Havia mais festas — ela já gostara bastante da sua farra! Fora das raparigas mais balhadeiras do lugar, diziam os rapazes. Nhô Manuelinho estava ali embaixo, para o testemunhar. Já naquele tempo ele sabia arranhar na viola.

Os pais dela moravam para os lados do Cidrão, nas terras de Nhô Teodoro, numa chãzinha frescal com um pedaço de regadio atrás e um grande sequeiro, ladeira abaixo, para mais de duas quartas. Era uma casinha pequena mas jeitosa, dividida por um esteirado de cariço. O quarto maior tinha soalho que o pai mais um compadre construíram, duns troncos de figueira-brava que Nhô Teodoro autorizara a cortar. Zepa lembrava-seda festa que fizeram quando o soalho ficou concluído. Seu pai foi um lavrador de grandeza. Nas quadras das águas deixava a gente nova dançar no quarto assoalhado. Os rapazes, de pés calçados e flostria no corpo, que iam das Ribeiras, pelo Santo André e pelas colheitas, gostavam de dançar com ela. Mas apertavam-lhe o busto nos braços, e ela fugia deles envergonhada e ofendida. Seguiam-na com olhares manhentos e lascivos quando ela se encaracolava na contradança. A princípio odiava os rapazes das Ribeiras porque a arrastavam disfarçadamente para o canto do terreiro, faziam roda à volta dela, apalpavam-lhe as pernas, davam-lhe beliscões, e quando ela se lhes furtava e ia ter com as amigas, formavam grupo à parte e diziam atrevimentos. Mas saindo ano e entrando ano fora-se habituando...

Os rapazes das Ribeiras ensinaram-lhe a não gostar dos moços do seu lugar. "Bravinhas de enxada, que não sabiam falar com as raparigas", diziam. Não quis nunca armar casamento com os moços do Cidrão. Naquela idade as meninas têm muito disparate na cabeça. É por isso que elas dão das intrigas, e assim ficou para o resto da vida. Diziam que ela gostava era da rapaziada de pelinha nos pés, e chamavam-lhe soberba e rogavam-lhe pragas: "com a tua soberbindade cais um dia de rocha e não tens quem te vá salvar". Apontavam o filho de Nhô Teodoro, esse mesmo que virou doutor mais tarde, como veio a saber.

Tanto os lingüareiros nicaram na sua vida que ela foi cair no buraco que abriram, porque foi mesmo o filho de Nhô Teodoro quem a desgraçou quando, num ano, por ocasião da remonda, fora ali descansar dos estudos que estava fazendo em São Vicente. Num casarão que Nhô Teodoro mandara construir no meio do sequeiro e servia de armazém, o rapaz tinha lá o seu quarto, era onde dormia; fora levar-lhe a roupa lavada e lisada. Mas a coisa vinha de trás, a laçada já lhe havia sido deitada. O filho de Nhô Teodoro fora esse ano ali só pr'aquilo...

A viola calou-se. As raparigas soltaram uma risada; os rapazes riram-se com elas. Ouviu-se Nhô Manuelinho penicando as cordas para temperar. Esse homem tinha o espírito de um rapaz. Sabia levar a vida. Zepa escutou. Houve um curto silêncio. Depois vieram zunzuns de vozes, risadinhas, talvez estivessem contando histórias engraçadas ou dizendo adivinhas — "história, história?" — "fortuna do céu, amém". — a lua, muito branca, parecia escutar também. José da Cruz, sentado no pilão emborcado, chupava agora o canhoto, estalando os beiços. O luar batia-lhe em cheio na testa luzidia e nos malares ossudos e secos.

No rosto encovado, as órbitas pareciam duas cavernas escuras com dois pontos de lume dentro. O bigode ensombrava-lhe o queixo.

Só em parte pegara a praga dos rapazes do Cidrão, porque se ela caíra, de verdade, de rocha, um homem houve que a salvara.

Quando José da Cruz enviuvou, lembrou-se dela. O pai já a tinha expulsado da casa. Fora ter o aborto na Ribeira da Cruz em casa dum irmão de Nhô Teodoro e por lá se deixara ficar a servir, até que José da Cruz, muito mais velho do que ela, mas ainda nesse tempo homem conservado e rijo, depois de algumas tentativas conseguiu convencê-la a vir viver com ele na Terra-negra, com promessa de casamento. Efetivamente, passados meses, foram os dois ao Paul donde regressaram casados...

José da Cruz tirou o canhoto da boca, curvou o tronco para diante e cuspiu entre os pés. Encostou-se novo à parede, e começou a sacudir a cabeça, devagarinho.

Zepa acordou dos seus devaneios porque compreendeu que o marido ia papear qualquer coisa.

— Este pessoal afoga em pouca água — disse ele como se falasse para si mesmo. A fala era mansa, e as palavras, proferidas num sussurro, flutuavam à roda da sua boca, tão perto, que pareciam voltar a entrar para a caixa do seu peito. — andavam praí ajonjados, a falar ruim antes do tempo.

... Agora levantaram a crista. — Guardou um curto silêncio, e prosseguiu: — Eu te digo, Zepa, gosto de ver pessoal contente, mas primeiras águas são conta de corvo.

Comida, só na chuva de outubro quando o ano é normal. Este ano deve calhar agora em novembro porque agosto deu seco. Tempo que tamos passando só dá festa com tambaque garantido. E tambaque cheio, é só depois de colheita. Acho esquisito este novembro molhado. Depois desta viraja da lua é que vamos ver...

— Ocê vai ver que novembro vai ser molhado acudiu a mulher com medo de que o seu homem perdesse aquela fê que ela estava habituada a ver nele.

— Eu pensava — continuou o homem na mesma toada; enquanto falava, Zepa não despregava os ouvidos das palavras da sua boca.

— Eu pensava que vinha virar a chã como antigamente. Se tinha rebentado nascente lá pra riba, nes'hora estávamos com um trabalhinho bonito debaixo da casa. Palpitava-me que fosse uma veia d'água, que tinha torcido caminho. Sucede isso a toda a hora. Porque no fundo da terra tem muitos caminhos d'água. Quando abrimos o buzil do tanque de rega, vamos adiante da água limpando com os pés a morraça da levada, porque senão a morraça vai entupindo o caminho até a água saltar pra fora da levada. Debaixo do chão também os caminhos tapam, a água toma outro sentido, é por isso que as nascentes desaparecem

num sítio para irem aparecer noutro; muita vez, pra não aparecer em lugar nenhum; porque terra debaixo de chão é mais grande que terra de riba.

Enquanto falava tinha a cara virada para a lua. Seu rosto, todo iluminado, era duro como rocha, e a lua boiava dupla nos seus olhos líquidos.

— Mas era suor de chuva e nada mais — rematou.

— Seria uma boniteza se nascente rebentasse — disse Zepa, como um eco. — Mas mesmo sem rebentar, caiu água lá como dias — há não vi.

— Olha a lua tão branquinha, Zepa — exclamou José da Cruz noutro tom, um tom de surpresa de quem tivesse acordado de um sonho, como se durante todo esse tempo não tivesse atentado nela. — Quem tal diria dum homem poder lá ir um dia! Tá mesmo clarinha. Como se o tempo quisesse virar deveras. Repara naquelas listras. — Era uma voz antiga que Zepa estava escutando agora. — com um vidro de ver ao longe — continuou José da Cruz como se entrasse agora noutro sonho — , a gente podia até saber se aquelas listras são de água a correr pró mar. Quem tal diria dum homem no meio daquela água toda!...

Zepa virou os olhos para a lua. Não lhe parecia nada uma terra com listras de água. Tão pequenina, tão pequenina, era mais pequenina que aquele espelho redondo com a figura de mulher bonita, menos bonita talvez que aquela mulher de cabelo de barba de milho. Mas respondeu, presa na vertigem do sonho do homem:

— São talvez listras de água, porque deve lá chover como chovia antigamente no Cidrão quando eu lá vivia...

— Cidrão não chovia mais do que cá — explicou ele, tirando os olhos da lua. — São os tempos que estão piores nos dias de hoje...

Agora as raparigas batiam palmas ao compasso da cantiga, os moços faziam baixão com vozeirão grosso, e a viola tocava com mais alma. Não estava nenhum rapaz das Ribeiras naquele terreiro, com certeza. Era por isso que se sentiam contentes. Zepa talvez ainda balhasse a sua contradança.

Os pés não esquecem as danças que aprenderam. Mas o seu corpo mirrado e desengonçado já não atrairia os olhos dos rapazes das Ribeiras. Os filhos dormiam lá dentro abraçados uns nos outros. Sentiu, logo, o corpo avelhentado, moído de canseira e de anos. O seu corpo estava acabado.

Caem os anos de riba, viram a gente assim. Dar lugar aos outros. Também aquelas que nesse momento cantavam no terreiro de Nhô Manuelinho, haviam de ceder, um dia, o seu lugar às crianças de hoje. Mas ninguém sabe onde vai dar o destino de cada mulher. Junto dela estava um

homem de bom sentido que só magicava na maneira de endireitar a vida, garantir o milho para aquelas bocas. E Zepa pensou que a vida era uma só, e era isto: arranjar jeito, garantir a cachupa para aquelas bocas.

Mas novembro ia ser molhado este ano. "Océ vai ver." E teve uma grande fé naquela chuva que seu homem desejava, desejava. Mas no fundo sentiu que essa fé começava a vacilar. Então um arrepio fino e frio percorreu-lhe o corpo...

Escarranchado numa mula parda, um homem de capacete de cotim e óculos escuros aproximou-seda assomada da viúva Aninhas, pelo caminho que descia das montanhas. Bamboleava o corpo, as pernas abandonadas, como se estivesse dormindo, ou uma grande fadiga o prostrasse. Mal se equilibrava no selim, e os estribos matraqueavam, a espaços, contra as solas ferradas dos botarrões de atanado. Um pouco atrás vinha o guia com uma pasta de cabedal numa das mãos, uma vara de marmelo na outra e um búli de cabaça a tiracolo. Quando a alimária deu com as piteiras sacudindo no ar os mastros esguios como varapaus numa emboscada, estacou inesperadamente, de orelhas assestadas, como um par de metralhadoras, e os olhos espantadiços fixos no perigo imaginário.

Tanto bastou para que o homem, certamente mau cavaleiro, levasse ambas as mãos ao selim, deixando cair o chicote, ao mesmo tempo que libertava os pés das prisões dos estribos, pronto para qualquer eventualidade. A mula, talvez habituada a ver espíritos em cada esquina, fez menção de arrepiar caminho, afastando-se bruscamente para o lado, sem desviar as orelhas da direção das piteiras. O cavaleiro perdeu o equilíbrio, e iria parar às pedras do caminho se o guia não acudisse com prontidão, amparando-o. Refeito do susto, lançou a seguinte exclamação:

— Nunca mais ponho o rabo nesta porcaria! Se fosse minha já a tinha rolado de rocha.

O guia concordou:

— É uma macaca estuporada.

Entregou o chicote ao cavaleiro e, como o animal estacasse, nem para diante nem para trás, tomou a dianteira levando-o pela arreata.

Quando contornavam o muro da propriedade de José da Cruz, o homem indagou para se certificar, sem mostrar, todavia, o mínimo interesse:

— É sempre aqui?

— Terra-negra é aqui mesmo — respondeu o guia. Não disse a ocê que era pertinho?

Passaram atrás das charuteiras e seguiram pelo atalho.

— Pertinho, dizes tu?! Estás a mangar? Parecia que nunca chegávamos...

À entrada do terreiro pararam. O rapaz olhou para a direita e para a esquerda. A porta da casa estava cerrada. Bradou:

— Eh, gente da casa! — Voltou a chamar: — Nhô Isé! Eh, Nhô Isé!

— Está aí em cima uma mulherzinha a fazer sinais disse o homem.

Entre os mastros das piteiras, onde tinham passado momentos antes, o vulto esguio e negro da viúva fazia sinais, estendendo o braço aflita, indicando uma direção. O vento abafava-lhe a voz esganiçada. O rapaz desprende a corda de prisão do selim, fez uma laçada à volta do pescoço da mula e atou a extremidade ao tronco da papaieira. — aquela mulher é feiticeira — confidenciou ele. Esqueci de fazer o pelo-sinal-da-santa-cruz quando passei à sua porta. — meteu-se pelo milharal em direção à borda do barranco. "Eh, Nhô Isé!" Uma voz respondeu: "Uuuuh!..." vinda dos fundos.

O homem desmontou com alguma

dificuldade. com o chicote de cavalo-marinho deu umas pancadas nas botas, nas polainas e nas calças de caqui. Entregou o chicote ao rapaz quando este regressou, e levou as mãos aos rins. Torto, e a coxear, dirigiu-se para o muro onde se encostou, dobrado para diante como surrão mal cheio, sem forças para dar mais um passo.

Talvez não estivesse habituado a cavalgadas porque mostrava a fisionomia torcida, revelava grande abatimento, ao passo que o guia e a alimária não davam mostras de qualquer fadiga. com algum esforço o homem meteu as mãos entre as pernas, por detrás dos testículos.

— Parece que estou ferido aqui. Ui!

— É falta de costume — respondeu o rapaz enquanto desaparelhava a mula. — Ferida de selim cura com selim. Se ocê faz outras duas jornadas como esta fica bom.

— Livra! Não me meto noutra...

— Bichinho desaforado — disse o rapaz dando uma palmada rija na barriga do animal, que deu um esticão à corda. — Não tens uma pinga de suor. Se fosse comigo não mangavas. Ocê não sabe estudar nas orelhas da alimária -acrescentou dirigindo-se ao homem caído sobre o muro.

— Estes bichos pensam com as orelhas. É dar de chicote quando querem fisgar qualquer coisa.

— Quero lá saber se pensam com as orelhas ou com o rabo. O que sei é que isto fica nos cascos de rolha. E o outro lavrador — como se chama ele? Ah, o Serafim onde mora?

O guia colocou sobre o muro o xairel e a sela, levantou o braço e apontou vagamente para algures.

— É só montar aquele lombinho e lá chegamos num rufo de caixa.

— Durante a jornada não disseste outra coisa e passamos toda a manhã a subir e a descer lombinhos.

— É falta de costume.

— Eu gostaria de conhecer o Cidrão, mas fica para outra vez. Já tomei medo aos lombinhos de Santo Antão.

— Ocê faz mais grande o que é. Quem tá cá tá no Cidrão.

— Estou mais morto que vivo. Olha lá, Cidrão tem hospital?

— Uá! Ocê tá mangando...

— Que tal achas estas terras, hã? Parece bom lugar, este?

— Dos melhores sequeiros do norte, eu é que digo ocê. Se ocê pega um naco aqui, tem despensa cheia todo o ano. Milho nestas várzeas dá sem conta, espiga sobre espiga.

Ocê olhe este milharal, pois não tem outro igual no resto da ilha.

— E a escola não se vê daqui, hã? Fica mesmo perto do Serafim?

— Nhô Serafim fica na ourela do caminho, mas a escola corta pra riba. Não se vê ainda daqui. É na endireitura daquele lombinho ali assim, mesmo na ilharga doutro lombinho mais adiante.

— Aqui faz muito vento — comentou o homem e um vento que parece lume, tenho a pele da cara chamuscada.

— Este vento é da época. Depois passa. Tem costume aqui — explicou o rapaz. Mas levantando os olhos para se orientar acrescentou:

— Tá dobrando para leste. Há de tomar sua direitura depois. Quando cai dali assim, por cima de Campo Grande, é vento ruim como moléstia.

— Que é que acontece quando vem daquele lado?

— Então é que vira lume e queima as plantas. Tudo o que estiver de riba de terra e for verde vira amarelo. Duma hora pra outra fica tudo estorrido, de crista pró chão, como se fosse obra do diabo. As folhas são arrancadas e levadas pelo vento, e não há força de homem capaz de estorvar.

O sol vira vermelho, as nuvens fogem do céu e os ares ficam cheios de folhas volantes como se despejassem lixo de riba. É mais ruim que gafanhoto. Lestada — é como chamamos o vento que vem dali...

— E a chuva? — interrogou ansioso o homem erguendo o busto e seguindo, através dos óculos escuros, a linha irregular das montanhas.

— Quando vem lestada, chuva não vem.

Eu não disse a ocê que as nuvens fogem do céu? Se não tem nuvem é porque não tem chuva. Lestada seca tudo. Seca as nuvens também, ficam sem uma gota d'água. Dizem os antigos que ela vem da costa da África. Também os gafanhotos, dizem, vêm da costa da África. Eu acho que África deve ficar muito longe, mas os antigos eram gente de prenda na cabeça, e o que diziam é que tava certo. O que sei dizer é que são moléstias que Deus manda. Há quem diga que foi praga que um padre deitou. Dizem muita basofaria...

O homem continuou observando o cariz da serra. Nunca tinha pensado nisso, mas podia acontecer. A tal lestada ou os gafanhotos ou a seca... Nunca tinha assistido.

Só ouvira falar. Todas essas moléstias, como lhes chamava o rapaz, iam certamente dar nisto: fome em Santo Antão. Era só o que ele sabia.

— Olha lá... — Interrompeu-se. José da Cruz acabava de dobrar o cunhai da casa com um grande molho de palha às costas.

— Este é que é o lavrador de Nhô Jaime — explicou o rapaz. — Sua bênção, Nhô Isé, boas horas, Nhá Zepa. Eh, ocês, meninos!

A família vinha atrás, Zepa com uma lata de água à cabeça, o codê Jó agarrado às suas saias com uma das mãos -a outra trazia, a reboque, um sabugo de milho atado a um cordel -aos pinchos como um cabrito, o Mochinho com a enxadinha à dependura e o Leia de mãos a abanar. com um movimento de ombros José da Cruz lançou o fardo para um canto do terreiro, pousou a enxada e a pá, tirou o canhoto da boca.

— Boas horas, senhores — salvou ele. — Como vai, Nhinhô?

Desconfiados, pai, mãe e filhos miraram o desconhecido dos pés à cabeça.

— Ora, boas horas — respondeu este prazenteiramente, um pouco refeito do cansaço.

— Vamos entrando então — repetiu José da Cruz.

— Aqui o Senhor Miguel Alves veio ver estas terras, Nhô Isé — informou o rapaz quando entraram para o terreiro.

— Quais terras? — perguntou o lavrador de queixo estendido para Nhinhô, sem deixar de observar de soslaio o recém-vindo.

— Estas — insistiu o rapaz. — Foi Nhô Jaime Álvaro que mandou. Ele disse pra você mostrar. Naturalmente ele quer vender.

José da Cruz trocou um olhar interrogativo com a mulher, depois do quê, guardou curto silêncio.

— Nhô Jaime não avisou. Não sei de nada. — Fez entrar o desconhecido. Este estorcia-se ainda com dores. Entrou sem se fazer rogado. José da Cruz observou-o com atenção. Disse: — ocê desculpe o atrevimento, mas donde é ocê?

Miguel Alves vacilou, embaraçado; respondeu secamente:

— Não sou destas bandas. Sou de São Vicente.

— Logo vi. Gente destas bandas não sente dor de sela.

— Ele não passou muito sabe com esta mula, coitado. Bichinho desaforado.

— Mas então, ocê veio comprar terras?

— Por enquanto, só ver. Isto é longe pra burro! Zepa arrastou para junto da mesa um mocho onde, com alguma dificuldade, Miguel Alves se sentou. O que ele queria nesse momento era uma cadeira de lona, almofadas, aconchego.

A casa era pequenina, mas fresca. Olhou à roda. Escura e fresca. Lá fora a claridade era ofuscante. Cá dentro a penumbra repousava a retina. Nhinhô falava por ele.

"Ele tem andado com vontade de comprar. Foi Nhô Álvaro que lembrou a Covoada..." José da Cruz e a família continuavam de pé e interrogativos, à roda do visitante.

O seu silêncio dizia mais do que as palavras do guia. O homem que ia modificar uma vida de anos. Cálculos, lutas, suores, insucessos ou farturas, angústias e satisfações passageiras, tudo podia sofrer, de um momento para outro, um rumo novo. Para melhor ou para pior. Tudo dependia do que aquele homem estivesse pensando.

Mas o homem não pensava nada do que podia preocupar a família. Simplesmente olhava o panorama que se avistava para lá da porta, até o mar, e achava bonito.

A vista estendia-se por léguas e léguas sobre campos de verdura ondulante. Sim, senhores, muito bonito. Os meninos observavam, atônitos, aquele homem de óculos escuros, com ar de doente. Mas o homem pareceu despertar. Tirou os óculos, meteu-os no bolso da camisa de caqui. Desmascarou-se. Afinal era muito mais jovem do que parecia, e tinha os olhos um pouco oblíquos e assarapantados, medrosos da luz. A vista era realmente soberba. Em face dessa constatação irrefutável, um pensamento perigoso começou a tomar forma no seu espírito.

"Estes diabos sabem aproveitar. Mesmo no meio da terra dos outros plantam a sua casa, armam-se em donos. Os verdadeiros donos que se lixem. A mim não me comerão. Ando bem informado. Julgas, meu gabiru — exclamou de si para si como se, já senhor das terras, estivesse apostrofando o lavrador em altos berros — julgas que a coisa continuará como até aqui? Pedir licença para entrar nos meus domínios, como sucede com os outros proprietários? Se compro isto — e por que não hei de comprar? — outro galo

cantará. O teu reinado termina." Deu-lhe uma grande vontade de rir. Bateu umas pancadas com o chicote na ponta da bota, e levantou os olhos com timidez.

Estava ali, diante dele, o lavrador de bigode austero, rosto chupado e cara mansa; os miúdos olhando para ele de olhos muito abertos e expressão amedrontada; a mulher, esguia, curvada, tinha um ar de fina delicadeza e resignação. Havia neles qualquer coisa de terroso, como se fossem raízes arrancadas à terra. Raízes insepultas que Deus, com toques de varinha mágica, tivesse transformado em homem, mulher e filhos... O ímpeto inicial esmoreceu; Miguel Alves abaixou o rosto — lutador que, diante de adversário desarmado, abaixa a arma covarde. E logo notou que se estava deixando levar, demasiadamente, na ilusão duma farsa estúpida. Nem foram estas terras que o arrastaram a esse fim do mundo. Realmente mostrara-se interessado. Nhô Álvaro cedera. Nem dera tempo ao proprietário para comunicar com o lavrador.

Tinha lá dinheiro para adquirir terras?! O seu emprego dava-lhe apenas para comer e alojar-se. Era por emulação que economizava uns cobres, privando-se de muita coisa. Não bebia, não fumava, não freqüentava mulheres, e era raro ir a um baile nacional. Os dois palmos de terra que, com imenso sacrifício, comprara nas proximidades da Ribeira das Patas, estavam-lhe chupando as últimas economias, inclusive os centos de escudos que tinha à parte, destinados a um fato decente e a um par de sapatos. Fizera isso só para realizar um velho sonho: ser proprietário, dizer: "Isto é meu", criar um pouco de beleza privada, de sua própria iniciativa, produto de seu próprio esforço, edificar um pequeno mundo de conforto e encanto, já que o destino lhe fora sempre adverso — e, nesse pequeno mundo, simular grandezas impossíveis e desferrar-sede seus próprios limites. Bater com os tacões no solo e berrar: "Isto é meu, meus senhores. Até o centro da terra". Para a ilusão de ser senhor de terras, de ser proprietário, bastavam-lhe aqueles palmos — e, também, a suposição dessa pobre gente de que ele era poderoso. Não via outra forma de impor respeito. Mas não veio à Terra-negra só para alimentar tal ilusão.

Veio por causa dela, da rapariga. "A menina do canal." Ficara-lhe no sangue, a arder, a recordação daquela noite a bordo do cúter Grinalda. O coração começou a bater-lhe.

Estonteado, e com esse sentimento de frustração que o acompanhava sempre que pensava na rapariga, ouviu a voz do lavrador de Nhô Álvaro que se lhe dirigia:

— Ocê não julgue confiança, mas tenho de precisar de nomear a sua graça...

Veio à tona:

— Hã? Ah, pois eu sou Miguel, meu nome é Miguel Alves. Não sei se já ouviu dizer...

— Não é ocê que tá comprando terras na Ribeira das Patas?

Miguel Alves alçou o busto.

— Oh, sim... Sou eu mesmo. Foi mesmo por causa disso que eu vim cá. — Fez um tremendo esforço, levantou-se, olhou em torno de si, desembaraçado e natural como se já fosse dono absoluto. Explicou: — Venho aqui por indicação do Senhor Álvaro. Você é o seu lavrador, não é? Pois sim. Enfim, desejava ver isso, ele falou-me dum pedaço bom, disse que tem uma nascente mais para cima, não sei se é coisa que valha a pena, mas a mim, o que principalmente me interessa é o tal sequeiro, como se chama? (O guia socorreu-o: "É Covoada".) Isso. Covoada. É assim uma vista de olhos porque tenho pressa. Ainda devo ir a outro lugar antes de descer à escola. E o tempo está quente de rachar, com este vento suão... Então vamos lá ver isso, essa especialidade. Mas tenho pressa...

Uma olhadela ao relógio de pulso. Foram saindo. De caminho quis saber onde ficava a escola. Ali no Norte de Meio. Cinco ou seis quilômetros. Atrás daquele lombinho.

Upa! Era puxado! E por maus caminhos. Para os lados de Nhô Serafim? Tanto melhor. Era uma rapariga conhecida, e ia dar mantilhas e novas da família... (Miguel Alves sentia-se caído no meio da farsa, e um entusiasmo irreprimível excitava-lhe a língua. Mas agora uma profunda ternura apoderou-se dele.) A propósito, estas terras, que tal eram? com que então tinham uma cabrinha — ah, duas, bravo! assim é que é, pequena

pecuária, vai-se vivendo — e também um porco!, é uma grande economia, isto aqui é bom, quem me dera viver aqui — pois você está enganado, não me aborreceria, nasci pra cavador de enxada, não estou a exagerar, não...

Zepa veio atrás deles com uma caneca de leite. "Océ desculpe a pobreza, mas a caneca tá limpinha, e o leite é tirado agorinha assim." Bebeu devagar o leite morno, chupou a espuma dando pancadinhas no fundo da caneca, para mostrar que estava a gostar. Ficou com um bigodinho de espuma branca. "Que leite tão sabe que ele é. Obrigado, oh, muito obrigado", soube-lhe tão bem; acrescentou de si para si: gostaria de lhes meter umas notas de banco nas mãos. — Se não fosse este vento....

Parece uma fornalha. Não é sempre? Sim, não tive sorte então. .. Ele é como se fosse das Ribeiras — pensou Zepa. De pé, absorta, ela observava esse homem bem vestido que, enquanto dava passadas lentas, manquejando, para cá e para lá, falava sem descanso e gesticulava sacudindo no ar o cavalo-marinho. Miguel Alves sentia agora a língua leve e o coração aberto.

— Pois fique sabendo, não sou como muitos donos de terras que não se importam, é deixar correr o marfim, pois é, o lavrador faz tudo, muitas vezes é quem dá milho para a sementeira, é quem trabalha, é quem sua... Estou informado. Comigo não, outro galo canta. É preciso ajudar.

Eu cá sou assim, pão-pão, queijo-queijo. Se o proprietário dá a terra a um lavrador para trabalhar, deve estabelecer um contrato para ambos cumprirem. Não sei se está a compreender. Honestidade. Eu sou um homem que gosta de honestidade. Se a nascente fosse coisa que valesse, sempre se experimentaria mandar uns sacos de cimento, uma levadazinha bem-feitinha — não precisa ter muita largura — e um tanque junto do regadio. E depois era plantar bananeiras, mandioca, umas videiras, etc. Até se podia tentar a farinha de pau com pouco dispêndio; mandava-se vir um homem de São Nicolau, que é onde há especialistas.

Quando o lavrador é bom, e sabe colaborar com o proprietário, tudo se consegue. Lá que venha ele mandar como se as terras fossem suas, isso também é que não. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Pois sim, pois sim, compreendo. Não se importam, eu sei. É o que acabo de dizer...

Miguel Alves andava com dificuldade, mancando. Observou do alto a Covoada, com ares de conhecedor. Pedraço bom, lá isso era.

Terra compacta. Esfregou um torrão entre os dedos, como vira fazer muitas vezes; e como o milho estava viçoso! Terra preta, da boa, não havia dúvida. A escola ficava assim tão longe? Ali naquela endireitura?

Ó rapaz! Vai preparando a mula! Cinco quilômetros — puxado? Bem. A nascente? Acho que não vale a pena. Quero dizer, se ficasse para outra vez... "Sempre é bom ocê ir ver, para avaliar...", insistiu José da Cruz. "Fiz lá um trabalho de coraja..."

— Bem, então... Se não é fora de mão... Sim, senhor, estou gostando. Vejo daqui muito bem. Sim, senhores, a célebre Covoada e a célebre nascente. O tanque, sim, senhor. Nhô Álvaro não meteu ferro nem estopa. É o que eu dizia... — Miguel Alves deixava as palavras saírem livremente, pensava em voz alta. José da Cruz estava a gostar do homem. Franco. Mãos largas. Esse homem sabia o valor do trabalho. Dava gosto assim. Pensava nos sacos de cimento, na exploração da nascente. Umas três ou quatro braças, não: umas quatro ou cinco braças chegavam. Regadio na Covoada! Coisa bonita — "A nascente precisava ser explorada", foi explicando. "Umas braças de fundura, pra dentro da rocha, quatro ou cinco é quanto basta." O homem era macho, sim. — ou mais — disse Miguel Alves com firmeza. O que fosse preciso. — Mas é bom estudar bem para ver se vale a pena. Se valer, pronto, mãos à obra. Quando se faz, faz-se mesmo. Eu cá sou assim. Uf! Mas este vento é que não me está gostando...

Quando regressaram ao terreiro, Miguel Alves trazia, de novo, os óculos escuros. Davam-lhe um ar respeitável de chefe. com eles olhava as pessoas de frente, com firmeza e desafio; tornava-se menos esquivo, menos agressivo ou exuberante quando se refugiava atrás dos vidros escuros; apoderava-se dele a calma neutra de quem se acha à distância, em lugar seguro. Zepa estendeu-lhe outra caneca de leite.

— Obrigado, oh!, obrigado. Não digo que não. É a minha melhor bebida. — Deitou mais uma mirada à volta, mostrando de novo o bigodinho de espuma torcido para cima.

— Vida sã. Eu gosto de campo, sabem? Este aroma, só este aroma — levantou o nariz e sorveu o ar. Fez uma careta; o suono sufocava. Mas sorriu. — Dá saúde. Fiquem sabendo, nasci pra isto...

Aparelhada a mula, Miguel Alves montou, com infinita cautela, receoso de que a mula se assustasse. Zé da Cruz levou-a pela arreata até as charuteiras que, com o vento, sacudiam desesperadamente os magros ramos. O provável futuro dono das Covoadas abalou, bamboleando as pernas, caminho abaixo, levando consigo cortejos de sonhos, sonhos que ele sabia de antemão irrealizáveis...

José da Cruz subiu o caminho da casa com a cabeça cheia de pensamentos. Encontrou a Zepa no terreiro, à espera. Antes que ele dissesse qualquer palavra a mulher despejou as suas apreensões:

— Esse homem com certeza não vem com bom tino. Dono novo é mau destino na vida do lavrador. Vem cheio de soberbindade, dando ordens, metendo o nariz em tudo, querendo saber... Nunca gostei desta história de dono novo. Este, então, não gostei muito dele. — Zepa fez uma pausa para tomar fôlego, e mudou de tom. — Não sei por que Nhô Álvaro há de vender as suas terras. Lá porque ano passado não foi de fartura, todos os anos não vão ser ruins.

É um homem também que só quer meter no surrão, venha a nós o vosso reino. Eu se fosse ocê ia logo ter com ele. Prometeu vender a ocê a Covoada e agora mete outro de permeio... — Zepa falava com humildade, com medo de que José da Cruz não gostasse de a ver meter a colher num assunto que não era de sua conta.

— Deixa lá, Zepa, deixa lá. Todo o modo, tempo tá cheirando ruim. Olha lá pra riba. Vento leste a levantar terra como se fosse fumo de canudo. Este vento é que vem com mau tino, este vento aqui. Tá a cheirar ruim, Zepa. Quando desce lestada, a gente não pode fazer outra coisa que esperar pelo pior, e atamancar com pouco.

Donde dinheiro pra comprar Covoada, hã? Tou mesmo pensando nisso. Esse homem que vai aí embaixo, é homem de coraja. Não ouviste o que ele disse? Pois vai mandar sacos de cimento pra levada e não deixará de furar a nascente quantas braças forem precisas. Eu vi que ele é novo ainda.

Gente nova pode mandar fazer hoje pra desfazer amanhã, mas fiquei gostando dele porque tem coraja. Tem coraja e dá coraja aos outros. É o que tamos precisando pra estas bandas. Gente nova com coraja no corpo.

Cale Nhô Álvaro! Nhô Álvaro é bom homem, mas não é pra ajudar lavrador. Não tenho razões de queixa contra ele, lá isso não, mas se não faz mal ao lavrador, também não faz bem nenhum...

Zepa insistiu — sentia qualquer coisa a desmoronar-se e não sabia onde, nem como, nem por quê:

— Se ano for de boas águas... Ocê sabe que Nhô Álvaro não ajuda, mas não fica de riba da gente a espiar o que dá e o que não dá. Sabe respeitar o trabalho de cada um. E em chegando as colheitas eu afianço que ocê compra Covoada, e há de meter cimento na levada, com a ajuda de Deus...

— Eu já sou um homem acabado, Zepa. Não ando já pra tropelias. Força não falta, não senhor, graças a Deus, mas força tem seu tamanho. E já não é pra muito tempo.

Se eu pensar doutra forma, Zepa, é basofaria, é mais bofê que figado. Temos que ver as coisas na sua grandeza. Ano de águas, na posição que as coisas andam agora, se der pra barriga não há de dar pra façanha. Neste instantinho, enquanto eu vinha das charuteiras até aqui, pensei bem pensado.

Tem momento que a gente, num rufo, vê as coisas na clareza do entendimento. Deixa andar pra diante...

Caminhou para a traseira da casa, os olhos virados para as montanhas de leste. As goelas do inferno assopravam lume. O céu, desse lado, estava toldado de vermelhão, do pó que o vento levantava. "Deixa andar pra diante", repetiu José da Cruz, de queixo apertado.

Tirou os óculos. Os olhinhos oblíquos piscaram.

— Já não se lembra de mim, naturalmente... disse Miguel Alves sentando-se na cadeira que Maria Alice indicara. — Estou de passeio por estas bandas, e entrei para a cumprimentar. Vejo na sua cara que não se lembra.

"Meu Deus! Mas é uma cara da rua. Uma cara como tantas outras que vemos passar", pensou a professora. "Já o vi sim, mas quem é ele?"

— Eu?! Mas lembrar o quê? Parece que já o vi em São Vicente. Sabe, saio pouco... — "Que houve entre nós de especial para se sair com esta?" Olhou para o rosto do homem que chegava com as credenciais duma recordação comum. "Ah! Já sei! Não é possível fingir", pensou ela. "Mas aquilo foi sem intenção, uma aventura sem conseqüências. Um momento de abandono e nada mais." Miguel Alves sacudiu um dedo no ar, e disse com um sorriso, e num tom de cordial recriminação:

-a mim me parece que fugia de mim em São Vicente. Esteve sempre em São Vicente durante as suas férias?

— Estive um mês na praia. — "Que perseguição!" O resto das férias passeia-as em São Vicente. A minha família está repartida, uns para um lado, outros para outro.

...Mas fugir por quê? Por que havia de fugir? Que idéia!

Um riso através dos dentes. Uma mirada ao homem das recordações. Todas as vezes que sentia o olhar da rapariga, Miguel Alves agitava-se.

— Gostaria que aquela viagem fosse longa, longa... Não me importava que nunca acabasse. — Espantou-se de se ver tão audacioso.

Todavia enrubescou extraordinariamente, e teve de apertar os lábios para umedecer a língua e a garganta.

— Jesus! Que tragédia! Uma viagem sem fim é um naufrágio...

— Por favor! Nada de confusões. É uma figura de retórica...

— Que viagem, senhor? Não sei o que quer dizer. O senhor está a atrapalhar-me...

Miguel Alves fitou a professora sinceramente surpreendido. Estaria ela a representar ou a falar a sério? Pensou: "Fazes é fita, mas a mim não me comes na pinha".

— Já não se lembra daquela viagem no canal, durante a noite? A bordo do cúter Grinalda? Foi há tão pouco tempo... Esquece assim tão depressa? Foi no fim do ano letivo...

"Indelicado! Desastrado é o que ele é!" Tinha a voz trêmula. Maria Alice começou a inquietar-se. Deitou água na fervura:

— Ah! — e fez um gesto vago. — Nem me lembrava já. Estava tão longe de pensar... Que viagem tão aborrecida, não acabava nunca!

— Quem me dera que nunca acabasse!

— Credo, senhor! Até parece uma praga! Se soubesse que medo tenho ao mar... Não sabe as orações que faço antes de entrar nos faluchos.

— Um naufrágio, sim, numa ilha desconhecida...

— Por amor de Deus! Acabe com isso! — Maria Alice virou-se para o aluno que, de pé, junto do quadro-preto esperava o veredicto:

— Então! Já acabaste? — com a vara de marmelo indicou um número errado. A ponta da vara tremia. — o quê, Maninho! Dize lá, quatro e seis quantos são?

— "Um naufrágio!", pensou. "Que vontade de rir..."

"Que não tivesse fim", ruminou Miguel Alves envolvendo a rapariga num olhar lascivo.

Maninho olhou para a professora e para o visitante (a entrada deste fora um grande alívio para a classe) e depois desviou o olhar para o canto do quarto, a pedir socorro ao Lulu, o deão da classe, que lhe fez um sinalzinho disfarçado.

— Quatro e seis... quatro e seis... — repetia Maninho. Se Lulu lhe não tivesse feito o sinal, com certeza Maninho chorava, como de costume. — Quatro e seis, oito.

— Mas reparando no olhar severo da professora: — Não, não. — Lulu mostrou todos os dedos das mãos. — Quatro e seis, dez...

-afinal, em que ficamos? Vá. Oito ou dez? Maria Alice começou a mostrar sinais de nervosismo e impaciência.

— Quatro e seis, dez — repetiu Maninho com firmeza.

— Meu Deus! Que tempo! Este suão põe-me a boca em feridas. Sufoca-me. Sinto a pele a arder... Olha lá, por que escreveste oito? Não tens vergonha deste senhor?

Ele veio cá só para ver se vocês sabem a lição, e afinal estás a fazer má figura. Pois claro, dez e não oito. Agora, para castigo, apaga o resultado e

faz tudo outra vez. Como já vai sendo tarde, vocês outros, meninos, podem ir-se embora. Lisa, tu ficas à espera do teu irmão.

Miguel Alves que, durante o interrogatório da professora, esteve matutando palavras, disse por despautério:

— Pelo que vejo você é muito rigorosa.

— Coitada de mim! Tenho uma paciência de santa. Também, são bonzinhos. Tenho pena deles todos. Alguns vêm de tão longe...

— Olhou de frente para o rosto barbudo do visitante. Este, sentindo-se objeto de observação, corou. Ela notou que os olhos dele eram oblíquos, esquivos, inquietos. Pareceu-lhe excessivamente tímido. Esta constatação tranqüilizou-a.

Para disfarçar o embaraço, Miguel Alves deixou a cadeira e foi-se sentar no mocho, ao lado da porta. Olhou ostensivamente à roda de si. Foi dizendo, brincalhão:

— Está bem instalada, sim, senhora. A renda deve ser puxa dote, mas paga o conforto.

— Não venha troçar do meu palácio.

Miguel Alves pensou: "Há parvos que abrem o bico e falam, falam, falam, nunca lhes falta assunto. Só dizem asneiras. Elas acham piada. Riem. Gostam de papagaios".

Sentiu um grande ódio aos papagaios. Porque os invejava.

— Então, Maninho? Faze um jeito, filho. Já não sabes o que sabias há bocado? Que é isso? Três e três?

— Três e três, seis.

— Escreve, então. Agora, oito e quatro?

— Oito e quatro? Oito e quatro? — enquanto repetia a pergunta os dedos de Maninho segredavam uns com os outros. — Oito e quatro, doze.

— Escreve, filho. E vai. .. um; um e três, quatro. Quatro e quatro?

Fruto a pedir dentada, ia pensando Miguel Alves. Ali, nesse descampado, onde não havia olhos que soubessem olhar para ela, que soubessem avaliar a riqueza da sua frescura, o valor daquele tesouro abandonado, e se deliciassem, como ele se deliciava nesse momento. Ela levantou-se, foi ao quadro, apagou um número e escreveu outro. O coração

de Miguel Alves palpitou. As coxas cheias, a cintura estreita, desventrada, as pernas torneadas com delicadeza e bem lançadas. Boas proporções.

Uma obra de arte. A saia curta e leve, um pouco transparente, muito justa em cima e solta embaixo, e a blusa caseira, ficavam-lhe tão bem! Tinha a cabeleira solta lançada para trás, presa de cada lado por dois ganchinhos, num à vontade de quem se acha longe da civilização. ("É capaz de se esquecer também de que a surpreendi assim, neste à vontade de alcova.") Sobretudo aqueles seios, que excitantes! Flor da idade. Nem maduros ainda, nem verdes já. Evocou a histórica noite a bordo do cúter Grindda, as mãos peregrinando, fazendo levantamentos topográficos naquele busto (talvez estivesse exagerando) que só nesse momento reconhecia maravilhoso, a aventura através daqueles braços macios, daquela nuca lisa, daquela cabeleira negra e desmanchada no abandono do enjôo, aqueles seios virgens e tesos, vibrantes como duas pilhas elétricas, a escuridão cúmplice, os seus olhos em alvo, onde as estrelas, vindas do céu picavam cintilações profundas e ardentes... Ficou-lhe a sede dessa água que levou aos lábios, mas não chegou a beber.

Tinha-a agora ali a dois passos. Era só ela consentir. Mas mostrava-se alheada, delicadamente esquiva, distante. Por quê?

Ah! Talvez por causa dos alunos. Não ficava bem...

— Eu estava pensando naquela noite — balbuciou com a voz presa na garganta, atabalhoadamente, quando os dois últimos alunos abandonaram a escola. — Nunca, nunca esqueci. — E num sorriso desajeitado que reconheceu inoportuno (mas não pôde evitar): — Fiquei loucamente apaixonado. Pode crer, Maria Al... Alice, 1... 1... loucamente... — Vieram-lhe lágrimas aos olhos; não conseguiu balbuciar mais nada.

Ela riu-se a contragosto, travando os entusiasmos:

— o senhor é engraçado. A troçar de mim. Deixe lá a história da tal noite. Que coisa, credo! Confesso, não me lembro de nada. Devia estar enjoada. Tenho medo do mar, já disse. Nem preciso lembrar-me. O que passou, passou. Sou tão enjoada que nunca me lembro do que se passa a bordo.

Quando estou no mar sou como uma morta. Que quer, agora, o senhor? Fale doutro assunto. Que teimoso que é...

Estava junto do quadro-preto, e ainda tinha a vara na mão. Miguel Alves abandonou o mocho e deu dois passos para ela.

Por quê? — perguntava a si mesmo. Por que essa barreira entre mulher e homem? Por que não se entendiam? Ele era um rapaz solitário, junto de quem as mulheres se retraíam. A mulher para ele era um problema difícil. Por quê? Por que seria? Mas ela estava agora ali a poucos passos dos seus braços, fruto saboroso que pedia dentes que o soubessem trincar.

— Mas por quê? — insistiu Miguel Alves, levantando as mãos numa súplica. Tem assim tanta raiva de mim? — Ficou pregado no chão sem saber que fazer dos pés e das mãos. Mas tinha agora qualquer coisa de tão inquietante nos olhos que ela, sem querer, deixou cair a vara.

E ele a insistir. — Diga lá. Foi por causa da tal noite que o senhor veio cá? Isso não se faz. Não fique zangado. Estou sozinha, o senhor compreende... E já se vai fazendo tarde, e o senhor aqui dentro...

Miguel Alves deu outro passo para ela, estendeu os braços, tentou falar:

— Ó Maria Ali... — tinha a garganta seca. Ela esquivou-se. Antes que alcançasse a porta, Miguel Alves agarrou-a. Encostou-a à parede. Envolveu-a nos braços.

Ela debateu-se em silêncio. Beijou-a no ombro, no rosto. E quando a boca dela se voltou, entreaberta, como que tomada duma surpresa inebriante, pousou nela os lábios trêmulos.

— Não, não, vá-se embora. Não seja bruto — lembrou-se, de repente, da fúria tresloucada desse homem naquela madrugada a bordo do Grinalda. — Vá-se embora repetiu empurrando-o com violência. Fugiu para o terreiro. — meu Deus, este suão mata-me. Vá-se embora, vá-se embora, por favor. E Nhá Gaída que não aparece...

Quando Miguel Alves abandonou a escola, Maria Alice sentou-se, ofegante e desolada, no muro do terreiro. Uma inquietação, uma espécie de medo frenético acompanhou-a o resto da tarde. A solidão pareceu-lhe maior que a dos outros dias. Ficou olhando o Miguel Alves a distanciar-se, sobre a

toalha verde e agitada dos milharais, cada vez mais pequeno, mais pequeno, sem virar o rosto uma só vez, o guia adiante e a mula, a passo, atrás. Desapareceram num córrego, apareceram na outra margem, tornaram a desaparecer numa depressão de terreno e a reaparecer no morro distante, cada vez mais pequenos, até se sumirem definitivamente. Ia se ver atrapalhado por esses cabeços, coitado! Que horríveis, de noite, esses ermos, esses píncaros solitários envolvidos de treva e vento, essas gargantas estreitas entre rochas cortadas a pique onde os ventos uivam, esses caminhos íngremes e escorregadios, onde a morte espreita a cada passo. Forte estupidez e atrevimento! — pensou, reconsiderando.

Que veio cá fazer? Naturalmente dormir com ela! Tudo fácil, aos homens. É duma pessoa se rir, para não reventar de indignação.

No entanto... como desejava que entre homem e mulher não houvesse tal chama a arder, tal abismo de luta, incompreensão e violência. Que fossem camaradas, sinceramente, simplesmente camaradas. Não se enclavinhassem de ódio e febre.

Calma e confiança mútua. Se assim fosse, se assim pudesse ser... Viria varrer-lhe um pouco, nesse momento, a miserável tristeza da sua vida, na solidão deste descampado. Como um bom amigo, como um irmão. Que todo o mundo achasse natural. Que ele também achasse natural. Mas não! Veio como inimigo. Veio para a rebaixar, para a ferir. Porque entre homem e mulher era isso: um punhal e uma ferida. "Fiquei loucamente apaixonado." Engraçados. Loucamente apaixonado, um punhal escondido para ferir, e, como um assassino, esgueirar-se pela porta, cosido com a noite, e fugir. "Nhá Gaída demora-se tanto. Meu Deus, este vento sufoca, rasga-me a pele como uma porção de facas finas. Que horror de tempo!..." A tarde morria vermelhusca. Maria Alice correu para dentro, sufocada. O vento redemoinhava no terreiro, dançava junto da porta e entrava, perseguindo-a. Atirava-se a ela, picava-lhe a epiderme como mãos ásperas e febricitantes de homem loucamente apaixonado. Deixou-se ficar, tonta, a um canto, com a impressão de que vertia sangue de mil pequenas chagas. De braços cruzados sobre os seios, aproximou-se da porta. Olhou na direção do ponto onde Miguel Alves desaparecera. "Ele veio só por mim", disse, virada para as

montanhas roxas. Repetiu: "Veio só por mim..." e riu um riso enxuto, inexpressivo.

Deu um passo para dentro, encostou o batente, correu o trinco. Dirigiu-se para o quarto, afastou a cortina e entrou. Sentiu a cabeça tonta, vertigens. De pé, no meio do quarto, e ao lado do catre, começou a despir-se. Foi atirando com as roupas para um mocho, até ficar nua. Desejou um espelho para se mirar toda. Esse corpo, até hoje, tinha sido só dela. Carne procurada e nunca achada por nenhum homem. Atirou-se para cima do catre. Era, também, a rapariga solitária. A professora abandonada no morro do Norte de Meio. Um calafrio de ódio percorreu-lhe a espinha, envolveu-lhe o coração como uma onda de sensualidade frustrada. Alguém bateu à porta. Pancadas de mão aberta. "Eh, Nhá Maria Alice!" Era Nhá Gaída. Levantou-se.

— Lá vou, Nhá Gaída. Um instantinho. — Vestiu-se a correr. Limpou uma lágrima e caminhou para a porta.

Por essa altura do ano, as restrições eram severas. Um litro de milho, que devia sobejar para o guisado do dia seguinte, uma mãozinha de feijão, uns picadinhos de cebola e uma medida magra de banha — tal era a composição da cachupa da família. Jantaram, como de costume, antes do sol cambar. José da Cruz caminhou para baixo, direito ao patamar, ruma de pedras situadas no alto da Covoada. De pé, sobre o patamar, donde a vista abrangia a maior parte das suas propriedades, o lavrador de Nhô Álvaro, mordendo o canhoto, os punhos cerrados, os braços cruzados sobre o peito seminu e a expressão dura, deixou-se ficar, imóvel, o resto da tarde, recebendo o vento ardente do deserto africano, observando a implacável destruição das esperanças dos homens. O sol, rubro e sereno, manteve-se uns momentos em equilíbrio na linha do horizonte. Como roda de fogo, ao topar um pântano no caminho, mergulhou lentamente, até desaparecer. Sob o céu ensangüentado, a lestada devorava a superfície verde dos campos. A princípio a crosta, as folhas e as películas de revestimento dos caules, depois o interior dos rebentos — a parte superior dos pés de milho perdiam a elasticidade — até alcançar a estrutura do caule. O vento ardente descia das montanhas, como se as portas do inferno ficassem para esses lados. Varria a

superfície dos campos cobertos de verde viçoso. Por onde passava, deixava manchas de amarelo-torrado, folhas doiradas dançando nos ares e um cheiro irrespirável a pimenta em pó. Os milharais agitavam-se aflitivamente, como pedindo socorro aos homens. Os feijoeiros e as aboboreiras, desamparados, acenavam os compridos caules quase despídos de folhas. Estas eram continuamente arrancadas e levadas no turbilhão. Redemoinhos de poeira vermelha dançavam a sua dança de roda, aqui e ali.

José da Cruz assistia, impotente, à desintegração irremediável. Onde estava, podia observar o vizinho Manuelinho, plantado, como espantalho, no terreiro da sua casa onde, dois dias antes, à claridade da lua, estivera tocando viola entre raparigas cantadeiras; e, mais abaixo, o compadre João Felícia, encarapitado num lombo de terra perto da sua casa. Entre as piteiras, na curva do caminho no alto da assomada, a viúva Aninhas sacudiu os braços como os feijoeiros e as aboboreiras. Quando a noite desceu e o espetáculo se sumiu na escuridão, José da Cruz desceu do patamar e encaminhou-se para casa.

— Temos lestada, Zepa — disse, quando chegou ao terreiro. Zepa e os meninos tinham-se refugiado no quarto.

Entrou e fechou a porta. Repetiu:

— Temos lestada, Zepa. — Esta saiu do quarto, parou diante do marido com a ponta do xale a proteger o nariz.

— Vento tá ruim deveras — comentou ela.

— Se vento não vira de rumo esta noite, amanhã só encontramos palha seca.

Zepa acendeu o cangabaixo — sementes de purgueira enfiadas num espeto —, introduziu a extremidade num interstício da parede.

As velas de óleo de purgueira manipuladas por ela, e os sabões esféricos que ela fabricava com óleo de purgueira e cinza de bananeira, guardava-as numa pequena tarimba suspensa do teto, no quarto de dormir.

As velas, assim como as colheres de alumínio e os dois pratos de folha, destinavam-se às grandes ocasiões. Zepa era econômica e previdente. O cangabaixo espalhava um círculo de luz tão tênue que as paredes, sem reboco, ficavam mergulhadas nas trevas.

— Tá boa altura de poupar os fósforos — disse Zepa depois de acender o cangabaixo. — Mas não posso meter-me neste tempo pra ir à cozinha buscar um tição. — Sentou-se no mocho ao lado da mesa e continuou noutro tom: Virgem Santíssima há de olhar pra seus filhos. Océ lembra que tem quatro ou cinco anos teve um princípio de lestada que quase não fez mal na plantação, ocê lembra? Veio chuva dois dias depois, e tudo virou melhor do que dantes. Foi naquele ano de fartura, que nós não tivemos tambaque pra tanto milho e feijão.

— Não é um princípio de lestada. É lestada mesmo. Zepa olhou para ele com estranheza como se tivesse um desconhecido diante dela. Notou-lhe as faces chupadas e cheias de vincos, olhos apagados nas órbitas, o ar cansado e abatido.

A claridade frouxa do cangabaixo chegava até ele como se tocasse o morouço dum outro mundo.

— Tenho medo da água secar na nascente — murmurou ele.

"Tenho medo." Zepa não se lembrava de ter ouvido o marido pronunciar essas palavras. Não eram palavras da sua boca. Viu-lhe tirar o canhoto da boca. José da Cruz acrescentou, como para varrer a impressão deixada no espírito da mulher — e a sua verdadeira voz reapareceu:

— Amanhã meto picareta até rocha viva. Não deixo a nascente secar.

Era a luta. A luta braba que começava. Contra os elementos negativos. Contra os inimigos do homem. A luta silenciosa, de vida ou de morte. Introduzia-se primeiro no entendimento. Depois, entrava no sangue e no peito. O homem tornava-se a força contrária às forças da natureza. Por um mandato de Deus, o homem lutava contra os próprios desígnios de Deus. Dava toda a vontade e a sua força. Não podia fazer mais nada. O que está acima da força do homem não pertence aos seus domínios. O homem tinha uma medida. Chuva, vento e sol estavam fora dessa medida, e o homem não se podia incriminar pelo que sucedia fora da sua medida. Os desígnios de Deus eram superiores à vontade dos homens, mas o dever do homem era lutar mesmo contra esses desígnios.

Lá dentro, atrás do esteirado de cariço que servia de divisória, os meninos dormiam. José da Cruz ergueu-se e foi pegar o canhoto na chama do cangabaixo . A pequena chama sacudida pelo vento que entrava pelos interstícios das paredes e pelas frinchas das janelas, que começavam a dilatar sob a ação do suão, passava de semente para semente com dificuldade, e quase se consumia nos intervalos. Zepa acendera também o seu canhotinho, e chupava no pipo roído, sentada no mocho, toda dobrada para diante como se estivesse rezando.

— Se eu tenho podido arranjar mais um saquinho de lã — disse ela tirando o canhotinho da boca — aproveitava agora Nhô Silvestre que dizem que tá pra estas bandas com o seu tear. Vamos passar mais uma internada sem a manta pros meninos.

José da Cruz aproximou-seda porta e ficou escutando.

— Como se eu tivesse ouvido alguma coisa — resmungou.

Lá fora era só vento uivando e rasando os milharais. Queimando implacavelmente, exterminando sem piedade. A canseira dos homens, o suor dos homens, na mão reversado destino. O lavrador, com a orelha colada à porta, visionou o quadro. As plantas miseravelmente sacudidas, as folhas arrancadas juncando o chão, os milheiros torcidos pela base, as aboboreiras e os feijoeiros abanando os compridos e delgados braços, pedaços de plantas levadas ladeira abaixo. O vento insinuava-se, ardente, nas frinchas da porta. A porta matraqueava no caixilho e gemia. A chama do cangabaixo mal se sustinha nas sementes, assoprada de todos os lados. O madeirame estalava como navio velho.

— Vem aí gente — exclamou José da Cruz. Deu um puxão ao batente. Uma lufada de ar fervente entrou como uma língua de fogo, apagando o cangabaixo. Escrutou as trevas.

Ninguém. Tornou a fechar a porta.

— Foi mesma coisa passos de gente — explicou virando-se para a mulher. Seriam os frutos verdes caindo da papaieira. Que dor de alma, as papaias caindo, verdes ainda, como meninos de peito arrancados aos braços da mãe. A lua devia nascer mais uma hora, e então iria ver o que estava acontecendo lá fora.

Através das frinchas das portas dilatadas pelo suão pareceu-lhe ver um clarão, como de relâmpago que acendesse na noite negra o seu fogacho esverdeado. Se era relâmpago é porque o tempo estava de chuva!

— Não viste, Zepa, como se fosse relâmpago?

— Vi, exatamente relâmpago.

Se o tempo estava de chuva, então, Senhor, então, Senhor...

Trêmulo e rápido deitou a mão à tranca e, pela segunda vez, puxou o batente. Alguém, de pé, no terreiro, assentou o foco duma lâmpada elétrica contra ele.

— Sou eu. Miguel Alves — essas palavras foram pronunciadas com a voz rouca e suplicante.

— Ah! — fez José da Cruz com os olhos encandeados.

— Que faz ocê praí a esta hora? Ocê entre, Nhô Miguel.

Ó Zepa, acende a vela. Nhô Miguel, ocê empreste o seu fósforo. Toda a vez que a gente abre a porta a vela apaga. Espere aí um pedacinho. Toma, Zepa, acende a vela.

— A mulher tomou a caixa de fósforos e entrou no quarto à cata duma vela. José da Cruz tremia de emoção. — Eu pensava que fosse relâmpago, Nhô Miguel. Eu pensava que fosse relâmpago. Nhinhô não tá aí? Ó Nhinhô! Foi mesma coisa relâmpago...

Saiu para o terreiro. Miguel Alves acendeu e apagou, tornou a acender e a apagar a lâmpada. O lavrador pôde observar os pés de milho da ourela da casa, esguedelhados, sacudindo os caules que, sem viço, vergavam para o chão. Nhinhô amarrou a mula atrás da casa, num recanto abrigado. Zepa acendeu a vela e entraram. Um rabo de vento entrou atrás deles e apagou a vela antes que José da Cruz tivesse tempo de fechar a porta. Zepa riscou outro fósforo. A chama subiu meio palmo acima da vela, derramou uma claridade de festa. Baratas luzidias, até então invisíveis, deslizaram, inquietas, entre as pedras das paredes, e manchas de sombra dançaram rebolando-seno pavimento térreo.

— Boa noite, Nhá Zepa — cumprimentou Nhinhô puxando o boné e coçando o toutiço. — Tempo desgraçado, Nhô Isé. Não me lembro de ver com estes olhos lestada assim.

É uma desconsolação andar nestes caminhos. Quando passamos pra baixo era uma coisa, agora é outra.

— E lá pra Cidrão?

— Não chegamos lá. Mas é tempo ruim pra todos. Miguel Alves arrastava os pés, alquebrado. Era um farrapo de pé. Sentou-seno banco comprido, apoiou as costas à mesa, estendeu as pernas. Nada daquele ar de chefe dessa manhã. Aquele ar decidido e próspero de comprador de terras, de construtor de tanques de cimento e explorador de nascentes. Parecia ter perdido a personalidade nesses caminhos varridos pelo harmatão. Pendeu a cabeça para diante, o queixo apoiado ao peito, como um bêbado. Permaneceu assim, e sem proferir uma palavra, durante quase meia hora. O guia falava por ele.

— Escuro apanhou nós no caminho e resolvemos vir a Terra-negra esperar até a lua nascer. A mula tá com um desaforo que ninguém pode com ela. Parece que viu espírito ruim.

Se eu não vinha pegado na rédea, tinha corrido pra fora do caminho por esses campos com Nhô Miguel de riba. Já podíamos estar a descer a bordeira da Ribeira das Patas, mas o estupor do bicho deu bastante que fazer, dois passos pra diante um pra trás. E Nhô Alve não entende ela.

Zepa, que tinha escondido o canhotinho, voltara a sentar-seno seu mocho junto da mesa, donde observava o visitante. "Era gente fina esse homem. Uma jornada põe-lhes mais mortos que vivos. Este é ainda mais fino que os rapazes das Ribeiras." Notou que ele tinha os olhos mortiços, e respirava com dificuldade. Tempo não estava tão ruim que pusesse um homem nessa figura.

— Ocês podiam ter pernoitado na casa de Nhô Serafim e esperar a manhãzinha — disse José da Cruz. — Este tempo não tá dum cristão andar por estes caminhos de noite, principalmente quem não tá acostumado. Melhor é ocês esperar. Eu arranjo uma esteira e uma manta pra Nhô Miguel. É melhor do que desarvorar assim nesse vento. Tenho uns sacos vazios que podem servir pra ti. Metemos a mula no curral das vacas bem amarrada, lá tem um bocado de palha. O bicho depois de comer e descansar sossega o

esprito. Ocês vão na fresquidão da manhana, porque o tempo vai serenar com certeza durante a noite, depois da lua subir um bocado.

Nhinhô era um rapaz ossudo e rijo; camisa esfarrapada sobre a pele, calças de caqui sovadas, moço de recados, moço de jornadas, acostumado ao frio e ao sol, uma mala ao ombro, pé a caminho sob qualquer tempo e a qualquer hora do dia e da noite, à chuva, sob o chicote cortante do nordeste de fevereiro, era só tocar-lhe com o dedo e dizer-lhe: "Vamos embora". Era-lhe indiferente a lua ou a escuridão, o sol ou a chuva; pagassem-lhe a jornada,

que o resto não importava.

— Aquela estupora não tem falta de comida. Tem a barriga cheia, de tanto meter os dentes nos milhos do caminho. Naturalmente é força de comida que a tem desaforada.

— Um descanso faz bem — insistiu José da Cruz. Mesmo mula é um bicho que não gosta de tempo reverso...

Miguel Alves pareceu despertar. Traçou um gesto impaciente com as mãos, como se cancelasse toda a conversa:

— Não, senhor. Ninguém fica. Vamos mas é já, se a lua já nasceu. Vai lá ver, rapaz. — Tinha horror aos percevejos e às baratas.

Viu-as brilhando nas paredes escuras, desaparecendo e reaparecendo entre as pedras; e percevejos haveria ali aos milhares, com certeza. — Não quero estar mais nesta fornalha.

— A lua ainda demora um nadinha — interpôs-se José da Cruz. Queria que o visitante se demorasse, serenasse, para conversarem.

— Na madrugada o tempo vai virar. Este vento não agüenta mais que duas horas. Não é nada sabe andar estes caminhos numa noite de lestada.

— Ele não quer. Quer mas é chegar depressa na sua casa. Ele fez uma casa, pequenininha, um quarto só, mas sabinha deveras.

— É deveras que o qu'ê dos outros não vale o qu'ê nosso — acudiu Zepa ansiosa por ver o visitante pelas costas. E como a chama da vela começasse a encurtar e a escurecer, levantou-se e arrancou o morrão com os

dedos, lançando-o para um canto. A chama alteou de novo a quase um palmo de altura.

Zepa voltou ao seu lugar e, olhando de esguelha para Miguel Alves, acrescentou com indiferença:

— Ele há de fazer uma casinha pra estas bandas também, pra vir passar o tempo das colheitas...

José da Cruz notou que o comprador de terras, apesar da sua imobilidade, se impacientava. "Tem homens parecidos com as mulas; tempo assim mexe-lhes com os nervos. Cada um sofre a lestada da sua moda." Por isso era preciso muito cuidado, porque a lestada podia dar zanga a esse homem.

E não convinha fazer zangar o homem que vinha explorar a nascente e construir o tanque de cimento.

— Ocê há de ver, quando comprar a Covoada e a nascente, que este lugar é convidativo, mais convidativo até que Ribeira das Patas — disse José da Cruz com doçura, envolvendo o forasteiro num olhar interrogativo. — A nascente bem explorada, uma levada de cimento — não é preciso ser muito larga, bastam três dedos — regadio na Covoada, fica mesma coisa Ribeira do Paul, ou oxalá. Ocê conhece a Ribeira do Paul? — Fez uma pausa para obter a resposta, mas vendo que o visitante nada dizia, prosseguiu:

— Ocê não encontra lugar mais saudável que este no chão do norte.

Mesmo quem tem regadio tem verdura garantida. Eu se tivesse com quê, como ocê, punha olho no regadio. Assim, quando sequeiro não dá, regadio é garantia.

Mas ocê deve comprar também um bom sequeiro. Dá quatro meses de descanso e um lavrador tem tempo pra outros trabalhos. Também não falta onde encher o tempo...

Ocê não foi ver sequeiro pras bandas de baixo pra comprar?

— Ele não quis — esclareceu o guia. — Disse que fica fora de mão. Mesmo depois que ele saiu da escola o tempo começou a piorar, e ele não veio nada bom. Nem todo o homem agüenta lestada...

— Assim como assim eu podia dar fala ao compadre Filomeno. Ele quer desfazer-se dum pedaço pra pagar décima. A questão é escolher um pedaço bom. Fica dentro de mão, ocês vão passar lá. Terra boa e frescal, cai sempre um orvalho naqueles ribados mesmo quando a chuva não chega lá.

E então com um pedaço de sequeiro e um regadio bem explorado um homem vai atamancando. — Virou-se decididamente para Miguel Alves: — Posso dar uma falinha ao compadre Filomeno se ocê quiser. Na plamanhãzinha

ocê pode ver. Nhinhô sabe, mas vou na companhia até lá.

— Não quero saber de nada — exclamou Miguel Alves, irritado com o palavreado. — Já disse. De nada disto. Uma vez a Cascais... — Acrescentou assestando os olhinhos piscos em José da Cruz: — Como! Foi só por causa da tal noite que o senhor?... — Interrompeu-se embaraçado, e não disse mais nada...

Zepa e José da Cruz viraram-separa ele surpreendidos. Nhinhô, que acabara de cerrar os olhos tentando um soninho, abriu-os com indiferença, e tornou a fechá-los.

No silêncio que se seguiu por uns momentos, ouviu-se lá fora o esgrimir dos caules dos milhos, o tamborilar das folhas projetadas contra a porta. O vento redemoinhava ao redor da casa como se procurasse uma abertura para entrar.

— Qual noite? — perguntou José da Cruz docemente.

— vou daqui assado — gemeu Miguel Alves alçando o busto que se achava apoiado ao rebordo da mesa. — Nunca vi um tempo destes em toda a minha vida. É pra bichos.

Pra bichos. Foi preciso eu vir cá. Não quero saber de comprar nada, nem aqui, nem acolá. Nhô Álvaro que fique com a sua nascente e sua Covoada. Tudo isto é muito bonito mas não nasci pra estopadas.

E pronto. Ó rapaz, vai ver se a lua já nasceu!

Zepa, metendo a sua colherada, disse um pouco desabridamente:

— Credo! Vento destes é coisa ruim que vem no ar de tempo. É uma ou duas vez só na vida duma criatura. Despeitada, deitou-lhe uma mirada de desprezo. "Tu vieste mal mandado", pensou. "Vieste contra nós.

Contra o Isé, contra os meus filhos, contra mim, contra o que é nosso. Como este vento. Mas este vento é mais forte do que tu. Este vento vem contra nós, mas vem também contra ti. Antes assim. Antes este vento do que tu. Porque este vento corre contigo da Covoada." Assim pensava Zepa, de olhos postos nesse homem fino que vinha de longe para desinquietar a família.

— Um vento destes não mete medo a ninguém ajuntou José da Cruz sem pensar no que dizia. — Vento não come gente, sim, vento não come gente...

Mas Miguel Alves pegara solidamente a realidade. Tinha-a bem presa pelo rabo.

— Está decidido. Não se fala mais nisto. — E acrescentou liricamente: — Foi um sonho que se desfez. — Estava pensando noutra coisa que não em terras. Que compreendessem ou não, era lá com eles. E gritou para dentro de si, como se estivesse à boca dum poço vazio: "Sim. Foi só por causa da tal noite que vim..."

José da Cruz teimou:

— Homem quando pensa uma coisa vai até o fim. Océ não há de arrepender-se. — Enquanto falava, fixava o comprador de terras ansiosamente. — E deixe dizer a ocê: não sei como Nhô Álvaro resolveu desfazer-seda Covoada e da nascente. Ainda a última vez que esteve cá disse-me e foi na presença da Zepa que pode testemunhar: "Da Cruz, só uma falta grande me pode arrancar a Covoada das mãos".

— É verdade — corroborou a mulher — , não sei como é que ele resolveu vender a Covoada.

Nhinhô voltou da porta onde estivera a espreitar por uma frincha.

— Tem uma poeira no céu que parece lua que vai nascer — disse displicentemente enquanto se acocorava de novo sobre o saco de serapilheira que tinha estendido junto da parede.

— Vamos, então. Toca a preparar o bicho.

— Bastava uns cinco saquinhos de cimento e uma fornada de cal do forno de Nhô Lourenço de Nhinhá com arrifes de Santa Bárbara. Não precisava mais nada. Eu e mais dois homens, ali o compadre João Felícia e

Nhô Manuelinho descobríamos um braço d'água em menos de dez dias, eu digo ocê.

Coisa importante que ocê quer perder, e por pouco dinheiro! A levada vinha toda na beirinha, na beirinha, e ia despejar num tanque bem-feitinho, de pedra e cal

— Compadre João Felícia entende bem destas coisas, não conheço outro paredeiro como ele pr'aí — , assim braça a braça, e desta alturinha assim e pronto. Era só assentar pilares Covoada abaixo, e depois meter batata e mandioca e toda a planta que ocê quisesse.

Miguel Alves já se sentia irritado com a ladainha.

— Então, rapaz — volveu, obstinado, para o guia que não se mostrava disposto a abandonar a serapilheira enquanto não visse para que lado pendia a balança. — Vamos ou não vamos? É a segunda vez que te falo e não te mexes.

— Ocê espere um bocadinho, Nhô Alve. A lua não assomou ainda. — Não era preguiça. Por duas vezes José da Cruz deitara-lhe uma olhadela que significava: agüenta-te aí mais um bocadinho. — A lua não assomou ainda. É uma poeira só. — Além disso estava tonto de sono. Depositava grande confiança no poder de persuasão de José da Cruz. Ali mesmo onde estava passaria o resto da noite, assim, de cócoras. Mas se a coisa desse para andar, era andar.

José da Cruz pareceu ceder terreno:

— Eu se tivesse dinheiro... Um homem põe-se pr'aí a calafetar, a calafetar, e não dá um passo direito na vida...

— Deixa lá, Isé — acudiu a mulher em seu socorro. Começava a odiar o forasteiro, homem mais fino que os rapazes das Ribeiras.

— Não vês que ele não quer? Assim como assim...

Pelas frinchas da porta e das janelas, e pelos interstícios das paredes, a lestada continuava a introduzir o hálito ardente e apimentado; a comprida chama da vela era batida de todos os lados, girava à volta do morrão lançando para o teto espirais sacudidas de fumo negro. De vez em quando Zepa levantava-se, estendia o braço, arrancava o morrão que crescia

como cinza de charuto, e a chama reanimava-se, subindo para o alto como náufrago que fincasse os pés no fundo.

Miguel Alves tinha agora uma expressão de doçura no rosto; mostrou uma súbita serenidade no modo de lançar o olhar à roda.

Levou a mão à cabeça, penteou, com os dedos curvos, a cabeleira desgrenhada.

— Eu não quero dizer — explicou, como a contemporizar — que não venha a pensar melhor nisso. Sim, não quero dizer. Mas a verdade é que não posso. Não posso. Já disse: foi um sonho que se desfez. — Sentiu um grande alívio e, ao mesmo tempo, uma profunda tristeza. Não precisava dizer tudo, que diabo! Um homem não se põe a qualquer hora a abrir a porta do escondidinho da sua alma. Não o chateassem mais. Levantou-se, decidido. Nhinhô não teve outro remédio senão deixar o saco. Nhô José da Cruz saíra derrotado da luta com esse homem teimoso. O vento continuava uivando lá fora. Um punhado de poeira raspou numa das janelas como gotas de chuva. José da Cruz abriu a porta. A lua não era visível ainda, mas uma vaga claridade rósea manchava aqui e ali os morros do Ûtoral. Mais dez minutos e os caminhos estariam banhados de luar. Miguel Alves saiu para o terreiro encaixando o capacete. A vela apagou-se. "Que estopada!", exclamou Miguel Alves de si para si. "Esses descampados, a lestada queimando a pele do rosto e este luarzinho melancólico, cor de sangue, que se vê nos morros do litoral! Isto deprime. Vamos andando enquanto há coragem..." Ouviu a voz da mulher do lavrador a pedir-lhe fósforos. Estendeu-lhe a caixa.

— Ocê deixe tirar uns paus... O guia foi buscar a mula.

— Despacha-te, moço!

Zepa voltou para dentro e reapareceu embrulhada no xale. Ficou olhando do umbral, protegendo a boca e o nariz com a ponta do xale. Miguel Alves acendeu a lâmpada, girando-a ao redor.

Zepa e José da Cruz viram, numa rápida e trágica visão, os milhos martirizados, quase despidos de folhas, vergados para o solo. O fim duma batalha perdida. O guia trouxe a mula aparelhada. A lua começou apontando por cima das montanhas. Enquanto José da Cruz ajudava Miguel Alves a montar, ia-lhe dizendo:

— É um tempo ruim. Não é sempre assim — , Deus livrasse, não é sempre assim. Se ocê resolver é só avisar. Faça a sua combinação com Nhô Álvaro e mande dizer...

Miguel Alves escutava a voz que o perseguia: "Deixe lá a história da tal noite. Foi só por causa da tal noite que o senhor veio cá?! Não seja bruto. Vá-se embora, senhor..." Sim; foi por causa da tal noite. Um falucho no canal, uma mulher de cabelos soltos e carnes macias, e o céu estrelado nos seus olhos. Foi por causa da tal noite, sim. Mas para ele, Miguel Alves, o cúter Grinalda naufragou... Naufragou no meio das estrelas flutuantes, como uma ilusão de cristal que se estilhaçasse. Sem ilhas desconhecidas à vista. Só horizonte cerrado...

José da Cruz não conseguiu pregar olho. Foi uma noite de vigília. Às vezes o cansaço amolentava-lhe os músculos, a cabeça pesava-lhe. Quando ia a passar pelo sono uma pancada soava na janela, perto da cama. Despertava assarapantado. Soerguia-se de orelha à escuta. Eram as plantas despedaçadas que, antes de partirem, levadas pelo vento, deixavam um último sinal. Todo o madeirame crepitava como se um incêndio envolvesse a casa. O inferno abrira as suas portas e os anjos maus desceram para os campos, semeando labaredas com o seu hálito de fogo. O ar que circulava no interior da casa queimava os lábios, secava as narinas e a garganta, doía nos cantos dos olhos. A própria mesa, os bancos, os pés e o esteirado da cama gemiam sob o látigo do sono.

— Qu'ê qu'ocê tem? Onde ocê vai, Isé?

— Não tenho nada. Tempo de não sei que diga! resmungava ele deixando a cabeça tombar para trás. — As pancadas das plantas na janela é como batidura de gente. Nunca vi levante de lestada como este...

O milharal, ressequido, batido de rajadas soava como papel rasgado. Toda a noite o sentido de José da Cruz andou lá fora.

Ouviu o porco grunhir como se lhe tivessem

metido a faca no pescoço; depois, espaçadamente, berros abafados das cabras. Não estavam a gostar. Também ele não estava a gostar. "Um cristão faz o que está na sua alçada fazer, e vem um vento destes estramontar-lhe a vida." Como lhe pareceu que Zepa tinha pegado no sono

outra vez, levantou-se sem ruído para a não despertar, deixou a cama e foi direito à mesa, em busca do canhoto. Tirou o rolo de tabaco da algibeira, e, mesmo às escuras, picou um bocado e meteu no canhoto. Abriu a porta.

Era noite ainda, mas havia já sinais de desamparinho. Saiu para a rua, cerrando a porta atrás de si. A lua, no minguante, espalhava uma claridade suja. Pareceu-lhe distinguir no céu terroso detritos rodopiando, como papéis lançados ao vento. O ar era mais irrespirável do que nunca. José da Cruz entrou no funco, esgaravatou na cinza e trouxe uma brasa. Depois de acender o canhoto, voltou para o terreiro. Sentou-sena paredinha de pedra solta e deixou-se estar contemplando o espetáculo de destruição.

— Tempo de não sei que diga — murmurou de novo mordendo o pipo do canhoto. A madrugada ia clareando. A lua empalidecia sobre o oceano. Já podia observar os milhos da ourela da casa, quase despidos de folhas, torcidos pela base, estendidos no chão como se lhes tivesse passado por cima uma manada de bois selvagens. O vento redemoinhava, suspendia-os, sacudia-os com força até levar pedaços consigo. As duas papaieiras estavam despidas de folhas, e as papaias verdes espalhavam-se à volta dos troncos.

Num canto do terreiro jaziam folhas e caules de favonas, de feijoeiros, de batateiras, de milho. Redemoinhos de vento traziam mais folhas e iam lá depositá-las.

Um vulto de homem que passava no caminho parou junto das charuteiras, olhou para cima, meteu-se pelo atalho da Terra-negra e dirigiu-se para a casa de José da Cruz.

Era o João Felícia.

— Bom dia, compadre.

— Bom dia, compadre Felícia.

— É uma disgrácia, compadre. Nem chuva traz remédio já. E agora? Foi o que perguntei esta madrugada quando saí porta fora. E agora? Qu'ê qu'ocê me diz, compadre?

José da Cruz tirou o canhoto da boca. O seu coração enchia-sede coragem sempre que, nas más ocasiões, os homens que nele confiavam se lhe dirigiam. A firmeza de que ele necessitava para responder às dúvidas dos

outros dava-lhe extraordinária força de ânimo. E era com sinceridade que confiava na coragem que os outros, em tais circunstâncias, lhe transmitiam.

— Tem algum mal que não tem remédio na vida? Esta pergunta guardava uma meia resposta.

— Deus dá remédio pra tudo — respondeu-lhe João Felícia, e era esta a resposta que José da Cruz queria.

— Então tem remédio.

João Felícia levantou a cara para o céu.

— Quem tem filhos a criar tem pensar na cabeça, compadre Isé. Apertar lato na barriga é remédio?

— Também é remédio.

João Felícia era um homem sensível, de coração na mão. Tinha a mulher e três meninos. Como o Isé. Mas o seu coração era mais fraco. Desatou a soluçar. Vendo que o compadre não dizia mais nada, desceu pelo milharal destruído a caminho da casa.

Os flagelados

Leandro habituara-se à solidão do Campo Grande. Um ror de anos, oito talvez, desde os dez ou onze anos de idade, pastoreando gado — vacas, cabras, carneiros, de Nhô André da Ribeira das Patas e de outro proprietário do Altomira. Até então tinha tido muitos companheiros. Vinham e iam-se embora. Era uma vida de bicho aquela de lidar com bichos, no abandono das terras altas batidas pelos escaldantes raios do sol dos estios e pelos ventos cortantes das noites inverniais. Nem todos agüentavam muito tempo o silêncio daquela paisagem hostil. Os companheiros de Leandro renovavam-se com freqüência. Agora, eram o Luís, moço muito magro que passava os dias tremendo de frio, e o pai do Luís, Nhô Tiofinho, homem de grande bigode e poucas falas. Pai e filho revezavam-se de três em três dias. Leandro mantinha-seno seu posto, e só excepcionalmente se ausentava.

Afora os pastores, que viviam cada um para a sua banda, e as carregadeiras e homens levando adiante burricos de carga e que mal se distinguiam na lonjura, aqueles ermos eram despidos de gente. A área de pastagem que ele escolhera ficava arredada das rotas dos jornadeiros. Ele e os seus bichos vagueavam pelos córregos, entre cabeços ásperos do planalto inóspito. Nhô Tiofinho ou o filho só se lhe reuniam à tarde para a recolha do gado. De manhã, antes do nascer do sol, ele e um dos dois (o outro geralmente levava os queijos para a Ribeira das Patas e o Altomira, regressando três dias depois) mungiam as vacas e as cabras, depois do quê partia com a bicharada, deixando ao companheiro o encargo de fabricar os queijos. Em outras áreas do planalto, nas clareiras onde retângulos de verde ardido se escondiam entre blocos de granito descarnado, outros pastores guardavam o gado doutros donos.

Em toda a vasta e irregular extensão do Campo Grande reinava um silêncio ensolado que parecia abranger o mundo inteiro, só quebrado, aqui e ali, pelos mugidos e berros dos animais tresmalhados. As nuvens fugiam à desgarrada no céu pintado de anil; prendiam-se um instante às agulhas dos

penhascos mais elevados, deixavam-se rasgar sem se deterem mais que uns escassos segundos; e então, libertas, suas sombras despedaçadas atravessavam em doidas corridas o planalto de extremo a extremo, impelidas pelo vento que assobiava nas arestas das montanhas, transpunham os córregos secos, galgavam os montes cor de tijolo e os picos queimados e, num instante, rolavam para lá dos contrafortes do monte Trigo ou trepavam o áspero declive do Topo de Coroa, a montanha mais alta da ilha, onde descansavam uns minutos antes de se lançarem na grande aventura por sobre o largo mar.

Para Leandro, as nuvens eram o único espetáculo novo, no planalto. Traziam cada uma a sua fisionomia, mas ao mesmo tempo pareciam deixar-se amoldar pela imaginação do homem; dava-lhe gosto deitar-separa trás, e vê-las planar na amplidão azul, seguindo uma única direção, como se no espaço houvesse caminhos traçados por Deus, invisíveis para os homens. À noite, apagados os vestígios do desamparinho, as estrelas surgiam uma a uma, até que, em certa altura, inesperadamente, enchiam todo o céu. Estrelas sem fim, por toda a parte fervilhando, umas pálidas, outras dum vivo azul irrequieto e frio, algumas coloridas, Verde-rubras, rubro-verdes, explodindo na noite negra como fósforos de cor. Às vezes, quando o silêncio trepava a alturas infinitas, Leandro julgava ouvi-las crepitar, como lenha a arder, tão perto se achava delas.

Amava a solidão. Os homens eram-lhe indiferentes. Só queria bem ao pai, aos irmãos, à madrasta. Eram as únicas pessoas que se aproximavam dele sem reserva. Queria bem, também, ao seu cachorro castanho, o Picaroto, bicho feio, de pêlo hirsuto, mas de alma pura, e inteligente. Picaroto compreendia o seu dono, quase lhe percebia as palavras, seguia-o de rastos para toda a parte; quando o dono se atrapalhava nos caminhos — o que era muito raro e acontecia só nas noites de escuridão — tomava a dianteira e, de focinho no chão, livrava-o dos apuros.

O que Leandro amava de verdade eram as nuvens com os seus desenhos fantasmagóricos, as estrelas, as plantas silvestres, as aves que cruzavam, solitárias, os amplos céus, e as rochas — estas, suas

companheiras na solidão e suas protetoras. Quanto às mulheres — afora a madrasta que ele aceitava como uma segunda mãe — o que a respeito delas sentia não passava de produto do instinto: qualquer coisa de obscuro, alheio a qualquer juízo; não diferenciava as bonitas das feias, as novas das velhas, as magras das gordas, nunca se vira forçado à escolha. Nesse particular, só a ocasião poderia decidir sobre o que ele seria capaz de fazer.

Sentia-se feliz entre as montanhas e as nuvens, entre as carquejas rasteiras e as aves solitárias do céu. Conhecia os mais obscuros carreiros que cruzam o espigão montanhoso da ilha. Sabia, quando os trilhos dos caminhos se apagavam por efeito das intempéries, como acertar com a outra ponta. Era um nunca acabar de gargantas que iam ter a vários lugarejos ou a parte alguma; desfiladeiros, córregos, picos, ravinas, morros que separavam o planalto das terras declivosas dos campos lavrados do sul, para as bandas do canal de São Vicente, e do norte, nas vertentes opostas, conhecia-os a todos como aos dez dedos das suas mãos. Parava, olhava para o Topo de Coroa e determinava logo a posição em que se achava. Conhecia os sulcos perdidos que desapareciam bruscamente aqui e iam aparecer mais adiante. Poucos conheciam, como ele, os esconderijos das cabras bravas nos contrafortes, a oeste da ilha, e nas vertentes ravinosas, cavadas de abismos, do Topo de Coroa. Gostava de contar o episódio do caçador de São Vicente, homem bem equipado dos pés à cabeça, com roupa nova, polainas novas, sapatos a brilhar de graxa, e que trazia uma carabina, também de pouco uso e de grande alcance, a qual devia ter custado muito dinheiro. Depois duma manhã inteira de perseguição, conseguira isolar e encaminhar para um desfiladeiro uma bela cabra luzidia e musculosa, para que o caçador, postado à saída do desfiladeiro, a tivesse a jeito de disparar. O animal, vendo-se encurralado, com a única saída cercada, investiu desesperadamente contra o caçador que, tomado de pânico, e sem ânimo para puxar o gatilho, deixou cair a arma (que disparou ao chocar com o chão, ferindo-o numa perna), levantando os braços para o alto e fechando os olhos; o animal, cuja intenção era só fugir, arremeteu de cabeça baixa, pegou o pobre caçador pelas virilhas, levou-o a reboque como um farrapo, deixando-o cair uns metros adiante, à beira dum despenhadeiro, pondo-se

em fuga em seguida e desaparecendo num abrir e fechar de olhos. Deu a Leandro água pela barba descer com o pobre do homem ao Cidrão em busca de socorro.

Poucos homens se fizeram seus amigos. Notavam, logo à primeira vista, que ele era arisco, rancoroso, desconfiado. Raros mereceram a sua confiança; e estes tiveram sempre melhor sorte do que ele; de tempos a tempos separavam-se, abandonavam-no, esqueciam-no. Eram impelidos por destinos diversos, mais bafejados pela sorte, levados por benefícios que não chegavam até ele; contratados para as Ribeiras, atravessavam o canal, iam até São Vicente com negócios, ou metiam-se a pescadores no Tarrafal ao serviço da fábrica — encontravam trabalho com mais facilidade do que ele. A cicatriz que tinha no rosto nunca fora uma boa recomendação. Escolhera então a vida solitária de pastor. Mas, agora, os donos chamaram a si os seus bichos, receando os famintos e os ladrões, que têm especial preferência por carne fresca; com a lestada, e os primeiros assaltos, os campos foram-se despovoando do gado; os donos, à cautela, foram recolhendo os animais. Quando desceu o inverno, o Campo Grande estava completamente despovoado.

Havia uma história patética na sua vida. A história daquela cicatriz. A boca parecia rasgar-se, de modo sinistro e escarninho, até o lóbulo da orelha direita. Uma bocarra torta, estranha e inquietante que lhe desenhava um ricto cuja aparente significação não era tranqüilizadora. Quando descia ao Porto Novo, às Ribeiras, ao Tarrafal, ou parava em qualquer lugarejo, todo o mundo o fitava com desconfiança, observando aquela enorme boca torta, de lábios cerrados, como uma marca de Deus por crimes cometidos. Fartara-se de explicar, sempre a mesma história. Não tinha mais que nove anos de idade quando aquilo acontecera. (O que ele não sabia, precisamente, era que aquela racha no lado direito do rosto dividira a sua vida em duas partes desiguais; tão diferentes quão dissemelhantes eram o lado esquerdo e o lado direito da sua cara.) "Foi Nhô Felipe de Nhá Joninha de Ribeira dos Bodes, ocês tal-às-vez não conhecem, diabo dum homem bruto coma burromas um paz-d'alma, coitado!, antigo lavrador de Nhô Januar de Ribeira da Cruz que morreu dias há, Deus tenha sua alma na salvação. Ocês tal-às-vez tão a ver

qu'isto é obra de faca de trabalho, hã? Coitado daquele homem bateu com o rabo na cadeia — foi mandado pra São Gente — , passou bem mal, não teve culpa nada, mas eu não dizia que ele não teve culpa, só dizia não sei, não sei, porque fiquei com raiva dele, e eu era muito novo pra pensar na desgraça de cada um." Andavam os dois roçando goiabeira numa levada e lançando os ramos cortados para a ribanceira que descia até o leito do ribeiro quando, num movimento desajeitado, e para se não precipitar no declive, saltou a levada para a banda de dentro, no momento em que o facão girava na mão de Nhô Felipe, da direita para a esquerda, assim — "ocês tão a ver?" —, deitando um brilho de sol nos seus olhos. Foi só assim. História simples que ele contara milhares de vezes. Os que o ouviam faziam caretas de horror, fitavam-no cheios de dó e compreensão. O dó e o horror dos outros revoltavam-no. Virava as costas e esgueirava-se com desprezo, e, no fundo, desesperado. Ficava então na dúvida, se devia preferir que o lastimassem ou, ignorando a sua história, olhassem para ele desconfiados e receosos, como se estivessem diante dum assassino de profissão...

A lestadada não destruíra o pasto, embora, como um incêndio invisível, tivesse queimado a crosta das ervas, mais resistentes do que as plantas cultivadas. Mas, com o andar do tempo, surgiram os primeiros ladrões no planalto, os mesmos que parecem estar à espera do menor sinal de catástrofe para porem em evidência o seu instinto de rapina. Um ou outro pastor queixou-se de assaltos noturnos aos redis. Tomados de justificado receio, os donos dos gados começaram a ordenar o seu regresso. Um mês depois do vento maligno, Leandro ainda se encontrava no seu posto; foi quando Nhô Tiofinho veio com a incumbência de levar as duas vacas e as quatro cabras de Nhô Belmiro do Altomira. Já os pastos escasseavam nos campos. Não caíra uma gota de chuva que compensasse o mal que o vento causara, de modo que, nas áreas mais expostas ao sol, as pastagens foram murchando e secando irremediavelmente, tornando-se ralas e tomando a cor da cinza. com a chegada do inverno, o leite reduzira-se a meia dúzia de litros. Leandro, a quem o movimento do gado no Campo Grande não passava despercebido, viu os últimos rebanhos abandonarem o planalto, a caminho das terras do sul, do Cidrão, da Ribeira da Cruz e da Ribeira das Patas. Em

certos desfiladeiros das vertentes do sul, embora rala, havia ainda erva verde em abundância para os animais de Nhô André, como Leandro lhe mandara dizer. Mas Nhô André, finalmente, ordenou que ele descesse com todo o gado, sem demora.

Na Ribeira das Patas o filho de José da Cruz trabalhou uns dias com o José Viola, criado de Nhô André, no arranjo dos currais, nos preparos de regos para manivas de mandioca, no calafeto de nascentes e tanques. Sem outros afazeres — tempo ruim que não rendia trabalho! — subiu a bordeira, de novo, com o Picaroto no coice, de rabo entre as pernas, e meteu-se pelos campos despovoados do planalto, mais ermos agora do que nunca. Regressou ao seu elemento: a solidão. Ali tudo lhe era familiar.

E, assim, uma nova história se meteu na sua vida. Antecipadamente havia escondido numa gruta o cabrito chamuscado, uma dúzia de queijos e algumas peles de cabra e carneiro, e uma cabrinha viva, mãe do cabrito, amarrada a uma comprida corda. Mesmo que cegasse, acertaria com o esconderijo onde guardara os seus haveres. Para lá caminhou, numa tarde de vermelhão no céu, curvado sob o chicote do nordeste do inverno. Levou o búli de água e um surrão com dez litros de milho e um punhado de sal que lhe dera Nhô André em paga dos trabalhos realizados.

Quando chegou ao cume da bordeira, a noite tinha descido. Uma noite de negrume, fosca e agreste. Embrenhou-se nas trevas, calmo e senhor de si como se o seu anjo, bom ou negro, estivesse velando nas gargantas das montanhas. Foi então que as caravanas de mulheres, homens e burros, vindas de diversos pontos da ilha e que cruzavam a imencidade do planalto com negócios ou fornecimentos domésticos, começaram a ser atacadas por indivíduos disfarçados com peles de cabra, conhecidos por "mascarados".

Os mascarados viviam habitualmente nas altas montanhas. Eram vistos nas gargantas laterais ou nas arribas dos desfiladeiros inacessíveis, onde só as canhotas, os corvos e as nuvens pousam. Apareciam e desapareciam de surpresa, diante dos jornadeiros desprevenidos, e dir-se-iam feitos da mesma natureza das rochas e dos silêncios envolventes.

Em certa altura, correu o boato de que duas raparigas, que vinham do Tarrafal para o Cidrão, foram atacadas por um mascarado que desaparecera com um balaio que uma delas transportava. Afirmaram elas que tanto o homem como o cachorro cor de terra, que o acompanhava, desapareceram diante dos seus olhos como se fossem almas do outro mundo, ao meio-dia em ponto, hora em que as feiticeiras penteiam os emaranhados cabelos. Os mascarados são o flagelo dos lugares montanhosos e ermos, como os daninhos o são dos povoados e dos regadios das ribeiras. A estes últimos não é difícil dar caça.

Umhas noites de geada no lombo e muita paciência, olho fino para ver no escuro e boas canelas para correr e transpor obstáculos bastam. Quando caem nas mãos dum lavrador mais bruto ficam inchados de cacetadas, e são empurrados, quase inválidos, para o caminho. Aos mascarados, não é possível pôr-lhes as mãos de riba. As montanhas pertencem-lhes. Visam as vítimas a quilômetros de distância; têm tempo de se prepararem para a fuga ou para o ataque. Surgem de repente a dois passos da presa e, quando desaparecem, não deixam rastro. As montanhas não os denunciam.

A tantos de novembro houve breves períodos de calma intermitente. Um hálito de monção chegou a roçar, ao de leve, a ilha.

Raras zonas de chuvisco se formaram rapidamente nos intervalos de tempo que os alísios concederam. Grossas colunas de nuvens pesaram sobre a terra, vindas lentamente do sul. Sobre o mar choveu copiosamente, por vezes. Os rabos de água eram bem visíveis e causavam ansiedade e comoção em quem os contemplava. Cortinas de chuva, prateadas, aproximavam-se do litoral e, antes de tocarem a terra, desvaneciam-se ou faziam meia-volta, desenhando arabescos pálidos no mar.

O nordeste, de um momento para outro, varreu as nuvens em direção ao sul, e em poucas horas lançou as esperanças para lá da linha do horizonte. O sol secou logo a fina crosta da terra levemente umedecida. Foi o derradeiro sinal das águas.

Oh, nordeste, inimigo da chuva! Oh, nordeste, ventinho de feição para os navegantes! Oh, vento bom para quem vai mar em fora e deixa para trás a sua ilha!...

Trechos duma carta da Maria Alice para a irmã.

"25 de novembro de 19... A tua presença viria trazer-me um pouco de alegria e coragem, mas não venhas! Acabarias por perder a coragem e a alegria também. Começarias por ficar espantada e desolada de ver como as coisas mudaram tanto. As coisas e as pessoas. Virias passar mal, de espírito e de corpo, e voltarias doente, doente como estou de ver o que tenho visto. E o que tenho visto é que a desgraça talvez seja melhor suportada quando chega de imprevisto do que assim, aproximando-se devagar e inexoravelmente, com os passos arrastados do carrasco encarregado de nos passar o barão ao pescoço... Não queiras nunca ver. O medo pintado na cara de toda a gente, pais e mães de filhos principalmente, no terror da fome que a lestada, e agora a falta de chuva, ameaçam. Depois da lestada vieram os gafanhotos; não te contei? Vieram os gafanhotos, um nunca acabar de gafanhotos; ainda me arrepio toda quando penso neles, uns bicharocos vermelhos de quase um palmo de tamanho, com as asas brilhando ao sol como milhares de projéteis de metal, que desceram do céu, vindos não se sabe donde, provavelmente lançados nos espaços pelo vento leste que os arrebatou das zonas áridas do continente africano; dizem que os que caíram no mar, arrastados pela corrente para as praias do sul, se espalharam nos arcaís como mortos, mas apenas aquecidos pelo sol, levantaram vôo e seguiram o mesmo caminho dos outros. Invadiram os campos, e o que a lestada poupou, devoraram eles.

Roeram tudo o que encontraram ainda verde à superfície da terra, até as cascas das árvores... As mulheres velhas choram, sentadas nas soleiras das portas, porque o mundo vai acabar. Nunca viram lestada, gafanhotos e estiagem descerem ao mesmo tempo sobre a ilha, e afirmam que estas três calamidades juntas são o sinal do fim do mundo... Em resumo, os que têm a despensa cheia já começam a recear os que têm vazio

o estômago. Dizem que andam por aí salteadores vindos das montanhas. Ainda há dias assaltaram um pobre homem que trazia umas quartas de milho, deram-lhe tanta paulada que o iam matando, coitado.

Como a fome torna os homens tão maus! E tão bonzinhos que todos eles são quando Deus manda a chuva do céu!... Tenho só quatro alunos agora, filhos duns proprietários que moram perto da escola. Um deles é de Nhô Hilário, que já conheces, porque te levei uma ocasião a sua casa para conheceres a mulher. Vou mandar a Gaída ter com ele a ver se me arranja uma quarta de milho, pois estou completamente vazia de mantimentos. O que tinha para mim dei a umas pobres mães que me bateram à porta.

Tenho o estômago num estado lastimoso.

Quando penso na necessidade dos outros, sinto dores e vertigens como se fosse eu a sofrê-la. Vomito, às vezes, a pouca comida que como... Não calculas o que me tem contado uma velha, toda sumida num mandrião preto e grande saia arrastadeira tão comprida que, quando ela anda, levanta atrás de si a poeira do caminho e parece uma chaminé negra e esburacada deitando fumo por baixo. Esta tarde esteve cá. É a terceira vez que este estafermo me aparece em casa com mexericos e novidades de arrepiar os cabelos. Não falou muito porque lhe disse que estava doente. A primeira vez que veio cá narrou a história de um menino que o vento, durante a noite, arrebatara dos braços da mãe, e foi encontrado na manhã seguinte morto a balançar com um olho enfiado num ramo da alfarrobeira que se avista do terreiro da escola.

É uma mulherzinha muito feia que só sabe contar histórias feias. Pois, entrou-me pela porta dentro há dias, tão cheia de aflição e descrevendo cenas tão horríveis que se passam com esta pobre gente, que estive três noites sem dormir. Tenho mais medo dela que dos salteadores, podes crer; e ainda tremo dos sustos que me pregou esta tarde... Parece-me que vou pedir para voltar para São Vicente. Não posso continuar aqui enquanto a crise durar. Além disso, que faço eu nesta escola sem alunos?...

"Anos de boas águas! Santo André. Festa de Santo André no norte. Ocê não conhece? Tempo é frio, mas tem grogue. Bonitas espigas de milho.

Tome ocê uma espiga de milho assado. Veja ocê. Milho-leite. Milho cozido, uma pouquinha de sal. Temos também papa. Ocê com certeza nunca ouviu falar de papa de milho verde. Ocê vai experimentar papa de milho verde ralado, com leite, e diga depois se é de mangação. As cabras dão muito leite neste tempo, sabe ocê?, leite sem destino. Festa de Santo André no norte. Vamos dançar também. Morna é cura de reumatismo.

Roncam tambores nos terreiros, é uma tal trabuzana! Tocam violas e rabecas nos quartinhos térreos e nas casas assoalhadas.

Não faz mal se não tem rabeca. As raparigas cantam. Cantam e dançam, dançam e cantam. Ocê nunca ouviu as raparigas do norte cantar. É quando mostram que sabem cantar.

Abrem a goela, e então se não tem rabeca não faz mal. E Santo André está lá pra armar casamento. Mas é festa de todo o mundo, velhos e novos, bonitos e feios, brancos e pretos. Tum-tum-tum... de tambores que os homens levam e trazem, pelos atalhos, de casa em casa. Tum-tum-tum, a vir e a var. Ocê não fique espantado, nós dizemos a vir e a var por brincadeira. Mocinhas bebem leite se quiserem, os homens bebem grogue. Grogue é só pra homens. Mas tem moças que metem grogue no corpo coma homem. Vamos dançar a morna. Agora e logo e sempre que ocê quiser. Morna é cura de reumatismo. Serafim Jon, vamos todos ouvir cantar o Serafim Jon: "Saúde pá sé família, ó lé-lé, lé-lé-lé-lé..." As raparigas fazem baixão e batem as palmas. Agora ocê trate de botar um sorriso amável porque é pra ocê esta saúde. Contradança! Ó, meu Deus! Faz-me saudade a contradança. Mais do que a morna, sabe ocê? É a coisa mais bonita que o mundo deitou nesta terra. Minha gente! Agora é contradança! Ocê vem ver o que é saracotear. Velhos e novos vamos dançar a contradança. Tirem o canhoto da boca. Cada cavalheiro dá cinco tostões. Não há que refilar. É pra comprar grogue prós tocadores. Grogue tira canseira.

Tocador diz: "Contradança cansa". Grogue é seca-calor. Festa de Santo André no norte. Novembro. Anos de boas águas, anos de esmola de Deus. Este ano não tem Santo André...

Um homem deve ser governado. Se o ano tivesse sido de boas águas não faltariam batatas, feijão, milho verde, os meninos estariam

gordinhos, o porco a pedir faca, as cabras a abarrotar de leite, as galinhas pondo ovos onde quê no milharal e aparecendo com as ninhadas atrás.

Em lugar de chuva veio a lestada, depois da lestada os malditos gafanhotos vermelhos. Para coroar a desgraça não caíra uma gota de água depois das chuvadas de setembro.

Os campos pelaram pelados, a nascente dava pingos só, a cabra quase nada, as galinhas andando dum lado para outro atrás de Zepa, o porco grunhindo de manhã à noite.

Na caixa, o milho estava quase no fim, coisa para poucos dias. Portanto, "leva-se a cabra a vender, antes que aconteça o que aconteceu com a outra" que morrera uns dias atrás. Não havia nada a fazer. Vendê-la enquanto tinha as mamas a funcionar e saúde no corpo. Quando não há chuva não se faz cálculo da vida com o rabo sentado no banco. É ouvir o que diz o sentido na cabeça e obedecer logo, governar os dias consoante Deus vai mandando, e conforme o juízo de cada qual. Vendia-se a cabra, comprava-se milho e sal e um pouco de açúcar. E, a seguir, faca no pescoço do porco enquanto era tempo.

Na véspera, à noite, Zepa preparara a comida de caminho. Metade duma caldeira de papa-rolão e um búli de água. Muito cedo, estrelas no céu, a cavalo no burrico do compadre João Felícia, a cabra adiante recalcitrante, berrando e fugindo para a direita e para a esquerda, uma vara na mão a enxotá-la, José da Cruz sumiu-se no escuro, a caminho do Porto Novo; jornada para quase um dia inteiro, com aquele bichinho a desorientar os passos da alimária...

Quando o marido se afastou com a cabrinha de leite, adiante, Zepa sentou-seno esteirado da cama e chorou a sua cabrinha, o leite fresco, de pla-manhã, dos meninos todos os dias. Ficou assim lamuriando, como se lhe tivesse morrido um filho, até um pouco antes do nascer do sol. Quando viu claridade nas frestas da janela, levantou-se, abriu a porta e sentou-sena soleira. Dobrada e encolhida por causa do frio, observou o êxodo de homens, mulheres e crianças no caminho, abandonando os campos desolados, em direção às montanhas, atraídos pelos boatos da abertura dos trabalhos do Estado na Estrada dos Lajedos. Nos últimos dias os caminhos tinham

andado pejados de gente, como carreiros de formigas, numa única direção. Iam de esteira e sacos às costas, alguns com o pilão, e até paus de armação da casa. Era uma trupida de povo, principalmente de madrugada. Zepa vinha todas as manhãs ver passar gente. Ficava estonteada, sem palavras na boca o resto do dia. "Onde vai tanta gente, Jesus Cristo?!"

Que vão eles encontrar lá onde o seu sentido os leva?, perguntava de si para si, e sentia o vazio da desolação e do abandono cavar-secada vez mais à sua volta, e um desamparo de quem não tem onde fincar os pés. Para José da Cruz, todo aquele que passava esse caminho com a família atrás, de cara virada para as montanhas, estragava o rumo da vida. Cada homem tem o seu destino marcado, comentava. Ele fora hoje com a cabrinha a vender, mas voltaria ao seu posto. O posto de cada um era lá onde assentara os frechais do seu teto e armara as três pedras do fogareiro, e cozinhava a cachupa do dia-a-dia. Soltar os pés por esse mundo de Cristo, à toa, era perder a raiz e a marca do seu destino, com o nascer do sol, a romaria dos flagelados diminuía. Aguardavam o crepúsculo para retomar a marcha. Mas era de madrugada que a coragem pegava neles com mais gana e os atirava para as montanhas. Deixavam nos caminhos um zunzum pegado, de vozes e lamúrias, choros de meninos e queixumes de velhos e velhas.

Quando a meninada se levantou, Zepa voltou para dentro, desabafou a panela que estava sobre a mesa, cortou uma racha de papa fria para cada um. Tirou um bocadinho para si e levou-o à boca, mastigando sem gosto. A viúva Aninhas entrou no terreiro nessa altura, e assomou à porta, como se estivesse à espera que a vizinha mexesse na papa. Vinha toda curvada para diante, os braços cruzados no peito sobre o mandrião bamboleante, gemendo.

— A comadre deixe entrar um bocadinho, ui!

Zepa deitou-lhe uma mirada de esguelha e não disse nada. Ela foi entrando; aproximou-seda mesa.

— Ui, comadre! Uma dor de peito, dias-há. Não sei que moléstia eu tenho. Mundo quer matar um cristão antes de tempo. — O único dente da sua boca espreitava entre os beiços murchos. Enquanto os ombros

dançavam à roda do tronco, num balancear de sofrimento, não desfilava a panela destapada.

Zepa lançou-lhe outra olhadela de raiva; deu-lhe vontade de gritar: "Sai da minha vista, desavergonhada! Ninguém me tira da cabeça que foi ocê quem roubou a minha galinha de pescoço pelado!"

— Também sinto a boca do estômago a doer — continuou a viúva num tom de lamúria — como se eu tivesse engolido uma brasa de lume, ui! Eu digo ocê, comadre. Tou sem pitada de comida na minha casa. Milho acabou, feijão acabou, acabou sal e acabou açúcar, fep! Que é que uma pobre mulher vai fazer? Sem homem em casa, sem ninguém? Ui, comadre...

Zepa passou-lhe uma lasca de papa.

— Não tamos também muito fornecidos... com duas viradas da queixada mocha de dentes, a viúva deitou a papa para dentro. Esfregou as mãos no peito, como se o engolir lhe fosse penoso. Depois, reanimada, disse:

— Vi o Salta-pedra no caminho.

— Qu'ê que tá buscando esse malvado pr'ai? — perguntou Zepa, virando-se agora para ela com ar de desafio. "Ele não é pior qu'ocê", pensou. "Um mata e outro esfolá."

— Anda gordo então, aquela alma penada, e a cheirar carne, comadre, carne de capado, um ranço atrás dele como se estivesse pr'ai comendo capado cru. Ui, comadre; não posso fazer um jeito assim pra trás! Eu disse-lhe: "O povo a curtir falta, e ocê gordo coma porco no tempo das águas".

"Não tou gordo, Nhá Aninhas", respondeu aquele desavergonhado. "Tou mas é inchado. É moléstia." "Moléstia não engana vista, desgraçado. Eu queria só saber onde ocê vai buscar comida no meio duma carestia destas." Não lhe falei direito, comadre? Ele vinha das bandas de baixo com um saco às costas, a querer disfarçar. Quando botei os olhos pró saco e perguntei o que

tinha lá, desandou sem dizer ai nem Jesus.

Senti gana de correr atrás dele e arrancar-lhe o saco, nhara sim. Se ele não fosse uma alma penada tirava uma moinha do que levava — e não

devia ser pouca coisa — e estendia o que não lhe fazia falta a esta pobre viúva sem ninguém a quem estender a mão. Ocê não acha, comadre?

— Eu, soberba de fora — comentou Zepa batendo duas palmadinhas nas faces —, comida de saco de ladrão não entra na minha boca nem que eu esteja a morrer de fome.

Eu só queria saber quem foi que roubou a minha galinha de pescoço pelado, é só o que eu queria saber.

A viúva sentiu uma grande raiva remoer-lhe as entranhas.

— Diga ocê, comadre Zepa, se Leandro do compadre Isé apontasse agorinha assim com um sarrão de milho e peixe seco, ocê não tomava?

— O que queria é que Deus a ouvisse e trouxesse Leandro com um sarrão de milho e peixe seco.

— Ocê não ouviu dizer nada dele, comadre Zepa? perguntou a viúva Aninhas com os olhos a brilhar de contentamento.

— Há muito tempo não sabemos daquele moço. Ao menos passe pra saber como vai a familia nesta carestia.

— Ocê não sabe deveras o que sucedeu com ele?

— O que é que sucedeu com ele, comadre Aninhas? — balbuciou Zepa empalidecendo.

— É sobre aquele homem que amanheceu dado de pau. Eu já tinha contado a ocê. Pois o homem anda a dizer que foi Leandro de Nhô Isé e mais outro companheiro que lhe encheram o corpo de pau e lhe levaram o burro com um carregio de milho e peixe seco que trazia do Tarrafal para negócio.

O burro foi encontrado solto na borda do Campo Grande, mas do milho e do peixe seco, nem fumo nem mandado!

— Abrenúncio, mulher! O quê qu'ocê tá contando?!

— Tou vendendo pelo preço que comprei. O homem é que anda a dizer. Nome dele é Xixo, e mora no Cidrão, nas terras duma gente da Garça. É um bom homem, coitado, só metido no seu trabalho. Comadre vá lá, e pergunte como eu perguntei, qu'ele responde como me respondeu.

— Ocê cale a boca, por amor de Deus. Cale essa boca bem calada, mulher. Ocê é ingrata e de boca ruim. Vá pra sua casa. Nhossenhô livre ocê de contar esta história diante de Isé.

— Tou vendendo pelo preço que comprei, comadre Zepa. Tou avisando a comadre, porque tem muita boca ruim neste mundo.

— Você vá embora pra sua casa, de esmola! Quando passava pelas piteiras da viúva Aninhas, de regresso do Porto Novo, no dia seguinte já manhã alta, um cheiro a carne fresca deu-lhe no nariz. Seguiu a paredinha da propriedade, virou o burro para o terreiro e foi prendê-lo à papaieira. Não chamou pela Zepa, como de costume. Aliás a casa estava sem gente; deviam ter ido ao melador.

Correu direito ao chiqueiro. O porco tinha desaparecido. O cheiro a carne fresca era ali mais acentuado. Um dos lados da parede do chiqueiro tinha sido derribado, e um sulco de corpo arrastado seguia dessa abertura direito à cancela do curral. Ao entrar no curral deparou-se-lhe um montão de tripas e a cabeça, decepada, do porco coberta de sangue e envolvida de moscas — era o dízimo que o gatuno consciencioso deixara ao dono. José da Cruz permaneceu uns segundos sem palavra, atônito e abarafundado, de olhos fixos naquela ilusão desfeita — mais uma — das suas inúteis canseiras. Sentiu, de súbito, a sensação de queda num poço; levantou os braços como um náufrago e pôs-se a gritar desesperadamente:

— Desgraçados! Desgraçados! Levaram-no , levaram-no ! Ai, ai!... — As pernas vergaram-se-lhe, apoiou-se ao muro do curral, entontecido. A vista escureceu-lhe, e caiu desamparado.

Zepa encontrou-o a espumar pela boca, estendido de borco sobre a palha seca do curral. A viúva Aninhas apareceu em seguida de braços no ar. Manuelinho e a Chica, e, pouco depois, João Felícia e Nhá Concha com os meninos atrás vieram atraídos pelos gritos. Curiosos surgiram de todas as bandas. Levaram-no para o terreiro.

Ninguém tinha grogue, nem vinagre, nem plantas para um chá forte. Deram-lhe água a beber. Levaram Zepa para dentro; começara a vomitar e virara verde como se tivesse ingerido veneno.

José da Cruz voltou a sê estendido no terreiro, sobre a esteira. Alçou o busto e deixou-se ficar de cócoras, alheio à curiosidade dos vizinhos que o rodeavam, sem nenhum pejo de exhibir a sua fraqueza.

Trecho duma carta da Maria Alice:

"20 de dezembro...

...Não recebi a encomenda que tu e a mama me mandaram, como dizes na tua carta de 16 do corrente, pelo tal Antônio da Loia, de Fundão. Fizeste-me crescer a água na boca, Luísa. Sonhei duas noites com a carne assada, o peixe de escabeche e as torradas. Mandei saber do homem do Fundão, foi um custo dar com ele. Disse que roubaram a encomenda na balbúrdia do desembarque no Porto Novo, mas não foi capaz de passar pela escola para me dar uma satisfação. Disseram-me que é um vigarista, engana esta gente toda e rouba sempre que pode. Olha, não vale a pena mandarem encomendas. Nunca chegam ao destino, seja qual for o portador. Neste tempo ruim, tanto faz Antônio da Loia como qualquer outro. Homem na falta é diferente de homem na fartura. Não quero confundir o primeiro com o segundo, porque cheguei à conclusão de que um esquece o que o outro foi... Quem me vale aqui é Nhô Antoninho e, uma vez ou outra, Nhô Vidal Lima, que é também um proprietário bastante remediado.

Eles têm depósitos para milho e ervilha, não só tambores de ferro, como cisternas de cimento, diz o povo. Isto de cisternas acho que é lenda, pois ninguém afirma tê-las visto. O povo diz isso por achar mistério nunca acabar o milho em casa desses senhores. Por ocasião das colheitas compram o que podem, e guardam. É quando aparecem os negociantes doutras partes da ilha e de São Vicente, tontos no meio de tanta fartura como albacoras no meio de cardume de carapaus. Por umas quantas jardas de chita e algum garrafão de aguardente e uns patacos, levam navios cheios de milho debulhado, ou burros ajoujados de sacos. A fazenda é comprada em São Vicente e medida a metro e vendida aqui a jarda quase pelo dobro do preço, ou trocada por milho; assim, esses negociantes, além do lucro de aumento de preço da mercadoria e da desvalorização do milho, roubam ao povinho cerca de doze centímetros em cada metro de fazenda que vendem. Alguns lavradores, por esperteza, vendem o milho a dinheiro e vão adquirir a fazenda no Porto Novo; mas isso não deixa de ser mau negócio porque a colheita já é vendida ao desbarato... O milho e a ervilha são guardados em cilindros de esteirado de cana de cariço, que se chamam tambaques, ou em armazéns de pedra solta cobertos de palha, ou no sobradinho também de

esteirado, ou tarimba, como lhe chamam, à mercê de ratos e gorgulhos, e umidade. Retiram o suficiente para a alimentação durante o ano e para a sementeira. O resto é vendido, quero dizer, é-lhes arrebatado pelos negociantes. Mas, afinal, nem todos guardam parte da colheita até à próxima época. Desses não vale a pena falar; os caminhos andam cheios deles. Esta pobre gente, como vês, parece que vive às prestações anuais, cheia de sustos e angústias. A época da colheita fecha um ano por completo e abre outro. Só Deus sabe com que chave cada ano será aberto... Queres saber uma novidade? Estou emagrecendo de dia para dia; pareço um vestido pendurado; por este andar, daqui a pouco, estou tísica.

Não é só por não haver que comprar. São tantos meninos que aparecem à porta para me ver comer que já perdi o apetite. Sinto um prazer, digo, um prazer triste, em lhes dar o que tenho para mim..."

Os meninos dormiam; Zepa, enrodilhada numa extremidade da tarimba, batia os queixos num tremor produzido menos pelo frio, pouco sensível ainda nessa quadra do ano, do que pelos temores e preocupações que a assaltavam durante o dia — e José da Cruz na outra extremidade, de olhos abertos no escuro, ruminava seus pensamentos. Entre ele e ela parecia não haver, ultimamente, lugar para palavras. Uma espécie de interrogação os separava, e cada um deles buscava, na confusão dos seus pensamentos,

a resposta a essa interrogação, a solução para o problema que a hipótese dessa interrogação parecia suscitar. Não havia neles nenhum sentimento de revolta, porque ninguém se revolta contra o destino; o destino é um enviado de Deus, e, nessa qualidade, representava Deus nas decisões que tomava, nos caminhos que traçava para os homens. E os homens não tinham culpa das determinações que vinham de cima. Tudo o que ficava do dia de hoje para diante não lhes pertencia. "Se eu tivesse feito assim teria sido melhor", era só o que podiam pensar. O homem olha para diante e para trás, e fica logo sabendo que o dia de amanhã está mais longe dele do que o dia em que nasceu. Numa mirada, de relance, para trás vê tudo, vê quarenta anos, vê sessenta anos, vê oitenta anos de vida cheia; mas se tenta olhar para diante não descortina sequer uma hora na escuridão do futuro. Só o

destino sabe ir para diante, apalpar o caminho, estudar os perigos e virar para trás; como um guia que a gente manda ir ali adiante saber o que há para lá da montanha e nada diz depois de voltar para junto de nós. O que acabrunhava José da Cruz era isto, esta interrogação: "Fiz bem o que fiz? Que devo fazer agora para, sem sair fora do caminho traçado pelo destino, fazer o melhor que devo fazer?"

No meio desses pensamentos embaraçosos, pareceu-lhe ouvir qualquer coisa. Procurou lembrar-sedo que poderia ser. Talvez uma rabanada de vento. Mas a noite estava calma. Escutou. O silêncio foi, de repente, quebrado por uma gargalhada chocarreira que roçou o teto da casa e se afastou em direção às montanhas. Era uma cagarra solitária soltando o seu canto irônico sobreo trágico sono dos campos. Mas o ruído tinha sido outro...

— Quebrada, Isé — disse Zepa, que estava menos embrulhada em pensamentos, e notara o estremecimento do marido. — Aqui mesmo perto da casa.

— Bem me queria parecer. Eu tava com a idéia longe... O povo acredita que as quebradas noturnas são de mau agoiro.

— Desgraça vai entrar onde quê.

— Qual desgraça — fez José da Cruz. — Predra rolou de rocha e nada mais.

Zepa deixou passar uns segundos, e murmurou, como se estivesse a pensar em voz alta:

— Se é nesta casa, que seja a mim.

— Mulher, cala a boca por causa de castigo de Deus. Uma pancada leve soou na porta, um roçar de nós de dedos. Quem quer que fosse aproximara-se com precaução. Chamou: "Eh, gente da casa!" Tinha a boca colada a uma das frinchas da porta. José da Cruz distinguiu o fôlego roçando a madeira. Reconheceu a voz do filho Leandro. Levantou-se, foi abrir. Zepa levantou-se também com o coração a bater, um morno bem-estar a percorrer-lhe o corpo.

— Tem tempo días-há que não te ponho os olhos de riba — disse José da Cruz quando o filho entrou.

— Boa noite — salvou Leandro laconicamente, soltando o surrão do ombro e pousando-o no chão. Acendeu um fósforo.

— Onde o cangabaixo?

O pai tomou o fósforo aceso, encostou-o ao resto do rosário de grãos de purgueira, que saía da parede. A cara do rapaz ficou dentro do círculo de luz rosada. Era um rosto mulato, ossudo, de malares salientes, com dois olhinhos pequeninos e esquivos, e uma grande cicatriz que lhe rasgava a boca até o lóbulo da orelha. Zepa aproximou-se do enteado, deitou-lhe um olhar demorado antes de falar. Esse moço já não sabia pedir a bênção à família.

— Eu pensava que tinhas esquecido de nós — disse à maneira de saudação, deitando uma olhadela para o fardo. Leandro sentou-se num mocho apoiando os cotovelos às pernas, como se se sentisse extremamente abatido.

Não trazia casaco. A camisa sem mangas estava suja e cheia de rasgões. Tinha um aspecto miserável. O pai notou a sua magreza; nunca o vira tão descarnado. Através dos rasgões da camisa, mesmo à fraca claridade do cangabaixo, podia contar-lhe as costelas. Aparentava uns dez anos mais velho do que a última vez que o vira, e no entanto havia só dois meses que estivera na Terra-negra.

— Entreguei todas as vacas, as cabras e os carneiros aos donos, e agora ando p'raí... — explicou fazendo um gesto vago com um ombro. Mas acrescentou logo, para se corrigir: — ... a trabalhar com este e com aquele, fazendo negócios.

Zepa pôs os olhos no surrão e voltou a fitar o enteado. Leandro virou a cara para a porta.

— Vens bem carregado, Leandro — disse ela ansiosamente. José da Cruz tinha pegado o canhoto no cangabaixo e chupava fazendo borbulhar a nicotina no pipo.

— Eu vim cá só trazer umas coisinhas — explicou Leandro pegando no surrão e puxando-o para si. — Tenho de ir já pra amanhecer no Tarrafal; tem lá um navio de guerra fundeado e dizem que sai por todo o dia de hoje.

— Abriu a boca do surrão e retirou uma ruma de queijos envolvida em tona de bananeira. — Tenho pra ocês uns litros de milho e umas rachas de mandioca que trago da Ribeira das Patas. E um bocadinho de peixe seco que troquei por milho aí arriba numa gente que vinha do Tarrafal.

— Que negócios fazes agora? — perguntou o pai. Num tempo ruim destes eu não sei o que é que um homem pode vender pra ganhar a vida.

— Tudo dá pra vender. Contanto é andar. A gente anda um bocado mas sempre vende uma coisa por mais dinheiro do que compra.

— Cada um nasce com um tino. Eu não era capaz de andar pra cá e pra lá longe da minha casa — comentou José da Cruz.

— Você dá uma vasilha pra deitar o milho porque preciso do surrão — disse Leandro para a madrasta, enquanto colocava umas mandiocas frescas sobre a mesa. — Tenho cá dentro uma dúzia de queijos frescos e metade de meio cento de ovos pra vender nos marujos do navio de guerra.

É um lugar onde se pode fazer negócio com os homens da fábrica de peixe que lá tem.

Falava um pouco baixo como se temesse ser ouvido. Parecia prestar atenção ao que se passava lá fora enquanto falava, e o seu jeito era de um homem acossado e solitário.

Quando Zepa foi ao quarto buscar um saco de serapilheira, José da Cruz, que não deixara de o observar, aproximou-se dele e perguntou, fixando-o com severidade:

— Fizeste alguma coisa ruim no caminho, hã?

— Uá! Eu não fiz nada. Tou a chegar da Ribeira das Patas, no caminho direito — respondeu, ao mesmo tempo que metia a mão no surrão. Tirou um cestinho forrado como se fosse uma encomenda, outro cilindro de tona de bananeira, uma bicuda escalada e tesa como coiro. Pôs a bicuda ao lado das mandiocas sobre a mesa e pousou o cesto de ovos e os queijos no chão. Tornou a meter a mão e trouxe outra lasca de bicuda salgada que colocou junto do cesto. Assim, calado e atento ao que fazia, a cicatriz virada para a luz dava-lhe uma expressão escarninha e sinistra. Levantou-se, pegou no surrão e deixou cair quase todo o seu conteúdo, cerca de quarta e meia de milho, para o saco que a madrasta trouxera. Tornou a meter os

queijos, o cestinho de ovos e o pedaço de peixe no surrão. Desprendeu-o búli do cinto, despejou o resto da água para o chão e estendeu-o à madrastra:

— Ocê enche-me este búli porque peixe salgado tem me feito beber coma vaca.

— Como vai aquilo por lá na Ribeira das Patas?

— Vão vivendo. Não falta água nas nascentes e lestada não fez estrago nos sequeiros. Gafanhotos não descera lá. É só falta de chuva.

— Falta de chuva é que é falta grande — sublinhou o pai.

Meteu o búli cheio de água no surrão, amarrou a boca deste e enfiou-o ao ombro. Deu uns passos para a porta.

— Tás muito magro, moço. E sem roupa.

— Vou arranjar roupa, agora.

— Se queres levar o meu casaco de jornada até arranjares outro... Tá um friozinho de queimar, esta madrugada.

— Não levo, não. Corpo novo não sente frio. — Enfiou o boné de pala para trás, abriu a porta.

— Ocês dêem a bênção.

— Deus te abençoe, filho.

Com as mesmas cautelas com que aparecera, fechou a porta atrás de si e internou-senas trevas.

Na primeira segunda-feira de janeiro as Obras Públicas iniciaram os trabalhos de socorro aos flagelados. Na outra banda da ilha, em frente de São Vicente, no quilómetro 10, logo adiante da casa do cantoneiro, a estrada, vinda do Porto Novo e interrompida umas décadas passadas, formava um ângulo reto que se dirigia para o centro da ilha. O troço que partia do quilómetro 9 e ligava o vértice do ângulo às propriedades da Ribeira das Patas tinha sido tentado, sem sucesso, em crises anteriores.

O itinerário achava-se, pois, previamente traçado; era só seguir os vestígios das anteriores tentativas, por onde carroças já haviam passado, dispensando, por isso, estudos prévios. Dado o carácter urgente dos trabalhos, estes começaram imediatamente após a distribuição das tarefas entre os empreiteiros, e os primeiros recrutamentos de pessoal. O primeiro troço de dois quilómetros, metade do caminho entre o quilómetro 10 e os

Lajedos, foi entregue a quatro empreiteiros. Dois capatazes de vozeirão — os zangões do costume — fiscalizavam, de folha aberta diante dos olhos, faziam as chamadas e corriam para-as respectivas descargas à casa do cantoneiro onde se instalara o distribuidor, encarregado dos pagamentos em gêneros — milho, feijão, açúcar e banha com a nova da abertura dos trabalhos da crise, o povo levantou-se em massa.

A debandada tornou-se geral. Era uma romaria de gente de manhã a noite, pelos atalhos que iam ter às montanhas. Os homens desarmavam as palhoças, enfeixavam os paus da armação da casa e da cama, as esteiras, o pilão, reuniam os haveres e distribuía, às pressas, entre os membros da família, os objetos que seriam levados para a beira da estrada. Nas trempes de pedra dos funcos ficavam as esperanças desfeitas, as cinzas mortas dos lares abandonados. De madrugada os chefes de família davam a ordem do comando. Pelos caminhos, era um nunca acabar de tropida de povo. Dia e noite, noite e dia, chegavam aos ouvidos de José da Cruz o rumor pegado de passos a caminho da estrada. Um ou outro conhecido subia ao terreiro:

— Eh, Nhô Isé, eh, Nhá Zefa, vamos embora! Trabalho de Estado é que é a salvação do povo.

— Deus na vossa companhia. Eu vou ficando. — com renovada fúria descia ao melador, as mãos ossudas e magras enclavinhas no cabo da picareta, investia contra a rocha, em perseguição da umidade que, aos poucos, se sumia. Não subia para a casa enquanto não visse fio de água escorrer para os pés de inhames e batata-doce plantados no fundo do tanque transformado de novo em melador. — Se eu tivesse um pouco de cimento — dizia, falando consigo próprio em voz alta — fazia esta água render. Ia assim na beirinha, na beirinha — com a mão fazia um jeito como quando se quer imitar um navio a navegar até um tanquinho na ilharga da Covoada. Bastava-me cavar aqui quatro ou cinco braças de fundura. Seria uma coisa bonita. — Assim sonhava José da Cruz, de pé, olhando para a nascente moribunda. Mas às vezes acordava: — Não deixo a água sumir pra baixo. vou buscá-la onde quê.

— Lançava a picareta contra a rocha viva, e aos poucos ia formando uma larga entrada; e o fio de água continuava vivo como que intimidado pela pertinácia do homem.

Enquanto batia com o bico da ferramenta contra a rocha viva, não ouvia os queixumes do mundo. Voltava consolado para casa. Mas chegado ali, o zunzum de vozes vindas do caminho batia-lhe nos ouvidos, excitava-o, tornava-o colérico; punha-se a passear no terreiro, entrava para casa, deixava-se cair num mocho, trêmulo e tomado de remorsos.

Lá fora o êxodo continuava. O norte ia ficando deserto. Uma madrugada Nhô Manuelinho assomou no terreiro.

— Ocê também?!

— Chica vai com um menino só.

— E o outro?

Nhô Manuelinho apontou para a sua casa com o braço estendido.

A viúva Aninhas havia dias que não dava sinal de si. Talvez tivesse abalado também. Chegou a vez de João Felícia. Apareceu numa boca da noite, pele e osso, barbudo, as pernas das calças arregaçadas.

— Homem não rema contra a vontade de Deus, compadre. Vou-me embora. Quando ocê não tiver mais milho na caixa, desarme tudo, e ala pra riba também. É conselho de mais velho.

— Compadre, vão ocês. Eu fico. Tenho inhame, tenho água na nascente. E tenho meu filho Leandro.

Zepa abriu guisa:

— Ó Isé vamos embora, ó Isé vamos embora. compadre diga Isé pra irmos embora. Temos estado a comer raízes de mato. Meninos tão fraquinhos. Tenho medo de ficar aqui.

— É aproveitar a fresquidão da lua.

— E o resto da família? — indagou José da Cruz ao vizinho.

— Concha e Joaninha tão no caminho.

— E os meninos?

— Debaixo de terra. Um ontem à tarde, outro esta pla-manhã.

— Era assim tão grande a falta de ocês, compadre?

— A gente não sabe até onde força de menino pode chegar.

— É Deus que dá, é Deus que leva, compadre comentou José da Cruz. — E por que compadre não subiu cá de riba pra matar a falta?

— Nestes tempos cada um agüenta a sua falta e a sua bastança.

Abalou. A lua apontou por cima das montanhas derramando por sobre os caminhos a sua claridade indiferente. Zepa gemia pelos cantos como cachorrinho friorento...

José da Cruz não dormiu o resto da madrugada. Levantou-se cedo. Foi sentar-seno limiar da porta. Meteu na boca o canhoto apagado. Era um homem de trabalho. Estava atravessando uma situação de desempregado. Sentia-se abatido. Abatido por fora e por dentro. Sem iniciativa. Inferiorizado perante a família. Envergonhado de não fazer nada de verdadeiramente útil. Por mais que se esforçasse. Mas no fundo restava sempre uma esperança. Uma luzinha que recuava quando ele estendia a mão para ela. Todas as tentativas para chegar àquela luzinha eram vãs. Ah! Se a pegasse um dia, nunca mais a largaria. Mas que estava pensando? Que significava aquela luzinha? Sonhar não faz mal a ninguém, mas não transforma nada em milho para comer nem em cama para dormir nem em teto para cobrir a casa. Lembrou-seda quebrada ouvida umas noites atrás e das palavras da Zepa. Onde tinha sido essa quebrada? Nunca procurara saber. Mas lembrou-seda quebrada por causa da Zepa. Ela estava a perder a coragem nesses últimos dias. Via tudo mais escuro que todo o mundo. Tinha o medo e a tristeza na alma. O medo e a tristeza de Zepa cavavam-lhe um vazio à volta, tornavam mais difícil a sua tarefa de viver e maiores o seu desamparo e a sua solidão.

Levantou-se. Caminhou para o barranco.

Quando regressou, já toda a família estava levantada e reunida à roda da mesa. Recomendou para todos ouvirem:

— Ocês tomem cuidado, não se aproximem da borda do barranco na endireitura daquela pedrona ali — apontou o braço para o sítio indicado. — Caiu quebrada lá e a pedrona ficou em falso. Tá lá um perigo grande. Ninguém vai pra aquele lado, ouviram?

— Por que não deitas a pedra abaixo, Isé? Casa de meninos não é de confiança...

— Não, Zepa. Não faço isso. Tenho pena de estragar os pilares que tanto custaram a mim, ao compadre Felícia e a Nhô Manuelinho a levantar. Estive lá agora a consertar os estragos que eram poucos, uma cascalheira que caiu pra lá. Foi a quebrada que ouviste estas duas noites atrás. Se solto a pedrona pra baixo arrasa tudo. É uma dor de alma. Por isso é que recomendo pra ninguém ir pr'aquelas ilhargas. Ouviram?

Todos ouviram, sim senhor. Mas Zepa insistiu:

— Se fosse a mim não a deixava onde ela tá.

— Tá lá tá caída. com estas minhas mãos é que não. Não tenho coraja. É o único trabalho que tenho capaz, pr'aí.

— Se é assim coisa de tanto perigo, mais coraja é deixá-la lá que botá-la abaixo. — E como José da Cruz demorasse em responder, acrescentou: — Todo o modo o mundo tá acabando. Que vale mais pilar menos pilar, cando tudo acabou, fep?...

— Nem tudo acabou, Zepa. E mesmo assim era uma esperança mais. E esperança dá força no coração. A gente não deve perder a fé. É ruim fechar os olhos e não olhar nem pra diante nem pra trás.

— Tou olhando pra diante — resmungou ela com um soluço na garganta, embrulhando-se, friorenta, no xale. Tou olhando pra diante — repetiu com uma brusquidão que José da Cruz nunca lhe ouvira.

— A gente não pinta os dias que tão pra vir de negro. Quem vê escuro pra diante não vê nada.

Zepa começou a chorar. Acocorou-se a um canto, e toda ela eram convulsões de soluços. — Pensou na caixa quase vazia, com meio litro de milho, conta dum almoço mal servido. Era o que sobejava do milho que Leandro trouxera. Não tinham as cabrinhas de leite, nem as galinhas que ajudavam com os ovos. De meter na boca não possuíam mais nada a não ser uma moinha de sal e água. Já tinham vendido os pratos, os talheres, o pote que fazia a água tão fresca, os bancos e os mochos. Onde ia o Isé buscar comida pra estes cristãozinhos? — De repente, Zepa virou-se para o marido e gritou com a voz tão velada que mal se ouvia:

— Comida é que salva, Isé. Sem comida não há salvação. Deus me perdoe. — Era a mãe de filhos. O grito da mulher-mãe que irrompia do fundo do seu ser.

— Tás perdendo a fé. Tás perdendo a fé, Zepa... José da Cruz saiu para o terreiro desesperado.

Enfeixar o indispensável, o que as forças derem para levar às costas, queimar as portas e as janelas, aquecer a última panela com os últimos paus da casa, ou, não havendo que comer, passar a noite fria junto do último braseiro da casa — quem não o fizer deixa para os outros fazerem — e, na fresquidão da madrugada, ou no desamparinho da tarde, se a noite é de luar, soltar os pés a caminho da estrada. Para lá das montanhas, no fundo da vertente da outra banda da ilha, o povo tinha trabalho e comida.

A subida parecia não acabar nunca. Quem não pudesse que fosse ficando. Era mais fácil ficar do que prosseguir. Um pouco de trabalho aos outros. Uma cova de palmos, e pronto. Caminho longo; mesmo os habituados a percorrê-lo com freqüência achavam-no agora mais comprido que nunca; é que levavam a família e o peso de todas as desesperanças às costas.

— Quando é que chegamos lá de riba? Não posso mais. Ocês deixem-me aqui. Já não posso mais.

— É agüentar as canelas mais uma coisinha. Vamos ter descida depois, que é mais fácil que subida. Chegados ao cimo da bordeira, avistaram a Ribeira das Patas embaixo com as suas chãs pontiagudas, os córregos e as colinas contorcionadas. Alguns alegravam-se, abriam o bico. Havia até quem faceciasse.

— Ouvi dizer que vão pagar à gente com arroz. Eu propriamente não sei porque não estive lá. É o que anda na boca do povo.

— Ocê julga que o mundo vai acreditar no que está dizendo?

— Pois eu ouvi assim. Se é arroz eu tratarei de voltar pra trás. Digo ocês, eu, soberba de fora, não gosto nada de arroz.

Antes prefiro esgaravatar potona entre as pedras como os porcos de Boa Vista e dja de maio. Antes papa de fedegosa.

— Ui! dor de barriga que papa de fedegosa me deu, eu julgava que ia morrer! Mesmo que tivesse mais fedegosa eu não punha aquelas sementinhas na minha boca.

— Mas muito pessoal engordou com fedegosa.

— Gordura de fedegosa é moléstia, digo e torno a dizer. Aquilo não é engordar, é inchar. É uma comida enganadora.

— Pois eu prefiro fedegosa a arroz.

— Ou gostar ou não gostar, era o que todo o mundo tinha de comer. Muita gente morre mais de soberba que de falta.

— Arroz é comida de rato, não é comida de homem.

— Ocês não estejam a dizer soberbindade. Gente rica gosta de ter arroz na mesa.

— Gente rica come comida trançada. Ocê conhece a história da sopa de pedra? Arroz na mesa de rico é coma sopa de pedra.

— Os japoneses e chineses só comem arroz.

— Por isso é que eles são uma pirraça de gente deste tamanhinho. Arroz não deixa acabar de criar.

— Ó compadre, conte a história da sopa de pedra. Coma é?

— Nunca vi um japonês na minha vida.

— Forte de soberbindade! Ocês devem dar graças a Deus de ter trabalho e arroz na ourela da estrada.

— Graças a Deus não, compadre. Agora é graças ao governo. Comida de Deus é milho, não milho do sul, milhão amargoso dente-de-cavalo, mas este nosso milhinho-de-terra sabe, dado neste chão das ilhas. E trabalho de Deus é trabalho de enxada na raiz da planta.

— Triste é a minha vida, três dias sem sentir nada na boca.

— Digo ocê, comadre. Fome é triste quando cercado de fartura. Morte de povo não é sentida. Vida é feita de prenda em cada dia que passa. Todo o mundo é igual sem tirar nem pôr. Eu fui marinheiro de alto bordo, sei o que vi nessas terras estrangeiras. Todo o mundo é igual cando as coisas andam mal ou andam bem na igualdade.

— Ocê conte a história da sopa de pedra.

— Eu enterrei o pai de meus filhos na noite de quarta-feira. Meus filhos foram logo depois dele.

No domingo eu estava eu com eu e mais ninguém. Não sei que venho fazer pr'aqui. Pra mim o mundo acabou, fep.

— Você vá na esteira do seu destino. O que está feito deixe na mão de Deus. A gente deita os olhos na dianteira e deixa os dias correrem. O que lá vai, lá vai. Água nos olhos não deixa ver o caminho direito.

O vale da Ribeira das Patas era uma imensa cova cavada a pino. O caminho ziguezagueava pela parede da bordeira abaixo, e era difícil de descer para quem tinha as pernas trôpegas. Mas graças a Deus agora era só descer. Que descer foi sempre mais fácil que subir. Aos poucos, o vale envolvia as famílias sem lar, e a paisagem ia engrandecendo aos seus olhos. E o cortejo prosseguia sempre a caminho da estrada. E não havia tempo para gozar as sombras das árvores. As chãs da Ribeira das Patas; os regadios; água a correr nas levadas; laranjeiras carregadas de oiro; bananeiras; canaviais; hortas de tabaco; Caetano; Curral de Vacas; depois, Chã de Morte — que nome triste, senhores, e que silêncio no meio daquelas árvores e na sua chã arrasada! — ; a seguir, Chã de Alecrim.

Novos nomes. Vinha depois a vasta zona de pedras-pomes, muito brancas e vibrando ao sol, ferindo a retina, chiando debaixo dos pés, travando os passos.

— Já não posso mais. Deixem-me aqui. Um que outro ia caindo no caminho. Mas a estrada ia ficando mais perto. Na terra de Canaã...

— O dia de amanhã está mais longe dos nossos olhos do que o dia em que nascemos — repetia José da Cruz a toda a hora. Pegou no pilão, levou-o para o terreiro, virou-o de boca para baixo e sentou-se. Meteu o canhoto vazio na boca (havia três dias que se lhe tinha acabado o tabaco; não dispunha dum único fósforo para pegar o lume). O homem não sabe nada, o homem não tem culpa. Se pergunta: será melhor?

Será pior? não há voz capaz de trazer uma resposta, porque não há olhos que vejam a clareza dos caminhos que os homens têm diante dos pés. É só fé. Mas com fé ou sem fé, cada um tem de cumprir sua obrigação nesta vida. Procurar fazer o melhor para sossego do espírito e paz da consciência.

Quando se faz uma coisa para o sossego do espírito e paz da consciência, não faz mal que tenha sido o pior, porque foi assim a vontade de Deus. Quem andou direito com a sua consciência andou direito mesmo, já que não pode ver as coisas doutra maneira. Deus estava no céu para guiar os passos de Leandro até à porta da casa da família. — Digam o que disserem — afirmou José da Cruz de si para si — , pensem o que pensarem, eu daqui não saio. Nem dado de vidro. Nem posto lume. Nem que viesse soldado com espingarda e baioneta.

Não largo a ourela da minha casa. O tempo ainda vai virar. Eu digo ocês. O tempo vai virar. Ocês caminharam todos um a um. Só fiquei eu e a família. Ocês vão ver o tempo virar...

Ainda tinha a sua casa inteira. Utilizara a cobertura da cozinha e as charuteiras para pegar o lume. Tudo o que era mato por esses campos tinha desaparecido. O povo levava tudo para os fogareiros; as charuteiras, as piteiras, todo os arbustos foram derrubados e destruídos. Só as piteiras da viúva Aninhas lá estavam. O povo não punha as mãos nos haveres daquela mulher. Tinha medo da bruxa. Havia dias, desde a história do Leandro, que Zepa não voltara a pôr-lhe os olhos de riba. Mas a bruxa lá sabia como vivia a sua vida. Diziam os velhos que as bruxas podiam dormir cem dias sem acordar. Quem dorme cem dias não precisa meter comida na barriga. As árvores e os arbustos dos caminhos desapareceram. As portas e as janelas das casas abandonadas, as armações do teto tinham sido levadas pelos donos ou roubadas. Só a casa da viúva Aninhas continuava desafiando a cobiça dos ladrões.

— Ocês vão ver o tempo virar — repetia mecanicamente José da Cruz roendo o pipo do canhoto. Estupidamente agarrado a essa esperança, parecia não perceber a desolação e o inverno à sua volta. A tarde caía. Diante dele, no extremo da linha do mar, o sol parecia uma enorme laranja tombada de podre, mergulhando num charco. As nuvens no horizonte ardiam como braseiro dum rescaldo. Mas a tarde era fria e agreste; vento rijo de fevereiro descia das montanhas rasando livremente os campos nus. Zepa envolvera-sena manta de lã e, acorada junto dos filhos, no esteirado da cama, gemia e tremia batendo os queixos convulsivamente. Todavia, tinha os

ouvidos atentos aos movimentos do marido, lá fora; escutava os seus passos e as palavras da sua boca. Ela acreditava ainda em que a salvação viria daquele homem. Não notava que alguma coisa de anormal se estava passando no espírito do seu companheiro.

José da Cruz sentiu um arrepio de frio. E só então se lembrou de que o inverno entrava pela mão do nordeste de fevereiro. Meteu a cabeça entre os ombros, cruzou os braços ao peito, semicerrou os olhos. Sentiu-se desamparado. Uma voz acordou dentro dele. Escutou-a. A voz perguntou: "E se o tempo virar? Se vem chuva a valer, das chuvas que encharcam a terra até rebentar nascentes, como aquela de setembro passado? Se vier agora mesmo uma chuva daquelas — que é que um homem vai fazer coma caixa vazia? Se não tem grão pra sementeira, se não tem plantação de batata e mandioca, se não tem cabra pra comer a pastagem nova dos tapumes, se não tem milho com que agüentar o estômago durante estes meses para diante?..." Assim falava aquela voz interior. Lembrou-se nesse momento do compadre João Felícia, a figura daquele homem de bom sentido quando passou a caminho dos trabalhos do Estado, daquele homem agarrado à casa como poucos, e das palavras que lhe mexeram no coração como uma facada: "A gente não sabe até onde força de menino pode chegar".

Como de propósito, Zepa assomou à porta e chegou-se perto dele. A sua voz era um sopro. — Ó Isé, vem cá gemeu ela debilmente. — O Jó. Vem ver o Jó. Depressa, Isé, depressa.

— Mas o Jó deve tar dormindo. Deixa o Jó quieto, mulher. Deixa ele dormir seu sono. Eu também gostava de dormir meu sono, mas não posso; ando sem sono estes dias; ocês não me deixam. Essas paredes de casas abandonadas parecem esconder mortos dentro.

Quem olha diz que é um cemitério sem cruces. E nós sozinhos pr'aqui a guardar os mortos.

— Mas vem depressa, Isé — insistiu a mulher — , vem cá depressa. O Jó não quer acordar. Virgem Santíssima! Já tá friozinho como pedra de ribeira. Ave Maria cheia de graça...

— Não fiques pr'aí a seringar assim, mulher. Ocês só sabem gritar, gritar, como galinhas de mato. Não deixam um homem tar quieto, só a gritar, a gritar, a gritar.

Engasgam os pés da gente. Um homem fica assarapantado. Arra diabo! Ocês não deixam um cristão pensar na sua vida. Dão um homem em doido. — Uma tontura, uma confusão no seu espírito, não lhe deixavam assentar a idéia. — Se não é uma coisa é outra e outra e outra.

Fez uma cova funda ao lado da casa, como se fosse a plantar uma árvore, naquele mesmo lugar onde, no ano passado, quisera meter uma mangueira, e enterrou o filho.

Amarrou a boca e não disse mais nada. Pousou a enxada no canto da casa e saiu. Meteu-se pela vereda abaixo, saltou para o leito do córrego e desapareceu. Esteve fora muito tempo. Zepa sentou-sena soleira da porta a ver a noite descer, e a chorar a morte do filho codê. Quando escureceu e o frio pegou nela, entrou. Foi ao esteirado da cama espreitar Mochinho e Leia. Dormiam. O esteirado rangia. Tremiam como se estivessem com sezão de doença. Havia uns dias que o frio tinha cangado neles.

Noite alta, José da Cruz voltou. Parou no terreiro. Escutou uns momentos, de pé, interdito. Empurrou a porta e entrou:

— Zepa!

Sentiu mexer no esteirado. Através da escuridão adivinhou a presença muda da mulher. Havia dois dias que Zepa enrouquecera a ponto de perder, quase totalmente, a voz. Estendeu o braço. Tocou o ombro dela:

— Contaram-me umas coisas de Leandro...

Então ouviu a voz da mulher: — Jesus! Virgem Santíssima!...

— Toma estas mandiocas cozidas que Nhô Joaquim Xamento me deu. São pra ocês. Eu não tenho fome. A mão, trêmula, da mulher tateou até acertar com a dádiva. Suavemente as duas mandiocas deslizaram da mão dele para a mão dela, e desapareceram nas trevas.

— A noite tá fria — disse ele para que ela visse que ele estava calmo. Escorregou pela parede até acocorar-se. E naquela posição se dispôs a passar o resto da noite.

Já ia a passar pelo sono quando sentiu a mulher sentar-se ao seu lado. Passando uma mão pela outra numa carícia repetida, Zepa começou a guisa, a guisa da saudade do Jó, uma música monótona, para dentro, que a voz sumida não deixava ouvir, o Jó que foi pra terra do salvamento, o Jó que foi pra nunca mais voltar, o Jó que não quis saber da família, que largou a família pra trás, o Jó que os deixou, talvez ressentido porque não foi tratado como devia ter sido por ela, pelo pai, por Leia e por Mochinho... Calou a litania que era um sopro quase imperceptível, virou-se para José da Cruz que tinha as pálpebras semicerradas, e se achava mergulhado nos seus pensamentos.

— E agora? Nós vamos, Isé? — perguntou, timidamente.

— Hã? — fez ele mal acordado. — Falaste pra mim, Zepa? — E como ela não respondesse, mudou de tom: O que é que tens que não oiço o que dizes? Falas e é como se não falasses. Que é que tens?

Mas Zepa tinha voltado à sua guisa silenciosa, que a separava do mundo dos vivos como o tampão dum túmulo. José pousou o queixo nos joelhos. Não insistiu. Deixou-a arrastar o seu desgosto. Andava cheio de medo das palavras da mulher nestes últimos dias. Ardiam como ferro em brasa as palavras da sua boca. Entravam-lhe no coração, e ali ficavam, durante tanto tempo, doendo como se a brasa nunca arrefecesse. As palavras da Zepa transformaram-se em remorsos da sua consciência.

"Continuo só com dois alunos", escreveu Maria Alice numa carta dirigida à irmã, "os filhos de Nhô Antoninho e de Nhô Vidal Lima. Estou tratando das coisas para regressar, pois praticamente a escola não funciona. Fico uns dias com a mulher de Nhô Vidal até receber ordem de regresso... Gostei de teres tratado do meu assunto diretamente com o Senhor Inspetor Escolar durante a sua estadia em São Vicente; foi muito melhor assim... "Esta é para te dizer que recebi o pão torrado e quatro latas das cinco com doce que tu e a mama me mandaram. Foi um verdadeiro milagre. Não sei como tiveram tanta coragem. Tirei a barriga de miséria. Logo que me caíram nas mãos comi metade duma lata de doce, vê lá tu!, e ia devorando o pão todo! Dei um longo passeio, até o sol-pôr, e senti-me verdadeiramente feliz. Devo dizer-vos que hoje não me admiro de ver gente cobiçar com tanta gana

um pedaço de batata assada e até ser capaz de praticar um ato reprovável para o conseguir. Não digo isto só pensando no valor que, hoje, sei dar a uma fome satisfeita, considerando as coisas na generalidade, mas a propósito do que aconteceu com uma rapariga por causa do doce...

"Lembras-te da filha de Nhá Gaída, a mulher que me lava a roupa e me faz companhia à noite? É a Libânia, aquela mulatinha magra de olhos grandes e bonitos que aparecia às vezes com a saiona da mãe para me trazer a roupa lavada e a quem disseste um dia: Menina! Ficas uma velha com esta saia arrastadeira, e assim não arranjas casamento". Ela não se esqueceu das tuas palavras e ainda há dias me disse: Oê mande dizer Nhá Luísa que magreza pegou comigo tanto que, nem com saiona nem sem saiona, marido não quer saber de mim pra nada! Pois não tenho dormido estas últimas noites a pensar nela. Ando cheia de remorsos — e tudo isso por causa duma simples latinha de capstan com doce de côco. Coitada, ela passava a sua fominha de boca calada, e roubou-me uma lata dessas no mesmo dia em que as recebi. Nada me aborrece tanto como ver as minhas coisas roubadas.

Prefiro dar as minhas roupas e ficar quase nua do que saber que me roubaram um pé de meia. Chamei Nhá Gaída e disse-lhe desabridamente:

Olhe Nhá Gaída, desapareceu uma latinha de doce e ninguém tem estado aqui senão você e Libânia... Mandou chamar a Libânia que negou ter mexido no doce. Saiu como um pé-de-vento, e não demorou que voltasse com a lata e um rebém. Disse tanto e deu tanta pancada à filha aqui dentro da escola, diante de mim, que me envergonhei e me arrependi de ter denunciado a rapariga, tanto mais que é educadinha e, ao que consta, era a primeira vez que mexia no alheio. Tive de intervir porque Nhá Gaída batia de má fé. Estava tão furiosa que parecia descarregar o ódio que nutria naquele momento por mim sobre a filha. Olhava para mim com tanta gana que eu sentia que os murros que dava à filha eram dirigidos também à minha pessoa... A pobre da Libânia teve tanta vergonha — quem a não teria? que desapareceu de casa e não voltou a aparecer. A mãe já a procurou por todos os recantos do Cidrão e ninguém sabe dar conta dela... Quando Nhá Gaída

aparece na escola, sempre de olhos inchados de chorar, só eu sei o que sinto cá dentro. Faz os seus mandados de cara virada, e com poucas palavras..."

O vento cortante de fevereiro soprava desalmadamente na noite estrelada e fria. Não encontrando obstáculos, corria livremente sobre as ondulações do terreno despido de plantas, tornando maior o vazio envolvente e mais profunda a desolação noturna dos campos. Só pelo ruído que a sua fricção produzia, Leandro percebia o que se achava à sua volta. O vento trazia-lhe aos ouvidos a forma e a natureza das coisas em que roçava, uma pedra, um muro, o tronco nu de alguma árvore solitária que os homens não conseguiram arrancar, um casinhoto descoberto, as paredes arruinadas duma casa abandonada com os seus oitões pontiagudos.

Enquanto caminhava ouvia o vazio e a ruína, pedaços de muros perdidos e o silêncio encolhido sob o contínuo gemer da ventania do inverno. Escondera algures, numa fenda aberta pelos pastores na margem ocidental do planalto, as peles de cabra, e prendera a uma pequena corda o Picaroto. Durante a jornada não topara viva alma, não ouvira uma voz, um sussurro vindo de qualquer funco da beira do caminho. Só o vento às correrias. Por momentos, de repente, o vento serenava. Nos intervalos de calma, o silêncio subia da terra desabitada, e os ouvidos penetravam a noite até às estrelas. As trevas não eram violadas por nenhum secreto esvoaçar de asas.

Nem as cagarras com as suas gargalhadas sinistras que nos fazem olhar para trás, nem os grilos, habitavam essas terras. Tudo o que era vivo parecia ter emigrado para outras paragens menos desoladas. No céu as estrelas acotovelavam-se como manê-cabeças luminosas num grande charco de águas mortas. As estrelas e o vento eram as únicas presenças vivas na noite...

Leandro encostou-se a um montículo de pedras, pousou no chão, a seu lado, o surrão de pele de cabra que trazia suspenso ao ombro direito. A meia dúzia de passos, atrás dele, ficava a casinha da viúva Aninhas, a mulher que vivia sem homem. Era uma obsessão, todas as vezes que passava ali de noite, a idéia daquela mulher que dormia sozinha na sua cama, naquela casinha solitária. Se não fosse a família ali perto, e o receio dos seus

gritos, já lhe teria batido à porta. A casa do pai ficava um pouco mais abaixo, a menos duma pedrada de funda, sumida na escuridão. Estaria a família lá nesse momento? Ou teria seguido na esteira da debandada geral? Deixou-se ficar uns minutos indeciso a pensar na viúva Aninhas. Teria ela morrido, ou seguido, também, o caminho dos outros? Mas a sua casa não foi destruída, e as piteiras estavam ali perto com as hastes tesas como soldados de sentinela. Foi quando chegou até ele um gemido seguido de soluços abafados, uma como que cantiga de ninar, em surdina; ou como a voz sufocada dum náufrago num curto instante em que os lábios emergiram da água dormente, uma súbita rabanada de vento impediu-o de localizar a direção do queixume. Por mais que atentasse não conseguiu ouvir mais nada. O vento rasou o chão, assobiou nas hastes das piteiras e nas arestas das pedras afiadas, e os campos encheram-se, de novo, das suas vozes ululantes. No momento em que Leandro se abaixava para agarrar o surrão, passos arrastados soaram atrás dele. Pelo roçar do vento sentiu a presença de um corpo a poucos palmos das suas costas. Virou a cabeça e olhou para essa direção, mas não viu nada. com breve intervalo o mesmo ruído repetiu-se, mais perto. Distinguiu então um vulto informe e negro, avançando, de rastos, para ele.

Não era uma figura humana. Não conseguiu perceber que animal seria esse que, nesse momento, levantava duas patas e se preparava para lhe envolver as pernas. Leandro suspendeu o surrão e fez menção de se defender. O vulto entreparou e uma voz tênue de mulher ou de criança gemeu:

— Quem é ocê, criatura?

O vulto aproximou-se rapidamente, aos solavancos, e antes que o rapaz tivesse tempo de esboçar um gesto sentiuse tenazmente preso pelas calças.

— Eu sou Aninhas — disse o vulto com ternura. Aninhas, ouviste? A ti já te conheci, moço. És Leandro, não és? Ah filho macho! Que é que buscas pr'aí a estas horas, neste tempo de calamidade? Não trazes nada pra tua pobre amiguinha, hã? Não trazes nada de nada, ha filho macho? — Sem largar as calças do rapaz, tateou com a outra mão livre até acertar com o

surrão. — Ó Menino Jesus! A gente sonha com comida e cai comida de riba! Um sarrão cheio até à boca! Vens trazer um sarrãozinho à tua amiguinha, hã?

— Ocê espere um bocadinho, mulher. Largue esse sarrão da mão. Ocê diga uma coisa. A minha gente tá lá?

— Ainda não largaram a casa. Senti Nhô Isé sair esta boca da noite, ele foi ribeira abaixo mas não ouvi passos de volta ainda. Tou aqui a curtir a minha falta...

— O resto da familia tá lá então?

— Comadre Zepa, Mochinho e Leia, com certeza. Jó morreu, Nhô Isé enterrou ele esta tardezinha na ilharga da casa. Menino tava muito fraquinho. Olha, eu também, filho macho. Vou morrendo pr'aqui às moinhas. Vida tá feia, moço. Mas deveras trazes uma rachinha de mandioca pra amiguinha, hã? — Enquanto falava, mantinha agarradas com uma das mãos as calças e com a outra a corda de suspensão do surrão. — Sempre tu não esqueceste de trazer um bocado de comida a esta amiguinha sem homem e sem ninguém. Tenho as pernas tão fracas, tão fracas, nem posso desencilhar as canelas, não sei que moléstia é esta. Foi anjo da guarda que te puxou pra estas bandas nesta hora assim, filho macho.

— Ocê largue, mulher, já disse ocê. Não vim cá trazer nenhuma comida pra ocê. Vim procurar a familia. Ocê largue as calças.

— Olha, moço. Nem pareces um homem. Senta-te aqui ao meu lado. Ainda teu pai não voltou com certeza. Senta-te aqui. O que é que custa dar uma racha de batata-doce ou de mandioca? Senta-te aqui na minha ilharga, filho macho. Tens as calças rotas até lá de riba. Uma fatia de queijo ou cuscuz — não tens cuscuz? — ou mandioca, qualquer coisinha. Tenho a boca cheia de cuspo. Tou a sentir o cheiro de queijo. Olha... — A sua voz tornou-se, quanto possível, meiga. Leandro amansou-se. Foi-se deixando escorregar até se sentar ao lado da velha. Esta meteu as mãos entre os rasgões das calças e começou então a acariciar-lhe uma das pernas. — Podes vir mais perto, filho macho. Mas primeiro dá-me uma racha de mandioca.

Ele meteu a mão no surrão, tirou uma batata-doce e estendeu-a à mulher. Enquanto acariciava o rapaz, com a mão livre a viúva Aninhas devorava a batata. Quando acabou pediu outra. A mão ocupada compreendeu o que o homem desejava em paga. Leandro deu-lhe outra batata um pouco maior que a primeira. Em seguida, passou o braço ao redor do pescoço da fêmea.

— Ó filho macho, que é isso? O que é, filho macho? Leandro recolheu o braço e levantou-se. A viúva, num movimento ágil, agarrou com ambas as mãos as cordas do surrão. Pôs-se a puxar por elas desesperadamente, enquanto soltava gritos estridentes.

— Dá-me mais batata-doce, dá-me mais batata-doce. Não vais daqui sem me dares mais batata-doce.

— Não dou mais nada. Largue o sarrão.

— Se não dás eu grito. Comadre Zepa vem cá e eu digo o que querias fazer-me.

— Largue o sarrão.

— Dá-me mais batata-doce, dá-me mais batata-doce.

— Estupora — rugiu Leandro dando-lhe uma patada no peito. A velha caiu para trás mas não largou o surrão. Ele agarrou melhor, e, com um safanão violento, conseguiu soltá-lo das mãos esqueléticas e rijas da faminta. Esta rompeu aos berros:

— Tu queres matar-me, moço! Tu queres matar-me! Ai, socorro!... Socorro!... Socorro!

Leandro enfiou a corda do surrão ao ombro e deu uns passos. Parou indeciso. A velha gritava com mais força ainda, com uma voz esganiçada que o vento retalhava e lançava nos espaços. Os seus gritos tomaram um tom alarmante e metálico, encheram a noite num momento em que o vento parou.

— Ladrão, ladrão! Julgas que não sei. Vestido de pele de cabra. Se não dás mais batata vou contar ao regedor. E ninguém da tua família põe a boca na comida daquele sarrão. Mascarado! Ladrão! Desgraçado!

Leandro encostou o surrão ao montículo de pedras, correu para a velha; agarrou-lhe o pescoço com ambas as mãos e apertou com quanto ódio e quanta força tinha.

Vendo que ela se debatia e lhe feria os punhos com as unhas rijas e afiadas como garras, numa tentativa extrema para se desvencilhar, dobrou-a num movimento brutal para o chão, virou-a de costas e começou a sacudir-lhe, freneticamente, a cabeça contra o pavimento duro, enquanto lhe apertava o pescoço procurando estrangulá-la.

Ela resistia espantosamente, continuava a debater-se soltando guinchos como um porco em agonia, coleando debaixo daqueles punhos com a mesma agressividade dum gato assanhado. Então, tomado de pânico, lembrando-se de que ela era bruxa, Leandro saltou sobre o seu peito com os joelhos fincados e, dobrando-se todo e chamando a si toda a energia, apertou num derradeiro esforço até que, exausto, tombou ao lado do cadáver da velha...

Antes que passasse um minuto, ergueu o corpo trêmulo, escutou.

Vozes. Eram vozes, vozes de muita gente, muito perto, que se aproximavam não sabia donde. Levantou-se num rápido movimento de defesa. Ninguém. Espreitou.

Se eram pessoas, não estavam junto dele como lhe parecera. Correu para trás da casa; deixou-se ficar uns momentos à escuta, apoiado à parede. Sentiu vertigens. As vozes pareciam vir de dentro da sua cabeça. Mas estavam dentro da sua cabeça. Eram zunidos. Nem por isso deixou de se sentir amedrontado. Nunca os ouvidos lhe zuniram dessa maneira. Zunidos acompanhados de marteladas ao compasso do coração. Qualquer coisa teria saltado da velha e entrado nele. Talvez o espírito dela, aquele espírito eriçado de espinhas venenosas. Só agora notou que tinha a faca na mão esquerda. Meteu-a na bainha. O coração batia desalmadamente e continuava a repercutir nos ouvidos. com ambas as mãos tapou e destapou os ouvidos. Era como se fossem vozes. O diabo da bruxa! Aproximou-sedo cadáver. Um montão de farrapos que se podia levar dum lado para outro a pontapés. O seu desejo era fugir, largar a casa da viúva sem olhar para trás. Mas Leandro sabia dominar-se. Abaixou-se, agarrou o braço esquelético da

morta. Arrastou-a como a um saco meio vazio para trás da casa. Não era mais pesada que uma charuteira, e fazia o mesmo rumor de mato arrastado. Encostou-a à parede.

Divagou o olhar à volta. Uma rabanada de vento fez estremecer o teto da casa. O medo apoderou-se dele. Medo do espírito da velha, e dos espíritos maus que acompanharam a bruxa durante a vida. Os zunidos cessaram, mas sentiu arrepios por todo o corpo. O espírito dela devia ter os punhos rijos e as garras afiadas. Caminhou depressa, quase a correr, para o lugar onde tinha deixado o surrão. Não o encontrou. Deu a volta ao monte de pedras — pequeno patamar onde outrora havia uma cruz tosca vestida de farrapos. Arrastou-sede gatas por todo o terreiro a vasculhar. O surrão tinha desaparecido. Leandro nunca sentira medo de fantasmas, nunca os vira, nunca cruzaram o seu caminho, mas também nunca lhe sucedera matar gente, e nunca, até à data, acontecera um surrão de pele de cabra deslocar-se sozinho dum lugar para outro como se fosse uma cabra viva. E ia a jurar que, apesar da escuridão, distinguira perfeitamente uma sombra de cabra transpondo, num salto ágil e silencioso, a paredinha que separava o terreiro do caminho público. Ouvira, de certeza, o ruído ligeiro dum cascalho que se deslocasse e caísse dum lado alto para um lugar baixo. Os zumbidos recomeçaram e eram como serra a serrar ferro. As marteladas nos ouvidos voltaram a ensurdecê-lo. Teve a impressão de que a terra abria uma grande bocarra para o engolir. Era assim que as bruxas se vingavam. Para não escorregar pelas bordas da bocarra e ser tragado pelo abismo, desatou a correr em direção ao lugar onde vira a cabra saltar. E saltou também; mas ao pousar os pés no chão, no outro lado do muro, tropeçou num corpo mole, e caiu desamparado.

Deu duas voltas sobre si mesmo e foi embater contra o muro do outro lado do caminho que cercava o sequeiro da Terra-negra. Uma voz de homem soltou um grito de dor, em falsete: "Ui, ui, ui!..." seguido de uma gargalhada longa, arrastada e pândega, como de homem a imitar mulher. Era o riso do Salta-pedra. Leandro levantou-se imediatamente para se pôr em guarda. Salta-pedra não era homem para ele, não tinha corpo para agüentar um bom soco, mas era perigoso porque corria no escuro como gato,

via de noite como os outros homens vêm de dia. Deixou-o rir seu riso comprido e esganiçado. Leandro só soube dizer:

— Dá-me o meu sarrão.

Realmente o homem tinha o sarrão no regaço como um menino adormecido — um menino gordo adormecido que, pela posição em que estava, de cabeça mais baixa que o corpo, ia emagrecendo, emagrecendo cada vez mais.

— Dá-me o sarrão.

Ao ouvir Leandro pedir o que era seu em tom de desafio, Salta-pedra soltou nova gargalhada, desta vez mais curta. Levantou os braços, abanou-os no ar de punhos cerrados:

— Tu pegado no diabo da velha a sacomar, a sacomar... A estupora tinha força... Ah, ah, ah! As bruxas têm vida de gato... Quem te manda meter as mãos em bruxas? Pois fiz de propósito, para te pregar susto. Entrei surrateiro enquanto arrastavas a velha. Eu vinha desses baixos a procurar vida pra outra banda.

Olha pr'aqui já não tem nada. Bote é a navegar. Quando este pesqueiro não é bom, é buscar outro. Eu subia o caminho, e ouvi exatamente um porco com faca no pescoço. Uá! — eu disse de mim pra mim, de sentido levantado. Mas não era porco, não. Era uma gata assanhada. Ah, ah, ah!

Bruxas têm sete vidas coma gato; sim. Se não fosse isso eu já lhe tinha feito a mesma coisa. Era uma estupora...

— Queres dizer que matei a viúva Aninhas, hã? Dá-me o sarrão, não ouviste ainda?

— Eu não disse que mataste Nhá Aninhas. Eu não disse. Deste-lhe uma grande sova. Era o que eu estava pra fazer, mas não tenho mangação com as bruxas. Hum! Gente de más entranhas. Era uma excomungada. Ia quase todas as noites chupar o leite das cabras da tua família. Eu via com os meus olhos. Ela meteu no buxo umas três ou quatro galinhas de Nhá Zepa. Os ovos, então, isso não se conta. Se queres vou mostrar-te onde ela ia esconder as penas das galinhas e as cascas dos ovos. Sempre que achava um jeito... Não deixava nada pra mim, ah, ah, ah! Sim. E depois eu é que

pago as culpas. Tudo quanto desaparecia por estas bandas era eu.. . Não te roubei o sarrão, ouviste? Quis só pregar-te um susto. Tá cheinho e até faz criar água na boca.

Vendo que Leandro se abaixava para pegar o sarrão que ele tinha empurrado com os pés, afastou-se com prudência, de gatas, alguns metros.

— Meteste a mão direito dentro dele, malandro disse Leandro notando a diferença no peso.

— Só tirei uma ou duas batatinhas — explicou Salta-pedra humildemente. — Que tem eu tirar duas batatas? Cá pra estas bandas a gente não encontra uma prenda assim.

Dize, moço, onde foste desencantar tanta colheita?

— Tu queres dizer que roubei, hã?

— Uá, eu não! Não disse que roubaste. Andas desconfiado esta boca da noite. — Levantou-se preguiçosamente e acrescentou fazendo um movimento com os braços: Aqui nestas ilhargas quem rouba sou eu. Mas já não tem onde ir buscar mais nada. Bem, vou eu agora por aí arriba. Ainda se o diabo da velha deixasse as coisas no seu lugar. Olha, eu tinha debaixo d'olho um cabritinho de Nhô Tiofe ali no Fundão, bichinho gordinho, Uso, bem comido — não sei onde o homem ia buscar comida pra lhe dar. Era um castigo que eu lhe poupava.

Se te disser que esta macaca foi lá primeiro do que eu és capaz de não acreditar. Isso foi tem três semanas, mas ando ainda enraivecido... Eu é que pago as favas.

Também, deste-lhe uma tunda que nunca mais se levanta. Era uma desalmada, moço. Ainda se tivesse alguma coisa que roubar... A mim até me pareceu que o sarrão fosse dela. Eu não sou homem pra matar ninguém. Mas era capaz de fazer o que fizeste se lhe visse com um sarrão deste tamanho e cheinho assim, em sua casa, palavra! Quem sabe lá? Ah, ah, ah!...

— Dito isso, transpôs o muro do caminho num salto de gato e, sem ruído, desapareceu nas revas.

O filho de José da Cruz ficou ainda um pedaço escutando. O vento amainara. A intervalos caíam breves calmas que ligeiros silêncios

penetravam. Um leve sussurro chegou, de novo, aos seus ouvidos, vindo dos lados da Terra-negra; eram soluços abafados, ou cantiga de ninar, ou guisa. Sim, era choro de morte, guisa reprimida de quem não tem mais nenhum remédio nem mais nenhuma esperança. Leandro enfiou o surrão no ombro. Desceu o caminho que ladeava os terrenos do pai. Os soluços calaram-se. Mas estacou, apavorado. Uma longa gargalhada acabara de soar atrás dele, as traseiras da casa da viúva Aninhas. Olhou para aquela direção. O patife do Salta-pedra acertou com o cadáver. Outra gargalhada se quebrou de encontro a um pé de vento rijo que roçou por ele num redemoinho de poeira. Leandro estugou os passos. Saltou o muro de vedação, passou junto do curral desmantelado, entrou no terreiro e parou, ofegante, diante da porta. Estava entreaberta mas não havia luz lá dentro. Graças a Deus a casa estava intacta. A salvação não desertara do seio da família.

— Eh, gente! — falou ele para dentro. Empurrou a porta e entrou. Zepa e José da Cruz estavam ali mesmo, junto dos seus pés, mas não os viu. Foi Zepa quem falou — e então, pela direção daquela voz ciciada, percebeu dois vultos sentados no chão, encostados à parede, perto da porta.

— És tu, Leandro?! Deus te traga em salvamento.

— Era uma voz velada, quase inaudível, e soluçante. Depôs o surrão no chão. Pediu a bênção. Acendeu um fósforo. A mão tremia tanto que a chama se extinguiu. Mas, num relance, notou que a casa estava vazia de objetos.

Não viu a mesa, os bancos, os mochos e o resto. Só viu chão e paredes, como um curral. Zepa agora soluçava, soluçava, soluçava, reprimindo o choro. Os soluços aproximaram-se dele. O pai não disse nada. Leandro não riscou mais fósforos, mas perguntou:

— Ocês têm cangabaixo?

— Ó filho, não temos nada pr'aqui. Nada de nada — respondeu Zepa. Sentiu a mão dela pousar-lhe num ombro. A sua voz era abafada como se fosse escutada através duma parede. — Nada de nada, filho.

Leandro meteu a caixa de fósforos no bolso das calças. Não estava ali a mesa. Não vira um único objeto. A família estava curtindo uma grande miséria. O pai, acorçado no chão, tinha o rosto escondido nos joelhos como

se estivesse a dormir. Leandro não teve coragem de pedir água, como era seu costume. Sempre que pensava naquele pote de Boa Vista, que fazia a água tão fresca, a garganta secava-se-lhe. Talvez já lá não estivesse também. Só miséria grande teria feito o pai vender as suas coisas.

Se tivesse adivinhado... Nunca lhe passara pela cabeça que a miséria pudesse entrar naquela casa.

— Trago aqui este sarrão com umas coisas — disse.

— Tem batata e tem mandioca. Tem também umas velas de purgueira, um queijinho e uma moinha de milho. Tá bem pesado então... — Continuava trêmulo. O coração batia ainda tanto que parecia sufocá-lo.

Zepa rompeu a chorar convulsivamente. Quando serenou e pôde falar, balbuciou num sopro:

— Dize a Isé que sim. Dize-lhe que sim.

Mas Leandro não compreendeu. Zepa levou a mão para o sarrão, apalpou-o, acariciou, ajoelhou-se e abraçou-o, como se aquela pele de cabra fosse gente, um filho que tivesse embarcado um ror de anos e estivesse de volta a casa. Ao mesmo tempo que abraçava o sarrão ia dizendo numa guisa solta como se, agora, estivesse a despedir-se dum morto:

— Jó morreu de fome. Jó morreu de fome... — E repetiu muitas vezes a frase até que as mãos do José da Cruz que se havia levantado em silêncio, pegaram nela com firmeza e a afastaram, puxando-a para junto da parede. Ao aproximar-se, a claridade das estrelas que entrava pela porta aberta bateu no seu rosto esquelético e barbudo. Leandro percebeu uma implacável dureza na expressão do pai.

— Olha — disse José da Cruz dando um passo para o filho. — Pega no teu sarrão, com tudo o que tem dentro, e vai de novo pelo mesmo caminho que vieste. Tu sabes tão bem como eu por que não quero pôr a minha boca nessa comida, nem eu nem a minha família. Sai da minha casa, desgraçado. Toma a bênção, e vai na paz de Deus.

Dessa vez Leandro compreendeu. O velho Zé da Cruz era homem duma palavra só; insistir com ele seria tempo perdido. Enfiou o sarrão no ombro e caminhou para a porta.

Pedi a bênção e, pegando na mão da madrastra que se tinha aproximado, saiu, puxando-a, para o terreiro. Despendurou o surrão, virou-o de boca para baixo e encheu o regaço dela. Mergulhou a mão dentro, retirou o queijo, as velas, o resto das batatas e pousou tudo naquele regaço faminto. Feito isso, sem mais uma palavra, meteu-se pela vereda em direção ao barranco, e desapareceu na escuridão.

Um sentimento de derrota e mágoa seguia-o quando deixou a casa do pai. No âmago da sua alma qualquer coisa acabava de ruir. O seu coração fora, até então, uma taça de resíduos de amargor em cujo fundo pousara um raio de luz. Um pouco de calor humano habitara, até há pouco, aquela desolação. Habitara-se a responder com indiferença ao desprezo e à desconfiança dos homens, o sentimento familiar, o amor por aqueles seres em cujas veias palpitava sangue igual ao seu, não permitiram que arrefecesse esse humano calor e apagasse aquele raio de luz.

De repente, o pai abandonava-o no emparedamento da sua total solidão. Réstia de amor e bem-querença que, desamparando-o, o isolava completamente, cortava-lhe as últimas amarras que o ligavam ao mundo dos homens e apagava o raio de luz no fundo da taça amarga.

Trepou a margem oposta do barranco. Chegado a uma proeminência, pousou diante de si o surrão quase vazio. Acocorou-se virado para Terra-negra. Durante uns minutos deixou-se ficar olhando através das trevas o vulto indistinto da casa do pai. O vento descia das montanhas com violência, enchia o barranco de ruídos sibilantes.

Começou a tiritar. Seria do vento frio que subia do barranco ou do hálito mais frio ainda que vinha da desolação da sua alma? Só nesse momento dava pela frieza da noite. Como se, na solidão do Campo Grande, outras noites mais frias ainda não tivessem roçado por ele! Lembrou-sede que os ventos invernais há muito já mordiam as encostas desoladas e desamparadas do norte. Acocorou-se ainda mais, abraçou as pernas nuas. Viu diante de si o pai de braço estendido: "Sai da minha casa, desgraçado".

A palavra "minha casa" soara a falso. Nada, hoje, pertencia a ninguém. O que lhe doera não fora a proibição de voltar a pisar o chão da casa do pai, mas o significado daquelas palavras e daquele gesto

implacáveis, o quebrar do laço de família, a excomunhão do homem que lhe era mais caro no mundo. O pai teimava em se agarrar àquelas paredes, mas seria forçado, mais dia menos dia, a abandoná-las, a seguir o caminho dos outros. O velho tinha o seu pensar; mas Deus era mais forte do que ele. Sabia por que estava ali; só ele o sabia — ninguém mais. Mas não valia nada dizer "a minha casa" porque no meio desta carestia só a desgraça era nossa. Que diferença entre pai e filho! Ele, Leandro, era um animal solitário, e os homens, mesmo os pais, desconfiam dos seres solitários. José da Cruz era um homem bom. O filho não o era — reconhecia-o. Cada um tinha razão naquilo que pensava e fazia. Seu pai tinha razão em ser bom; com a sua severidade, as suas caturrices — "teimoso coma burro brabo" (quando se lhe metia uma teima no sentido via tudo da cor da coisa que teimava) — , com o apego à sua gente, às suas coisas, à sua casa; seu pai não estava errado. E ele, Leandro, tinha, também, razão em ser assim rancoroso, talvez mau, desprezado das coisas deste mundo, solitário e esquivo como gato sem dono. Cada um tinha razão levando a vida consoante a criação da sua alma.

Leandro amava o pai, e tinha orgulho em ter um pai bom. Mas não queria ser bom para ninguém, senão para aquelas criaturas que ele acabara de deixar ali entre as quatro paredes nuas. Amava-as à sua maneira; um amor disfarçado de indiferença e afogado no silêncio do seu coração empedernido. Amor que acabara de sofrer uma terrível desilusão. Para os outros, se a indiferença não bastava, daria todo o seu rancor. Porque sabia que o resto dos homens não lhe queria bem, só lhe reservava o desprezo, a desconfiança, a incompreensão, e, mesmo, o asco, como se ele trouxesse a doença da lepra na pele. Quando a indiferença não chegava, o ódio tornava-se a sua força. O ódio tinha mais sabor!

Levantou-se. Já ia a tomar o caminho das montanhas, "na paz de Deus", guiado por uma mão estendida, quando o vento subitamente parou. Virou-se, pela última vez, para a Terra-negra como se a calma repentina lhe trouxesse um derradeiro segredo. Foi então a quebrada, com o seu fragor de trovão — o desabar de rocha e cascalheira, como se toda a vertente do barranco, do lado da casa do pai, esboroasse.

Depois que Leandro partiu, Zepa ficou junto da cancela do terreiro, trêmula, confusa e comovida, tentando ainda, por entre a escuridão, adivinhar o vulto do enteado a afastar-se — como um anjo bom que se desvanecia na noite. Ela tinha o regaço cheio, pesado, de tanta esmola trazida do céu pelo anjo. Um milagre de Deus que o anjo lhe pousara no regaço. "Um milagre", murmurava Zepa, "um milagre!" Se a sua voz não estivesse tão velada, todas as pedras da Terra-negra até o barranco ouviriam.

Um milagre, um milagre! No meio de tanta tristeza, um pouco de contentamento e de felicidade! Comida no regaço cheio, comida para Mochinho e Leia, comida para Isé, e para ela também. Acender o lume, ouvir o caldeirão ferver, ver a família à volta do caldeirão... — pensou Zepa como se estivesse a sonhar, sem poder reprimir as lágrimas. Lembrou-se do lume. Ah! Como fazer lume se não tinha um único fósforo? Se as cinzas do fogareiro tinham arrefecido, pois não havia purgueira para agüentar as brasas...

"Ó Leandro! Leandro!" Leandro devia ainda estar perto. Chamou de novo: "Ó Leandro!..." mas a voz morria-lhe na garganta. Havia dois dias enrouquecera e nunca mais recuperara a voz. "Ó Leandro!..." Segurou as pontas do regaço com ambas as mãos, caminhou para a beira do barranco em direção ao sítio onde vira Leandro sumir-se. "Ó Leandro, dá-me fósforos! Ó Leandro, dá-me fósforos!"

A pedra falsa. A pedrona. Ela aproximava-se e não via a pedra falsa, não se lembrava da sua existência. Ia enlevada, ansiosa, tonta de felicidade! Fósforo, fósforo, fósforo! Fósforo para aquela escuridão, calor para a frieza da noite desamparada, lume para a comida da família. Caminhava com dificuldade. Tinha o regaço pesado e as pernas trôpegas. Só a alegria e a comoção a sustinham na luta, no milagre da renovação da vida. Arrastava-se, cega, pelos altos e baixos do terreno, desequilibrando-se, zigzagueando entontecida, balbuciando com a voz mais surda que o bater do seu coração. "Ó Leandro! Ó Leandro!" Lume para a comida da família — cachupa com batata e mandioca que dias-há não viram os seus olhos! De manhãzinha

cedo o pilão a pilar! Sentiu-lhe o contato. Meu Deus! Apoiou-se à pedra, o regaço era pesado demais.

"Traz-me fósforo! Onde te meteste esta agorinha assim, mocinho?! Ó Leandro! Ó Lean..."

Durante uns segundos os ecos da quebrada encheram a noite. Leandro sentiu um estremeamento no coração. Como se a casa do pai, com a família dentro, se afundasse nas trevas, para todo o sempre. Onde estaria a desgraça batendo à porta nesse momento? Onde o naufrágio sem socorro, sem uma mão estendida, sem um farol na escuridão — sem um fósforo, um fósforo! — para evitar o passo, cego, fatal, irremediável dessa desgraça na noite infinita?... Faltou-lhe o chão debaixo dos pés. Soltou as pontas do regaço, e a comida espalhou-se à sua volta. A encosta pedregosa abriu uma ferida por onde a mulher e a esmola de Deus se sumiram arrastadas na enxurrada estrepitosa. Zepa rolou confundida com os calhaus até o fundo do barranco, onde, passados momentos, os terriços vindos da ribanceira a cobriram — até o regresso da paz e do silêncio definitivo.

José da Cruz levantou-se. Escutou. Passou a mão pela testa. Tremia.

— Só te esperava para me ir embora. Levas tudo. A levada, os pilares, não fica mais nada. Agora sim. Foi-se tudo. Já nada tenho que fazer aqui. Agora vou-me embora. Agora vou-me embora... Levaste o resto. Não fica mais nada. Agora, vou-me embora de verdade. Agora, sim. Ó Zepa! — chamou, caminhando para a porta. — Ó Zepa! Ó Zepa! Vamos embora. Agora sim...

Segunda parte

Romance na montanha

O filho de José da Cruz galgou a encosta acidentada em busca do local onde prendera o Picaroto e guardara as peles que eram o seu disfarce e a sua cama ambulante.

Nunca se sentira tão escorraçado como nessa madrugada em que, pouco depois do brutal estrangulamento da velha viúva, e por motivos menos repugnantes, o pai lhe mostrara a porta da rua, e o expulsara. "Sai da minha casa, desgraçado!" De mistura com o estrupido da quebrada cuja tragédia ficou ignorando para o resto da vida — essas palavras do pai pareciam criar eco, subir dos fundos em sua perseguição, trazidas por ventos malditos e entremeadas de guinchos de desespero e das gargalhadas sinistras e denunciadoras do Salta-pedra. Os braços doíam-lhe das unhas da bruxa; e enquanto durou a noite teve a impressão de que a morta estendia os dedos descarnados para ele e lhe enterrava as aduncas garras nos pulsos. Às vezes a impressão era tão forte que Leandro sacudia os braços com frenesi para se desenvencilhar. Quando atingiu as bordas do planalto, os receios desvaneceram-se. Os braços, cobertos de arranhões e algumas riscas de sangue coalhado, já não lhe doíam. Grande distância o separava agora do cadáver da viúva e da casa do pai. As gargalhadas do Salta-pedra não chegariam até o planalto. Tudo para ele morrera naquela área familiar. Sentou-se para

descansar. Levantou-se e prosseguiu o caminho. As estrelas tinham abandonado o céu, e manchas cor-de-rosa envolviam o perfil negro das montanhas que bordavam o Campo Grande a leste. Chegou à furna, onde deixara o cão e as peles, no momento em que o sol rompia as nuvens do canal e batia de chapa na face superior do Topo de Coroa, a montanha mais alta da ilha.

Não despejara todo o conteúdo do surrão no regaço da madrastra. Deixara um queijo e duas batatas assadas. Meteu a mão no surrão, retirou uma batata; tirou um pedaço que atirou ao Picaroto e comeu o resto. Soltou o cão, entrou na estreita furna, envolveu-se nas peles e adormeceu.

Acordou quando as montanhas traçavam longas sombras sobre o planalto, em direção ao canal. Abandonou o esconderijo, espiou ao redor, fez um rápido estudo à trajetória do sol, e disse para o cão:

— Vamos embora, Picaroto. São quase quatro horas.

A sua vida, desde que devolvera o gado aos donos, resumia-se nisto: dormir e deambular. Mas o trabalho não surgia ao acaso. Tinha que o procurar. Havia horas propícias. Boas ocasiões e más ocasiões. Para Leandro, o planalto do Campo Grande não era um ermo morto de morros escuros, colinas nuas, caminhos perdidos, córregos secos e raras carquejas solitárias. Comparava-o a um grande povoado cheio de silêncio, com ruas amplas, becos estreitos e tortuosos e casas de portas e janelas cerradas.

Um grande povoado onde a meditação e a paz pesavam sobre as criaturas humanas e davam a impressão de que não existiam. Para Leandro, os penedos solitários, os pedregulhos negros, os paredões de granito representavam figuras humanas com gestos e palavras, e seus silêncios cheios de generosas intenções. Compreendia essas criaturas que viviam em repouso. As suas intenções eram sempre de amizade e camaradagem, e os seus gestos protetores e simples. Não o odiavam. Não o denunciavam. Quando andava para cá e para lá, não passava de um desempregado em busca de ocupação pelas ruas comerciais dum grande aglomerado populacional indiferente à vida de cada um, mas generoso nas ofertas de trabalho, nas dádivas de oportunidades e na proteção aos seus habitantes. Era um meio grande onde não havia intrigas nem malquerenças. Quando um "ofício" se lhe apresentava, Leandro agia com decisão, e procurava tirar todo o lucro que dele pudesse advir.

Conhecia os pontos estratégicos. Sabia qual o monte que lhe oferecia melhor domínio visual dos pontos nevrálgicos, dos cruzamentos de caminho que ligavam as regiões mais importantes da ilha de uma vertente a outra do planalto. Havia horas em que era inútil andar pelas ruas da cidade

do silêncio. Tinha que aproveitar sempre os momentos apropriados, e lançar-separa diante com audácia e rapidez. Os caminhos de ligação dos centros de movimento da ilha voltavam a ser percorridos a partir das duas horas pelas caravanas que regressavam às povoações. Homens, burricos, mulheres, não cruzavam o planalto, a tais horas, de mãos a abanar. Como não lhe interessava o dinheiro que levavam para as compras, ao romper do dia, dispensava as caravanas matutinas. Nas presentes circunstâncias tinham para ele mais utilidade as compras realizadas. Não necessitaria percorrer, assim, grandes distâncias para adquirir produtos alimentícios; sobretudo, evitava desse modo contato perigoso com as povoações.

Leandro desconfiava de si mesmo. Sentia-se indefeso, exposto, capaz de se denunciar por um simples gesto. Sabia-o. Pela vida fora tivera a confirmação disso. Quando praticava qualquer ato reprovável, se o pai o chamava e a outro irmão, que morrera ainda criança, e perguntava de sobrolho carregado: "Quem foi que fez isto?", Leandro recusava amedrontado, acusando-se. A mãe dizia: "Leandro não sabe contar mentira. Seja pra seu bem". Não sabia mentir, embora mentisse a toda a hora. Agora, homem feito, e após o início das suas atividades pelos caminhos cruzados do planalto, a desconfiança em si próprio misturava-se ao medo pelos crimes praticados. Sentia a insegurança à sua volta. Evitava descer aos povoados para não atrair os olhares, não despertar suspeitas. A cicatriz do seu rosto constituía um alvo comprometedor.

Os olhares fixos, a curiosidade das gentes suspeitosas atingiam-no, não no aspecto do rosto, mas nas verdades da sua alma, na insegurança da sua consciência; não na aparência mas na realidade mais profunda do seu ser.

Leandro conhecia a vista que se desfrutava do alto daquele morro negro, ali, a uma pedrada de funda da pequena gruta onde dormira. Meteu as peles no surrão e caminhou para lá com o Picaroto atrás. Apesar do sol crã num céu de raras e tímidas nuvens, o vento era fresco, mesmo frio, no fundo do córrego que o levava ao morro, ou junto às sombras das rochas. Quando alcançou o cimo do morro a sombra do Topo de Coroa estendia-se, esguia, no solo pedregoso do planalto, até à margem oposta.

À primeira olhadela, Leandro distinguiu um vulto a mais de meia légua de distância que, dentro de momentos, desaparecia atrás duma elevação de terreno. O vulto, um pequeno traço negro a destacar-se contra o fundo batido de sol do sopé do Topo de Coroa, antes de desaparecer inclinou-separa diante, e foi na maneira de se inclinar que Leandro compreendeu tratar-se duma mulher. Nessa quadra do ano as noites eram glaciais, o nordeste, cortante, fustigava o planalto. Jornadeiros incautos, surpreendidos

pela noite, tombavam enregelados nos caminhos. Mesmo durante o dia, em pleno sol, ondas de frio percorriam os campos tolhendo os movimentos dos pastores que, para se reanimarem, faziam fogueiras com ramos de carqueja.

A mulher acabara de entrar no planalto, depois de contornar a base do Topo de Coroa, pelo norte, vindo da região do Cidrão. Tratava-se, sem dúvida, de pessoa corajosa, ou inconsciente, que não receava aventurar-se desacompanhada, a tais horas, por essas solidões perigosas batidas de ventos agrestes e povoadas de salteadores mascarados e onde os próprios guias se perdiam com as primeiras sombras da noite. Pela direção que trazia talvez tentasse tomar o caminho mais curto que a levaria aos cabeços dos povoados do sul, ou procurasse ganhar, o mais depressa possível, as veredas que iam ter à bordeira da Ribeira das Patas, em busca das zonas dos trabalhos do Estado, na estrada dos Lajedos. Precisaria, pelo menos, de três ou quatro horas, consoante o andamento, para alcançar as primeiras propriedades da Ribeira das Patas; e o sol levaria pouco mais de uma hora para desaparecer atrás da linha do mar. De qualquer modo não deixava de ser estranho a escolha duma hora tão tardia para iniciar a travessia do Campo Grande, tanto mais que a lua, crescente, seguiria em pouco tempo o ocaso do sol.

Calculou o ponto de encontro com a desconhecida e o caminho que ela teria seguido, e tomou rapidamente esse rumo. Quando chegou ao ponto calculado verificou não haver nenhuma pegada fresca nas proximidades. Seguiu pelo leito do córrego em direção ao ponto onde o vulto tinha desaparecido. Esse devia ser o caminho provável a seguir, visto que

encurtava a travessia do planalto numa linha transversal que ia ter às vertentes do sueste mais próximas da região dos trabalhos do Estado, para quem, familiarizado com a região, quisesse evitar o desvio pela bordeira. Galgou uma das margens do córrego e verificou que estava a escassas centenas de metros do local onde avistara a mulher. A indiferença do Picaroto indicava-lhe que tinha seguido uma pista errada. Incitou-o: "Apanha, Picaroto! Css, css! Apanha!" Para obedecer ao dono, o cão percorreu uma vasta zona ladrando de focinho no ar, mas voltou, sem demora, ao ponto de partida, de rabo entre as pernas. "Apanha, css, css!" Exploraram os caminhos que contornavam o sopé nordeste do Topo de Coroa, as veredas que se dirigiam para o Tarrafal do Monte Trigo. Fatigado e desanimado, Leandro sentou-se junto dum penedo, no regaço duma antiga nascente onde, outrora, costumava densedentar-se quando acompanhava caçadores de cabras bravas. O sol declinava, e a sombra do Topo de Coroa projetava-se contra as nuvens do canal. No céu, uma única canhota girava à volta do mesmo alvo como se se lhe tivesse deparado algum animal morto. Descia' apertando o círculo, como a linha ao redor dum pião, e, sem tocar em terra, recomeçava a subida seguindo a mesma figura, numa espiral cautelosa, em curvas que aumentavam de raio à medida que se afastava do solo. O local onde Leandro se achava era abrigado dos ventos, mas de vez em quando lufadas frias envolviam-no . Levantou-se. Foi quando o cão, que parecia seguir atentamente as evoluções da ave de rapina, estendeu o focinho e começou a farejar. Leandro, que conhecia bem o seu bicho, não duvidou do significado das palpitações das suas narinas úmidas e negras. Tateavam qualquer corpo estranho que, através das lufadas de vento, chegava invisivelmente até ele. Para o encorajar deu uns passos e incitou-o de novo: "Apanha, Picaroto! Css, css!" Picaroto correu umas dezenas de metros e galgou uma pequena elevação de terreno. Chegado ao topo da elevação, parou, soltando grunhidos de impaciência, com o focinho virado para o ponto à roda do qual a canhota continuava descrevendo círculos. Vendo que o dono se aproximava, retomou a corrida até à beira dum córrego e esperou de novo.

Desceu a vertente e caminhou farejando o leito, onde uma aragem fria circulava. Leandro viu sinais de pés no chão arenoso, e, ao dobrar o segundo cotovelo do córrego, avistou um vulto deitado, de braços, sobre a areia. Tirou do surrão a pele que servia de máscara e enfiou-a apressadamente. Fez um sinal autoritário ao cão para que se deixasse estar. Aproximou-se do vulto. Era uma mulher, como lhe parecera à distância. Tinha as pernas encolhidas, os pés escondidos debaixo da saia, o rosto virado para o solo, apoiado nos braços cruzados. A saia, de um cinzento sujo que já fora negro, tinha vários rasgões por onde se via outra saia, branca, encardida, de algodão. Usava blusa preta de pingos brancos, com mangas, e em bom estado, e não trazia nem lenço nem nenhum agasalho. Tinha a tiracolo uma sarraia vazia e, suspenso da cintura por um barbante, um búli sem água. Nos pés trazia alpercatas de pneu de automóvel atadas com tiras de cabedal.

Leandro ajoelhou-se. De rosto escondido atrás da máscara, indagou:

— Quem bô é? (Quem és tu?)

A mulher não respondeu. Não esboçou um gesto. Estaria morta? Leandro era desajeitado. Que fazer? Começou por tirar a máscara que o embaraçava e meteu-a no surrão.

Pousou uma mão nas costas da mulher. Notou um movimento dos pés debaixo da roupa. Viva. Talvez desmaiada. Desatou o búli do cinto e colocou-o no chão. Ela respirava.

Pegou-lhe na cabeça com delicadeza, virou-lhe o rosto cautelosamente. Era uma rapariga, nova ainda, que ele nunca tinha visto. O desenho mortuário daquele rosto chupado e de pálpebras cerradas comoveu-o. Mas aquele corpo jovem, mesmo assim esquelético e quase sem vida, talvez agonizante, transmitiu-lhe uma esquisita impressão, uma vibração, uma sensação de força e plenitude que lhe fizeram estremecer o corpo de prazer. Tornou a pousar a cabeça da moça e levantou-se. Teve necessidade de respirar. Sorveu o ar frio e expeliu-o com força. Nesse momento, se se apresentasse o dono daquela mulher a reclamá-la, matava-o. Cresceria para ele como qualquer macho primitivo, reduzi-lo-ia a um montão de ossos.

Tornou a ajoelhar-se. com desajeitada solicitude, depois de colocar a rapariga numa posição mais cômoda, encostou-lhe o gargalo do bûli à boca. Sem descerrar os olhos, ela bebeu dois ou três goles. As pálpebras piscaram mas permaneceram fechadas. Depois de atar o bûli ao cinto, Leandro segurou os ombros da rapariga, virou-a de costas, pousou-lhe a cabeça para trás, sobre a cabeleira farta e desalinhada. Então, emocionado, com a voz embargada pela comoção, voltou a interrogar:

— Dondé que bô vem? (Donde vieste?) Ela conservou-se muda e de olhos cerrados.

— Donde vens, hã? Quem és tu? — insistiu curvando-se mais sobre o corpo inanimado. Ela começou a tremer. Toda a sua roupa vibrava de alto a baixo. Sobre eles a canhota continuava desenhando círculos lentos. Talvez julgasse que a rapariga já estivesse morta. Ou adivinhasse a sua agonia, e esperava a hora do repasto.

— Eu tenho um lugar onde podemos viver — continuou ele quase em segredo. — Tenho lá comida e água. É um lugar na segurança onde não entra o vento frio da invernada.

Mas tenho lenha pra fogueira quando o frio queima...

A emoção sufocou-o. Afastou-se uns passos, agarrou um calhau e arremessou-o contra a canhota que teimava nos seus círculos agoirentos. Vendo que a ave se distanciava, aproximou-se da rapariga.

— Queres sempre vir comigo?

Como a rapariga não respondesse, acocorou-se, passou-lhe os braços debaixo do corpo e pegou nela ao colo. Aparentava dezoito a vinte anos, mas pesava tanto como um recém-nascido — a não ser que, por um secreto condão, tivesse transmitido ao macho uma força extraordinária que lhe permitisse suportar o seu peso sem o mínimo esforço.

O coração batia no peito de Leandro como um repicar de sinos, e era uma sensação que nunca experimentara. Chamou o Picaroto, que se tinha mantido à distância, e encaminharam-separa as montanhas...

A dez braças acima da entrada da gruta onde Leandro vivia, desfrutava-se um panorama grandioso. Era um pequeno terraço situado no alto dum penhasco negro perdido num labirinto de penhascos menores os

quais, vistos à distância, desenhavam uma cadeia de cabeços pontiagudos que bordavam as cristas superiores, aparentemente inacessíveis, dos contrafortes da vertente leste do planalto. Dali, a vista abrangia, em grande plano, dum lado, a vastidão do oceano com São Vicente ao largo como um gigantesco cetáceo, cinzento, em repouso, e do outro, grande parte do vasto planalto semeado de córregos, morros escuros e caminhos cruzados, mergulhado num silêncio infinito.

Em frente, obliquando para a direita, desenrolava-se uma sucessão de cabeços tortuosos de cores sombrias e formas irregulares, que iam morrer nas calmas águas do mar na costa sudoeste. O norte da ilha era vedado por uma cadeia de montanhas que tinha a origem nas margens do vale da Ribeira das Patas, bruscamente interrompida por um desfiladeiro que abria ampla ferida no flanco do planalto, e cujo sulco profundo rasgava a vertente até o litoral.

O acesso à gruta era defendido por alta muralha basáltica, quase vertical, cujas anfractuosidades serviam de pontos de apoio, secretos e traiçoeiros, apenas utilizáveis por quem estivesse perfeitamente familiarizado com o local. Qualquer homem não se aventuraria, de ânimo leve, à escalada.

De teto abobadado, a gruta media, na sua maior largura, cerca de dois metros por três de profundidade. Leandro dormia envolvido em peles de cabra e carneiro e sobre sacos de serapilheira, de que possuía boa provisão. Durante a noite, apesar da gruta estar virada para sueste, portanto abrigada dos ventos dominantes, de direção invariável no arquipélago, a entrada era protegida por uma esteira de bananeira que, graças a um sistema de cordéis, era enrolada e presa em cima, e solta sem dificuldade, quando fosse necessário.

O ex-guardador de gado soube rodear-se de algum conforto.

A meio da gruta, numa concavidade aberta a picareta, com um orifício na parte superior, que comunicava com o exterior, destinado à saída do fumo, construía uma pequena lareira com trempe de pedra onde ardia, quase sempre, um troço de purgueira escondido na cinza. Nada lhe faltava de essencial para se governar. A relação dos haveres existentes no refúgio longínquo do sinistro Robinson Crusóé do Campo Grande revelava tato

doméstico inegável. Enquanto a vida corria torto para os outros, e a seca assolava a ilha de ponta a ponta, enquanto os lares se desmantelavam e poucos povoados escapavam aos efeitos da miséria que grassava como uma epidemia, Leandro vivia na calma do seu governo e do seu "trabalho", gozava, sem remorsos nem inquietações, duma prosperidade que nunca sonhara nos anos de fartura e bem-estar geral.

Nos tempos normais de pastorícia, o seu material doméstico não passava de vasilhame de lata para água, uma marmita, uns sacos e pouco mais. com a ausência do gado, o conforto tornou-se incomparavelmente maior. A riqueza foi-se instalando na gruta a pouco e pouco. Quando recolheu a rapariga, a lista apresentava certa meticulosidade e desafogo: uma caldeira de ferro de três pés e uma frigideira de alumínio; um moringo de barro de Boa Vista, duas latas de cinco litros, uma para os restos de comida e lavaduras (porque nunca lhe faltava de comer) destinados ao porco, e outra para carretear água; uma dúzia de latinhas de capstan que serviam para guardar temperos e gordura e para substituir copos e chávenas; uma garrafa de litro, quase cheia de azeite (milagre dos milagres naquelas inóspitas paragens e nesses tempos calamitosos), algumas com mel, e uma, branca, contendo mais de meio litro de leite fresco; tinha, em caixotes e balaios, peixe seco, milho (coisa para quarta e meia), favona e feijão-pedra; matos para chá, sabão de loja (uma barra intacta) e também os tinha de fabrico caseiro, manipulados com óleo de purgueira e cinzas de bananeira — e mais miudezas sumidas pelos cantos. O mistério do leite fresco e da comida de porco desvenda-se: no extremo duma cinta praticada na rocha e que ligava esta gruta a outra mais pequena, mas de entrada bastante espaçosa, Leandro levantara uma parede e construía uma cerca onde instalara uma cabrinha leiteira. Com tábuas de caixotes e ramos vedara a entrada da gruta e enclausurara um leitão insaciável que passava os dias grunhindo.

Já não eram só três — o Picaroto, a cabra e o leitão — as bocas que Leandro tinha para sustentar. com a presença inesperada da rapariga do Cidrão passaram a quatro além da sua. As responsabilidades cresceram assustadoramente com o achado...

Durante uns dias o dono da casa foi o mais solícito dos enfermeiros. A rapariga arribava aos poucos. A princípio quase nada disseram um ao outro. Os olhares furtivos de Leandro amedrontavam-na. Temia aquele homem de cara rachada e aspecto maligno. Esperava, angustiada, o momento fatal. Virgem ainda, a sua única preocupação, durante os dias em que se manteve intacta, foi manter debaixo da vista aquele macho de má catadura, que sem uma palavra, saía e entrava, ia de um canto para outros vasculhando ou arrumando. Escutava os seus passos lá fora quando ele saía. Não desviava dele os olhos um só instante quando o via entrar. Procurava adivinhar-lhe as intenções.

Se a sua presença era inquietante, as suas ausências não o eram menos. Seguia-lhe os passos como o paciente que espreita os movimentos do médico que, de lanceta na mão, se prepara para a operação, desinfetando, sem pressa, as ferramentas e os recipientes que hão de recolher o sangue do seu corpo. Foi prolongando a "convalescença" para que o homem se não sentisse encorajado a martirizá-la.

Leandro tratava a "doente" sem pensar nos mistérios de que era portadora, e sem dar pelos receios que a acompanhavam. Achou natural a longa convalescença. Sentia-se feliz na sua companhia, mas, por sua vez, receava ultrapassar o limite de simples camaradagem, para não quebrar o encanto da sua nova vida. A sua timidez crescia progressivamente, à medida que os seus cuidados devolviam à moça a saúde e o vigor perdidos. Ele tinha mais medo dela, por assim dizer, do que ela dele. O problema das suas futuras relações era o papão que o assustava. Que pensaria ela de tudo aquilo e dele? Daquela gruta afastada dos caminhos? Daquela racha que parecia prolongar-lhe a boca até à orelha?

Ela evitava falar-lhe. Já o tinha observado suficientemente para ceder a curiosidade e a apreensão ao aborrecimento. Começava a tornar-se um pouco senhora de si.

Passava o tempo de olhos postos no horizonte; evitava agora que os seus olhares se cruzassem. Ele, por timidez, não sabia dirigir-lhe a palavra. Sentia que a presença da rapariga começava a ser-lhe indispensável, mas molestava-o. Pensava, às vezes, na sua liberdade perdida. Tomava o silêncio

dela como de hostilidade, e começava a sentir-se numa situação incômoda. Por seu lado, o silêncio dele atemorizava-a. Que estaria ele a magicar? Passavam as noites lado a lado, mas cada um tinha as suas peles e sacos onde se envolviam; a ela, parecia-lhe que assim, enfeixada nos seus agasalhos, poderia defender-se melhor de qualquer tentativa de luta por parte do macho.

Duas semanas depois da sua chegada, a moça já andava dentro da gruta nos mandados de casa. Começava a sentir-se como em morada própria. Foram-se, a pouco e pouco, habituando um ao outro. Todavia — embora as conversas entre ambos se amiudassem — , em se metendo nas peles, depois de apagar o cangabaixo, virava as costas ao companheiro, e qualquer possibilidade de entendimento tornava-se, então, impossível.

Finalmente, uma noite, no momento em que apagava o cangabaixo, ela disse com a voz surda, um pouco ciciada, como se estivesse falando para si mesma (ele havia colocado no fogareiro mais lenha do que o costume porque a noite lá fora arrefecera e o vento, agreste, assobiava nas arestas dos penhascos próximos):

— Aqui dentro é tão sabe...

Leandro estava deitado de costas como de costume. Virou-se para ela e, protegido pela escuridão, balbuciou:

— Eu não disse aquele dia que aqui era quentinho? Acrescentou:

— Julguei que não tavas gostando...

Ela deixou passar muito tempo, como se estivesse a pensar noutra coisa, ou se arrependesse de ter provocado a intimidade.

— Uá!... Contente, sim — disse por fim, tão baixo que foi a custo que Leandro ouviu.

O silêncio tornou a cair entre os dois. O vento uivava lá fora. O leitão grunhiu na sua gruta. Leandro não soube achar mais palavras para dizer. Passados uns minutos, ressonava. Ela passou umas horas agitada, rolando dum lado para o outro, até que, de cara virada para o teto, adormeceu.

Leandro saiu ao amanhecer. Quando a rapariga acordou, o sol ia alto. Não estranhou a ausência do companheiro. Habituara-se às suas

saídas freqüentes antes do nascer do dia. Arrumou a gruta, pendurou as peles, lavou a panela e as marmitas, levou de comer à cabra e ao leitão, tirou o leite à cabra, fez chá de mato, misturou um pouco de leite ao chá e bebeu; pegou na lata vazia e foi à água. Leandro abriu uma vereda ao longo da muralha e ela depressa aprendera a percorrê-la, a descer e a subir, sem dificuldade e com a lata cheia, à cabeça, os estreitos degraus que ele construía adrede para ela. Era a função principal do dia, descer o desfiladeiro e recolher o fio de água que vinha do seio da montanha, no recôncavo do desfiladeiro.

As demoras dele eram mais longas quando voltava de surrão vazio. Chegava ao pôr-do-sol, desanimado, cheio de fome e escasso de palavras (pois já se acostumara a dizer algumas frases à companheira). Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto para conversa. Estavam ele e ela atravessando um período em que, ao natural constrangimento, se associava o embaraço de sua situação, de não saberem que dizer um ao outro que se relacionasse com o início da nova vida que se esboçava entre eles; não sabiam como entrar naquele plano inclinado que esperavam, ou por outra, que ela começara a habituar-se a esperar com ânimo mais empreendedor.

Porque ele, naturalmente, não passaria dum joguete nas mãos dela.

— Que é que trouxeste? — era a pergunta que aprendera a fazer.

— Pedra tem bastante estes campos. Mais nada. Quando a resposta era mais ou menos essa, um silêncio opaco envolvia Leandro. Deixava-se cair a um canto, derreado.

Um dia ela disse:

— Nunca vi ninguém nestes campos de lá de riba da varandinha. (Varandinha era o terraço situado sobre a gruta.) Às vezes o Picaroto ladra, vou lá ver e não vejo gente.

— É falta de costume. Tem lugar onde passa gente e tem lugar onde não passa. Quem conhece os campos não cansa a vista.

Quando vinha de mãos a abanar, a sua cara amarrada incitava-a.

— É nestes campos que vais fazer os teus negócios? Donde lojas no meio de rochas?

— Faço negócio pra toda a parte. Mas não é sempre que negócio tem.

— É por modo de mim?

— Uá! — fazia ele. — O que não aparece hoje aparece amanhã. É mesma coisa... — Fechava-se no seu silêncio e o resto da noite não dizia mais nada, porque tão depressa a despensa estava cheia como estava vazia.

Nesse dia Leandro regressou cedo, a meio da tarde.

— Não digo sempre que o que não aparece hoje aparece amanhã?

Descarregou o surrão que estava pesado e pô-lo no chão diante dos pés da moça. Esta meteu a mão dentro, trouxe dois queijos, umas postas de atum salgado envolvidas em folhas de bananeira, duas bicudas secas.

— Quanto milho tem?

— Pouco mais de meia quarta, só.

— Costumas trazer mais, mas com o resto que temos dá pra muito tempo.

Depois de guardar os peixes, os queijos e o atum, despejou o milho para um caixote e pendurou o surrão.

— Onde foste arranjar estas coisas todas?

— Já te disse uma vez que são negócios.

— Já tenho vergonha de andar diante de ti assim. Quando é que me trazes uma fazendinha para um vestido? Arranja-me linha, tesoura e agulha e verás que sei coser roupa. Nhá-mãe ensinou-me a cortar, a coser e a chapear.

Leandro fez-se de desentendido e só considerou a primeira frase.

— Uá! Por que tens vergonha? — e pôs-se a analisá-la com um risinho que se perdia na cicatriz. Ela pegou na conversa:

— Então gostavas que eu estivesse nua diante de ti, hã?

— Eu não importava. Quem sentia vergonha eras tu e não eu.

— É mais vergonha andar esfarrapada do que nua. Eu agora não tinha vergonha de andar nua diante de ti.

— Por quê? — ousou ele perguntar.

— Por quê?! Ora...

— Hã? Por quê?

Ela encolheu os ombros:

— Porque agora somos quase como marido e mulher — respondeu deitando ao rapaz uma mirada de esguelha.

— Então é porque...

— Porque o quê? Eu podia dizer irmão e irmã. É mesma coisa.

— Hã?

— Larga-me, moço. Tás muito esperto, seu boca d'erva...

— Olha...

— Larga-me, larga-me... Agora não... — Recuou para o fundo da gruta. Leandro tinha-lhe agarrado um pulso.

— Não, não, agora não. Eu não quero. Agora não — repetiu debatendo-se. Leandro começava a estar fora de si. Ela viu o rosto dele aproximar-se. O grande lanho, da boca à orelha, parecia uma bocarra prestes a mostrar os dentes, a abocanhá-la. — Agora não... — A voz tremia-lhe na garganta, sentiu as pernas a vergarem. Encostou-se à parede e com a mão livre empurrava o peito do macho. — Agora não. Não quero. Logo. Depois... Deixa de bruteza...

Leandro caiu em si. Precisamente receava ser violento com ela.

Soltou-lhe o pulso. Diante da expressão de terror da rapariga, recuou um passo e abaixou os olhos, envergonhado.

— Bruto, bruto — remoeu ela soluçando e retorcendo o pulso dorido. E odiou esse homem de cara rachada. Nojo, vontade de lhe cuspir na cara...

Mas nessa noite... Foi nessa noite, enfim, que a carne dela se reconciliou com a carne dele. Nos mesmos gestos, nas mesmas ânsias dos homens e das mulheres deste mundo...

Um mês depois. O sol rompera havia pouco, e a esteira da entrada da gruta já tinha sido enrolada e presa em cima. Leandro estava sentado no chão, os antebraços pousados nos joelhos, o lado normal do rosto virado para a claridade que jorrava da boca da gruta — uma claridade fria do sol mal desprendido do horizonte. Olhava um ponto incerto do busto da rapariga que se encontrava estendida, de lado, sobre umas peles de carneiro, e de cabeça apoiada no braço direito, dobrado.

— Tás melhor do que quando te encontrei caída na areia aquela tarde. Parecias morta. Uma canhota voava por cima de ti. Naturalmente julgava que estavas morta...

— Era uma a menos no mundo. Que me importava?

— Não pesavas mais que um cabrito. Agora sim. Tens os braços e as pernas cobertas de carne, e já se vê que é gente que tá debaixo das roupas.

Houve um longo silêncio entre os dois, silêncio que parecia prolongar-se para fora da gruta e estender-se para lá dos cabeços dos montes nus, por sobre a toalha radiosa do mar, até à linha do horizonte — perfeitamente visíveis do lugar onde Leandro se encontrava.

— Faltam aqui umas coisas — disse ele como se falasse de si para si, pegando timidamente na mão esquerda da rapariga. Tu hás de me dizer as coisas que faltam pra eu trazer.

Ela pousou os olhos nas mãos dele. (Pensou: "Eu sei onde vais buscar as coisas que preciso".) Disse com a voz sumida:

— Já eu conhecia as tuas mãos antes de ver o teu rosto. Há muito tempo. Olha, esta madrugada sonhei com elas. Eu e a minha companheira Xenxa corríamos pelos campos, e as tuas mãos arremessavam grandes pedras até que a minha companheira começou a gritar, a gritar, e caiu com um pé ensangüentado. As tuas mãos chegaram-se a ela e arrebataram o balaio que ela, mesmo ferida e estendida no chão, se esforçava por conservar. Só vi as tuas mãos; escondias o rosto por detrás da máscara de pele de cabra. Mas vi que eras tu. Levaste o balaio com comida que ela tinha comprado pra família que tava passando fome...

Leandro soltou os dedos dela e começou a tremer. Pôs-se a mirar e a remirar as mãos, como se fossem dois objetos desconhecidos.

— As minhas mãos são como as mãos de toda a gente. Não têm nenhum sinal, nenhum lanho como a minha cara. São mãos de homem de trabalho...

A rapariga levantou o braço e, de dedo estendido, indicou o Picaroto que, apoiado às patas traseiras, à entrada da gruta, farejava o ar da manhã com o focinho levantado e os olhos semicerrados.

— Mas o teu cachorro não me enganou. Tem um sinal preto à roda do olho esquerdo, o mesmo daquele cachorro que nos perseguiu a mim e a Xenxa aquela tarde, fora do sonho, nesses campos. Picaroto não usa máscara...

— Tem tanto cachorro com sinal preto no olho... Todos os irmãos de Picaroto têm sinal preto como ele.

No fundo de si mesmo sentia-se a recuar. A expressão do rosto começou a afrouxar, o lábio inferior desprende-se, os músculos relaxaram, acusando-se...

— Tu julgas agora que me importo com isso? Cada qual vive a vida que pode. E se não fosses tu, eu tava morta hoje, as canhotas tinham levado a carne e deixado os ossos.

Mas aquele balaio que tá lá no canto é o balaio da Xenxa que tu trouxeste pra gruta.

Leandro escondeu o rosto nas mãos, vencido e envergonhado. Ela repetiu:

— Pensas que me importo com a vida de cada um? Só o que me custa é saber que fizeste isso a Xenxa.

— Era a minha falta — murmurou o rapaz soluçando.

— Era a minha falta. Cada qual pra não morrer tira aos outros. Porque neste mundo uns têm demais e outros não têm nada. Era a minha falta.

— Xenxa tinha menos do que tu. Mas quem não tem não sabe quem não tem.

— Era a minha falta — repetiu o salteador de cara escondida nas mãos.

— Não sei o que é que aqueles que têm fazem pra ter, Mas, com certeza, quem não tem vai buscar em quem tem — disse sentenciosamente a rapariga. Depois dum breve intervalo, acrescentou como quem deita um punhado de semente em terra trabalhada: — Foi o que eu fiz. Também eu fiz o que não devia ter feito...

— Hã?! — exclamou Leandro retirando as mãos da cara. — Também tu fizeste o que fiz?! Tu, também, hã? Tu, também?

Ela soergueu a cabeça e uma nuvem de raivas ensombrou-lhe o rosto:

— Eu, também, o quê? Eu não atirei pedra a ninguém. Pedrada pra matar, como tu. Eu, também, o quê? Não sou da tua casta, não.

Leandro tentou pegar-lhe na mão, mas ela evitou.

— O que é que tens na cabeça? Quem disse que atiraste pedradas? Eu não disse assim.

— Então por que olhaste pra mim de olhos arregalados como se tivesses encontrado uma companheira pra tuas poucas-vergonhas ?

— Ninguém disse que atiraste pedradas. Se não queres contar não conta. Ninguém te obriga a dizer aquilo que não queres dizer...

— Agora vou contar, pra não julgares que eu andava pr'aí a assaltar gente nos caminhos.

Mesmo — ajuntou encolhendo os ombros e pousando de novo a cabeça no braço — , nada tenho que esconder ao homem que dorme comigo. Foi uma latinha de doce de coco tamanho daquelas que tens naquele canto. Nhá-mãe é quem vai dormir com a professora de Norte de Baixo, pra fazer companhia. Norte de Baixo fica perto de Cidrão, não sei se conheces.

Nhá-mãe vai dormir na escola, e também faz mandados à professora, lava-lhe a roupa e ajuda-lhe também a fazer a comida do almoço e do jantar porque ela anda cansada de aturar os meninos. Ultimamente não tinha muito menino mas mesmo assim Nhá-mãe ia lá duas vezes por dia, e quando não podia, mandava-me a mim ou mandava a minha tia que mora conosco. A professora é boazinha, o seu nome é Nhá Maria Alice e não é muito mais velha do que eu. Tava agora a emagrecer, coitada, dava quase toda a sua comida aos meninos da escola e a outros que iam-lhe bater à porta com mandados das mães. Às vezes eu ficava olhando pra ela distraidamente, e ela dizia: "Tens fome?" Eu atrapalhava-me e ela estendia-me o prato. Via-se na cara dela que tinha perdido o apetite, e pouco se importava que os outros comessem todo o seu jantar e todo o seu almoço. Naquele dia, depois de lavar os pratos do almoço e guardá-los no armário da parede, aproveitei a ocasião que ela tinha saído pró terreiro e peguei uma das latas de doce e escondi-a na dobra da saia, uma saiona da Nhá-mãe que

eu trazia vestida. Tava com fraqueza e tinha vergonha de lhe dizer, porque os meninos tinham comido os restos do seu almoço. Uma manha muito grande puxou-me para aquela fileira de latas de doce de coco e fez-me pegar na mais escondida.

Por um pouco eu era apanhada com a lata na mão. Quando Nhá Maria Alice entrou, eu só tive tempo de a esconder na dobra da saia, e saí logo. Eu a sair e Nhá-mãe a entrar, mas mesmo assim saí sem novidade, corri pra nossa morada e, sem esperar pra mais, abri a lata, meti os dedos no doce e levei dois grandes bocados pra boca.

Tapei a lata bem tapada, escondi-a entre a parede e a cobertura do nosso funco. Depois fui pró terreiro, e sentei-me ao sol mastigando devagarinho o doce, porque era um doce muito sabe e vi que dava força porque pesava na boca e era daqueles doces que pegam nos dentes e no céu da boca.

Estirei-me encostada à parede, muito satisfeita e dormi. Acordei com o barulho que um menino fazia a chamar por mim, o Zequinha de Nhá Engrácia: "Libânia! Libânia! Vem depressa!"

Levantei-me de corrida e fui atrás dele. Parou no terreiro da escola e disse pra dentro: "Libânia tá li". Nhá-mãe apontou, não gostei da cara dela. "Entra cá pra dentro, menininha. Não acredito que foste tu. Envergonhar a pele da minha cara, por causa duma latinha de doce, soberba de fora!" Nhá-mãe tava zangada deveras porque é uma mulher direita. Quando apontou pro armário onde tavam as latas de doce, senti faltarem-me as forças. Neguei: Nhá-mãe saiu esbaforida. Eu disse pra professora:

"Oê perdoa. Tava com fome. Oê perdoa". Ela respondeu: "Mas por que não me disseste, filha? Não te custava nada pedir; eu dava, tu sabes, eu dava. É feio. A gente não pega naquilo que não é nosso, sem pedir. vou agora dizer a Nhá Gaída que fui eu que retirei a lata, e não me lembrava. Mas olha, não gosto de contar mentira. vou pecar por tua causa..." Mas Nhá-mãe voltou com a lata na mão esquerda e o lato na mão direita, atirou-se a mim, foi tanta balbúrdia naquela casa que veio gente que passava no caminho ver, disse-me tanto e deu-me tanto que só eu é que sei. A professora pegava nela, pedia: "Deixe, Nhá Gaída. Não tem importância. Deixe a sua filha. Se fosse

eu até era capaz de fazer a mesma coisa. Fome tem mais força que cabeça". Uns homens meteram-se de permeio, pegaram nela. Senti tal vergonha que, quando me livreí das suas mãos, corri pra a casa, vesti a minha saia velha, peguei a sarraia e o búli, e mesmo sem comida de caminho meti-me pelas rochas arriba.

Quando o sol entrou no mar, escondi-me num buraco de cabra e lá fiquei até pla manhã. Foi com fome e sede que subi o resto da subida no dia seguinte, e por isso quando entrei no Campo Grande era tarde. Sem forças pra dar mais um passo caí, e o frio tirou-me, depois, toda a vontade de me levantar. Se não fosses tu, as canhotas tinham levado as minhas carnes e deixado só ossos.

Leandro disse só:

— Oh! Canhotas tinham pouco que comer. — Acrescentou: — Cada um pra não morrer tira aos outros. Não tiraste o bocado que devias ter tirado pra não morrer...

— Mas por causa duma lata de doce de côco — e foi só um bocadinho — tou pr'aqui agora a dormir num buraco de rocha.

— Fome não chega neste buraco de rocha.

— Depois que cheguei, é mais fácil fome chegar também.

— Dantes era eu só, agora somos dois. Melhor ainda. Dois é melhor que um. Um homem só, neste descampado, é um bicho.

— Se um dia te faltar comida dizes: "É por causa dela".

— Dois é melhor que um. Dá mais coraja.

— Mas um dia há de vir mais um... — Libânia apontou para o ventre. Só Deus é que sabe.

— Filho, hã?

— O que havia de ser? E do primeiro homem que dormiu comigo, graças a Deus. Naturalmente nem sentiste que eras o primeiro. És um boca d'erva, com esse lanho até o toitiço.

— Ah! Mas também, depois de Nhá-mãe, tu foste a primeira mulher que dormiu comigo — respondeu Leandro triunfantemente, levantando-se para sair.

A blusa preta de Libânia era a única peça, ainda intacta, do seu vestuário. A saia desfiada em toda a roda, caía às tiras da cintura. A saia de baixo tornara-se branca à força de lavagens, mas apodrecera, começava a abrir rasgões. Leandro também estava coberto de farrapos. Havia dias que andava preocupado com o problema do vestuário, acicatado pela rapariga. Mas, problema mais importante ainda era a escassez de mantimentos. Os caminhos do planalto andavam agora desertos, ou só percorridos por raros grupos.

Os jornadeiros e carregadeiras combinavam os dias e as horas de encontro para se agruparem antes de se internarem no planalto. Precaviam-se, assim, contra as investidas dos salteadores que, ultimamente, eram mais numerosos e audaciosos. Um dia Leandro topou um correligionário. A princípio pareceu-lhe gente pacífica.

Seguia pelo leito dum córrego, fazendo horas.

— Boas horas — disse uma voz vinda de cima, de uma fenda aberta na margem do córrego. Levantou o rosto e viu um moço que orçava pela sua idade, encurvado e magro mas que, ao levantar-seda pedra onde se achava sentado, mostrou ser de grande estatura. Devia estar a descansar das fadigas da jornada. Tinha a expressão prazenteira de amigo.

— Boas horas — respondeu Leandro, parando e virando-se para ele.
— Como vai a saúde?

— Tou a descansar a vida...

— Sol tá mesmo de matar — comentou Leandro. Vendo que o desconhecido nada dizia, perguntou para quebrar o silêncio: — Océ é pastor?

O outro riu:

— Pastor de pedras — retorquiu fazendo um movimento circular com um braço. — Aonde vais tu?

— Pr'aí abaixo, pra vida.

— Levas alguma coisa no sarrão?

— O que tinha acabou.

— Então vai teu caminho. Não me viste e não te vi. Boas horas e vai com Deus.

Leandro notou que o outro falava com insolência. Deixou-se estar um momento antes de prosseguir o seu caminho para que o outro percebesse com quem estava lidando.

Viu-o abaixar-se e pegar numa pedra.

— É pra mim? — perguntou Leandro desconfiado. Aproximou-se uns passos da curva do córrego.

— Vai teu caminho, já disse.

— Eu era pastor, e sou ainda pastor pra quem quiser. Nunca te vi pra estas bandas. Como é que vens mandar?

— Isto não tem dono. Assim como é teu, é meu também. Vai teu caminho.

— É mais bofe que fígado — retorquiu Leandro.

Então o outro, girando rapidamente um quarto de volta sobre os quadris, disparou a pedra que roncou nos ouvidos de Leandro como uma bala. Este teve apenas tempo de se agachar. Correu, de gatas, para trás duma saliência da margem. Ajuntou, apressadamente, uns calhaus e trepou a vertente. O agressor, à cautela, tinha abandonado o local, e refugiara-se um pouco além, numa depressão do terreno. Leandro viu-lhe a cabeça com o boné, de pala para a nuca, e as extremidades dos ombros rasando o solo. Calculou a distância e lançou para o alto, um após outro, quatro calhaus, cada um dos quais com o peso suficiente para fender o crânio que lhes servisse de alvo. Em seguida saltou para um cavouco, fora do córrego, rastejou com agilidade abrigando-se atrás de penedos e morros, espreitando de vez em quando o inimigo.

Este continuava acororado, observando o mesmo ponto. Leandro conhecia bem os seus domínios. Notou que a sua manobra passara despercebida ao intruso que, de quando em quando, se entrelinha arremessando pedras. Aproveitou o momento em que este estendia a mão para agarrar uma pedra, na direção oposta, e transpôs, num salto rápido, o muro em ruína que servira outrora de cerca de curral aos pastores do Cidrão. Esse muro ia terminar no flanco dum penhasco que formava alta muralha de abrigo contra os ventos, e em cujo cimo se avistavam os caminhos que iam ter à bordeira da Ribeira das Patas, e, à esquerda, os

montes do litoral do norte e o mar até o horizonte. Leandro rastejou ao longo do muro, transpôs este num ponto em que um montículo de terra vermelha servia de resguardo. Agarrou duas pedras. O outro oferecia um alvo seguro. Estava completamente descoberto, quase de costas, a cerca de vinte metros de distância. O terreno que os separava era aberto. Leandro abandonou, decididamente, o esconderijo e aproximou-se uns passos. Tinha o inimigo à sua mercê, mas ele, também, estava à mercê do inimigo. Era só este o pressentir. O filho de José da Cruz, habituado a atirar ao gado tresmalhado, era ponteiro. Ali, de pé, escolheria o alvo que quisesse no corpo do outro. Tentou mais uns passos. Foi quando, desastradamente, deu uma passada em falso, caindo, de joelhos, para dentro dum pequeno fosso.

A presença do agressor, ali de costas e à mão, tornara-se uma obsessão tal que não vira mais nada senão aquele alvo. Levado pelo ódio, pela raiva da pedrada que lhe fora lançada à má fé, pela cegueira duma feroz alegria, não dera pelo buraco que se abria, traiçoeiro, diante dos seus pés.

Ao ruído provocado pela queda, o outro virou-se. Num ágil movimento de gato espantado, deu um salto rodando nos calcanhares. Tinha na mão direita uma pedra volumosa.

De joelhos, mas firme, Leandro lançou o primeiro projétil; passou rapidamente o outro calhau para a mão esquerda era canhoto — e teve tempo de o arremessar antes que o inimigo se refizesse da surpresa. Viu revelar-se-lhe de repente, no rosto, uma expressão de intensa dor. A mão afrouxou, os dedos crisparam-se, e a pedra escorregou para o chão. Leandro levantou-se calmamente. Empunhou a faca. O outro levou a mão ao cotovelo, e recuou uns passos para contornar a elevação de terreno que lhe servira de resguardo. Não proferiram uma palavra. Leandro também deu uns passos atrás e foi-se sentar no alto do montículo. Um dos pés doía-lhe no artelho. Tinha ali um pequeno rasgão que sangrava. Mirava o contender com ar de desafio.

— Não posso nada contigo, agora. Lixaste-me. Pra outra vez sim.

Leandro nada disse. Compreendeu que o valentaço estava nas suas mãos.

— Havemos de nos encontrar um dia — continuou o outro com um esgar de sofrimento. — O mundo acabará pra um de nós dois. Lá, onde nos encontrarmos, não voltará a crescer erva nem com todas as chuvas do céu. — Virou as costas e foi andando, torcido de dores. Desceu o corgo, galgou a outra vertente. Por algum tempo Leandro ficou a observar a direção que ele levava. Viu-o desaparecer e aparecer de novo. Caminhou, coxeando, para o penhasco. Trepou até o cimo, e ali, de pé, seguiu com a vista o desconhecido até o ver sumir-se na encosta do Topo de Coroa que descia para as terras do Cidrão.

Agachado atrás do penedo, por cima do caminho, era uma figura medonha na sua máscara e no blusão de pele de cabra. Dois grandes orifícios deixavam ver os olhinhos oblíquos de uma mobilidade assustada, espiando ansiosamente os confins do planalto, de pescoço estendido como galinha-do-mato. As vítimas aproximavam-se. Uma mulher com um balaio à cabeça e um garoto curvado ao peso do surrão.

— Agorinha assim estamos a descer a bordeira. Jesus Cristo! Nunca este caminho me pareceu tão longe. Contam tantas coisas destes caminhos que a gente anda com o coração no papo. Mesmo, corpo vai ficando velho, Bibinho.

— Ó ma! Tenho sede. Tem água ainda? — Bibinho tinha de fazer jeito de corrida, às vezes, porque a mãe andava depressa.

A mulher parou. Desprende o búli da cintura.

— Uma moinha. Teu búli já secou?

— Dias-há. Ocê deixe-me sentar uma coisinha.

— Queres uma racha de papa?

— Papa não. Quando ando não sinto vontade. Só sede.

— És coma mim, moço. Deixa-me um restinho porque tenho a garganta só terra deste vento. Como te sentes agora?

— Agüentando — respondeu o garoto levando o gargalo do búli à boca.

— com o passo que temos trazido até aqui, descemos a bordeira ainda com dia, na graça de Deus. Temos muito tempo para descansar.

Depois da mulher beber o resto da água que o filho deixou, prosseguiram o caminho. Além do balaio e do búli, ela trazia uma sarraia de pele de cabrito a tiracolo.

Vinham do Tarrafal de Monte Trigo, aonde tinham ido de madrugada com queijos, ovos e rolos de tabaco curado para vender e trocar por milho e peixe seco. Vieram acompanhados de dois homens e quatro raparigas mas separaram-se um pouco atrás. Os companheiros desceram para o norte uns,

para a Ribeira da Cruz outros. Só eles dois se destinavam à Ribeira das Patas.

— Se não era por causa da pressa, nós vínhamos com o resto da companhia amanhã de madrugada, mas é hora que teu pai quer largar pra Porto. Trago o corpo mais morto que vivo, e mesmo não gosto de andar estes atravessados assim, sem companhia, num tempo ruim destes. O mascarado agachou-se mais. O coração batia-lhe no peito como se o medo que devia estar nas suas vítimas tivesse passado para ele. Observou a mulher. Não era nenhuma moça. Podia ser sua mãe. O balaio trazia peixe seco e milho, com certeza. O miúdo vinha com pouca carga, e fazia um grande esforço para seguir a mulher. Era um franguinho. Não devia trazer no surrão mais que uma quarta de milho. A mulher não vinha também muito carregada. Hum!... Tanto caminho pra tão pouco? As vítimas aproximavam-se. O mascarado deu a volta ao penedo. Tirou a faca do cinto, passou-a para a mão esquerda que tremia. Entrou no caminho.

— Eh, gente! — disse, com voz estrangulada.

— Quem é ocê, criatura?! — gritou a mulher vendo aquele vulto parar diante dela envolvido em peles. O garoto, quando viu aquele bicho com pernas e braços de gente, escondeu-se atrás da mulher. Esta recuou uns passos, sem deixar de olhar para a faca que o homem empunhava. Ocê saia deste caminho de Deus, deixe estes cristãos irem no seu mandado.

O mascarado pareceu vacilar, mas avançou para ela com calma.

— Horas minguadas — rosnou. — Horas minguadas! Ocês levam alguma coisa qu'eu tou precisando. É a minha falta.

O salteador tinha a voz um pouco velada, e falava manso como se fosse uma pessoa conhecida.

— Não custa nada dar qualquer coisa. Mas deite essa faca fora, criatura.

— O que é que este mocinho traz no sarrão? E ocê nesse balaio?

— Milho e peixe seco. Tarrafal não tem mais nada. É pra matar fome de família.

Assim como assim cada um procura salvar a vida. Vamos, Bibinho — disse ela aparentando firmeza, e pondo a mão no ombro do filho, como se o mascarado não estivesse ali senão para dizer "boas-horas" e desaparecer. Mas as pernas fraquejaram tanto que foi com esforço que se agüentou em pé. — Vamos nosso caminho.

— Essa sarraia ali, o que é que tem?

— Esta sarraia?

— Ocê deixe ver a sarraia. É uma tentação, comadre. Deixe ver a sarraia depressa. Essa sarraia é que eu quero primeiro. Só depois de ver o que tem dentro é que digo o que quero. Depressa, comadre. — Deu mais uns passos para ela com a faca na mão esquerda e a mão direita estendida. Não faço maldade a ninguém. Ocê não tenha medo.

Meteu a faca na bainha. — Menino! — ordenou virando-se para o garoto. — Vai sentar ali e não te mexas. Tempo ruim pra todo o mundo, comadre. É a minha falta.

O menino, aterrorizado, afastou-se da mulher, obedeceu sem desfilas os olhos das mãos do mascarado.

— Com licença — disse o salteador tirando o balaio da cabeça da mulher e colocando-o no chão. Estava agindo com toda a delicadeza. Afinal, o balaio era uma boa carga. A mulher não esboçou um gesto. Magra, um pouco curvada

— quem sabe, carregada de filhos. Mas forçada. Trazia um bom peso do Tarrafal para a Ribeira das Patas. — Agora, ocê dá-me a sarraia.

A mulher começou a chorar. Primeiro aos soluços, depois aos brados.

— A sarraia — pediu o mascarado. — Ocê dá-me a sarraia, comadre.

— A sarraia, não. A sarraia, não. Por amor de Deus. A sarraia, não. Pla saúde de sua mãe! — Caiu de joelhos, de mãos postas, suplicante.

O mascarado olhou para trás de si, receoso. Podia vir gente. Era a hora da passagem das caravanas. O tempo urgia. Levou a mão à sarraia. Esforçou-se por desprendê-la das mãos da mulher, que soltava gritos, agarrada ao seu saquinho de pele com quanta força tinha. Assustado com a gritaria, tornou-se, de repente, brutal. Com dois puxões violentos apoderou-se da sarraia quebrando, com o impulso, a corda que envolvia o pescoço da mulher.

Enquanto a mulher se retorcia com dores estendida no caminho, meteu a mão na sarraia, retirou um resto de papa da comida de caminho e uma bolsa de pano. Abriu a bolsa e viu dinheiro, algumas moedas e notas formando um pequeno rolo cilíndrico, amarrado com barbante. Tornou a meter o dinheiro na bolsa e esta na sarraia. Todos esses movimentos foram realizados com espantosa agilidade.

— Só isso é que eu queria. Mas já agora vou meter no meu sarrão uma mãozinha de milho e um peixinho seco. E correu a aliviar o petiz do peso...

Madrugada. Um pouco antes de nascer a foice da lua minguante. Acabava de transpor o barranco da Terra-negra. Caminhava pisando o terreno fofo da chã. Aproximou-se da casa e parou a poucos passos. Só paredes. Portas e janelas desguarnecidas, através das quais eram visíveis os perfis negros das montanhas e os astros. Os oitões desamparados, sem uma única trave, com os dois vértices nus virados para o alto, pareciam acusar o céu do seu descalabro. Mais uma ruína, uma tragédia a ajuntar a tantas outras espalhadas por esses campos. Extraordinária calma descera essa madrugada sobre a terra abandonada. O silêncio perfurava a noite até os confins do mundo. Nem um queixume, um sinal de presença viva, o resfolgar duma solitária e humana agonia. O casebre que fora a cozinha desaparecera. As charuteiras do caminho não existiam. Paredes despidas guardavam a história da presença humana nesse lugar familiar.

Deu a volta, entrou no terreiro, transpôs a soleira da porta. Às apalpadelas reuniu um molhe de rabo-de-asno da cobertura e umas tiras de carrapato. Fez um feixe, que amarrou com as tiras de carrapato, riscou um fósforo e acendeu a palha. Munido, assim, de archote, vasculhou dentro e fora da casa, espreitou para os interstícios das paredes, iluminou todos os recantos. Ninguém. Saiu para o terreiro, deu a volta à casa. Na parte posterior, onde não havia porta de comunicação, avistou quatro montes de terra, como quilhas de botes emborcados, três pequenos e um grande, com cruces em cima, de tábuas certamente arrancadas da porta e das janelas. Os três irmãozinhos! E a cova grande? O pai? A madrasta? O pai talvez... Tinha-o deixado muito embaixo a última vez que ali estivera, havia um mês. Apostava que aquele homem não pusera a boca no mantimento que ele deixara no regaço da madrasta. O pai teria sucumbido ao seu destino de homem honesto, agarrado às suas crenças, aos seus hábitos de dono da sua casa, ao amor da sua gente e do chão que pisava desde longa data. A vida apagara-se-lhe à sombra das ruínas das suas esperanças. Teria enterrado, primeiro, um a um, os seus três filhos. Sucumbira por sua vez. Às aflições da viúva, pessoas que passavam no caminho teriam feito a cova e enterrado o morto. A tocha apagou-se. Leandro permaneceu uns instantes de pé, diante das covas, meditando, à sua maneira, nos destinos dos homens sobre a terra. Este mundo não fora para quem se agarrava demasiado aos hábitos da vida, para quem criava amor às suas coisas. Era por isso que ele, Leandro, tinha sobrevivido. Era por isso que Salta-pedra estava gordo. "Bote é a andar. Quando este pesqueiro não é bom é mudar pra outro." É o destino de quem anda de noite; daqueles para quem não importa este ou aquele lugar. Destino feio, mas destino de quem quer salvar a pele. Seu pai era doutra casta. Daquela casta de homem que quando a gente passa diante deles tira o boné. Homens que andam de dia de cara levantada. Leandro despreendeu o surrão, meteu a mão dentro, trouxe um punhado de milho que espalhou sobre a cova grande. Meteu a mão mais três vezes no surrão, e espalhou, sobre as covas pequenas, três outros punhados de milho. Depois, ajoelhou-se diante dos quatro mortos familiares. Esteve aí um tempo grande,

até que uns ruídos surdos de passos, vindos do caminho, o arrancaram do colóquio com os seus mortos. Levantou-se.

Os seus olhos bateram na lua que, comuda e pálida, surgia por detrás das montanhas. Dirigiu-se cautelosamente para o caminho.

Os passos eram de um homem e duas vacas que vinham dos lados do Lombinho. Saltou o muro para o caminho, entre os animais e o homem. Este parou assustado e deu um passo à retaguarda.

— Quem é ocê? Qu'ê qu'ocê quer? — perguntou, levando a mão ao cabo da faca.

— Gente de paz. Não tenha medo, compadre. Vim salvar os familiares desta casa aí assim, e encontrei só parede. Ocê n'ê destas bandas, hã?

O homem, mal refeito do susto, esteve um bocado sem responder. Procurou observar através da fraca claridade da lua o desconhecido que vinha do interior da casa abandonada, como um fantasma, e se lhe dirigia assim com a voz sossegada.

— Não sou destas bandas — respondeu por fim em tom de desconfiança. — Às vezes passo aqui, mas sou das bandas do Cidrão. Uuuuh! Uuuuh! — fez ele para as vacas que tinham continuado a andar, indiferentes, e se dirigiam para a Assomada da viúva Aninhas. — Uuuuh! — As vacas pararam.

— Ocê não conhecia as pessoas que moravam nessa casa aí?

— Já disse ocê, eu sou do lado de lá de Cidrão. Faço a minha vida com Tarrafal e Monte Trigo. Passo de raro em raro por aqui. Por isso não sei dizer nada. Eu mesmo sou homem de pouca palavra, sabe ocê?, não conheço muita gente na minha vida.

— As pessoas que moravam aqui eram os meus familiares. Encontrei atrás da casa três covas de meninos e uma cova grande que não sei se é do papai ou da minha madrasta.

— Tem dias passei aqui pla manhã e ao desamparinho. Não vi gente nessa casa. Mas, também, não é hora de ver gente. Só um cheiro vinha de lá de riba, onde nós vamos passar, um cheiro assim como de bicho morto. — O homem apontou para os lados da casinha da velha Aninhas.

— Um cheiro que me fez tapar o nariz até cambar o morro.

— Cheiro a bicho morto, disse ocê!

— Mas não era bicho. Era gente. Uma mulherzinha que morava só e foi morta por um moço de má vida que, se cair debaixo da luz do dia, na minha presença, sei quem é.

Leandro recuou um passo, encostando-se ao muro.

— E quem é esse moço, hã? Quem é?

— Ocê deve ter ouvido falar num tal Salta-pedra, hã? Todo o mundo tem medo de botar-lhe os olhos de riba, nestes caminhos. Se não tou enganado, ainda o mesmo cheiro tá por aí.

— Quem disse ocê que foi Salta-pedra?

— Foi ele mesmo que me disse.

— Hã? Ele mesmo?!

— Pela sua conversa... Eu não o conhecia. Disseram-me depois que era ele. Porque eu contei depois a fala que houve entre nós dois. Nessa mesma manhã encontrei-me com ele um pouco lá mais pra riba. Parou diante de mim. Eu não sabia quem era. Um homem gordo e sossegado da vida, mas fiquei com a impressão que ele não regula bem. Eu disse-lhe: "Tá ali assim um cheiro de bicho, que não se pode lá passar". Ele respondeu: "Não é bicho, é gente". "Gente?!" "Gente, sim." Nisto ele começou a andar. Quando tava assim na distância daquela parede lá de baixo ele gritou pra mim com vozinha de mulher: "Depois dizem qu'eu é que mato e eu é que roubo nestas bandas" — e largou um riso comprido de quem não regula bem da cabeça. Como ocê vê... Ocê não acha que é claro?

— É claro como água — concordou Leandro. — E agora, pra onde vai ocê?

— Meu destino é Porto.

— Eu também vou pra lá. — Pensou que, indo acompanhado desse homem, chamaria menos a atenção. Despertaria menos suspeita. — Eu vou andando com ocê. Talvez tenha uma voltinha a dar na Ribeira das Patas, vou dar uma fala ao meu patrão, não sei ainda. Todo o modo, apanho depois ocê no caminho...

— Vamos embora, Malhada — falou o homem para a vaca mais avançada, e retomaram a marcha.

— A gente não passa neste caminho muito sossegado de espírito, com essas histórias do Salta-pedra e da mulher que ele matou. Dizem que ela era bruxa. Foi por isso que me assustei quando ocê saltou a parede diante de mim.

Passaram pelas piteiras, única presença vegetal desses campos. O homem deitou uma olhadela à casa da viúva Aninhas.

Explicou, em voz baixa, como se receasse ser escutado pela defunta:

— Não sei como esse Salta-pedra conseguiu matá-la. Dizem que as bruxas têm sete vidas, como os gatos.

— Gato morre como qualquer bicho — afirmou Leandro. — Quando chega a sua hora...

— Sim, cada bicho é matado da sua maneira. O coelho, por exemplo, basta uma pancada atrás das orelhas. Mas gato e bruxa, não tem maneira. Força de espírito de gato é uma e de bruxa é outra... Uf! Ocê não tá a sentir?

— Tou a sentir agora. Vamos mais depressa. Depressa, compadre.

O homem levou a mão ao nariz. Leandro estugou o passo, mas as vacas vedaram-lhe a passagem.

— Muita gente deixou de passar neste caminho continuou o homem, mais adiante. — Não é só por causa do cheiro. Dizem que ela aparece de madrugada, de riba destas paredinhas, a berrar como uma cabra e com as mãos no pescoço assim como quando a gente tem falta de ar. Outros dizem que ela anda a passear no seu terreiro pra um lado e pra outro e a dizer "malvado! malvado!" Eu nunca vi coisa ruim na vida, e por isso não acredito nas bazofarias deste povo. Mas não deixa de fazer impressão.

O que digo ocê é que quem mata merece castigo, mas se fosse juiz absolviria o Salta-pedra porque ele livrou estes caminhos duma peste. Muita gente era sofredora nestes campos por causa dos males que ela fazia. Mas esse Salta-pedra é também outra peste que é preciso desaparecer deste planeta.

Leandro notou que o seu companheiro de jornada era papeador brabo — apesar de ter dito ser homem de pouca palavra — e desconfiado. Se Leandro parava, ele também parava. Nunca lhe passava adiante. Ia sempre atrás, metendo Leandro entre as vacas e ele. Estas caminhavam sem pressa, num ritmo inalterável. Como não lhes cheirava a erva, não se desviavam, levando de rastos as cordas que o dono soltara. Por que mentiu ele dizendo que era de pouca palavra?

— Mundo tá virado de rabo no ar — continuou o homem. — Quem viu estes sequeiros nos anos das águas e vê agora!

Parece que lume andou nestes campos e acabou com tudo o que era vivo sobre a terra... Fui criando os meus bichos no sossego da vida e na graça de Deus, sem mulher e sem filhos — que quem arranja mulher arranja ninhada com certeza — , fazendo meus negocinhos, o compadre Hilária, de Cidrão, não sei s'ocê conhece, todo o mundo conhece aquele velho de juízo debaixo do boné, foi guardando meus haveres, uns dinheirinhos que ia ganhando com o rabo da enxada. Tenteando pr'aqui e pra lá, comprei as bezerras que hoje, depois de boa criação, ocê tá a ver como elas vão aqui que é um louvar-a-Deus. Quando me meto no trabalho, trabalho mesmo.

Porque sou homem de pouca palavra...

Por sua vez, enquanto falava, o homem não deixava de espiar o desconhecido que seguia, coxeando, à sua frente. Devia ser novo ainda. Não tinha estudado ainda a sua fisionomia porque a lua era pálida, e além disso subiam de cara para ela, o desconhecido adiante e ele atrás. Mas via-se, pela desenvoltura em caminhar, mesmo mancando, e pelo tom pouco acentuado da sua voz, que era moço ainda. Nestes tempos de crise é bom desconfiar de tudo e de todos. Era mais certo encontrarem-se malfeitores nestes caminhos do que gente de boa nota. Esse moço podia ser um daninho, um mascarado, um sócio do Salta-pedra. Que fazia ele metido naquela casa sem teto e sem portas a estas horas da madrugada? Veio com a desculpa dos familiares, mas desculpa é sempre desculpa tanto para quem diz a verdade como para quem conta uma mentira.

Notou, também, que era moço sem fala. Desconfiava de gente que não falava. Pelo menos parecia-lhe que quem fala mais tem o coração mais

aberto. Ele próprio não era de muita palavra, mas não tinha a língua amarrada na boca.

Quando chegaram ao alto da bordeira a manhã clareava. O vulto dum homem desenhava-se contra o céu iluminado do nascente, de pé, sobre um penedo. Leandro e o companheiro pararam para descansar. O homem desceu do penedo.

— Bom dia. Deus na vossa companhia — disse, aproximando-se.

— Bom dia.

— Bom dia. Não é o compadre Chamano?

— Oh, compadre Pipi, então ocê cá pra estes ribados nesta horinha?!

— Eu mesmo. Tenteando a vida. A comadre coma vai?

— É por causa dela e do Bibinho que tou aqui. Ocê não ouviu falar dela e do meu rapazinho nestas bandas de baixo?

— Não ouvi, não, compadre Chamano. Então qu'ê qu'aconteceu?

— Foram ao Tarrafal pra voltar ontem à tarde, porque esta madrugada o meu governo era ir ao Porto, mas não me apareceram ainda. Nesta carestia da vida, estes caminhos não estão de confiança. vou por aí fora, se for preciso até as bordas do Tarrafal, a ver se lhes ponho os olhos de riba, porque o meu coração diz-me que alguma desgraça aconteceu.

— Nada disso, compadre. Noite pegou-lhes no caminho e dormiram nalguma furna...

— Compadre Pipi sabe que escuro não apanha quem vem de Tarrafal pra Ribeira das Patas. Cada um sabe a hora que sai dum lugar pra outro lugar, principalmente quando temos conta a dar. vou andando então porque coisa não me cheira sabe.

— Nada deve ter acontecido, compadre. Há de ver. Nada de ruim. Então Deus c'ocê, e ocê salve-me a comadre.

— Aonde vai com as vacas? — perguntou o homem antes de caminhar. — Forte casta de bichos bonitos!

— vou ao Porto trocá-las por dinheiro, compadre. Tempo não tá pra mangação, e não vejo comida pra lhes meter na boca.

Leandro e o companheiro entraram na descida da bordeira. Embora o sol não tivesse nascido ainda, a claridade que inundava o céu permitiu aos dois viajantes distinguirem as fisionomias um do outro. O homem era de idade; na cara chupada de malares salientes, os olhinhos brilhavam no fundo sombrio das órbitas, desconfiados e piscos. Observado de alto a baixo o seu aspecto era de servidão, inofensivo. Tinha um ar cansado, mas a sua fisionomia, até o jeito do corpo, de ombros derreados, pareciam de um homem cujo destino era trabalhar e nada mais.

Mas Leandro não inspirou ao companheiro as mesmas conclusões. Aquela cicatriz esquisita, no rosto, transmitiu-lhe, logo ao primeiro olhar furtivo, um sentimento de desconfiança que o levou a redobrar de vigilância e precaução. Assim, durante a descida, tal como sucedera durante a subida, Pipi continuou sempre à retaguarda.

— Não sei ainda se vou ao Porto ou não — disse Leandro. — É consoante uns recados que vou dar no Curral das Vacas. Tal-às-vez encontre lá uns trabalhos entre mãos...

O homem lembrou-se de lhe ter ouvido dizer que ia ao Porto. Mudou agora de idéia.

— Ocê tá trazendo uns bichos bem bonitos — continuou Leandro, dando uma palmada na nádega da vaca castanha. Lá donde vêm não faltou comida com certeza. São então seus, hã? Não me lembro de os ter visto nestes campos...

— São meus mesmo — respondeu o homem imediatamente, num tom, um pouco aberto, de satisfação. — São bichos de ourela de porta.

— Lá qu'ocê soube criá-las, soube com certeza. No meio duma carestia destas, cale homem com vacas tão bonitas nestas redondezas?

— Quem quer ver seus bichos bem tratados não manda outros cuidar deles; cuida ele mesmo. Nunca ouviu dizer que olho de dono é que engorda a vaca?

— Eu tou dizendo porque sou pastor. Conheço a força destes bichos.

— Ocê trata os animais dos outros por amizade ou por obrigação?

— Ocê vai vendê-las, então?

— Cando as coisas andam ruins não tem outro remédio senão vender pra comer.

— Quem vai comprar seus bichos no seu justo valor? Ocê encontra lá quem dê dinheiro direito por elas? Não me cheira...

— Tem uns negociantes de São Vicente, no Porto, que tão comprando vacas pelo dobro do preço que as vendemos aí. Ocê não ouviu dizer?

— Ainda não ouvi dizer, não — respondeu Leandro, parando e virando-se para o homem. Mas ocê não as vai vender por mais de duzentos mil-réis com certeza, hã?

— Uá! — fez o homem estacando. — Vamos andando sempre... Por menos que quatrocentos cada, elas não ficam lá.

— Oitocentos as duas?! É dinheiro. Mas valem oitocentos, com certeza.

Depois desse diálogo, continuaram a descida em silêncio. Uma das cordas, a da vaca castanha, tinha um nó na ponta. Por duas vezes Leandro abaixou-separa soltar o nó que se prendia entre as pedras que atravancavam o caminho. À terceira vez, quando se achavam abaixo da metade da descida, deu uns passos para diante e esperou que o homem se acocorasse para desprender o nó fortemente preso entre uma pedra e o muro de resguardo. Foi quando Leandro fez um movimento brusco que contrastou com a calma com que acompanhara o homem durante toda a jornada. Parou, virando-separa o companheiro. Agarrou uma pedra do muro, a primeira que lhe veio à mão, tão pesada que foi com dificuldade que a suspendeu. O homem levantou-se imediatamente quando percebeu a manobra. Mas Leandro projetou a pedra para fora do caminho, e exclamou debruçando-se no muro: "Estupor!" Quando se voltou, viu o outro de pé, interdito, desconfiado.

— Era do tamanho dum gato, ou oxalá — explicou.

— Hã? Que era do tamanho dum gato? — indagou o companheiro, trêmulo. — Que era, hã?

— Um rato que passou correndo naquela cinta, aí embaixo. Por um triz a pedra acertava. É um bicho de que nunca gostei. É capaz de comer uma criatura viva sem a criatura sentir... — E desatou a rir, um riso

estranho, que pareceu dividir-lhe a cabeça em duas metades horizontais, pela altura da boca...

Os caminhos eram estreitos, íngremes, agarrados à rocha. As curvas, apertadas e escorregadias, debruçavam-se sobre abismos, donde subia uma aragem úmida, vegetal.

O vale da Ribeira das Patas era uma ferida imensa aberta no seio da ilha.

— Moço — disse o homem, com a corda da vaca na mão. O sol, que nessa altura já tinha aparecido por cima da montanha fronteira, fez-lhe piscar os olhos. — Moço! Vai ao teu destino. Deixa no sossego do caminho a mim mais as minhas vacas.

Leandro deitou um olhar espantado ao homem das vacas, e não disse nada.

Estrada

O passado era confuso. Não se esforçara por recordar nada. Não valia a pena. Estava tudo acabado. Não tinha interesse. Os olhos viam a vida passar; o resto era coma vida, com os outros. Mas nem sempre os homens resistem aos mandamentos do coração. O coração pensa, então, pela cabeça. O coração fala, faz perguntas, responde, monologa. Na medida da excitação que o sangue lhe provoca. Há quanto tempo Zepa o abandonou? Anos? Meses? Dias? Mas qual Zepa? Será a mesma? Este homenzinho grotesco, miserável, deformado pela hidropisia, sentado à sombra do tamarindeiro perto da berma da estrada, de pernas estendidas e pés inchados seria o José da Cruz? Era lá possível? Zepa abandonara-o, sim. A outra Zepa morrera de outra morte. Havia uma confusão na sua história. Que importava?

Se novembro tivesse sido de águas, José da Cruz não estaria nesse momento debaixo do tamarindeiro; nem os outros estariam ali cavando na poeira da estrada. Mas quando chegou fevereiro, todos tinham debandado. Se chovesse, então, José da Cruz teria sido o único homem a encontrar-se no seu posto. Por isso ele saíra mais molestado que todo o mundo. O seu aspecto era de um morto descido das montanhas e que teimava em conviver com os vivos.

Quando a mulher foi levada, na noite negra, pelo penedo da beira do barranco, José da Cruz perdeu a orientação da vida, passou uns dias tonto à roda da casa, vazia, da Terra-negra, esquecido da existência dos filhos, Mochinho e Leia. Abandonara-os no esteirado da cama entre as roupas. No seu desvairamento, a morte de Zepa representava o fim de tudo. Um e outro arrefeceram sem um gemido, e quando o pai se lembrou de os procurar, e puxou as roupas que os envolviam, já não eram deste mundo.

Foi sem mulher, sem filhos, sem pilão nem esteira nem nada, na mais completa penúria e na solidão mais negra que o velho meeiro das terras do Jaime Álvaro se arrastou, durante dois dias e meio, até os trabalhos da estrada. De passagem procurou o dono das terras que ele trabalhava para

dar conta da sua situação, mas Nhô Álvaro ausentara-se da Ribeira das Patas, envolvido numas demandas com o usurário João Joana por causa da propriedade das Rochas, que no contrato de hipoteca figurava como sendo regadio, e não passava de sequeiro, segundo as escrituras de compra.

Apoiou as costas ao tronco da árvore, observou os pés. Nas extremidades das pernas esqueléticas, eram belos, belos, como duas enormes batatas sazonas, a sair da terra, prontas a serem colhidas. Uma doçura fria envolveu-o. Suspendeu o gesto com que ia colher as duas batatas sazonadas. Deixou a cabeça cair para trás até tocar o tronco. Começou a bater os queixos. O estômago tinha uma brasa dentro, a queimar, a queimar. Mas a pele toda estava fria, como se a envolvesse um pano molhado.

O próprio sangue arrefecera. Agora nada lhe importava. Não sabia para que lado estava a vida, não sabia por que se tinha sentado ali à sombra daquela árvore, que caminho seguir; não compreendia por que passavam essas mulheres no caminho com sacos à cabeça, esses burros com carga no lombo. Se estendesse o corpo, pensou, não acordaria nunca mais. De repente, sem saber para quê, tomou uma resolução. Penosamente, despendendo imenso esforço, foi-se endireitando, apoiando-se ao tronco, até se levantar. Grotesco e vacilante, José da Cruz olhou a fita da estrada estendida em direção ao interior da ilha como uma espada penetrando no flanco da montanha.

Foi quando reconheceu Leandro, o filho que ele expulsara da Terra-negra. Não viu mais nada naquele maltrapilho de boca rachada que caminhava mal, pisando o chão com um pé, senão o filho perdido que reaparecia. Adiante dele seguiam duas vacas, duas belas vacas que, certamente, levava a vender. Leandro parou. Pousou no chão o surrão que trazia suspenso ao ombro. Olhou para o tamarindeiro — talvez lhe apetecesse aquela sombra fresca.

Assuou-se com força tapando uma narina e depois a outra com o polegar da mão esquerda, limpou o suor da testa com as costas da outra mão, respirou fundo, sempre virado para a árvore solitária, a cinqüenta passos do pai. Viu que estava ali um homem inchado e de pernas

esqueléticas, agarrado ao tronco para não cair. As vacas continuaram a andar, plácidas, babando e ruminando. Leandro pegou no surrão, passou-o para o outro ombro, e prosseguiu o caminho.

O pai viu-o afastar-se. Sentiu a língua imobilizada na boca, os pés presos ao chão e os braços, repentinamente, paralisados...

À beira da estrada grupos de homens e mulheres esperavam o seu turno. Além de empreiteiros e capatazes havia um condutor, encarregado da orientação dos trabalhos e um distribuidor que era ao mesmo tempo contabilista, armazenista e pagador em gêneros: milho, feijão, banha e açúcar.

A planície, árida e pedregosa, estendia-se a perder de vista, ganhava tons roxos ao longe, tremeluzia em contato com o céu. Os trabalhadores formigavam ao longo da estrada e na circunvizinhança. Os homens manejavam enxadas, picaretas e pás, envolvidos de poeira ardente. O pó que subia da terra tinha reflexos de ouro, como fumo irrompendo de labaredas. Mulheres e crianças transportavam, em silêncio, pedras e cascalhos, num vaivém contínuo, sob a fiscalização dos empreiteiros; e os britadores, aqui e ali, nos dois lados da estrada, batiam as marretas penosamente. Funcos, casebres cobertos de sacos, formavam escuras aldeolas, nas proximidades dos trabalhos. Vinha, de qualquer parte, o ruído cavo dum moinho, de pedra, rodando. No troço mais avançado da estrada, para lá duma ribeira seca e dum outeiro áspero, ficavam as ruínas do funco que João Felícia, do Lombinho do Norte, ali construía, logo à sua chegada. Depois que Concha foi dada à terra, João Felícia pegou a filha pela mão e saiu desatinado, a chorar a sua desgraça. Dois dias andou ele longe das suas coisas procurando a presença reconfortante de velhos conhecimentos das suas bandas. Quando voltou já não encontrou o que lá deixara. Os vizinhos tinham levado tudo. A panela de ferro, a esteira, os cobertores, a armação do teto, as estacas de charuteira que ele trouxera do Lombinho, tudo fora roubado. Desde então, João Felícia e a Joaquina dormiam onde calhava, no funco deste ou daquele.

A desgraça do João Felícia era mais recente que a do seu compadre Isé, mas as duas mulheres não esperaram muito uma pela outra. Uns dias

antes da sua morte, Concha acordara aos brados: "Zepa! Ai Jesus! Zepa!" "Que é que tens, menina?!" "Uma disgrácia, Jom. Uma disgrácia." "Disgrácia o quê. Tavas a sonhar." Concha passou o resto da noite a soluçar. Compadres e comadres, após a separação no norte, andaram extraviados, sem notícias uns dos outros. Nesses tempos de calamidade cada um buscava a salvação dos seus. As notícias chegariam depois quando tudo voltasse à normalidade.

Depois dessa madrugada, Concha já não se levantou da cama. Foi definhando e perdendo o apetite. Passados uns dias... A noite descera. As estrelas caíam do céu para os campos, numa saraivada. João Felícia saíra em busca de água para extinguir o lume que ela tinha no estômago. "Ó Jom! Tenho uma coisa na boca do estômago, assim como um lume a queimar.. ." Quando voltou com a água, Concha tinha-o abandonado. A ele e à Joaninha, a petiza de quatro anos...

...Acocorou-se, saiu cá para fora. Concha estava sossegada. Joaninha dormia. Torceu o comprido pescoço para a direita e para a esquerda. O desamparinho chegara ao fim, a noite avançava. As montanhas eram grandes sombras desenhadas contra o fundo dum céu vagamente iluminado pelas estrelas, um pouco pálidas no poente, devido a uma mancha esquecida do desamparinho mal morto ainda. Do lado do mar, uma sombra longa parecia pairar sobre o canal — era São Vicente com a baía iluminada e a cidade envolvida numa poalha doirada como um incêndio frio na noite calma. Perto, aqui e ali, murmúrios de vozes, ruídos cavos de moinhos de pedra triturando milho, choros de meninos, gemidos tristonhos de quem, enfim, não pôde suportar uma dor suprema ou uma saudade sem remédio, uivos de cães, e, até, sons de viola e coro de raparigas, talvez Nhô Manuelinho tocando, e a Chica e outras raparigas do norte cantando alegremente, no terreiro duma casinha alcandorada no cocuruto dum souto, na outra margem da ribeira. De repente, as estrelas cadentes começaram a riscar o céu. E uma voz débil de mulher chamou do interior do funco: Jom! Jom! Ó Jom... — João Felícia enfiou-se pela abertura.

— Que é, Concha? Tá a doer-te algum lugar? — Lá dentro a escuridão não permitia distinguir nada. Mas sabia que a mulher estava ali,

toda torcida como um cachorrinho, e a filhinha continuava dormindo entre ela e as estacas da cobertura.

— Sinto um calor na boca do estômago que não posso agüentar. Parece um lume que tenho aqui dentro, Jom.

— Espera, vou buscar água. Tu tens é sede.

— Não, não. Não é sede. Tou com sono, Jom.

— Dorme, então. Dorme. Mas vou buscar água. Precisas beber.

— Oh, não! Fica aqui. Eu quero saber que tás a espiar-me. Não me deixes dormir. Tenho medo de dormir.

— Precisas beber e dormir uma coisinha, Concha.

— Tenho medo de dormir. Se eu vou dormir, sacode-me o corpo. Por amor de Deus, Jom, não me deixes dormir. Ó Joantina! Joantina! Chama-me a Joantina, Jom. João Felícia procurou com a mão trêmula o corpo da mulher. Tocou-o. Embalou-o levemente, numa carícia. Uma armação de ossos só, coitadinha. Não era mulher para muita andança. Nasceu pra sossego, e pra sua casa. Como Zepa. Mas não se pode falar de Zepa diante dela.

— Deixa Joantina dormir seu sono.

— Foi a dormir que aqueles outros cristãozinhos...

— Fica sossegada que volto já. Ali Nhô Teodoro tem água.. .

Remexeu atrás da mulher, encontrou o caneco. Ouvia-a soluçar.

— Espera. Venho já, vou a correr.

Tornou a sair do funco. Mergulhou no escuro da noite. As estrelas continuavam a cair sobre os campos. O ar era espesso; caminhava com dificuldade, num pesadelo, o corpo inclinado para a frente, a abrir caminho nas trevas. Como se pisasse um lodaçal.

Quando regressou com a água, já Concha não bebeu. Já tinha arrefecido.

Pegou no corpo apagado da mulher, arrastou-o para fora da cabana. Foi buscar a manta. Envolveu a morta. Pousou-a no chão, muito docemente, para a não magoar. Depois disso, sentou-se junto do cadáver da companheira e foi dizendo: "Dias-há. Tem mais de dez anos, Concha. Armamos casamento no dia de Santo André e casamos nas colheitas. Tempo

bom, Concha. Quem tal diria. Agora não vale a pena mais. Acabou, fep! Se comadre Zepa souber... Ah, onde tá comadre Zepa e compadre Isé? Vai teu caminho na consolação de Deus. Mundo tá ruim, Concha. Ruim, ruim, ruim. Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco..."

As cagarras voavam nas terras vindas do mar, soltando as suas vozes como gargalhadas. A noite era fria e sem vento. Cheirava a terra ardida. Do céu, caíam estrelas...

Ah! Se ela soubesse!... Jom e Joaninha sem pouso certo... As mulheres gostam do seu agasalho, da casa fechada e arrumada, das suas coisas guardadas. Quando a seca correu com eles das terras do Lombinho, largaram a casa para trás, trouxeram o que puderam — os objetos mais pesados foram ficando pelos caminhos. Chegaram com uma esteira, com as mantas, o pilão, as estacas de charuteira, as canas de cariço. Concha não esquecer os arranjos de cozinha, os pratos de esmalte, as colheres, as canequinhas que foram sendo cedidas a troco de milho e feijão. Junto da seção mais avançada dos trabalhos, João Felícia limpou o terreno, levantou um muro baixo, circular, espetou as estacas na parte interior do muro, uniu-as em cima com tiras de carrapato, cruzou sobre elas galhos secos, que a Joaninha e outros meninos da vizinhança cataram, cobriu tudo com barba-de-bode trazida das ladeiras, ligando-a fortemente às estacas até formar o teto cônico. Em poucas horas o funco ficou concluído. A mulher que esperara esse tempo todo sentada num penedo, muda e sem forças, de olhos postos no mar ao longe, entrou, estendeu a esteira e as mantas. Depois, caída sobre as mantas, chorou os filhinhos levados pela carestia da vida; chorou a casinha de oitões, abandonada na outra banda da ilha, o porco que morrera de moléstia, os coelhos e os porquinhos-da-índia e as suas galinhas vendidos ao desbarato, e a horta junto do terreiro da casa e regada a balde. Chorou saudade dos arranjos perdidos da sua vida. A lonjura dos caminhos e a fraqueza das pernas haviam tirado a Concha toda a esperança no regresso. Fora sempre má andarilha, coitada. Levaram três dias para chegar junto dos trabalhos.

Duas vezes caíra desmaiada no caminho, nas horas de soalheira. Ultimamente não passava um dia que não chorasse os seus meninos. Foi à

cata deles. Deixou Joaninha e João Felícia, e foi-seembora para junto dos meninos. Tem dias. Numa noite em que as estrelas caíam sobre os campos ressequidos, como flores de cafeeiro batidas por um vento reverso...

Miguel Alves, de pé, debaixo de uma mangueira, abanava-se com o chapelão de palha, vigiando os quatro homens que trabalhavam uns rencões da pequena propriedade de regadio que ele adquirira recentemente. Plenamente satisfeito com a compra e com o andamento dos trabalhos, sentia-se orgulhoso com as suas realizações agrícolas porque, embora em muito pequena escala, representavam o fruto da sua perseverança e boa vontade, apesar dos maus tempos que corriam. A propriedade ia-se valorizando aos poucos. Segundo a escritura, tinha direito a uma hora de água, de quinze em quinze dias, mas entrara em acordo com um vizinho para uma distribuição que correspondia à metade do tempo e do volume de água, de modo que passou a dispor de meia hora de rega semanal. Jogou, com alegria, todas as suas economias naqueles dois palmos de terra que acabara de adquirir, e pensava nas árvores que havia de lá plantar e na forma de as colocar para dar uma nota de beleza às alamedas e canteiros futuros. Teria um recanto seu, bem agradável, para gozar as licenças.

Congratulava-se com a aquisição, mas lamentava não ter dinheiro bastante para satisfazer as suas ambições de agricultor cem por cento. Bem, mas enfim, o primeiro degrau estava lançado. As possibilidades surgiriam com o tempo, aos poucos. Começara por construir uma casinha caiada e assoalhada; chegaria depois, quando pudesse, a vez duma nitreira exemplar, mandaria vir adubos químicos e alfaias modernas, teria vacas, cabras, ovelhas, fabricaria manteiga e queijos, criaria porcos, galinhas, perus — o programa era imenso... Vida sã, vida de camponês bem orientado, eis a sua ambição. Eis o que estava sonhando nesse momento. Ah! Se tivesse dinheiro... Mas que vê? Mais pedintes. Chega a ser demais. De manhã à noite, uma romaria. João Felícia e a filha marchavam, dentro da propriedade de Miguel Alves, num trecho de terreno ainda não trabalhado. Marchavam devagar, pisando rabo-de-asno, procurando firmar os pés entre as pedras. Vinham, pé ante pé, como dois esqueletos evadidos do cemitério. O proprietário fez-lhes uns sinais com os braços — "O quê! Que querem? Que

vêm cá buscar?" Procurava fazer-se entender, mais com gestos que com palavras. Era assim. Entravam com jeito inofensivo, uns anjinhos, estudavam o panorama com atenção, e à noite, já familiarizados, saltavam o muro para roubar. Conhecia a manobra muito bem.

— Eu queria expressar ocê uma razão... — balbuciou João Felícia.
— Queria dois dias de trabalho só. É uma esmola qu'ocê faz... Tem dias que não meti comida na boca deste cristão...

— Já sei, sim, já sei. É sempre assim. Todos dizem assim. Mas não posso. Se metesse toda a gente a trabalhar aqui, não tinham onde se mexer. Tenha paciência.

Sou pobre, também. Procure os homens que dirigem os trabalhos da estrada. O apontador é bom homem. Dá você trabalho com certeza...

— Mas agora não é o meu turno... Ocê sabe...

— Está bem, eu sei. Uma trapalhada. Não posso. Meteu a mão no bolso das calças, trouxe cinco tostões. Estendeu-a ao homem: — Tome lá. Mas vão andando então...

Doía-lhe ver as crianças metidas nas misérias deste mundo. Os homens podiam evitar isso. Fingir que não há sofrimentos no mundo, fingir que a vida não é o que é... Qualquer coisa assim... à custa de todos os sacrifícios, se fosse preciso... Quase odiou esses dois esqueletos que se afastavam. Surgiam, assim, no meio das suas fantasias. Essa brutal intromissão da realidade mostrava, por momentos, a inconsistência dos seus sonhos. O peso da vida estorvava-lhes o esvoaçar das asas...

Entraram de novo no caminho. Encostaram-se ao muro. Ali perto, a poucos metros, a vertente da ribeira caía a prumo, de uma altura superior a duas dezenas de metros.

Um abismo escuro e estreito. João Felícia lembrou-se duma mulher que, não tendo o que dar ao filho para lhe mitigar a fome, o empurrara para um precipício. Pôs os olhos no rosto da filha. Tinha a morte desenhada nas órbitas cavadas, nos dentes, forçando os beiços repuxados, nos ossos, forçando a pele. A Ribeira ficava perto.

Na outra margem erguia-se uma montanha negra, e à direita estendia-se a planície escavada até o Porto. Passaram por eles dois burricos

com balaios de boca ensacada sobre as selas. Levavam mangas. Vinham do interior e dirigiam-se para a estrada do Porto. O homem que os acompanhava parou à porta duma cabana, à beira do caminho.

Os burricos pararam, também, mais adiante. Vendo-os parados no meio do caminho, entrou para a cabana. Um dos burricos estendeu-se ao comprido no solo para descansar.

O outro imitou-o logo e ficaram os dois manhosamente estirados no caminho, como se estivessem mortos, com as cargas tombadas. João Felícia deixou a filha encostada ao muro e, pé ante pé, aproximou-se dos animais. Havia mangas, havia comida naqueles balaios. Os animais continuavam estendidos e o homem conversava dentro da cabana.

João Felícia estendeu os braços, esforçando-se por caminhar depressa antes que o dono aparecesse. Mas tinha as articulações perras como se um pesadelo o tolhesse. Os seus movimentos eram lentos e a distância que o separava das alimárias parecia intransponível. No momento em que ia pegar no balaio, os burros levantaram-se espantados. Teve tempo, ainda, de agarrar o rabo de um deles. O animal alçou as patas traseiras e desferiu uma panelha de coices. João Felícia soltou-lhe o rabo e o burro largou numa correria desenfreada, atrás do companheiro, enchendo o caminho de poeira. Quando João Felícia se voltou, notou que o homem crescia para ele:

— Qu'ê que tu querias com os bichos, ha, malandro? — e sentiu um choque violento contra o peito. Caiu desamparado para trás. As pernas levantaram-se-lhe e os pés bateram como duas marretas contra o chão, por cima dos ombros. Deixou-se ficar uns momentos estatelado, de braços abertos e pernas estendidas. com muita dificuldade conseguiu erguer o tronco. Os burros e o dono tinham desaparecido. Não compreendeu por que lhe dera o homem aquela pancada. Por que foi que o atirou para o chão do caminho e o abandonou? Que mal tinha tirar duas mangas do balaio, uma para ele, outra para a filha? Viu a filha no mesmo lugar, olhando para ele com indiferença, como se nada tivesse acontecido ao pai. É difícil um homem de idade erguer o corpo quando cai ao comprido no caminho! Levantou-se, enfim, dirigiu-se para a filha acorada junto ao muro, pegou-lhe na mão,

ajudou-a a levantar-se e prosseguiram a jornada, caminho arriba. À porta da cabana viu uma velha opiada à ombeira. — Ocês são a desgraça desta terra. com um sol desalmado destes, a roubar o suor de cada um, mesmo na barba-cara da gente!... — exclamou a velha ameaçando-o com o canhoto.

João Felícia lembrou-se de que ali perto havia um homem que era bom. Ninguém curtia falta na sua ilhargá. Tinha uma tropida de povo a dar comida, sem paga. Quem não conhecia Nhô Mateus? Todo o mundo sabia que Nhô Mateus era bom para qualquer vivente necessitado que lhe batia à porta...

Dava largas passadas de um canto ao outro do terreiro, zangado deveras. Tempo a tempo parava diante do Chico. Chico Grogue tinha uns farrapos a cobrir-lhe o tronco e uns calções que já não eram calções mas saiate, sebento, às tiras. De cócoras, apoiado nos calcanhares, friorento, os joelhos unidos, à altura do queixo, as mãos escondidas entre o ventre e as pernas, estava o mais encolhido possível; de quando em quando permitia que uma das mãos deslizasse, furtivamente, para ir coçar os dedos dos pés chagados de pulguinhas. Coçar as pulguinhas era uma das mais importantes ocupações do Chico Grogue, afilhado, como tantos outros, de Nhô Mateus.

— Arra diabo! — exclamou Nhô Mateus, parando diante do Chico. — Um homem é um homem, um gato é um bicho! Mostra que és gente. Levanta o corpo e põe as mãos a trabalhar direito. Morte entra no corpo que não trabalha. Dou vocês de comer, salvo vocês da fome, tomo canseiras com vocês, mas vocês passam os dias dobrados e coitadinhos a ver sombra de corvo no caminho. Não pode ser. Este abuso tem de acabar...

Nhô Mateus era bom. Fazia barulho, coitado, mas era só da boca para fora. Chico Grogue e os outros afilhados e protegidos sabiam-no muito bem; sim, Nhô Mateus era bom. Tão bom que partilhava os produtos dos seus regadios e o bem-estar da sua casa com uma súcia de calaceiros, afilhados, protegidos, e mesmo forasteiros que não se contentavam com ficar só uma noite. Chico Grogue ouvia a reprimenda, plácido, coçando, de vez em quando, as pulguinhas. Conhecia tão bem o seu padrinho e protetor...

— Eu já disse ocê, Nhô Padrim Mateus — o tom da sua voz era de quem sabia, prudentemente, defender a própria cabeça. — Eu tenho uma palavra só e sou homem de trabalho, soberba de fora. Ainda me sinto um bocadinho fraco, mas cando arribar mostro ocê que sou mais esforçado que um boi, ou oxalá. Tenho andado estes dias queixoso de moléstia de barriga. O que me falta é uma groguinha pra eu ficar bom; entra dia e sai, e sinto vergonha de pedir, mas a ocasião tinha de chegar, ou agora ou logo. Minha barriga é de natureza assim. Só grogue é que dá jeito. Cando eu estiver curado ocê saberá que eu não sou de mangação, pra trabalho... Besta pra trabalhar, é curado e tratado, n'ê?

Chico falou sem pressa, indolentemente, como uma coisa que é e não pode deixar de ser, batendo os ombros com aparente indiferença e estendendo o queixo. Depois dessa tirada, pôs os olhos no chão como se o resto da questão já não fosse com ele. Na verdade, a parte que lhe cabia era tão pouca... Nhô Mateus, que esteve meio distraído a escutar, olhou para ele com uma expressão desalentada que tanto podia ser de desprezo como de compaixão. Teve um estremecimento de quem acorda atrasado, e retomou o papel de dono da casa:

— As coisas não podem continuar assim. Daninhos noite sim, noite não, nos regádios, e vocês ronronando na ourela do lume. Em lugar de ajudarem, passam a vida como uns lagartos a estorvar os mandados. Ou vocês trabalham ou vos largo no ar de tempo. Tá combinado?

Recomeçou os passeios lançando as pernas compridas para cá e para lá, enquanto o Chico Grogue, furtivamente, passeava os dedos das mãos por entre os dedos dos pés. Comichão tão sabe, deveras tão sabe que dava soneira ao corpo. Os pés do Chico tinham inchado tanto que pareciam duas pedras polidas. Famintos passavam no caminho e espiavam, com inveja, o felizardo do Chico, de cócoras, lá de riba, coçando as pulguinhas. Eram três rapazes taludos como o Chico, acorados pelos cantos, de preferência na cozinha à roda do lume, ao alcance do aroma das panelas; meninos, eram quatro, todos filhos de comadres e compadres, afora velhos e velhas que, sumidos durante a maior parte do dia, só apareciam à hora das comidas, sorrateiramente. Nhô Mateus tinha a casa cheia. Passava o tempo

pregando sermões aos hóspedes. A irmã, senhora idosa e de pouca mangação, vinha de semana a semana, aos sábados, para uma vista de olhos. "Tu não podes com a tua vida, hás de agora agüentar a vida dos outros!", resmungava vendo os protegidos à roda das gamelas. "Deixa, Engrácia", atalhava o irmão, contemporizador, "fazer bem não mata gente."

"Quando comerem o que tens, quero depois saber se mata ou não mata." Nhô Mateus zangava-se com eles quando a irmã saía:

— Qualquer dia não tenho pra mim nem pra vocês, súcia de malandros. — Os protegidos de Nhô Mateus odiavam Nha Engrácia.

Quem conhecia melhor Nhô Mateus do que o Chico Grogue? Levava as coisas na calma e com sabideza. Reconciliador, deitando água na fervura, falava por todos:

— Deus conserve ocê a água fartinha na nascente de riba pra sazonar aquelas bananeiras que estão que é um louvar-a-Deus. Eu digo ocê, plantinhas bonitas como aquelas, meus olhos não se lembram de ter espiado. Também mandiocas como as da ladeira de Zuca-Catruca são de fazer inchar a barriga de sastefação. Hora minguada passe de largo!... Deus dê ocê vida e saúde para gozar diretamente da colheita da sua lavra... (Na véspera, à noite, Chico Grogue acordara assarapantado. Tinha adormecido com mau sentido. Foi o diabo que o arrastara, no meio do escuro, até à ladeira de Zuca-Catruca. Mergulhando os dedos experimentados na terra fofa, trouxe, entre os dedos, uma mandioca tão rechonchuda e acabada de criar, que não pôde evitar um estremecimento de comoção. Lá mesmo a descascara e lá mesmo a comera, e era doce como o mel. Depois, de gatas — já o diabo o havia abandonado com a sua consciência e os seus remorsos — voltara para junto dos companheiros, que dormiam na ourela das cinzas quentes do fogareiro, e pegara no sono até pela manhã. Era como se tivesse sido um sonho. Um sonho mau e bom ao mesmo tempo. Mas não fora sonho...)

— Vamos, Joaquina. Vamos andando.

— Tou cansada.

Joaquina sentou-seno chão. Foi sempre uma criança sossegada, a Joaquina. Ajudava a mãe nos mandados. Ia buscar água na nascente de

compadre Isé, ou no poço de Nhô Lucas. Para ela, aquele barranco com suor de umidade era uma grande ribeira. A sua ribeira ficava no outro lado da ilha. Via as carregadeiras, os burros com sacos ou balaios na sela, os homens com os seus surrões, para cima ou para baixo, não compreendia o fim e a necessidade daquelas idas e vindas. Seus olhos pousaram um momento nos trabalhadores da estrada nova. Esta desviava-se bruscamente para o sul penetrando na solidão da planície. Não compreendia por que se curvavam esses homens e batiam com as enxadas e as picaretas no chão, e por que caminhavam essas mulheres tão magras e corcovadas sob o peso de grossas pedras e caixas de madeira com cascalhos e areia. Se não via ali plantas, nem água a correr, se não estavam semeando milho nem feijão... Não compreendia, também, por que tinha o pai abandonado a sua casa à beira da sua ribeira que, por ocasião das chuvas, roncava água pra baixo, e onde ela e os irmãozinhos brincavam, guardavam as meradas, dos corvos e os feijoeiros, dos pardais, fazendo estalar as fundas de carrapato, ou iam buscar latas de água para atirar às costas uns dos outros. Por que não trouxera o pai, ao menos, a papaieira alta, que ficava à frente da casa, e onde os rapazes costumavam trepar para colher papaias amarelinhas? Tinha os olhos espantados diante dessa paisagem feia e hostil, só pedra e soalheira a perder da vista. Ficou olhando à roda de si, as órbitas ensombradas, o rostinho chupado, os lábios repuxados, com os cantos chagados, onde as moscas pousavam, as gengivas descarnadas e os dentes exprimindo uma feroz vontade de morder. Enroscou-senos ossinhos das canelas, a cabeça entre os joelhos, espiando as pedrinhas do chão.

— Vamos, Joanhinha. Dá-me a mão. Faz um esforço...

— João Felícia levantou os olhos, divagou-os à roda, como se esperasse um socorro...

A imagem do filho, a esfumar-se na poeira da estrada, transmitiu-lhe um renovado vigor.

O sangue, que parecia ter arrefecido e quase paralisado nas artérias, tornou a aquecer e a pulsar como se um milagre tocasse o seu corpo. José da Cruz largou o tronco da árvore solitária. Vacilante, os olhos fitos na planície ardente onde uma poeira cor de ouro fechava o horizonte,

deu um passo, mais outro passo e mais outro, até alcançar a estrada. Chegado ali, parou. Para o lado onde o filho se sumira havia um turno de operários a trabalhar na terraplenagem. Um pouco além, a estrada velha entrava na nova estrada em construção, como um cano velho encaixado num cano novo. Ouviu passos na sua retaguarda. José da Cruz virou-se, e, na postura vacilante e grotesca dum bêbado, esperou.

Um homem de idade avançada, magro mas rijo como um lenho e direito no selim, descia a estrada a caminho do Porto, a cavalo num jerico e de passinhos curtos e ligeiros. As pernas do idoso cavaleiro eram tão compridas que, se soltasse os pés dos estribos, as pontas das botifarras pretas roçariam a estrada. Vinha batendo as maxilas que arfavam como guelras de peixe. Não era fácil saber, num relance, se mascava ou falava só. Mais provavelmente falava para si ou, pelo menos, com os fantasmas anichados no seu espírito, pois, ao aproximar-se, notava-se que soltava sons surdos ao mesmo tempo que mexia os beiços. A aliciaria era um bonito exemplar, luzidio e bem alimentado, que por isso mesmo contrastava com o resto dos seres vivos que por ali pululavam. O homem chamava-se Lourencinho — Nhô Lourencinho, da Chã de Morte, da Ribeira das Patas, proprietário de terras e muito respeitado pelas pessoas da região. Uns apodavam-no de maluco, outros, de filósofo, o que era, para todos, a mesma coisa. Guiava o jerico a direito, pelo meio da estrada, olhando em frente com ar marcial, o chapelão de sol na mão direita e a rédea na outra. Nem um regimento em pé de guerra desviaria Nhô Lourencinho do trilho central da estrada. Era muito metido com a sua vida, mas quem implicasse com ele encontraria homem pela frente.

O burro escolhia logo o trilho preferido pelo cavaleiro; nesse aspecto era tão casmurro como o dono que o instruíra na retidão e perseverança. De repente, Nhô Lourencinho viu qualquer coisa que lhe chamou a atenção. Puxou a rédea do animal, e este parou junto dum homem.

— Conheço-te, desgraçado — exclamou, firmando-se nos estribos. — És o José da Cruz, das terras do Álvaro.

Hã? És tu ou não és tu? Não tens fala? És ou não és que meu acabo de mentar? — Enquanto o outro gemia: "Ah, Nhô Lourencinho! Ah,

Nhô Lourencinho!...", continuou com vozeirão seco e duro de comando: — Cada um, dentro da sua medida, hã?, mas eu queria ter duas centenas de homens da tua casta nestes campos da ilha. Disse ontem, digo hoje e digo amanhã, ouviste? Agora, ouve uma coisa, homem, ouve o que vou dizer: o que te falta é endireiteza, ouviste? Dignidade. Eu não sabia que te faltava dignidade. Isso é que eu não sabia. Caíste muito baixo.

Levanta esse corpo pra gente, direito, hã? Tens um ar de quem não sabe perder. Soldado que perde a batalha, nem por isso fica desonrado, diz que eu é que disse.

A não ser se perdeu a dignidade. Então perdeu tudo, hã? — Soltou a rédea, passou o chapéu para a mão esquerda e começou a pendular o dedo indicador em frente do nariz como um metrônomo. — Deus experimenta os homens, numa coisa ou noutra, e cada um que não perdeu a alma, não perdeu a dignidade perante Deus. E batalha com Deus dá mais dignidade do que batalha com homens, ouviste? Tu tens o ar de quem não sabe perder, hã? Porque perdeste à dignidade perante os homens e perante Deus.

— Passou de novo o cabo do chapelão de sol para a outra mão, e pôs-se a sacudi-lo no ar como um guerreiro a manejar a espada. — Para as caldeiras do inferno os homens que não sabem perder, mas, apesar de tudo, eu queria ter duas centenas de homens como tu nesta terra. Não na guerra, mas na paz e no trabalho...

Deu de esporas ao burro e continuou o caminho. Então José da Cruz desatou num choro convulsivo, um choro enxuto de lágrimas, um choro para si, de espinha quebrada para a frente, como se todo o peso do mundo desabasse sobre os seus ombros. Nhô Lourencinho, um pouco mais adiante, fez o burro parar outra vez. Virou-se para José da Cruz que continuava no mesmo lugar, e gritou, exaltado, estendendo o braço que segurava o chapéu:

— Tu que caíste desta maneira é porque estás errado. Ou os outros é que estão errados. Não sei, e não me importa. Algo não está direito no meio disto tudo.

— Esporeou o animal, e enquanto este se distanciava a trote, Nhô Lourencinho rodeava o grande chapéu preto em torno da cabeça num movimento circular, repetindo com frenesi e exaltação:

— Algo está errado. Algo está errado no meio disto tudo...

Arrastou-se de novo para a sombra do tamarindeiro. Apoiou-se ao tronco da árvore. De repente, um grande silêncio abriu as goelas à volta. Só um momento. Depois, ruídos de longe chegaram distintamente até os seus ouvidos: — o bater das marretas dos britadores, sons surdos de picaretas e enxadas ferindo a terra, falas de operários e choros de meninos vindos das cabanas da beira da estrada. No céu vibrante, onde o sol parecia ocupar todo o espaço, as canhotas voavam pesadamente à espreita de animais mortos. Faziam curvas lentas no ar, descreviam grandes espirais, enquanto as suas sombras traçavam círculos na planície escavada.

Lançou um olhar vítreo para a fita da estrada velha que se dirigia para o seio das montanhas. Estas barravam a vista. Não deixavam ver o outro lado da ilha. A sua casa ficava do outro lado da ilha. Zepa e os meninos estavam lá à espera. José da Cruz abraçou-se ao tronco da árvore. Uma grande nuvem negra abafou o sol. As montanhas, de repente, desabaram. Todas as luzes se apagaram e as trevas envolveram a ilha. E quando a árvore tombou e o tronco se desfez na escuridão, José da Cruz caiu desamparado...

O crime

Compradores de gado vacum, vindos de São Vicente, instalaram-se no Porto Novo. Eram negociantes sérios, que sabiam dar valor aos animais, discutiam pouco e pagavam bem. A notícia alastrou rapidamente. De todos os caminhos do interior surgiram homens com vacas adiante. O gado era comprado no alto do Peixinho, perto do cais, e embarcado no primeiro falucho para São Vicente. Correram o boato de que o chefe de posto tinha instruções para dar todas as facilidades aos compradores, e assim as guias de embarque e as demais formalidades não encontravam obstáculos. Tal influxo de negócio não se fez acompanhar duma explicação clara que levasse os potentados locais a se afoitarem na concorrência aos homens vindos do lado de lá do canal. As versões eram desencontradas, desnorteavam. Disse-se que a procura de carne em São Vicente era, por um lado, devido ao movimento marítimo do Porto Grande, que se mostrava excepcional nesses últimos dias; por outro lado referiam-se a repercussões, na Inglaterra, da política de repressão imposta pelo governo argentino na exportação de carnes para aquele país, donde uma série de medidas da parte de certos interpostos, etc. (Pessoas bem entendidas, versadas nos problemas do Porto Grande, achavam que estas duas versões não cabiam no mesmo saco, em virtude de uma anular a outra.)

Havia outros boatos: a instalação de câmaras de congelação para exportação de carne em larga escala, em São Vicente, na Pontinha; o envio de gado vivo para a metrópole como medida de prevenção contra uma epidemia de carbúnculo registada entre os bovídeos angolanos. Os compradores de gado encolhiam os ombros e diziam: "Só precisamos dum número X de cabeças; depois disso, termina a nossa missão". Continuavam imperturbavelmente a comprar, pagando mais do que era habitual.

Os potentados locais, desnorteados pelos boatos e pelas dúvidas, embora tentados pelo negócio que sabiam rendoso, não se atreveram a empatar capital. O gado dirigia-se em massa para o alto do Peixinho, o pagamento era imediato, três a quatro centenas de escudos por cabeça. As

coisas iam de bem a melhor, até que um grave acidente veio abalar a vila marítima.

Um pobre homem do norte fora, essa madrugada, barbaramente assassinado na descida da bordeira; não foi difícil identificar, horas depois, o autor do crime. Indicaram um moço de boca rachada, aspecto sinistro e maltrapilho, como o herói do trágico acontecimento.

O chefe de posto passou a mão pelo queixo. Jovem ainda, um pouco gordo, no princípio da carreira, pensava que todas as oportunidades eram degraus que deviam ser aproveitados desde que oferecessem segurança. Era preciso agir com cautela. O posto do Porto Novo estava subordinado à administração do Concelho do Paul. Andava em política com o administrador. Havia assuntos que não podiam deixar de ser manejados na sombra; mas outros eram dados, atirados à clara luz do sol. Um passo em falso... Achou o caso grave, importante, flagrante, evidente. E simples: crime de homicídio — móbil: roubo. Homem assassinado; vacas roubadas e vendidas. Claro como água. Era preciso dar início imediato às averiguações. Arrancar a confissão ao criminoso. Trabalhar com limpeza. Arrumar o assunto com precisão e técnica.

O enfermeiro, sem estar a meter foice em seara alheia, com a segurança de quem sabia o que dizia, declarou, peremptoriamente, que o caso era sério. Essa declaração foi, a princípio, motivo de preocupações para o chefe de posto.

Uma camisa qualquer servia. Queria um par de calças feitas, de preferência usadas. Cotim ou caqui. Fazenda rija, para má vida. Estava custoso descobrir calças usadas ou novas. Se tivesse encontrado umas a jeito, vestia-as logo e não chamaria já tanto a atenção. O que despertou a curiosidade e inspirou alguma suspeita foi o fato de se mostrar pródigo na escolha de artigos femininos, e uns modos assarapantados ao falar com os caixeiros. Quem está ao balcão sabe com quem lida. O caixeiro é, em regra, arguto, psicólogo, tem tato. O freguês abre a boca, começa a falar, e é como se lhe deixasse ver a alma através da goela. "Sabe ocê, eu vivo com uma rapariga, mas nesta carestia a minha rapariga não tem roupa. Sabe ocê, ela não tem agulha, nem tesoura, nem linha pra coser, não tem nada, mas sabe

meter chapa na roupa e coser. Queria comprar fazenda pra saia de baixo e corpete, uma chita bonita pra blusa e saia, também um lenço que ela não tem. Ocê escolhe todas essas coisinhas, ocê sabe, eu não conheço roupas de mulher. Também eu queria uma tesoura, linha, agulha, tudo o que dá pra navegar na costura..." Olhavam para ele, intrigados.

Tinha dinheiro numa bolsinha pendurada ao cinto de corda. Moedas e notas. Os caixeiros, habituados a ver só tostões nas mãos dos maltrapilhos, estranhavam tanta fartura. Quando ele saía, ficavam cochichando nas suas costas e vinham até à porta segui-lo com os olhos.

— Andas a comprar coisas pra mulheres e estás quase nu, moço. Precisas duma camisa e dum par de calças. Tens o pirilau quase à mostra. Sem dinheiro direito não vais vestido.

— Ocê não tem calças usadas? Comprava umas calças usadas. Camisa não faz mal. Gostava mais dum casaco velho.

— Não se vendem coisas velhas nas lojas, moço. Tenho aí umas camisas baratas que podem servir-te. Se quiseres...

Não indagava o preço de nada. Ou era idiota ou furtara o dinheiro. A certa altura, para que confiassem nele, sacou da bolsinha, e despejou todo o conteúdo sobre o balcão. Não tivessem medo porque viera pra comprar e pagar.

— Onde foste buscar tanta massa, moço?

— Eu? Mas este dinheiro é meu. Faço negócios dias-há.

— Homem de negócios não anda esfarrapado. Tu vês caixeiro esfarrapado atrás de balcão?

— Uá! Ocês ganham mais dinheiro do que eu.

— Mas agora, assim, ninguém tem tanto dinheiro como tu. Tens a certeza que este dinheiro não é furtado?

Estudavam os esgares que ele fazia, os seus olhos oblíquos rebolando, tímidos e assustadiços, por cima dos malares salientes; aquele lanho até à orelha dava-lhe uma expressão de ferocidade mal disfarçada. Não olhava as pessoas na cara. O seu aspecto era mais de assassino e ladrão que de negociante.

— Se ocê não quer vender, então vou pra outra loja.

— Não é que não te queira vender, moço, mas tu compreendes...

— Mas o dinheiro é meu...

Deitou um olhar desconsolado à roda. O caixeiro reconsiderou; estava ali para vender e não para discutir a vida alheia.

— Olha, vai ver se encontras umas calças usadas e depois vem para comprares o que precisas.

Sempre saltitando num pé, percorreu quase todas as lojas do Porto. Encontrava rostos fechados, desconfiança. Comprou um espelhinho, um pente, um lenço de ramagens verdes. Comprou também agulhas e um carrinho de linha preta e outro, branca. Os caixeiros viam-lhe mexer nas notas com as mãos trêmulas, ouviam o tilintar de moedas no fundo da bolsinha. Tornou a entrar na loja onde estivera um pouco antes.

— Não encontrei as calças velhas que eu queria. Océ veja, não tem um filho criado, do meu corpo? Sabe, não tenho onde levar a fazenda pra fazer-me roupa. E minha rapariga não deve saber fazer roupa de homem...

Este caixeiro era melhor que todos os outros. Falava com mais amizade do que os outros.

— Não tenho filhos homens. São todos deste tamanho assim. Só'se for ali o Cirilo. Ele tinha lá umas calças.

— Eu venho comprar as fazendas que eu tinha dito a ocê, mas eu precisava das calças...

O caixeiro chamou um garoto que estava a tomar fresco, sentado na soleira da casa fronteira.

— Vem aqui. Olha, dá uma saltada no Cirilo e pergunta-lhe se ele ainda tem calças a vender e pra mandar o preço. Rápido!

Da porta, o caixeiro viu gente a rodear uma mulherzinha.

— Eh, você! Que foi que aconteceu?

— É essa mulher que tá a chegar da Ribeira das Patas. Diz que mataram um homem.

— Venha cá contar isso. Venha andando. A mulherzinha aproximou-se esbaforida.

— Basta eu vim tão na corrida, que tou a deitar os bofes boca fora. Ui, Jesus! É um rebuliço pra lá. Mataram um homem e roubaram-lhe as

vacas. Tou a vender o peixe pelo preço que comprei. Não vi nem sei de nada. Tem grande alarido pra lá. Desgraça não acaba nesta terra...

— Mas como foi, onde, que homem é esse?

— Não vi o homem nem conheço. Dizem que foi rolado de rocha abaixo e depois botaram-lhe uma pedra assim deste tamanho de riba da cabeça. Foi na descida da bordeira, e ele trazia duas vacas, duas bonitas vacas, então. Dizem que compadre Chamano conhece ele, que é de Cidrão, e que o viu esta madrugada com outro homem. E querem saber o que é que fizeram à mulher do compadre Chamano? Deram-lhe uma carga de pancada e roubaram tudo o que ela trazia do Tarrafal. Mundo tá estramontado. Já uma

 pessoa não pode pôr pé, sem companhia, naqueles caminhos. Pois então boas horas, que tou com pressa, tenho de estar no Peixinho antes da saída do Sereia.

Leandro ouviu a história da mulher. Viu o caixeiro debruçado a segredar com uns homens. Viu o caixeiro e os homens olharem para ele. Amarrou a bolsinha do dinheiro bem amarrada no cinto. O caixeiro entrou.

— Olha — disse este, parando diante dele. — Não estou gostando nada desta história. Parece que não vais passar sabe. Ouvi dizer que trouxeste umas vacas e andas praí gastando dinheiro sem destino.

— É mentira — gemeu Leandro, trêmulo. — É mentira. Essas vacas eu trouxe pra vender. Mas não fui eu que as vendi. Eram pra uma casa aí arriba. Eu trouxe uma carta.

 Posso mostrar... v

O caixeiro notou que ele tremia, e as palavras embrulhavam-se-lhe na boca.

— Mentira o quê, moço? Por que que dizes que é mentira? Onde foste buscar tanto dinheiro, hã? Dize então onde foste buscar todo esse dinheiro.

Leandro recuou até a porta. A pergunta foi feita de modo agressivo e em alta voz. Começou a juntar-se gente à porta da loja. Balbuciou:

— O dinheiro é meu. Se ocê não quer vender... Abandonou a loja, passou por entre os curiosos, foi seguindo ao longo da rua. Olhou para trás

e notou que o caixeiro falava para um grupo de homens e mulheres e apontava o braço para ele. Entrou na loja seguinte:

— Tenho um dinheiro que é meu — disse, aproximando-se do balcão — e querem dizer que roubei. Uá! Roubar por quê? É só por causa deste lanho na cara que dizem assim?

Que quer dizer agora um lanho na cara? Nem foi a brigar que cortei a cara, foi no meio do trabalho. Eu tinha dez anos de idade, e foi um homem de barba na cara que me passou a faca de mato aqui sem querer. Quero comprar umas roupas porque a minha rapariga tá quase nua — olhe ocê, eu também só tenho farrapos na pele — e ninguém me quer vender.

— Por que não te querem vender?

— Queria comprar umas roupas. Ocê venda-me umas roupas. O dinheiro é meu e de mais ninguém. Eu explico a ocê... — Nessa altura o caixeiro, que era dono da loja, foi chamado à porta. Leandro viu que a saída estava bloqueada por um grupo de mirones que o espiavam de testa franzida e cara séria. O dono do estabelecimento tornou a aproximar-se.

— Olha, moço — disse com a voz áspera. — Tu deves saber quem foi que matou o homem e para onde foste com as vacas.

Leandro recuou até a porta. Os mirones, por prudência, deixaram-no passar.

— Este dinheiro é meu. Não sei de mais nada. Eu queria comprar umas roupas com o meu dinheiro... Andou uns passos em direção à estrada. Ouviu vozes, muitas vozes atrás.

— Tu parece que estás com medo dele — disse alguém.

— Uá! Por que que hei de ter medo dele?

Parou junto duma combota. O que é que eles queriam? Era um tropel de gente. Homens, mulheres, garotos, dois rapagões que deviam ter a sua idade. Mais curiosos corriam, vindo de todos os pontos da vila. Uma rapariga bonita, de pernas bochechudas, pôs as mãos nas ilhargas e gritou para ele:

— Se eu tivesse calças em vez de saia, já te tinha pegado no pescoço, malvado.

Um homem abriu passagem com ambas as mãos:

— Deixem passar, pessoal, deixem passar! — Deu uns passos em direção a Leandro e estendeu o braço: — Não é preciso mais nada. É ele. Mesmo que estivesse mais pra lá, ali na outra combota, reconhecia-o.

— Quem é ocê? — perguntou Leandro. Recuou dois passos. Deu uma olhadela à volta, a calcular a possibilidade duma fuga.

O homem vociferou, como que amedrontado:

— Não disse a ocês? É ele mesmo. Tá a coxear. Não preciso mais nada pra ter a certeza. Olha lá, não te lembras de mim, hã? Falei contigo e com o homem que mataste esta madrugada. Claridade da manhana e mingunte da lua bateram-te na cara e vi distintamente aquele lanho. Mesmo que não visse o lanho és tu, pintado da cabeça aos pés. Um moço do teu jeito, e vestido como tás não engana os olhos de ninguém.

O homem virou-se para os outros, como um chefe de motim:

— Deviam ser todos linchados. Um deles ia matando a minha mulher na tarde de ontem, metido numa pele de cabra, no caminho de Tarrafal pra Ribeira das Patas. Desgraçada tá lá em casa de pescoço torcido e toda esfolada das pedras do chão. Vim cá buscar o enfermeiro e falar com o senhor administrador.

— Não fiz nada. Não fiz nada...

A multidão começou a avançar. Leandro recuou mais uns passos. Pensou em levar a mão à faca. Eram muitos. Imagens confusas perpassaram no seu espírito. Uma pedra roçou-lhe a cara. Então, virou as costas ao povo e correu. Correu desesperadamente. Mesmo coxeando, saltava como cabra brava. Saiu da estrada, meteu-se pelos campos pedregosos, numa correria louca de bicho habituado aos campos.

Não refletiu na razão por que fugia. Numa repentina intuição percebeu que um grande perigo o ameaçava. Tomou a resolução imediata de se defender da maneira mais prudente e mais à mão; evitar cair nas mãos dos "inimigos". A melhor defesa era a fuga. Correr em direção às montanhas. Defender a pele, das mãos dos seus semelhantes.

Fugir de todos os homens. Procurar o seu meio habitual. Só as montanhas o salvariam da fúria selvagem dos homens.

Começaram as pedradas. Girândola de pedras de todos os tamanhos sobre a sua cabeça. Ouvia-as silvar. E gritos de ódio: "Mata o malvado! Apanha o assassino! Ladrão, ladrão!..." Era assim que a comunidade reagia contra os indesejáveis, os inimigos comuns. Uma matilha de lobos ansiosos por ferrar os dentes. Enquanto não chegassem as autoridades, era assim a justiça do povo. Mas Leandro estava habituado às rochas. O gato selvagem, o bicho solitário, o homem escorraçado e sem esperanças, só contava consigo próprio. com a agilidade dos músculos. A primeira coisa importante era salvar a pele. Reunir todas as forças para salvar a pele. Correu, direito aos chiqueiros.

Se os alcançasse estaria salvo, talvez. Para lá dos chiqueiros abria-se o campo acidentado de corgos, barrancos, penedos, cavoucas, que o defenderiam dos perseguidores ferozes. Quando se achava a pouca distância do primeiro chiqueiro, uma pedrada violenta acertou-lhe, em cheio, na espinha. Levou as mãos às costas, reprimiu um grito, parou um momento, mas retomou logo a corrida. Dois rapagões tinham-se adiantado aos outros perseguidores e corriam sobre ele a menos de vinte braças. Estava quase a alcançar o primeiro chiqueiro. Mas quando se achava a meia dúzia de passos, um homem que se tinha refugiado atrás levantou-se surpreendido, enfiando as calças.

O homem, sem compreender o que se passava, não esboçou um gesto que revelasse qualquer intenção agressiva contra ninguém, mas Leandro, tomado de pânico, fez um quarto de volta, perdendo terreno. Vendo que não podia alcançar os outros chiqueiros, mais afastados, seguiu na direção duma casinha em ruínas; alcançou as paredes meio derruídas e, servindo-se, durante uns segundos, da sua proteção, dirigiu-se para um morro que marginava uma ribeira. Não lhe foi difícil alcançar o morro porque os dois perseguidores, desnorteados com o seu súbito desvio, haviam, por sua vez, perdido algum terreno. Ao pisar o topo do morro, no momento em que formava o salto, uma segunda pedra, felizmente mais pequena do que a primeira, acertou-lhe na cabeça.

Ao saltar para a depressão que se abria para lá do morro, um espasmo percorreu-lhe o corpo, e teve a impressão de que não se levantaria

mais; mas apesar da dor aguda na espinha e do atordoamento, recompôs-se rapidamente e continuou a corrida, um — pouco cambaleante, mas ainda veloz. Penetrou na ribeira seca e deslizou ao longo do leito. Refugiou-se atrás dum penedo e saltou para o leito dum pequeno córrego zigzagueante, afluente dessa ribeira, que ia perder-se entre blocos de basalto negro. Trotou umas dezenas de metros de mãos no chão. Já sem forças, rebolou para uma concavidade junto da margem direita, onde se deixou cair de bruços, a cabeça sobre os braços cruzados. Doíam-lhe as costas e a fonte onde acertara a pedra. O sangue escorria-lhe da cara para o queixo e pingava no chão. Uma grande calma foi entrando nele à medida que retomava as forças perdidas. Perguntou a si mesmo: "Por quê? Sim, por quê?" Que fez para ser perseguido? Todo aquele povo atrás dele?... Ele a correr e tanto mundo atrás às pedradas como se ele fosse um bicho bravo... "Por que fugi?" Não achou outra resposta (era uma obsessão): "Se eu não tivesse esta racha na cara..." Ouviu passos perto, vozes. Os perseguidores aproximavam-se. com muita dificuldade, conseguiu levar a mão ao cabo da faca. Um homem não morre assim nas mãos de outro homem. Ao tentar levantar-se, uma dor aguda na espinha obrigou-o a cair de bruços, e pareceu-lhe que o corpo girava à volta do ponto da cabeça onde a segunda pedra acertara... Caçado quando fugia para se escapar à justiça. Empunhava uma faca com o propósito evidente de resistir. Realmente, não pretendia resistir à polícia. Só depois é que esta apareceu. É uma atenuante. De qualquer modo a carícia que esta casta de gente pede é uma sova preliminar de cavalo-marinho, até sangrar. O chefe de posto, cofiando o queixo, observava o criminoso. O povo deixara-o em mísero estado. Selvajaria. Como nos países de segregação... Ninguém deve levantar a mão se não está previamente autorizado. Valente golpe na espinha — uma pedrada de má fé, comentou o enfermeiro, curvado sobre o assassino que gemia de dores — , um rasgão atrás da orelha, contusões produzidas por socos e cacetadas, um caso sério. — Essas bestas queriam obrigar um homem, desmaiado, a andar! Isso são maneiras de entregar um preso?! exclamou o chefe de posto. — No estado em que está não pode prestar declarações.

Má catadura, metia medo a cicatriz que lhe rasgava a boca até à orelha. Um monstro saído dos romances de Vítor Hugo. Quase nu, metido em farrapos nojentos. Trazia consigo uma faca, uma sacola de pano, contendo cem escudos em notas e quase vinte em moedas, um surrão de pele de cabra com um litro e meio de milho e um peixe seco, um búli com um resto de água e os seguintes objetos que se averiguou terem sido adquiridos em dois estabelecimentos do Porto Novo: um espelho, um pente, um lenço de cetineta para cabeça, dois carrinhos de linha preta e branca, e três agulhas. Tinha uma mulher na sua vida. Há mulheres com cada estômago!

— Tem a sua conta por algum tempo — comentou o enfermeiro. — Agora, depende da carnadura. Uma ligeira fratura numa vértebra, que requer cuidados, uns dias de sossego, e pronto.

Dois homens levaram-no para o calabouço onde o deitaram sobre uma esteira. O chefe de posto ficou só.

Um assassino!, pensou. Avis rara. Um homem que mata, lobo selvagem e solitário, homem que mata o seu semelhante. Quantos outros teria este dado às trevas? A razão que leva um homem a matar outro é, muitas vezes, mais repugnante que o ato em si, mas... "Eu cá não posso ver matar um frango; falta-me a coragem. Levantar uma arma a frio; apontar; eu pensaria: aquele pobre-diabo é casado, tem filhos, e pensaria nos seus pais, na tragédia familiar; atrás de mim uma voz de comando: Fogo! Se não disparasse, teria pelas costas um conselho de guerra. No cumprimento do dever devemos estar acima de sentimentalismos dessa natureza. Por exemplo, este caso é interessante. Todo o crime é interessante. Empolgante. Mas este tem a vantagem de prestigiar um chefe de posto. Nem a Scotland Yard se pode orgulhar de descobrir o autor dum crime tão rapidamente. É quase espantoso." Estava metido em trabalhos que brilhavam pelo ineditismo e fulgurância. Um bom princípio para a sua carreira.

O criminoso ficaria aguardando no calabouço as averiguações. O enfermeiro, já que considerou o caso sério, que o fosse curando como pudesse...

No dia seguinte seguiu para a Ribeira das Patas, a fim de estudar a coisa no local, com o regedor e outras autoridades nomeadas ad hoc. No momento em que chegava ao Curral das Vacas, o regedor obtinha dados concretos: afinal, tratava-se de puro acidente; não houve crime nenhum; ninguém matou nem roubou. As vacas apareceram. Nhô Chamano, da Chã de Lagoa, conhecia o morto. Quando fora à cata da mulher e do filho no Campo Grande, de manhãzinha, vira-o no alto da bordeira, acompanhado do moço que foi preso no Porto. Conhecia as duas vacas que ele trazia, bem bonitas que elas eram, por sinal, uma branca com malhas pretas e a outra castanha com malhas brancas. A branca estava ali amarrada no pátio do regedor. Fora apanhada a desvastar um canavial novo na horta de Nhô André, no Caetano, e o lavrador, Nhô Chalino Chichu, prendera-a até que aparecesse o dono para a avaliação dos prejuízos. A outra, castanha, foi encontrada esmagada junto dum figueira brava, na base da montanha, a umas dez braças abaixo da cinta onde o homem caíra. Ora — , o caminho, no local do desastre, praticado na rocha a pique, era estreito, íngreme e resvaladiço, terminando numa curva apertada. O muro de defesa tinha um rombo precisamente na curva. A vaca teria escorregado, embatido contra o muro e arrastado o dono na queda... Se o senhor chefe de posto quisesse, iam lá todos confirmar a versão. Que não, não valia a pena, realmente a hipótese era absolutamente aceitável, já não era cedo e tinha que fazer, hoje mesmo, no Porto; entretanto, havia duas coisas a averiguar: a origem do dinheiro que o rapaz trazia numa bolsa e o destino dado às vacas que levava consigo. A propósito, o regedor informou que o morto era conhecido pelo nome de Pipi e trazia umas moedas e vinte escudos em papel embrulhados na ponta dum lenço metidos no bolso das calças. O seu boné foi encontrado preso aos ramos dum tortolho atrás do muro. A coisa estava, enfim, esclarecida. Houve uma sensação geral de alívio, mas algum desapontamento. A morte é sempre lamentável — embora se estivesse atravessando um período negro em que não causava tão grande impressão. Mas o crime — comentou, de si para si, o chefe de posto que era novo e apreciava as sensações fortes —, o crime é, incomparavelmente, mais interessante do que o desastre. O crime é sempre interessante.

Quando à tarde o chefe de posto regressou ao Porto Novo, foi procurado por um homem que lhe disse:

— Ouvi esse alarido todo por causa dum rapaz que tinha morto um homem para lhe roubar as vacas. Esse moço trouxe duas vacas com uma carta de Nhô André Soares, da Ribeira das Patas. Não lhe vi com mais bicho nenhum. Está por lá dado de pau e de pedra por causa das vacas que um homem lhe incumbiu de trazer-me.

— É uma besta que não sabe falar. Fugiu quando o acusaram de ter morto um homem e roubado as vacas que o homem trazia para vender. Que havemos nós de fazer? Trouxe ele umas vacas, andou com dinheiro à farta a fazer compras, e fugiu quando o acusaram, estupidamente, de ter cometido o crime... Tanto bastou para este abalo todo. Foi preciso eu ir parar à Ribeira das Patas. Uns atados. Não passou duma queda. As vacas do homem estão lá, uma viva é outra morta. Ela e o dono caíram de rocha abaixo. Nada mais.

Se lá não ia, nada ficava esclarecido. Era só você aparecer-me esta manhã para poupar-me a maçada.

— Só esta tarde tive a curiosidade de ir ver esse moço. Reconheci-o logo porque a sua cara não engana. Tem, realmente, cara de assassino mas, por acaso, não foi.

Pelo menos não foi desta vez, que eu cá não conheço a sua vida nem juro por ela. Deixaram-no em mau estado. É uma barbaridade.

— Isso vai tomar outro caminho, agora. O povo não pode fazer justiça pelas próprias mãos. Vou-me informar de como as coisas se passaram. Tenho de dar conta aos meus superiores dos acontecimentos ocorridos ontem e das medidas que tomei para evitar um alastramento perigoso do.. . Compreende? Os instintos sanguinários do homem espreitam o momento oportuno para aflorar. O bom senso é como um balde de água fria; e a polícia é antes um balde de água fria do que um ferro em brasa. Não sei se me percebe... O chefe de posto alçava-senas pontas dos pés e deixava-se cair, estrondosamente, todas as vezes que elevava a voz, entusiasmado.

— Em todo o caso, serve-lhe de emenda para outra vez não ser besta e não provocar suspeitas infundadas e não levantar tanto alvoroço.

Quanto ao destino a dar a esse pobre-diabo, enquanto não se acha em estado de se meter a caminho para a sua morada, o senhor que o conhece é que podia recolhê-lo...

— Eu?! Sei lá quem ele é? Nunca o vi mais gordo. Trouxe as vacas e uma carta de Nhô André Soares e nada mais. Não tenho confiança na sua cara.

— Então que se arrume como puder. Devolvo-lhe as suas coisas, e o dinheiro. Quem tem dinheiro salva-se... O mais que posso fazer é deixar que ele durma no calabouço.

Quanto ao resto, que se avenha. Tenho mais que fazer do que preocupar-me com labregos. — O chefe de posto refletiu um momento e acrescentou: — Cá entre nós, não se me tira da cabeça que aquele cagado não tenha feito das suas. Tem aspecto disso. Olhe, meu amigo, a bordoadada que apanhou é a punição da Providência pelas maroteiras que deve ter praticado por aí, sem ninguém saber...

Logo que pôde levantar-se procurou o enfermeiro. Este fez-lhe o último curativo, e explicou-lhe como utilizar os remédios, que meteu no surrão.

— Já que dizes que tens quem te trate... Não te aconselhava ir já. Não te esqueças, não vais como vieste. Toma cuidado. Devias ficar ainda deitado uns dois dias. É lá contigo... — Era afinal um alívio. Por isso não procurou convencê-lo. Que fosse e se arranjasse como pudesse...

De cabeça entapada, um pouco dobrado para diante e arrastando as pernas, entrou na loja onde o caixeiro, quatro dias antes, lhe falara na possibilidade de arranjar as calças em segunda mão.

— Não passaste muito sabe por cá, hã? Olha como estás. Nem pareces o mesmo. Desatas a correr assim sem mais nem menos. Estás a ver. Tu é que tiveste a culpa. Eu cheguei a dizer: "Esse moço não tem cara de matar gente". Mas deste pé de carreira. Quem foge tem culpa no cartório, tu sabes... Ó Mochinho! Psit! Anda cá! Vai ali ao Cirilo e dize-lhe pra mandar as calças de caqui, agora. Tu sabes, um homem que não deve não teme...

Leandro comprou meia quarta de milho, um litro de feijão-pedra, um pouco de banha, uma caixa de fósforos, chita para um vestido, vichi

para roupas de baixo, uma camisa de riscado, uma tesoura e as calças velhas que Cirilo mandou. Meteu tudo no surrão. Mandou o caixeiro encher-lhe o búli de água, pediu depois uma batata-doce e um pão para comida de caminho, bebeu um copinho de grogue. Guardou os cobres do troco na bolsinha e, com a tarde em declínio, o sol tocando as cristas das montanhas do interior, meteu-se pela estrada, iniciando a jornada em direção aos seus domínios.

Quando chegou à última cambota, perto do segundo cantão situado no extremo da reta onde a estrada formava um cotovelo virado para o seio da ilha, as sombras já cobriam toda a vertente leste até o litoral. O vento levantava refregas de poeira que seguiam ao longo da estrada como cavalos galopando à desfilada. Leandro sentou-seno muro de resguardo, fatigado. Doía-lhe a vértebra fraturada, e a cabeça latejava dolorosamente no sítio de ferida.

Esteve longo tempo sentado enquanto a tarde progredia. Homens de surrão às costas, e mulheres trazendo qualquer coisa à cabeça, um balaio, um saco com bosta, um molho de lenha ou palha, passaram por ele em silêncio, arrastando os pés e curvados para diante por causa do vento. Do outro lado do canal, São Vicente começava a afundar-sena sombra. As montanhas eram brasas frias, e viam-se distintamente as encostas salpicadas de casas brancas. O mar fervilhava até o horizonte. Quando os últimos reflexos do sol abandonaram a crista do Monte Verde de São Vicente, Leandro saiu da estrada, meteu-se debaixo da cambota, e estendeu-seno chão com a cabeça apoiada no surrão. Pensou na sua gruta lá no alto das montanhas, na Libânia que estaria ainda à sua espera. O enfermeiro recomendara que não se esforçasse, quando não, estaria lixado. Iria sempre devagar por aí arriba, nem que chegasse no dia seguinte à noite. "Mete as mãos no sarrão, Libânia, e vê o que te trago." Seria o momento mais feliz da sua vida. Depois as mãos dela curariam as suas feridas. "Caí de rocha, ouviste?, caí de rocha no caminho quando ia para o Porto. Por isso fiquei pra lá todo este tempo. O enfermeiro não me deixou vir antes." Adormeceu com Libânia na menina dos olhos. Acordou com o sol na cara. Levantou-se. As feridas não lhe doíam já. Sentiu fome. Mal comera durante os dias que

estivera no calabouço. Tirou a batata do surrão, deu-lhe duas dentadas, guardou o resto. Pendurou o surrão ao ombro. Levou a mão à bainha. Não trazia a faca consigo. O chefe de posto esquecera-se de lhe devolver. Não podia seguir caminho sem uma faca. Era a arma e a ferramenta mais importante dum homem. Subiu para a estrada. Sentou-seno muro caiado de branco que, à luz do sol, resplandecia. Começava a aparecer gente vinda do Porto. Homens e mulheres, com alpercatas, conversando, retemperados. "Eh, ocê! Perdi a minha faca. Ocê tem uma pra vender?" Tava doido o moço! Quem é que tira a faca da bainha pra vender a outro? "Eh, ocê! Eu comprava uma faca s'ocê tivesse, porque perdi a minha." "Assim como serve pra ti, moço, serve também pra mim. Faca só na loja."

Mas um homenzinho de cara velhaca, que vinha em sentido contrário, parou.

"Hã? Cos'é?" "S'ocê tem uma faca pra vender. Perdi a minha neste caminho e não tenho tempo de virar pra trás." "Donde vens, moço?" "Venho do Porto." "A que horas largaste Porto pra trás?" "Esta horinha assim. Pouco antes do sol assomar. Vim com passo quente." O homem tirou a faca da bainha. Tinha o cabo carcomido mas a lâmina parecia de boa tempera. "Esta faquinha não é de mangação. Quanto dás por ela?" "Ocê é que sabe." "Quatro mil e quinhentos, dinheiro na mão." Leandro pegou na faca, mirou-a, remirou-a. Abriu a boca da bolsinha, espreitou, meteu a mão, trouxe as moedas e entregou ao homem sem contar. "Só isso é que tenho. Chega?" O homem aproximou as moedas do nariz, com o indicador espalhou-as na palma da mão, contou-as.

"Hã?" "Chega", respondeu, metendo as moedas no bolso das calças. "Negócio tá fechado." "Quanto dinheiro é que tinha?" "Tinha mais ou menos. Então boas horas" mas, andados uns passos, virou-se para o rapaz: "Qual é a banda da estrada que tu trouxeste?" "Eu ando sempre na banda da esquerda." "Então boas horas." "Boas horas, Deus c'ocê." O homem seguiu com os olhos no chão pela faixa da estrada que Leandro indicou. Parou diante de dois homens que vinham do Porto, mostrou-lhes a bainha vazia, com o braço estendido indicou o chão e apontou para trás deles; eles fizeram uns gestos com as mãos e retomaram o caminho. Leandro levantou-se. Os

homens passaram por ele. Seguiu-os. Durante uns minutos conseguiu manter a mesma distância que o separava deles, mas em breve foi cedendo terreno e quando dobrou o cotovelo da estrada, depois de atravessar a ponte, já os não viu. Chegou à encruzilhada com a estrada nova, nas proximidades dos trabalhos das Obras Públicas. Ali próximo era o burburinho de homens, mulheres, crianças, carreteando pedras, armando paredes, entulhando aqui e desentulhando acolá, mãos ossudas empunhando cabos de picaretas, marretas, enxadas e pás, dorsos curvados, trolhas, marreteiros, britadores, pedreiros, chefes, capatazes, vozearia, ordens, poeira. No céu crã, o sol marinhava, desalmado. Sentou-se num montículo de pedras para descansar. Odiava a multidão, o tumulto. Ele era sempre o homem que ficava de fora.

O ajuntamento era-lhe hostil. Continuou o caminho até alcançar as propriedades dos Lajedos. Sentou-se um momento à sombra duma mangueira. A água corria ali em grande abundância e ouviu-lhe o estrondo surdo e contínuo que fazia ao entrar num grande tanque. A nascente ficava a cinco quilômetros de distância, e a levada construída pelo antigo proprietário, o lendário Antônio Luís, era cavada na rocha íngreme, desde a nascente à chã. Levantou-se e prosseguiu a caminhada. Dos Lajedos às primeiras propriedades da Ribeira das Patas o caminho desenrolava-se sobre cascalheira branca de pedras-pomes que rangiam debaixo dos pés e dificultavam os passos. O percurso, do cotovelo da estrada do Porto até o vale, era todo a subir. O ar ia progressivamente refrescando. Leandro caminhava devagar, parando com freqüência, para descansar.

Os lavradores vinham até à beira do caminho, fitavam-no com desconfiança. A sua figura parecia despertar o instinto do perigo entre os meninos. Quando ele passava, corriam a avisar os pais. Estes seguiam, com o olhar duro, o maltrapilho de má catadura e cabeça entrapada, até o verem desaparecer atrás dos muros. Seguia pisando o chão com dificuldade, curvado para diante, um ricto de dor no rosto, que tornava mais sinistra a sua máscara. Não era de todo desconhecido na região. "O que é que tens, moço?", perguntavam suspeitosos mirando-o dos pés à cabeça. "Tava a trabalhar aí na estrada, escorreguei e caí de rocha." Alguns sabiam que nos anos de chuva era guardador de gado no campo. Desconfiavam das suas

atividades, e alguns juravam que ele tinha virado salteador de caminhos. Tinha sido visto por mais de uma pessoa a internar-se no planalto do Campo Grande, que era, nestes tempos das secas, a morada dos mascarados. Quando chegou ao cimo do Topo, na curva do caminho para o Curral das Vacas, as sombras cobriam o fundo do vale e principiavam a galgar as vertentes opostas. Ali havia um mirante com assentos de pedra onde um homem podia repousar o corpo maltratado. Saiu do caminho e galgou o monte. Sentou-seno banco de pedra, curvou o tronco para diante, a única posição que a espinha tolerava. O ar que circulava à roda do Topo era frio. Ouviu o vento a uivar nas cristas das montanhas que protegiam o vale. Era um ruído fino e distante que só quem conhecia a linguagem das montanhas sabia distinguir. O vento perdia-senos espaços, desvanecia-se antes de tocar o fundo do vale. O pensamento correu-lhe para a Libânia e a sua gruta. Começava ali a subida da bordeira. Olhou para cima. Era o mesmo que trepar para o céu numa escada de corda! Meu Deus! Como chegar lá?

A ferida da cabeça latejava como se estivesse sendo golpeada por invisível faca. Ao levantar-se, gemeu de dor. Parecia que lhe arrancavam as vértebras da espinha.

Na bifurcação do caminho, dois homens ficaram à espera que ele se aproximasse.

— Qu'ê que tens, moço?

Leandro apontou o braço para as bandas dos Lajedos:

— Caí de rocha nos trabalhos de Estado.

— Para onde vais agora?

Mostrou com o queixo o cimo da bordeira.

— Por aí arriba — disse, puxando dolorosamente a boca para o lado da cicatriz.

— Ainda bem, moço. Deus na tua companhia. — Ficaram de pé a segui-lo com a vista até o verem tomar o caminho da montanha.

— De dia são como burro dado de pau — disse um deles para o outro. — De noite viram gato brabo. Esta noite lavradores destas bandas têm de tomar sentido.

A noite ia velha por sobre a ilha quando ele alcançou o cume da bordeira. O vento ali soprava rijo e penetrante. Assobiava nas arestas dos penhascos, batia chapadas algures, desfazia-seno vácuo. No céu, as estrelas sacudidas pelo vento sarabandeavam. Sírio, enorme e resplandecente, crepitava num malabarismo de cores. Eram as luzes da sua cidade adormecida. Nos intervalos das rajadas, o silêncio fendia a noite. Perto, trechos brancos de pedras-pomes acusavam uma presença diluída e mortuária.

O resto era a vertiginosa solidão.

Dobrado como um símio, andou centenas de passos arrastando o surrão. Tropeçou. Apoiou as mãos ao chão. Uivou como um animal feroz. com algum esforço conseguiu erguer-se.

A faca cravada nas costas perfurava-lhe os rins. Suspendeu o surrão com uma das mãos e prosseguiu a marcha penosa. Caminhou à beira dum barranco. O surrão escapou-se-lhe da mão, rolou para o fundo do barranco. Deslizou atrás dele. Conhecia o lugar. Costumava servir-lhe de refúgio quando, nas noites de estio, pernoitava perto do caminho que ligava o norte à Ribeira das Patas. Não era completamente abrigado dos ventos mas suficientemente acolhedor para lhe permitir recobrar as forças desfalcadas, e talvez dormir um bom sono. À falta das peles pensou em envolver-senas fazendas que levava, mas não quis desmanchar os embrulhos feitos nas lojas. Era mais bonito entregar as coisas à Libânia tal como tinham vindo da loja. Deitou-sede ventre para o chão, escondeu as mãos debaixo do peito e esperou o sono. Mas este não veio. O vento entrava às chicotadas no barranco, gelava-o. Começou a tiritar. Estava quase nu, as suas roupas eram farrapos que mal o cobriam.

Por que não vestia a camisa e as calças mesmo sobre os farrapos? Tinha mais graça abrir o surrão e tirar as coisas como tinham sido arrumadas na loja. "Ó Libânia, este moço não tá passando sabe", gemia em voz alta como se a rapariga estivesse ao seu lado. "Este moço não tá passando sabe." Sentou-se de cócoras, abriu a boca do surrão, retirou com cautela os embrulhos, procurou a camisa. Teve de desfazer o embrulho grande onde estavam as fazendas da Libânia. Retirou a camisa e meteu o

embrulho no surrão depois de o arrumar o melhor que pôde. Desabotoou-a e vestiu-a sem demora. Ficava-lhe larga, as mangas compridas, mas sentiu-se reconfortado.

Todavia continuou a tiritar. O vento era agreste. A noite não tinha fim. Não havia sinal da madrugada. "Não quero a morte comigo", disse de si para si. "Passa de largo! Figas canhota!" Levantou-se. Arrastando o surrão, galgou o barranco. Sempre dobrado, gemendo de dor e levando o surrão aos tropeções, desapareceu nas trevas do planalto.

Amanhecia. Avistou, entre os penhascos circunvizinhos, o perfil atarracado do penhasco maior, em cujo seio se escondia, virado para o sul, o seu refúgio.

Trazia as mãos e os joelhos ensangüentados. "Não chego lá", gemeu. Estava completamente esgotado. Tinha o surrão enfiado ao pescoço e arrastava-sede joelhos e mãos no chão. Gemia soltando urros como um animal entregue ao seu próprio destino. A madrugada repetia as mesmas tintas do desamparinho do entardecer. Nestas alturas a luz parecia subir do fundo, e não descer dos espaços. Era cinza ainda a claridade que emergia do oceano. Esperou uns minutos, de olhos presos na magia maravilhosa daqueles píncaros negros, imóveis no seu posto, fiéis como sentinelas dos seus bens e da sua liberdade. Num esforço supremo arrastou-se até a base da gruta. Ouviu ladrar — latidos surdos de animal abandonado. O Picaroto dava sinal. Viu-o caminhar ao longo da vereda. Deu a volta pelas escadinhas que a Libânia utilizava. A sua pequena sombra reapareceu correndo, trôpega, para o dono. Leandro conseguiu pegá-lo com uma das mãos. Beijou-o. Era um esqueleto de cão. "Donde Libânia, hã? Picaroto, donde Libânia?"

Ouviu a cabra berrar. O berro vinha duma direção diferente do curral. Os seus bichos não tinham comido durante esses seis dias. Pôs o Picaroto no chão. O bicho mal se agüentava em pé; mas pulava à roda do dono, e gemia de alegria. Leandro retirou o pão do surrão, deu-lhe um pedaço e levou outro pedaço à boca. com dificuldade arrastou o surrão para a base da gruta. Já não conseguiu levantá-lo mais. Esgotaram-se as últimas forças. Lento e ofegante trepou para o seu buraco. Estava nos seus

domínios. Desafiava quem quer que fosse, qualquer homem esforçado e corajoso, a escalar assim a muralha que lhe defendia o covil. Era para ele como usar o segredo duma fechadura, assim mesmo tão complicado e tão fácil, tão simples e tão perigoso. A esteira estava enrolada e amarrada em cima. Chamou: "Libânia! Libânia!" Arrastou-se, de joelhos, às apalpadelas até o fundo da gruta. Libânia não estava. Procurou os fósforos no sítio habitual numa fenda perto da trempe de pedra. Encontrou a caixa.

Acendeu um fósforo e olhou à roda. Estava tudo arrumado, as peles enroladas e penduradas, cada objeto no seu lugar. Sempre de gatas, dirigiu-se para o curral. Os animais tinham desaparecido. Os tabuados do chiqueiro e a cancela estavam derrubados. A cabra berrou de novo. O vento silvava nas agulhas dos penhascos e precipitava-se nos abismos.

A madrugada progredia. O frio era intenso. Para onde fora a sua companheira? A fome, o frio e o medo levaram-na para longe destas montanhas. Ou talvez esteja dando as suas voltas e venha já. Regressou à gruta. Picaroto seguia-o. "Onde tá ela, hã? Fala. Onde tá ela?" Picaroto respondia batendo com o rabo. Estendeu dois sacos no chão; sobre eles arrumou mais sacos e peles de carneiro e de cabra até formar uma pilha. Já não teve forças para ir até a entrada da gruta soltar a esteira. Enfiou-se entre os sacos e as peles, Picaroto abrigou-se debaixo das peles, entre os braços do dono; tremia e grunhia de fome. Ele, Leandro, também tinha fome. Durante todo o trajeto não tocara na comida de caminho; comera um naco de batata na cambota da estrada do Porto e uma dentada de pão à chegada. No Porto mal comera. Deram-lhe remédios, deram-lhe um canto do chão para dormir, mas não lhe deram comida; apenas mastigara umas bananas e umas mangas que mão condoída lhe estendera.

A gruta era agasalhada, os ventos gelados não entravam lá, e as peles davam-lhe um calor reconfortante; mas apenas se deitou começou a bater os queixais. Tremia e gemia como o Picaroto, o seu único amigo. Tinha febre. "Libânia, Libânia, Libânia!...", murmurava como menino chamando pela mãe. Havia seis dias que tinha deixado a sua gruta. Em seis dias muitas coisas acontecem. Quando se ausentou não havia comida que desse para dois dias. Que ficava Libânia fazendo nesse fim de mundo sem o seu

homem, que morrera com certeza e não voltaria para junto dela? Soltou os animais para que procurassem o alimento pelos próprios meios. Arrumou tudo como as mulheres gostam de fazer, e abalou. "Para onde foste, criatura? Estes caminhos não são para os teus pés. Alguma canhota tá à espera do dia nascer, para voar à roda do teu corpo, como naquela tarde em que a mão de Deus levou este homem solitário para junto de ti? Vem aqui. Vem aqui. Traz o sarrão aqui. Mete a mão e vê o que tá lá dentro. Mas por amor de Deus vem curar a ferida que tenho nas costas. Tem um homem com uma faca na mão, quer matar-me, e enterrar-me a faca aqui assim, tira a faca e torna a enterrá-la. vou passar os dias deitado e é tão sabe sentir as tuas mãos a curar-me esta maldita ferida que não me deixa virar o corpo para nenhum lado.

Meus bichos tem fome, todos nós temos fome. Mas agora tem comida para todo o mundo. Foi uma pedra bem grande que aquele malvado me atirou às costas. E outra aqui atrás da orelha que me dói bastante mas a ferida da espinha é que me mete medo. O enfermeiro disse: Se fizeres um grande esforço tás lixado'. Tou lixado, Libânia. Mas não foi nenhum malvado. Foi uma pedra de bico. Caí de rocha e bati com as costas naquela maldita pedra de bico. Acende o fogareiro, Libânia. Ui, que frieza tá cá dentro. Se não vens não levanto o corpo mais daqui..." Lá fora começara o desamparinho da madrugada. Dias depois, no planalto do Campo Grande. O sol, parado no zênite, derramava uma claridade abundante e fria. O céu vasto, dum azul esverdeado, parecia ter absorvido todos os ruídos da terra. A aragem que vagabundeava era leve, tão leve que perdera a voz e quase perdera o movimento. Um rapaz e uma rapariga. Paravam amiúde, olhavam para um lado e para outro, retomavam a marcha sem direção. A rapariga caminhava arrastando os pés, os ombros encolhidos, sem vontade própria. O rapaz passara-lhe o braço esquerdo ao redor da cintura e forçava-a a seguir ao ritmo do seu passo.

— Eu nunca fui pastor. Contaram-me muitas histórias de pastores e mascarados, mas nunca fui nem uma coisa nem outra. Não conheço estes caminhos.

— Já não posso mais — gemeu a rapariga levando a mão à cara e tombando a cabeça para o ombro como se quisesse dormir apoiada ao companheiro.

— Se o que contaste é verdade, tem de aparecer.

Tenho estado a pensar que naturalmente subiu-te a fraqueza à cabeça...

— Juro por aquela luz que o que contei é verdade...

— Porque às vez a gente sonha e não sabe que tá sonhando. Nha-pai costumava dizer que cando estômago tá vazio cabeça tá cheia.

— Juro, moço. Juro por aquela luz do céu. Queres mais? Foi durante mais dum mês. Mas já não posso. Já não posso com a vida. De esmola. Deixa-me sentar.

— Vamos subir aquele morro ali e sentas então lá de riba.

Escalaram o morro. O rapaz pousou a rapariga no chão como se ela fosse numa criança adormecida, apoiou-lhe as costas a uma pedra.

— Ai, Deus! Eu já não podia.

O rapaz sentou-se sobre a pedra e ficou vigiando à toa. Uma sombra de canhota passou-lhes perto. Seguiu com o olhar indiferente o vôo da ave solitária. Mas ao fundo outra canhota volteava. Quando as duas aves se aproximaram esboçou-se um princípio de luta, apontaram as garras uma contra a outra, desequilibraram-se e cada uma seguiu para o seu lado, até se tornarem a encontrar, mas dessa vez reconciliadas, no mesmo círculo.

— Xente! — exclamou a rapariga reanimada. — Quem tal diria que eu não acertava com o lugar?!

O rapaz desceu da pedra.

— Desde anteontem pla manhã tamos navegando neste chão pra cima e pra baixo. Campo Grande é grande, sim, mas dois dias e meio é tempo bastante. Tua cabeça é pouco esclarecida, Libânia.

— Olha, agorinha assim tou a ver uma coisa.

— Já é mais de dez vez hoje que tu vês uma coisa. Ontem então não se fala!

Libânia apontou com o braço.

— Se não é lá é porque não é em mais lugar nenhum. Agora sim, moço. Agora sim.

— Tens a certeza? Se tens a certeza, então pé no caminho.

— De esmola, mais um bocado.

— Se formos já, tens tempo de descansar antes da noite cair.

— No meio de muita ponta de rocha é uma ponta mais alta e mais grossa. De riba dela é como uma varanda. Quem tá lá tá no sossego e na paz de Deus. Tás a ver lá trás?

Uma sombra naquele morro altão na endireitura do meu dedo? Lá começa uma ribeira que desce encosta abaixo até o mar. Moço, eu tenho saudade daquele lugar e saí de lá tem só uma semana.

— Tão lá duas canhotas a rodear. Primeiro era uma, depois foi outra que passou mesmo de-riba de nossas cabeças. Foi num rufo de caixa enquanto ela atravessou todo o Campo Grande, levada pelo cheiro dalgum bicho morto.

— Deve ter morrido um daqueles bichos. Mas deixa-me descansar mais uma coisa porque caminho é grande até lá.

— Não. Tem de ser já.

— Então vamos, moço. Vamos que já sei onde é. Mas ajuda-me a levantar. — Estendeu os braços ao rapaz.

Quando se aproximaram do local, a rapariga lamuriou, contrariada:

— Logo vi que me tinha enganado. O companheiro estacou:

— Hã?!

— Quero dizer que o caminho não é este. Fica na outra banda. Temos de dar uma grande volta.

— Esse dianho soube escolher o lugar pra morar.

— Olha, sentido corre-me que é aquele caminho ali que vai pra onde quero levar-te.

Seguiram um trilho quase apagado. Pararam diante dum fio de rocha que ia ter, como uma ponte ou um istmo, a um penhasco.

— Agora vamos devagar, um atrás do outro porque é perigoso. Eu atravessava este lugar só ao colo dele. Aprendi a atravessá-lo a pé a última vez que saí, cinco dias depois de ele ter desaparecido. Não tive outro

remédio... — Libânia acocorou-se. Estendeu a mão para ele. — Olha, pegame na mão porque tenho a cabeça fraca. Atravessaram o istmo em silêncio.

— Ele andava este caminho de noite como um gato.

Vês aquela rocha lá, depois desta primeira? Lá é que fica a gruta. A entrada é do outro lado. Deram a volta. Aproximaram-se da base do penhasco junto da muralha basáltica que defendia a entrada da gruta.

— É lá de riba. Se puderes agatanhar aqui, é mais perto.

O companheiro olhou para cima.

— Como é que subo lá de riba sem uma corda? E mesmo assim, com este braço rachado eu não podia.

— Ele subia direto sem corda. Num rufo de caixa.

— Cada um conhece a mandioca da sua horta.

— Então desce aí abaixo, apanha a ribeirinha depois dessa esquina de rocha lá assim. Segue o trilho, e quando não encontrares mais caminho, vira a cara pra riba que hás de ver uma escadinha de pedra. É esse o caminho que eu andava. Olhando pra baixo vês uns ramos de figueira brava. É lá que fica a nascente.

— Não vens comigo?

— Fico um bocado a descansar. Não posso com a vida.

— Olha pr'aí — exclamou o rapaz apontando para o chão. Um sarrão cheio, de boca ainda amarrada, estava colocado na base do penedo, a poucos passos do lugar onde se encontravam.

— Ah! — fez Libânia, levando as mãos à boca, numa expressão de grande espanto. — Leandro! Deve andar aí perto. Julgava-o morto, mas o sarrão é dele.

O rapaz franziu a testa, deitou um olhar desconfiado ao redor.

— E agora? — perguntou mordendo os beiços, indeciso.

— Hã? Ele deve tar lá de riba.

— Eu chamo — disse o rapaz levando os dois indicadores à boca.

— Não, não. Espera — Libânia agarrou-lhe os braços. Ele fez uma careta de dor.

— Já te disse que não posso que ninguém me encoste neste braço. Não vês que ainda a ferida não sarou?

— Desculpa, não me lembrava. Mas por favor não assobies. É melhor a gente esperar.

— Eu chamo pra ele saber que tá gente aqui.

— Naturalmente tá a dormir. Devia ter chegado cansado e tá a dormir.

— Se tá a dormir por que deixou o sarrão embaixo?

— É verdade, moço. Por que deixou ele o sarrão aqui? O rapaz tornou a levar os dois dedos aos beiços. Deixou escapar um silvo prolongado e estridente.

— Tenho mesmo vontade de o ver. Não disseste que ele tem uma racha na cara daqui até aqui? Aquele que me fez o braço neste estado tinha também um lanho na cara.

— Não foi pra vires ver o moço de racha na cara que eu te trouxe. Eu pensava que ele tinha morrido. Saudade deste lugar é que me trouxe.

— Se ele não vem cá baixo vou lá de riba eu então.

— Fica aqui. Ele há-de aparecer. Tá a recolher os seus bichos, naturalmente. Soltei-os quando saí pra comerem na sua vontade.

— Se não tava muito longe tinha respondido ao assobio. vou à gruta pelo caminho que indicaste.

Quando se viu só, Libânia pegou a corda do surrão e tomou-lhe o peso. Era uma carga de verdade. Nunca o companheiro viera tão pesado. Desatou o nó que amarrava a boca do surrão e abriu-a. Meteu a mão. Tinha um embrulho grande de loja. Um embrulho que fora metido à força. A mão tocou um bocado de batata e um resto de pão. A batata estava meia trincada, e o pão duro, de muitos dias, mal tinha sido tocado. Meteu-os na sua sarraia. Sem o retirar do surrão, rasgou o invólucro do embrulho e viu que era fazenda que trazia dentro. Fazenda nova que ele comprara para ela! Tornou a fechar a boca do surrão. Afastou-se uns passos e olhou para cima. Não podia ver dali a entrada da gruta. O rapaz apareceu atrás do curral. Junto da cancela derrubada entreparou, escutou, continuou a andar. Agarrou-se à rocha, caminhou ao longo do paredão. Cautelosamente, aproximou-se da entrada da gruta, não estivesse o outro agachado pronto para o agredir.

— Eh, gente!

Espreitou para dentro. Libânia deixou de o ver. Ouviu-o falar. Estava gente lá dentro. Leandro estava certamente lá, mas não lhe ouviu a voz. Nem o cão apareceu a ladrar. Escutou. Ouviu o rapaz dizer: "Eh, homem!" Decorridos uns minutos viu-o aproximar-se da muralha.

— É ele? O que é que ele tem?

— Ele mesmo, sim. Esse moço que me quebrou o osso do braço.

— Diz-lhe que tou aqui. Olha, diz-lhe que sou eu. O que ele tem?

— Ele não tem nada. Já não tem nada.

— Eu vou lá de riba.

— Não venhas. Espera lá embaixo. Arrasto-o cá pra fora.

— Oh, não! Oh, não!

— Não vale a pena.

— Eu vou, eu vou...

Deu a volta pelo caminho da nascente. Correu o mais que pôde. Moço vingativo. Não perdoava a pedrada de Leandro. Se não chegasse depressa acontecia uma desgraça.

"Lá onde eu encontrar esse estupor, não torna a nascer erva", ouvira-lhe dizer muitas vezes sempre que se magoava no braço. Eram as palavras que lhe vinham à boca a seguir a uma praga. Quando chegou ao cimo da muralha notou que o rapaz continuava de pé no mesmo sítio, mas virado para a gruta e deitando para dentro um olhar rancoroso.

Quando Libânia penetrou no interior da gruta sentiu as pernas fraquejarem. Pairava ali dentro um leve cheiro de putrefação. Leandro estava estendido sobre os sacos, de borco, a cara virada para o lado, os carnudos lábios entreabertos como se ainda não tivesse proferido a última palavra, os olhos parados, vítreos, pequeninos e oblíquos, e a cicatriz medonha e ameaçadora. As peles tinham sido afastadas, de modo que se via, ao seu lado, o inseparável Picaroto, que parecia dormir, enrodilhado e hirsuto, o focinho apoiado à cauda.

Acocorou-se. Tocou-lhe com a mão na testa. Estava fria. Foi quando notou que tinha o crânio enfaixado. Que mistério envolvia essa morte, esse regresso, esse pano de farmácia à volta da cabeça? Um arrepio

percorreu-lhe o corpo. Recuou até a boca da gruta, amedrontada. Cruzou os braços sobre a blusa negra e começou a soluçar.

O seu novo companheiro, vendo que ela cambaleava, amparou-a.

— Tás a chorar por causa dele? — perguntou sustentando-a pelos ombros e deitando nova mirada de rancor, talvez ciúme, ao cadáver.

Libânia debateu-se para se desprender:

— Mataste-o, moço. Foste tu que o mataste. Deixa-me!

— Cusa é?! Não vês que ele tá inteiriçado? Não sentes o cheiro? Não conheces cheiro de morto, hã? Ufa. Como vamos dormir lá dentro com este cheiro. Temos que o tirar agorinha mesmo e fazer um defumador.

Libânia apoiou o rosto ao peito do rapaz. Continuava a soluçar.

— Eu não devia ter saído daqui. Deus perdoe o meu pecado. Não devia ter saído...

— Foi melhor assim. Mais cedo ou mais tarde havia de o topar. Tinha umas contas a ajustar com ele, e assim fica tudo arrumado. Ele julgava que era o rei disto tudo.

Mesmo os reis morrem, quanto mais ele...

— Naturalmente encontraste-o vivo. Se eu tivesse subido primeiro...

— Melhor é calares essa boca! — ameaçou ele sacudindo-a com violência. — Tenho pena de não o ter encontrado vivo, afinal de contas. Disso é que tenho pena. Este meu braço já tá pra o que der e vier. Era ela por ela, porque ele quis descadeirar-me a mim...

As duas canhotas, que se tinham afastado com a presença do rapaz e da rapariga, retomaram o seu vôo circular à roda do penhasco. Uma delas aproximou-se tanto que a Libânia ouviu o ruído das asas rasgando o vento no momento em que a sombra agoirenta lhe batia na cara. Desprendeu-se desabridamente dos braços do rapaz, agarrou um calhau e jogou-o, num grito de raiva e ódio, para o alto:

— Vai assombrar tua mãe, desgraçado!

Glossário

ajonjado — oprimido; desorientado; "desiludido".

alperca — alpercata,

arrife — pedra calcária.

bazar — derramar, soltar. Bazar fumo — soltar fumaça, fumar.

Becente e Becenta — Vicente e Vicenta.

boas horas — cumprimento que se dirige a alguém antes do almoço.

bombardeira ou bombardeiro planta arbustiva (*Colostropis syriaca*) que produz uma espécie de paina.

bordeira — borda do planalto. Subir a bordeira — galgar, subir a vertente do planalto.

búli — cabaça.

buzil — orifício para libertar a água, nos tanques destinados à rega.

cachupa — principal prato típico de Cabo Verde, feito à base de milho, um pouco de feijão, cebola picadinha e um pouco de banha. A cachupa "completa" leva carne, toucinho, batata, etc.

cagado — finório, sujeito de pouca confiança.

cagarra — ave palmípede marinha (*Puffinus major*, *Puffinus anglorum*).

calafeto — traste, caranguejola.

calema — movimento brando das ondas do mar.

cale Nhô Isé! — "qual quê, Senhor Isé!" — exclamação que exprime incredulidade.

cambar — desaparecer, esconder-se atrás de.

camoca — farinha de milho torrado.

cangabaixo — sementes de purgueira, enfiadas num espeto que, colocado na parede, funciona como um archote.

canhota — ave da família do abutre; urubu branco.

canhoto — cachimbo rústico, rudimentar.

"capstan" — antiga embalagem de cigarro inglês.

carico — planta gramínea oca; caniço.

carrapato — piteira, espécie de sisal, cuja fibra serve para fabrico de cordas.

carrapito — trancinha espetada, como chifrinho.

catraio — rapazinho.

charuteira — certo arbusto (*Nicotiana glauca*).

cheira sabe — cheira bem.

codê — o mais moço, o caçula.

combota ou cambota — arco e peitoril de uma ponte.

coroa — ato de "coroar".

coroar — aconchegar a terra à volta da planta do milho.

crã — liso; sem nada; escalvado.

cunhai — esquina formada por duas paredes convergentes.

daninho — ladrão das hortas, em especial dos mandiocais e batatais. É assim chamado por arrancar as plantas sem procurar saber se têm ou não tubérculos sazoados.

desamparinho — crepúsculo.

dja — ilha.

dril — tecido de linho.

esgravelhar — "ciscar"; esgaravatar.

estafermo — pessoa má, de mau aspecto, de má índole; o mesmo que estupor.

falqueador — mau carpinteiro.

fedegosa — planta quenopodiácea (*Chenopodium vulvaria*), cujas sementes torradas substituem o café.

fep — completamente.

figas canhota! — vai-te, demônio; deixa-me em paz.

flostria — fanfarronice, bazófia; vaidade.

funco — construção rústica, muito pobre; casinhola de forma cônica com cobertura de palha.

gabiru — finório, velhaco, espertalhão.

gongom — fantasma; bicho-papão.

grogue — aguardente.

guecha — novilha, vitela.

guisa — choro; ato de chorar os mortos.

harmatão — vento ardente, vindo do Saara, e também chamado de "lestada" ou "suão" em Cabo Verde .

jornadeiro — caminhante de grandes jornadas.

lapili pomítico — pedra-pomes.

lato — cinto de couro; também látigo feito de couro, formado de uma ou mais tiras.

mantenhas — saudações, recomendações, lembranças.

Mata-calor — aguardente de cana.

melador — depósito feito de terra calcada, junto de nascente de água de fraco rendimento.

merada — área de terra de cultura.

mirone — basbaque, indivíduo que fica boquiaberto diante de tudo; espectador.

mocho — sem dentes.

moinha — pequena porção.

morna — música típica de Cabo Verde .

morouço — marco, limite de uma propriedade.

morraça — "lixo", folhas secas, etc.

muito sabe — muito bem.

nem dado de vidro — por nada deste mundo, de jeito nenhum.

oxalá — ou maior ainda.

Papa-rolão — papa feita com a parte menos fina da farinha de milho.

pelinha — sapatos (sentido depreciativo).

pincho — pulo; empurrão.

pipo — boquilha do cachimbo.

potona — gramínea rasteira que produz um pequeno tubérculo.

purgueira — planta oleaginosa (*Jathropha curcas*), de onde se extrai óleo utilizado na iluminação. Também é empregada para acender o fogo.

quebrada — desmoronamento de terra ou pedra.

rebém — pequeno chicote feito com tiras de couro.

refilar — discutir agressivamente.

regedor — autoridade administrativa local, subordinado ao administrador do concelho.

reianata — jogo infantil que consiste em descobrir os companheiros escondidos; jogo de esconde-esconde.

rencão — porção de terra de lavoura entre dois sulcos; camalhão.

rufo — momento, instante.

sabe — agradável, saboroso, aprazível.

sabinha — agradável, aconchegante.

sabura — qualidade do que é "sabe".

sacomar — apertar e sacudir ao mesmo tempo; estrangular com violência.

sarabanda — vento forte; rebuliço.

sarraia — bolsa de pele de cabrito.

semear em pó — semear o milho em terra ainda seca, antes das chuvas. A semente é colocada em covas pequenas — covachos — e, depois, recoberta com terra e com pedras para as aves não esgaravatarem e comerem o milho.

sirigaita — moça muito jovem.

suão — vento quente do leste, também chamado "lestada" e "harmatão".

tambaque — cilindro de talos de cana, que serve para guardar o milho por debulhar.

tão sabe — tão bem; tão agradável; tão aconchegante; tão saboroso.

tarimba — estrado feito de tiras de cana entrelaçadas, que serve de colchão.

temão — timão.

tortolho — (de entorta + olho) arbusto silvestre de Cabo Verde (*Euphorbia tukeyana*), cuja seiva pode cegar pessoas e animais.

trançado — misturado.

tropida — estrondo; barulho de pés e patas no chão, tropel

O AUTOR E SUA OBRA

Na década de 30, confiando no projeto da revista "Atlanta", o escritor Manuel Lopes — nascido a 23 de dezembro de 1907, na ilha de São Vicente, na República de Cabo Verde — propunha a concretização de um velho sonho: a criação de uma personalidade própria para a literatura de seu país.

Nessa luta para permanecer fiel às suas raízes e à cultura de sua gente, a obra de Manuel Lopes tornou-se fundamental para o estabelecimento de uma autêntica identidade cultural para sua pátria. Em 1932, estreava com "Paul", impressões de viagem, e, em 1949, era a vez de "Poemas de quem ficou".

Escreveu ainda "Os meios pequenos e a cultura" (1951), "Reflexões sobre a literatura caboverdiana" (1959), "Crioulo" (1964) e "As personagens de ficção e seus modelos" (1973).

A realidade de uma região marcada pela fome e pela miséria está presente em livros como "Chuva braba" (1956), "O galo que cantou na baía" (contos, 1959) e "Os flagelados do vento leste" (1960). Observador atento e participante, Manuel Lopes testemunha as duras condições de vida de um povo castigado pela triste herança de um sistema colonial e a adversidade das condições climáticas.

Esses traços aproximam o romancista africano de toda uma vertente da literatura brasileira, representada pelos escritores do ciclo nordestino, como Graciliano Ramos.

Em "Os flagelados do vento leste", livro já traduzido na Ucrânia, Manuel Lopes focaliza o drama da luta pela terra vivido pela população da ilha de Santo André, vizinha à de São Vicente.